

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ELISA FENNER SCHRÖDER WEBBER

CONTRIBUIÇÕES DE METODOLOGIAS DE LEITURA DA BÍBLIA PARA O  
CUIDADO PASTORAL COM MULHERES COM HIV E AIDS

São Leopoldo

2016

ELISA FENNER SCHRÖDER WEBBER

CONTRIBUIÇÕES DE METODOLOGIAS DE LEITURA DA BÍBLIA PARA O  
CUIDADO PASTORAL COM MULHERES COM HIV E AIDS

Tese de doutorado  
Para obtenção do grau de  
Doutora em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Dr. André Sidnei Musskopf

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W371c Webber, Elisa Fenner Schröder  
Contribuições de metodologias de leitura da Bíblia  
para o cuidado pastoral com mulheres com HIV e AIDS /  
Elisa Fenner Schröder Webber ; orientador André Sidnei  
Musskopf. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.  
260 p. : 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,  
2016.

1. AIDS (Doença) em mulheres. 2. Bíblia – Leitura. 3.  
Cuidado pastoral. 4. Obras da igreja junto às pessoas  
com AIDS. I. Musskopf, André Sidnei. II. Título.

ELISA FENNER SCHRÖDER WEBBER

CONTRIBUIÇÕES DE METODOLOGIAS DE LEITURA DA BÍBLIA PARA O  
CUIDADO PASTORAL COM MULHERES COM HIV E AIDS

Tese de doutorado  
Para obtenção do grau de  
Doutora em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Teologia Prática

Data da Defesa:

---

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

Nilton Eliseu Herbes – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

Rudolf von Eduard Sinner – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

Edla Eggert – Doutora em Teologia – PUC/RS

---

Marcia Eliane Leindecker da Paixão – Doutora em Educação – UFSM



## DEDICATÓRIA

*Dedico esta Tese à todas as mulheres com HIV e AIDS,  
especialmente àquelas  
com as quais tive a oportunidade de conviver.*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter concedido sabedoria e discernimento na elaboração da Tese. Por ter me carregado em seus braços quando faltaram forças para continuar;

Agradeço à minha família, pai, mãe, irmãs e irmão por oferecer apoio, carinho e compreensão, dando o suporte necessário;

Agradeço ao meu namorado, meu marido, meu amor, por oferecer suporte e carinho e por ficar ao meu lado dando incentivo nos momentos de maior dificuldade;

Agradeço aos meus amigos e minhas amigas pela compreensão das ausências, pelos abraços carinhosos e pelas palavras de apoio e incentivo;

Agradeço ao meu orientador e amigo André, por saber conduzir esse processo de escrita; sem seu apoio não teria sido possível;

Agradeço ao professor Rodolfo e ao professor Gerald pelo acompanhamento e orientação que contribuíram com esta pesquisa.

Agradeço a Faculdade EST e Universidade de Kwa-Zulu Natal pela oportunidade de crescimento e aprendizagem;

Agradeço aos amigos e às amigas, colaboradores e colaborados do Ujamma Centre, em Pietermaritzburg e da Casa Fonte Colombo, em Porto Alegre, por ter dado a oportunidade de conviver e aprender com a experiência de vocês no trabalho com pessoas vivendo com HIV e AIDS;

Agradeço às mulheres com HIV e AIDS com as quais tive a oportunidade de conviver e aprender com as suas experiências de vida e fé;

Agradeço à CAPES pelo suporte financeiro, sem o qual a realização desta pesquisa não seria possível.



## RESUMO

Milhões de pessoas no mundo inteiro são afetadas pela epidemia de HIV e AIDS, dentre as quais as mulheres são bastante afetadas. Considerando essa realidade, o presente trabalho tem como objetivo apresentar contribuições de metodologias de leitura da Bíblia, particularmente da Leitura Popular, Leitura Contextual e Leitura Feminista da Bíblia, para o cuidado pastoral com essas mulheres. Inicia-se com a apresentação de um panorama da evolução da epidemia de HIV e AIDS olhando, especificamente, para o que se tem chamado de “feminização da epidemia”, evidenciando a realidade de mulheres com HIV e AIDS. Essa análise da realidade é o ponto de partida da reflexão proposta, que dedica-se, então, a discorrer sobre as metodologias selecionadas. Entende-se que essas metodologias são relevantes no seu campo específico (hermenêutica bíblica), mas que, ao mesmo tempo, oferecem contribuições importantes para o objeto da pesquisa e do seu objetivo, as práticas de cuidado pastoral. Essas metodologias são apresentadas a partir do contexto de seu desenvolvimento, prestando atenção especial às questões metodológicas, considerando suas abordagens relacionadas ao tema central da pesquisa. Dessa forma, coloca-se os elementos de análise empregados na reflexão sobre a prática do cuidado pastoral com mulheres com HIV e AIDS. Entende-se por cuidado pastoral as diversas atividades desenvolvidas no contexto de comunidades de fé que têm como objetivo, entre outros, acompanhar as pessoas em situações de crise e sofrimento e fortalece-las nos processos de superação dessas situações. Assim, como proposta de atuação prática discute-se a forma como o discurso e a práxis religiosa têm impactado a epidemia e, particularmente, a vida das mulheres com HIV e AIDS, como se constitui a Teologia Prática e sua tarefa nesse contexto particular, incorporando os elementos emergidos da reflexão sobre as metodologias de leitura da Bíblia. Agrega-se ainda as experiências, vivências, saberes e conhecimentos recolhidos na trajetória pessoal da pesquisadora na instituição de acolhimento e assistência Casa Fonte Colombo, Porto Alegre/RS e no intercâmbio realizado no contexto sul-africano, no Centro Ujamaa em Pietermaritzburg, na forma de relatos de experiência da pesquisadora. Esses relatos revelam possibilidades da aplicação de metodologias de leitura da Bíblia que partem das experiências dos sujeitos envolvidos, realizadas de modo coletivo, nas práticas de cuidado pastoral. A partir disto, defende-se nesta Tese que a Teologia Prática, utilizando-se das diferentes metodologias de leitura da Bíblia possui ferramentas importantes para o cuidado pastoral, visando a transformação da realidade de mulheres com HIV e AIDS.

**Palavras-chave:** Mulheres; HIV e AIDS; Metodologias de Leitura da Bíblia; Cuidado pastoral.



## ABSTRACT

Millions of people around the world are impacted by the HIV and AIDS epidemic, among which the women are greatly affected. Considering this reality, the goal of this work is to present contributions from the methodologies of Bible reading, particularly that of Popular Reading, Contextual Reading and Feminist Reading of the Bible, to pastoral care with these women. It begins with the presentation of a panorama of the evolution of the epidemic of HIV and AIDS looking specifically at what has been called the “feminization of the epidemic”, showing the reality of women with HIV and AIDS. This analysis of the reality is the starting point for the proposed reflection which is dedicated to discourse on the selected methodologies. It is understood that these methodologies are relevant for their specific field (biblical hermeneutics), but that, at the same time, they offer important contributions for the research object and its goal, the practices of pastoral care. These methodologies are presented based on the context of their development, paying special attention to the methodological issues, considering their approaches related to the central theme of the research. Thus, the elements of analysis used in the reflection on the practice of pastoral care with women with HIV and AIDS is presented. Pastoral care is understood as the various activities developed in the context of faith communities which have as a goal, among others, to accompany people in situations of crisis and suffering and strengthen them in the processes of overcoming these situations. Thus, as a proposal of practical work, the way which the religious discourse and praxis has impacted the epidemic, and particularly, the life of women with HIV and AIDS, is discussed as well as how Practical Theology is constituted and its task in this particular context, incorporating the elements emerging from the reflection on the methodologies of Bible reading. Added to this are the experiences, life experiences, wisdom and knowledge gathered during the personal trajectory of the researcher in the Casa Fonte Colombo, a welcoming and assistance institution in Porto Alegre/RS and in the Exchange program carried out in the South African context, at the Ujamaa Center, Pietermaritzburg, in the form of reports of the experience of the researcher. These reports reveal the possibilities of applying the methodologies of Bible reading which begin with the experiences of the subjects involved, carried out in a collective way, in pastoral care practices. Based on this we defend in this dissertation that Practical Theology, using the different methodologies of Bible reading, possesses important tools for pastoral care aiming at the transformation of the reality of women with HIV and AIDS.

**Keywords:** Women; HIV and AIDS; Methodologies of Bible Reading; Pastoral care.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 HIV E AIDS E MULHERES .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Considerações iniciais.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Uma epidemia global .....</b>	<b>21</b>
<b>1.3 Apontamentos sobre a AIDS no Brasil .....</b>	<b>29</b>
<b>1.4 O desenvolvimento da epidemia de HIV e AIDS em números .....</b>	<b>35</b>
<b>1.5 Fatores de vulnerabilidade para mulheres no contexto da epidemia .....</b>	<b>42</b>
<b>1.6 Mulheres com HIV e AIDS: experiências e trajetórias .....</b>	<b>60</b>
<b>1.7 Considerações finais .....</b>	<b>70</b>
<b>2 LEITURAS POPULAR, CONTEXTUAL E FEMINISTA DA BÍBLIA .....</b>	<b>72</b>
<b>2.1 Considerações iniciais.....</b>	<b>73</b>
<b>2.2 Leitura Popular da Bíblia .....</b>	<b>74</b>
2.2.1 <i>Um novo jeito de fazer teologia – um novo jeito de ler a Bíblia .....</i>	<i>75</i>
2.2.2 <i>As Comunidades Eclesiais de Base e o surgimento da Leitura Popular da Bíblia .....</i>	<i>83</i>
2.2.3 <i>Ver, Julgar e Agir e a Leitura Popular da Bíblia .....</i>	<i>87</i>
2.2.4 <i>O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e a metodologia de Leitura Popular da Bíblia .....</i>	<i>95</i>
<b>2.3 Leitura Contextual da Bíblia .....</b>	<b>101</b>
2.3.1 <i>A emergência da Leitura Contextual da Bíblia no contexto do apartheid na África do Sul .....</i>	<i>101</i>
2.3.2 <i>O Centro Ujamaa e a metodologia de Leitura Contextual da Bíblia .....</i>	<i>117</i>
<b>2.4 Leitura Feminista da Bíblia .....</b>	<b>124</b>
2.4.1 <i>Movimento e Teologia Feminista.....</i>	<i>124</i>
2.4.2 <i>Hermenêutica Feminista .....</i>	<i>135</i>
2.4.3 <i>Metodologia de Leitura Feminista da Bíblia.....</i>	<i>141</i>
<b>2.5 Considerações finais .....</b>	<b>149</b>
<b>3 ESPAÇOS DE CUIDADO PARA MULHERES COM HIV E AIDS .....</b>	<b>151</b>
<b>3.1 Considerações iniciais.....</b>	<b>151</b>
<b>3.2 HIV e a AIDS e as comunidades de fé.....</b>	<b>152</b>
<b>3.3 Alguns apontamentos sobre Teologia Prática .....</b>	<b>163</b>
<b>3.4 Cuidado pastoral, Bíblia e mulheres com HIV e AIDS .....</b>	<b>170</b>
<b>3.5 Relatos de experiências.....</b>	<b>195</b>
3.5.1 <i>A Casa Fonte Colombo e a Oficina Contextualizando.....</i>	<i>196</i>
3.5.2 <i>O Centro Ujamaa e oficinas de Leitura Contextual da Bíblia .....</i>	<i>212</i>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>225</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>233</b>



## INTRODUÇÃO

O HIV e a AIDS afetam a vida de milhares de pessoas no mundo inteiro. Em muitos casos, deixam um rastro de dor e sofrimento que inicia com a revelação do diagnóstico positivo e marca a vida da pessoa infectada a partir de então. As situações difíceis que marcam essa experiência estão associadas ao preconceito e ao estigma que determinaram a forma como a doença foi sendo compreendida desde o seu surgimento.

Falar do desenvolvimento da epidemia de HIV e AIDS entre as mulheres é falar, ao mesmo tempo, de minha própria experiência como mulher e de minhas relações pessoais. Sou uma mulher, branca, com 30 anos, casada, com ensino superior e com substancial conhecimento sobre as formas de transmissão do HIV e tratamento da AIDS. Assim, em princípio, não me encaixo no perfil de pessoas e grupos que foram afetados majoritariamente no início da epidemia, na forma como a narrativa sobre ela chegou até nós. O envolvimento como pesquisadora nessa temática me faz refletir, também, sobre como ela me atinge tanto do ponto de vista pessoal, como acadêmico e profissional.

No processo de construção dessa Tese decidi oficializar a minha relação com o meu companheiro através do matrimônio formalizado em registro civil seguindo as leis do Estado e recebendo a bênção matrimonial no contexto da minha comunidade de fé, seguindo as orientações da Igreja. A história da epidemia mostra que a crença de que o casamento protege as mulheres de qualquer mal, inclusive do HIV e da AIDS, contribuiu para que as mulheres fossem afetadas pela epidemia de maneira silenciosa, além de contribuir para a demora na implantação de ações governamentais que lidassem com a experiência particular das mulheres. Como mulher, casada e diante do desafio do exercício do ministério ordenado na Igreja, o tema objeto dessa pesquisa se coloca numa dimensão especial para a minha própria experiência.

Levando em conta estas questões, considero importante apresentar uma análise das questões implicadas no crescimento da epidemia de HIV e AIDS entre as mulheres. Mulheres e homens apresentam diferentes níveis de vulnerabilidade no contexto da epidemia devido a questões de ordem social, econômica, cultural e religiosa. A realidade imposta de submissão das mulheres em relação aos homens, a dependência financeira, a baixa autoestima das mulheres ligadas a questões de gênero, por exemplo, contribui para que elas fiquem expostas a situações de risco. Além disso, os ensinamentos religiosos tendem a reforçar essas marcas na vida das mulheres sem, muitas vezes, oferecer compreensões alternativas e espaços de cuidado

para que essas mulheres possam lidar com a realidade de estarem infectadas com o vírus HIV ou doentes de AIDS.

No convívio com as mulheres percebi a importância que o espaço de convivência proporcionado pela Casa Fonte Colombo, bem como nos grupos acompanhados pelo Centro Ujamaa, que o convívio com outras pessoas que passam pela mesma situação é importante. Assim sendo, pesquisa aqui apresentada está relacionada a experiência que tive junto a grupos de mulheres com HIV e AIDS em Porto Alegre/ RS e durante um período de Estágio Sanduíche realizado em Pitermaritzburg, África do Sul. O trabalho realizado na Casa Fonte Colombo, deu-se a partir de leituras a respeito do trabalho de leitura contextual da Bíblia realizado pelo Centro Ujamaa, na África do Sul. Por isso, ao longo do desenvolvimento da pesquisa optou-se em realizar o estágio sanduíche, com o objetivo de conhecer o trabalho que vinha sendo realizado naquele contexto.

A sensação de estar sozinha, de ser abandonada pela família e pelos/as amigos/as desperta sentimentos de tristeza e frustração, que podem ser superados ou pelo menos aliviados em espaços como esse. O receio com relação às reações das pessoas e a falta de acolhimento nos círculos de relações e por parte da própria comunidade de fé pode agravar essa situação ainda mais. Em muitos casos, a vida perde o sentido e, às vezes, é difícil reencontrar motivos que dêem força para continuar vivendo e se torna necessário se reinventar. Nesse contexto de angústia e sofrimento a experiência de fé das pessoas se torna elemento importante e a Bíblia ocupa um lugar importante na vivência religiosa das pessoas cristãs. Mesmo quando a experiência de algumas delas não tenha sido positiva e até mesmo não estejam conectadas com alguma instituição religiosa.

Nesse sentido, a ideia de propor a construção de espaços nos quais as mulheres possam falar sobre sua experiência de fé a partir da sua realidade de ser mulher com HIV e AIDS motivaram a busca de elementos que pudessem facilitar a construção desses espaços através da pesquisa acadêmica. O ponto de partida para esse processo investigativo foi a busca por métodos teológicos que pudessem ajudar a compreender a realidade e a experiência de mulheres com HIV e AIDS.

O caminho que se seguiu a partir de então foi compreender de uma maneira mais ampla o significado da epidemia na vida de mulheres que contrariam o vírus HIV e/ou estão doentes de AIDS<sup>1</sup> para discuti-las teologicamente no campo da Teologia Prática. Nessa busca, o método

---

<sup>1</sup> Ao longo da Tese ficará evidente o motivo do uso “HIV e/ou AIDS”. Desde já é importante fazer essa distinção, segundo a qual uma pessoa pode estar infectada com o vírus HIV e não estar doente de AIDS, mas também pode estar infectada e já ter desenvolvido sintomatologia da doença.

hermenêutico VER – JULGAR – AGIR, popularizado na América Latina no contexto da Teologia da Libertação, serviu de roteiro metodológico para pensar as questões implicadas e o aporte sugerido. Nesse sentido, a apresentação da própria Tese espelha essa proposta metodológica em sua estrutura formal e argumentativa em três capítulos, conforme descrito a seguir.

No primeiro momento (VER), na busca por compreender o significado da epidemia de HIV e AIDS na vida das mulheres, entende-se que é importante conhecer a realidade sobre a qual se pretende falar. Isso inclui conhecer as origens da epidemia de HIV e AIDS, descrever o contexto histórico da epidemia, com atenção especial para o contexto brasileiro, e, através dos dados estatísticos, perceber como a epidemia se desenvolveu ao longo das últimas quatro décadas. Conhecer esse contexto mais amplo é importante, pois oferece subsídios para que se possa analisar a situação de forma concreta buscando alternativas que possam ser úteis no cuidado pastoral e que promovam a transformação da realidade de mulheres que com HIV e AIDS.

No processo de compreender esse contexto a escolha das lentes utilizadas é definidor da forma como se lê a realidade que se apresenta. O contexto latino-americano, brasileiro e também a história do povo sul africano, são marcados por lutas pela libertação do povo oprimido e marginalizado por questões políticas e econômicas. No campo teológico e da leitura da Bíblia, que é o que se pretende usar como ferramenta de análise (JULGAR), a Leitura Popular da Bíblia, a Leitura Contextual da Bíblia e a Leitura Feminista da Bíblia se apresentam como metodologias que subsidiam uma prática pastoral de cuidado. Considerando que a experiência de mulheres com HIV e AIDS é o elemento central no desenvolvimento desta pesquisa, apresenta-se e discute-se essas propostas metodológicas, que podem ser utilizadas como aportes metodológicos no contexto do cuidado pastoral.

As metodologias de leitura da Bíblia utilizadas nesta pesquisa partem da experiência dos sujeitos envolvidos. Considerando este elemento central, faz-se necessário esclarecer que o projeto inicial desta tese não pôde ser desenvolvido em sua integralidade, o que fez com que se tornasse necessário rever questões que envolvem a experiência das mulheres envolvidas na pesquisa. Diante disto, a experiência de mulheres apresentada nesta tese se limita a apresentar falas extraídas de artigos e livros anteriormente publicados, que visam elucidar a realidade de mulher com HIV e AIDS. Por isso, a experiência com as mulheres com HIV e AIDS na Casa Fonte Colombo, bem como a experiência realizada durante o doutorado sanduíche é relatada em forma de relato de experiência da pesquisadora.

Para completar a proposta metodológica, entendida como um círculo ou uma espiral hermenêutica, busca-se alternativas para a transformação do contexto (AGIR) de mulheres com HIV e AIDS. No último capítulo são apresentadas alternativas de trabalho com pessoas com HIV e AIDS no âmbito da Teologia Prática, tendo como foco o cuidado pastoral. Desde o início da epidemia as instituições religiosas foram importantes colaboradoras, especialmente oferecendo apoio e solidariedade às pessoas com HIV e AIDS, mas também foram responsáveis pelo reforço do estigma e do preconceito. As experiências de leituras da Bíblia vivenciadas com mulheres com HIV e AIDS durante o desenvolvimento desta pesquisa, no Brasil e na África do Sul, apontam para essas alternativas de cuidado pastoral com mulheres com HIV e AIDS em diferentes espaços, utilizando a Bíblia como ferramenta de transformação.

Com o intuito de aproximar-se da experiência das mulheres com HIV e AIDS buscou-se metodologias de leitura da Bíblia que trouxessem elementos capazes de auxiliar na prática do cuidado nas comunidades de fé e outros espaços de atividades em grupo. A busca por novas interpretações bíblicas, que considerem as questões das mulheres colabora para que novas hermenêuticas bíblicas sejam desenvolvidas, já que a própria Bíblia pode ser utilizada para justificar a posição de inferioridade e submissão das mulheres, bem como explicar a sua atual condição de mulheres com HIV e AIDS de modo a agravar as situações de crise que elas experimentam.

As diferentes propostas de leituras da Bíblia propõem novas leituras dos textos bíblicos, que consideram o que as mulheres com HIV e AIDS têm a dizer, a partir de sua própria experiência. É um processo que tem por objetivo contribuir na transformação de situações que promovem opressão e discriminação. A prática do cuidado é tarefa intrínseca das comunidades de fé. Essa prática do cuidado pastoral se desenvolve de diferentes maneiras. Grupos de leitura da Bíblia, que promovem uma leitura contextualizada e transformadora podem, assim, ser espaços que ajudam as mulheres com HIV e AIDS a enfrentar a doença e encontrar novas formas de viver a vida, que vai muito além do seu estatus sorológico ou sua enfermidade. É para essa transformação que a presente Tese pretende contribuir.

# 1 HIV E AIDS E MULHERES

## 1.1 Considerações iniciais

A epidemia de HIV e AIDS<sup>2</sup> surgiu na década de 1980 cercada de mistérios e fantasmas e antes disso ela já ceifava vidas no contexto africano, em meio a inúmeras outras doenças infecciosas, mas foi somente quando ela atingiu outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, que ela se tornou uma preocupação.<sup>3</sup> A nova doença rapidamente provocou um pânico moral que tratou de encontrar culpados/as. A maneira como a epidemia de HIV e AIDS entrou no Brasil foi profundamente marcada pela abordagem dada pela mídia nacional e internacional. Essa abordagem influenciou a maneira como as sociedades e os governos reagiram à epidemia e contribuiu para que as pessoas infectadas com o vírus sofressem com o estigma e o preconceito associado às formas de transmissão da doença. Em princípio associada a comportamentos moralmente repreensíveis e a grupos sociais estigmatizados, a história subsequente da epidemia mostra a complexidade de questões envolvidas na sua propagação. Passadas quatro décadas, está mais do que claro que, como em qualquer outro fenômeno social, seus efeitos mais devastadores atingem fundamentalmente pessoas e grupos sociais vulnerabilizados por distintas estruturas de opressão e dominação.

Ao longo das décadas observou-se o número crescente de mulheres infectadas pelo HIV e doentes de AIDS. Se em 1985 a proporção de casos de AIDS entre homens e mulheres era de 35/1<sup>4</sup>, em 2014 essa proporção passou a ser de 19 casos de AIDS em homens para 10 casos em mulheres.<sup>5</sup> Mais recentemente começou-se a falar sobre um processo de feminização da epidemia, acompanhada de outros processos como a heterossexualização, pauperização, interiorização. Embora não seja possível hierarquizar ou priorizar, o que muitas vezes ocorre, todas essas questões apontam para distintos processos que fazem com que pessoas e grupos sociais estejam mais vulneráveis ao contágio e a um impacto mais severo desse contágio em

---

<sup>2</sup> Utilizo a expressão HIV ou VHI (Vírus da Imunodeficiência Humana) e AIDS ou SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), pois a maioria das pessoas que vivem com HIV não tem AIDS. HIV refere-se ao vírus e AIDS é quando os sintomas da doença já se manifestaram, por isso, em alguns momentos estaremos falando apenas do HIV e em outros momentos apenas da AIDS. UNAIDS. Guidelines terminology. Disponível em: <[http://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/2015\\_terminology\\_guidelines\\_en.pdf](http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/2015_terminology_guidelines_en.pdf)>. Acesso: 12 jun. 2016. p. 8

<sup>3</sup> BASTOS, Francisco Inácio. *AIDS na terceira década*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 103 p. (Temas em saúde).

<sup>4</sup> PARKER, Richard G.; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996. (História social da AIDS 7), p. 18.

<sup>5</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim epidemiológico DST/AIDS 2015*. p. 13. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim\\_aids\\_11\\_2015\\_web\\_pdf\\_19105.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim_aids_11_2015_web_pdf_19105.pdf)>. Acesso em: 4 mar. 2016.

suas vidas. No caso das mulheres, objeto de estudo dessa pesquisa, todas essas faces da epidemia se encontram e devem ser compreendidas num universo de grande desigualdade social que ainda faz parte da sua vida.

Nesse sentido, o objetivo desse capítulo é construir um quadro geral da realidade de mulheres no contexto da epidemia de HIV e AIDS, buscando entender as distintas faces que essa realidade apresenta. Isso implica tanto em pensar como as mulheres se infectam com o vírus e adoecem, incluindo questões estruturais que tornam as mulheres vulneráveis à infecção, quanto o que significa para elas estarem infectadas e doentes e como isso afeta suas relações em todos os âmbitos. Conhecer essa realidade é um ponto de partida fundamental para pensar de que forma as igrejas podem ser agentes de transformação das realidades de sofrimento a partir de uma abordagem desde a Teologia Prática, mas também considerando as metodologias de leitura da Bíblia como ferramentas importantes tanto para a reflexão quanto para o trabalho com as mulheres.

Inicialmente, apresenta-se um breve panorama sobre a AIDS no mundo. Não se pretende esgotar o assunto, já que existe vasta literatura sobre a temática, mas apresentar um quadro geral para compreensão da história natural da epidemia e como ela teve um impacto na vida das mulheres.

Desde a divulgação dos primeiros casos de AIDS a doença veio carregada de preconceitos, pois acreditava-se que era uma doença que atingia apenas determinados grupos de pessoas sobre os quais já existia uma carga de preconceito. Essa visão da epidemia contribuiu para que as pessoas infectadas sofressem com estigma e discriminação. Por isso, este capítulo inicia com informações referentes à descoberta do HIV e da AIDS e os primeiros impactos que a epidemia causou na sociedade em geral e como eles influenciaram nas respostas governamentais a ela.

Após esse breve panorama geral da epidemia de HIV e AIDS, apresenta-se um panorama histórico mais voltado para o desenvolvimento da epidemia no Brasil. Neste ponto são abordadas questões relacionadas às respostas governamentais dadas à epidemia no Brasil, bem como sobre a importância da organização da sociedade civil nas ações de contenção da epidemia e no cuidado às pessoas vivendo com HIV e AIDS.

A evolução da epidemia ao longo das quatro décadas pode ser verificada através da análise dos dados estatísticos. Por isso, na sequência são apresentados dados que mostram a uma mudança no perfil das pessoas infectadas. Como pode ser visto ela vem atingindo cada vez mais mulheres, ao longo dos anos, especialmente as mais empobrecidas. Diferentes fatores contribuem para o crescimento do HIV e AIDS entre as mulheres, entre eles fatores

econômicos, sociais, culturais e religiosos. O aumento da proporção no número de casos de HIV e AIDS entre as mulheres infectadas através de relações heterossexuais deu início a um processo que recebeu o nome de feminização da epidemia.

As desigualdades entre os sexos masculino e feminino construídas socialmente definem o papel que ambos os sexos ocupam na sociedade. Uma cultura orientada por padrões masculinos afeta a experiências das mulheres de maneira negativa, uma vez que os corpos das mulheres são controlados por seus parceiros e isso acaba sendo prejudicial no contexto da epidemia de HIV e AIDS. Nesse sentido, a religião também exerce forte influência, especialmente na vida das mulheres, pois trata da sexualidade com uma conotação negativa, na maioria das vezes atrelada à reprodução, contribuindo para a subordinação feminina

Um cuidado pastoral que leva em conta a experiência de mulheres com HIV e AIDS é indispensável que considere os fatores que colocam as mulheres em posição de inferioridade e as mantém submissas em relação aos homens, especialmente aquelas com menores condições de sobrevivência. Pobreza, violência, submissão das mulheres em relação aos homens, além de fatores biológicos são elementos que contribuem para que a epidemia cresça entre as mulheres. Tais questões serão elucidadas através da apresentação de relatos de experiências de mulheres com HIV, anteriormente publicadas, com o objetivo de elucidar como é viver e conviver com o vírus ou a doença.

A epidemia de HIV e AIDS desafia a sociedade, bem como as igrejas a repensar as relações desiguais entre homens e mulheres e atuar como colaboradoras em campanhas que visem a redução de novas infecções pelo HIV, bem como atuar no cuidado das pessoas que já estão infectadas.

## 1.2 Uma epidemia global

Existem várias teorias sobre a origem do vírus HIV e da AIDS.<sup>6</sup> A tese mais aceita é de que a doença tenha surgido no continente africano e de lá se espalhado para outras partes do mundo. Nos anos 1977 e 1978 e nos primeiros anos da década de 1980, doenças como

---

<sup>6</sup> O HIV se instala no organismo e ataca as células de defesa da pessoa infectada. A ação do vírus é lenta e pode demorar alguns anos entre a contaminação com o vírus HIV e os primeiros sintomas e doenças decorrentes da ação do vírus no organismo, que determinam que a pessoa está com AIDS. O período de incubação do vírus no organismo, que embora varie de um indivíduo para outro, pode ser de 5 a 12 anos. PADILHA, Anivaldo; ALMEIDA, Ester L. *AIDS e Igrejas: um convite à ação*. Rio de Janeiro: KOINONIA, 2008. p. 22. Embora a pessoa esteja contaminada com o HIV, e não tenha ainda manifestado os sintomas da doença, o vírus pode ser transmitido para outras pessoas através de contato direto com sangue contaminado, compartilhamento de seringas, relações sexuais desprotegidas e através da amamentação. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *O que é HIV*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

pneumonia e um tipo de câncer raro começaram a afetar homens jovens.<sup>7</sup> Os primeiros casos então noticiados eram de uma doença desconhecida que foi identificada especialmente entre homossexuais de diferentes regiões dos Estados Unidos.<sup>8</sup>

Não é possível precisar com exatidão quando o vírus e a doença surgiram. Na África<sup>9</sup>, ao longo da década de 1970, infecções graves acometiam pessoas em diferentes regiões do continente, sem que as causas fossem identificadas. Com uma realidade de inúmeras doenças infecciosas e mortes por subnutrição, ebola e outras doenças, não foi dada importância às mortes de causa desconhecida.<sup>10</sup>

A maneira como o surgimento do HIV e da AIDS foi apresentado pelos meios de comunicação e comunidade científica reflete, de certa forma, a maneira como a epidemia foi tratada inicialmente, trazendo consigo um conjunto de ideias e valores que afetaram as respostas dadas à epidemia em diversos países, inclusive no Brasil. Os próprios nomes que inicialmente foram dados a essa doença desconhecida foram alvos de polêmicas e discussões. Muitos não foram bem aceitos, especialmente pelos movimentos homossexuais, pois fortaleciam o estigma sobre as pessoas afetadas.<sup>11</sup>

No decorrer de 1982, as características clínicas da doença já estavam estabelecidas. A sigla AIDS foi adotada oficialmente no segundo semestre de 1982 e rapidamente difundida, graças aos boletins epidemiológicos do CDC. Antes disso, havia sido chamada sucessivamente por diferentes nomes: *gay penumonie*, *gay cancer*, GRID (*Gay-Related Immune Deficiency*) ou *gay compromise syndrome*. Quando a

<sup>7</sup> Primeiros casos nos EUA, Haiti e África Central, descobertos e definidos como aids, em 1982, quando se classificou a nova síndrome. Disponível em: MINISTERIO DA SAÚDE. *História da AIDS*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 04 mai. 16.

<sup>8</sup> BASTOS, 2006, p. 27s.

<sup>9</sup> Veja mais sobre pesquisas que demonstram que a AIDS iniciou a partir dos macacos. GARDENAL, Isabel. AIDS 20 anos depois. *Jornal da Unicamp*, ANO XVII, 28 de outubro a 3 de novembro de 2002. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/outubro2002/unihoje\\_ju196pag05.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2002/unihoje_ju196pag05.html)>. Acesso em 05 de abril de 2016. Veja mais em: BBC Brasil. *Cientistas anunciam descoberta da origem do HIV*. Notícia de 26 de maio, 2006. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/ciencia/story/2006/05/060525\\_hivorigemmb.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/ciencia/story/2006/05/060525_hivorigemmb.shtml)>. Acesso em: 03 de abril de 2016. E também em: FORATTINI, Oswaldo Paulo. AIDS e sua origem. *Rev. Saúde Pública*, v. 27, n. 3, p. 153-156, jun. 1993. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489101993000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101993000300001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

<sup>10</sup> BASTOS, 2006, p. 27s. Conforme Estrella: “A doença alastrou-se pela população africana de modo silencioso e lento. Ocultou-se entre as inúmeras mortes atribuídas à diarreia, desnutrição, tuberculose e pneumonia reinantes entre a população empobrecida. O vírus apanhou carona em embarcações e aviações para novos continentes, desembarcou na ilha do Haiti e disseminou-se entre a população pobre. Foi transmitida pela transfusão sanguínea a um geólogo francês em 1978 em Porto Príncipe e, provavelmente, imigrantes haitianos infectados levaram o vírus para os Estados Unidos da América, que circulou de maneira oculta entre homossexuais masculinos”. ESTRELLA, Fernanda Adriane de Castro. *O HIV na visão de um grupo de líderes religiosos de São Leopoldo-RS*. Dissertação (Mestrado Profissional). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2012. p. 22.

<sup>11</sup> Outra sigla rejeitada foi ACIDS (Acquired Community Deficiency Related Syndrome). CONTRERA, Widney Feres. AIDS: História de uma epidemia. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - Pastoral DST/Aids. *Viu e teve paixão...Igreja e AIDS*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002. p. 16.

universalidade da doença tornou-se evidente, atribuiu-se um nome neutro, definido pela sigla AIDS, *Acquired Immunodeficiency Syndrome*.<sup>12</sup>

Os debates e discursos sobre a epidemia no início dos anos 80 refletiam a falta de informações precisas sobre o vírus e a doença. Embora ela já estivesse fazendo vítimas em diferentes partes do mundo, sua causa ainda era desconhecida. Após diversos estudos chegou-se enfim à definição de uma síndrome, causada por um vírus, que no Brasil é conhecida como AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Humana) causada por um vírus.<sup>13</sup> “O vírus infecta e leva a uma diminuição da atividade de células de defesa como os linfócitos T CD4”.<sup>14</sup> Ele ataca essas que são justamente as células de defesa do organismo e por isso o organismo fica mais suscetível a doenças, caracterizando a doença.

Em 1984, cientistas conseguiram isolar o vírus causador da AIDS, mas foi apenas em 1985 que o HIV recebeu esse nome.<sup>15</sup> Nesse mesmo ano, já haviam sido desenvolvidos testes para identificar a presença do vírus.<sup>16</sup> As pesquisas sobre a nova doença foram realizadas por diferentes laboratórios e a descoberta do vírus HIV gerou disputas entre dois laboratórios, um francês e outro norte-americano, sobre quem teria descoberto o vírus primeiro. Em 1987, os governos de ambos os países entraram em um acordo e puseram fim ao impasse chegando a um acordo de que o reconhecimento pela descoberta do vírus fosse de ambos os laboratórios.<sup>17</sup>

Após uma década, em 1992, havia 12,9 milhões de pessoas com HIV e AIDS em todo mundo. A epidemia muito rapidamente se espalhou pelo mundo e, na maior parte dos países, o enfrentamento e a redução da transmissão foram lentas. Os desafios que o HIV e a AIDS apresentavam e ainda apresentam para cada contexto são diferentes, afetando a população de

<sup>12</sup> A sigla CDC significa: “Centros de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos da América, com sede em Atlanta, Geórgia”. TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da Aids no Brasil: as respostas governamentais à epidemia de AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2015. p. 31. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002355/235557POR.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016. Os nomes que o vírus HIV recebeu anteriormente foram: LAV (*Lymphadenopathy Associated Virus*) e HTLV (*Human T-Cell Lymphoma Virus*) foram os nomes dados ao vírus por dois laboratórios, um francês e outro norte-americano durante as pesquisas sobre o que conhecemos hoje por HIV. TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015, p.32.

<sup>13</sup> Veja mais sobre a descoberta do vírus HIV e os diferentes tipos de HIV existente em: MACKERT, Ciane. *Deu positivo. E agora doutor?: HIV-AIDS: as perguntas que ainda permanecem depois de anos*. Rio de Janeiro: Wak, 2009. p. 51.

<sup>14</sup> PERIN, Sandra Mello. A pesquisa de uma vacina anti-HIV eficaz e distribuída universalmente. In: PADOIN, Stela Maris de Mello. *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006. p. 348.

<sup>15</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016.

<sup>16</sup> GRECO, Dirceu B. A epidemia da Aids: impacto social, científico, econômico e perspectivas. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 73-94, dez. 2008. p. 75. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142008000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142008000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jul. 2016.

<sup>17</sup> TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015, p. 33.

diferentes maneiras.<sup>18</sup> A epidemia não crescia apenas entre os países que já apresentavam casos de AIDS, mas ela também alcançava países e áreas que até então não tinham registro de casos.<sup>19</sup>

Embora haja várias formas de infecção pelo vírus HIV, as práticas sexuais se tornaram mais visíveis e se revelaram como a principal fonte de transmissão, colocando a sexualidade no centro da discussão sobre a epidemia. Uma das questões rapidamente associada com a transmissão do vírus foi a orientação sexual, com forte ênfase nas práticas homossexuais. Nos contextos onde o HIV atingiu majoritariamente homossexuais, também usuários/as de drogas representavam uma boa parcela das infecções. Por esses motivos, a narrativa que predominou sobre a AIDS em seu início era de que se tratava de uma doença que atingia pessoas com comportamentos desregrados e não bem aceitos moralmente. Esse entendimento de que a AIDS afetava apenas determinados grupos contribuiu para aumentar o preconceito e, ao mesmo tempo, retardou as repostas governamentais da epidemia.

Por ser uma doença identificada inicialmente em grupos específicos de pessoas, a doença ficou inicialmente conhecida como “Doença dos 5H” (homossexuais, hemofílicos, haitianos, usuários de heroína e profissionais do sexo).<sup>20</sup> Este fato contribuiu para que até a década de 90 se difundisse a ideia de “grupos de risco”.<sup>21</sup> Com essa terminologia defendia-se que alguns grupos estariam mais pré-dispostos a contraírem o vírus HIV. A partir da década de 90, no entanto, começou-se a perceber a epidemia não mais como uma questão de risco individual, mas de vulnerabilidade social.<sup>22</sup> Embora essas mudanças sejam amplas e abrangentes, destaca-se aqui a mudança processada em torno dos conceitos de “grupos de risco”, “comportamentos de risco” e “vulnerabilidade social”. Essa compreensão do HIV e AIDS e a relação com a vulnerabilidade social permitiu analisar as causas do aumento da epidemia em cada contexto e como elas determinam comportamentos individuais ou de grupos sociais.<sup>23</sup>

---

<sup>18</sup> No México e nos Estados Unidos a epidemia aumentava significativamente entre as mulheres; No Brasil o aumento está associado aos usuários de drogas injetáveis; no Caribe a transmissão se dá através de relações heterossexuais e assim também em outros países uma nova realidade da epidemia. Alguns anos mais tarde, essas definições de perfis de grupos de maior risco em cada país já não refletia a realidade. PARKER, Richard et al. *A AIDS no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA, Relume-Dumará, 1993. p. 3 e 16/17.

<sup>19</sup> PARKER e GALVÃO, 1993, p. 2.

<sup>20</sup> Ver mais em MUSSKOPF, Andre. Teologia e AIDS na América Latina: perspectivas e desafios. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo v. 52, n. 2 p. 276-290, jul/dez. 2012. p. 279. E em: BASTOS, 2006, p. 29-43.

<sup>21</sup> Mais sobre grupos de risco em: PARKER e GALVÃO, 1993, p. 15.

<sup>22</sup> PARKER, Richard G. *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/ABIA, 2000. p. 102-104. E mais em: SUDBRACK, Mirtha Sendic. *Problematizando a vulnerabilidade social*. In: BERNARDI, José (org.). *Vulnerabilidade social e Aids: o desafio da prevenção em tempos de pauperização da epidemia*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids – CNBB, 2005. p. 26ss. Ou ainda: PADOIN, Stela Maris de Mello. *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006. Capítulo 2.

<sup>23</sup> MUSSKOPF, 2012, p. 279.

A ideia de “grupos de risco” permaneceu no imaginário social por muito tempo e contribuiu para a compreensão errônea de que algumas pessoas estariam protegidas de HIV e da AIDS por não se enquadrarem dentro de determinados grupos. Essa divisão imaginária que se criou, de que alguns/as são culpados/as e outros/as inocentes, contribuiu para o estigma<sup>24</sup> e discriminação sofrida pelas pessoas com HIV.<sup>25</sup> Conforme Castro e Mariguela:

No início dos anos 90 as estatísticas começam a apontar que o vírus da imunodeficiência humana (HIV) não obedeceu às barreiras morais e o número de mulheres contaminadas por seus parceiros passou a questionar a expressão grupo de risco, que tornou a AIDS uma doença dos outros, não comprometendo o sujeito com a necessária prática da prevenção. A saída foi tentar substituir grupo de risco por comportamento de risco. A ênfase nessa nova expressão passou a ser dada nas campanhas de prevenção que alertavam a população em geral, recomendando o uso de preservativo em todas as relações sexuais. O risco agora foi deslocado para o uso ou não do preservativo.<sup>26</sup>

O conceito de “grupos de risco” já não representava mais a realidade da epidemia, que vinha se desenvolvendo rapidamente, inclusive entre as mulheres que não pertenciam a esses grupos. A expressão “comportamento de risco” substituiu a expressão “grupos de risco”, especialmente nas estratégias de prevenção, mas não conseguiu desconstruir o preconceito que era associado à doença. Se, por um lado, essa mudança contribuiu para entender que a epidemia não estava restrita a alguns grupos, por outro lado, o uso dessa expressão colocou uma carga bastante elevada sobre o indivíduo e o seu comportamento.<sup>27</sup> O uso dessa expressão aumentou a culpabilização do indivíduo contaminado, pois ele próprio passou a ser entendido como único responsável pela sua infecção. Por isso, começou-se a investir na divulgação de métodos de prevenção ao HIV e AIDS, como o uso de preservativos, por exemplo. Entendia-se que o uso correto de preservativos o indivíduo estaria praticando sexo seguro e não estaria exposto ao risco de ser contaminado pelo vírus ignorando as diversas questões implicadas nisso. As

<sup>24</sup> “Originalmente, no grego clássico, o termo estigma se referia a uma marca cauterizada em membros de grupos marginalizados como, por exemplo, os escravos. Atualmente seu significado é mais complexo. Ele não tem, nas palavras de Gillian Paterson, uma definição única. O que entendemos por estigma irá variar de acordo com nossos contextos históricos e culturais. Falando em termos muito amplos, trata-se de um termo que marca e então exclui uma pessoa como sendo maculada ou estranha, de valor menor, censurável ou a ser temida como indesejavelmente diferente. Leva à rejeição e à exclusão por motivos pelos quais as pessoas muitas vezes não têm responsabilidade”. ACKERMANN, Denise. O estigma relacionado ao HIV e a AIDS que desafia comunidades de fé: uma resposta teológica feminista. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 350-362, jul/dez. 2013. p. 353.

<sup>25</sup> SOUZA, Sandra Duarte. AIDS e religião: apontamentos sobre representações católicas da sexualidade em tempos de AIDS. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 333-344, jul/dez. 2012. p. 335.

<sup>26</sup> CASTRO, Edson Olivari e MARIGUELA, Marcio Aparecido. A palha das palavras e o grão das coisas. *Impulso*, Piracicaba, n. 31, p. 9-20, set/dez. 2002. p. 15.

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Ana Maria Guedes do et al. Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempos de AIDS. *Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 5, n. 1, p.77-86, jan/mar. 2005. p. 78.

organizações sociais acreditavam que ações que promoviam “a tríade informação e educação, prestação satisfatória de serviços de saúde e sociais e construção de um ambiente não discriminatório e acolhedor para os doentes”<sup>28</sup> seriam suficientes para o combate da epidemia. Mas elas logo se mostraram ineficazes, sendo necessário readequar o discurso de prevenção levando em conta outras questões, que vão além das escolhas dos indivíduos.

Na tentativa de responder às questões não solucionadas através de políticas de prevenção anteriores é que se buscou “entender e intervir nos processos sociais que respondiam mais diretamente pela incapacidade de indivíduos e determinados grupos sociais evitarem a exposição ao HIV”.<sup>29</sup> O conceito de vulnerabilidade permitiu, então, avaliar a epidemia de maneira mais ampla, observando não apenas fatores individuais, mas também sociais, políticos e econômicos. “Começa-se a analisar o avanço da epidemia a partir de coordenadas histórico-sociais concretas como: desigualdade e injustiça, preconceito e discriminação, opressão, exploração e violência”.<sup>30</sup>

O Conselho Mundial de Igrejas define vulnerabilidade como:

O estado de estar exposto ao perigo ou ataque ou estar desprotegida. Vulnerabilidade pode vir através de vários contextos socioeconômicos e culturais, bem como aqueles aspectos da globalização e a fragmentação social que contribuem para a fragilidade da vida humana e das relações. Para ser vulnerável, no contexto de HIV e AIDS, significa não ter controle em adquirir a infecção por HIV, ou para aqueles já infectados com ou afetados por HIV, ter pouco ou não acesso para cuidados apropriados e suporte. Uma variação de fatores culturais, educacional, demográfico, econômico, jurídicos e políticos fatores podem aumentar a vulnerabilidade substancialmente.<sup>31</sup>

A epidemia de HIV e da AIDS afeta países do mundo todo, ainda que as proporções não sejam equivalentes. Embora o número de infecções pelo HIV vem apresentando estabilidade em diferentes partes do mundo, ele ainda não pode ser considerado como coisa do

<sup>28</sup> GÓIS, João Bôscio Hora. A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil. *Interface*, v. 7, n. 13, p. 27-44, 2003. p. 34. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 mai. 2016.

<sup>29</sup> GÓIS, 2003, p. 34.

<sup>30</sup> SUDBRACK, Mirtha Sentic. Problematizando a vulnerabilidade social. In: Bernardi, José (org.). *Vulnerabilidade social e AIDS: o desafio da prevenção em tempos de pauperização da epidemia*. Porto Alegre: Pastoral de DST/AIDS – CNBB, 2005, p. 28.

<sup>31</sup> Tradução própria: “the state of being exposed to danger or attack or being unprotected”. Vulnerability can come through various socio-economic and cultural contexts, as well as those aspects of globalization and social fragmentation that contribute to the fragility of human life and relationships. To be vulnerable, in the context of HIV/AIDS means to have no control in acquiring an HIV infection, or for those already infected with or affected by HIV, to have little or no access to appropriate care and support. A range of cultural, educational, demographic, economic, legal and political factors can substantially increase vulnerability”. JAMES, Ruth Muthi. Factors that render the girl-child vulnerable to HIV/AIDS in Kenya. In: HINGA, Teresia M. et al (Orgs). *Women, Religion and HIV/AIDS in Africa*. Responding to Ethical and Theological Challenges. Pietermaritzburg: Cluster Publications 2008. p. 2.

passado. Dados da ONUSIDA<sup>32</sup> do ano de 2014, mostram “que 36,9 milhões de pessoas vivem com HIV no mundo” estima-se que em 2014, houve cerca de “2 milhões de novas infecções e 1,2 milhões morreram em decorrência da AIDS”.<sup>33</sup> No Brasil, as estimativas mostram que houve aproximadamente 44.000 novas infecções em 2014.<sup>34</sup>

A epidemia tem apresentado crescimento mais rápido entre os mais pobres e com menos recursos para investir no controle da doença.<sup>35</sup> “A pobreza favorece a transmissão do HIV, torna insustentável o tratamento adequado, acelera a morte pelas doenças oportunistas e aumenta o impacto social da epidemia”.<sup>36</sup> Enquanto em 1985 metade das pessoas com HIV vivia em países desenvolvidos, em 1992 esse índice já era mais elevado em regiões como a África subsaariana, Ásia, América Central e América Latina e continua assim até hoje.<sup>37</sup>

A pobreza e o baixo índice de escolaridade dificultam o acesso das pessoas aos serviços de saúde. Além disso o serviço oferecido é precário e há poucos/as profissionais para atender muitas pessoas. A baixa escolaridade dificulta a adesão ao tratamento, pois as pessoas têm maior dificuldade de entender o que está sendo dito.<sup>38</sup>

O nível educacional expresso diferenças entre pessoas em termos de acesso à informação e perspectivas e possibilidades de se beneficiar de novos conhecimentos; a renda representa antes de tudo o acesso aos bens materiais, inclusive aos serviços de saúde; e o status ocupacional inclui esses dois aspectos, além dos benefícios adquiridos em algumas profissões, tais como prestígio, privilégios e poder.<sup>39</sup>

<sup>32</sup> ONUSIDA ou UNAIDS é “O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV e AIDS foi criado em 1994 em virtude de uma resolução do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e começou a operar em janeiro de 1996. É dirigido por uma Junta Coordenadora de Programa (JCP), formada por representantes de 22 governos de todas as regiões, os capacitadores da ONUSIDA e cinco representantes de organizações não governamentais, entre eles se encontram representantes de associações de pessoas que vivem com HIV”. “El Programa Conjunto de las Naciones Unidas sobre el VIH y Sida fue creado en 1994 en virtud de una resolución del Consejo Económico y Social de las Naciones Unidas y comenzó a operar en enero de 1996. Está dirigido por una Junta Coordinadora del Programa (JCP), formada por representantes de 22 gobiernos de todas las regiones, los copatrocinadores de ONUSIDA y cinco representantes de organizaciones no gubernamentales, entre los que se encuentran representantes de asociaciones de personas que viven con el VIH”. ONUSIDA. Disponível em: <<http://www.onusida.hn/index.php/sobre-onusida/sobre-onusida>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

<sup>33</sup> “En 2014, 36,9 millones de personas vivían con el VIH.”. UNAIDS. *El sida en cifras 2015*. p. 3. Disponível em: <[http://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/AIDS\\_by\\_the\\_numbers\\_2015\\_es.pdf](http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/AIDS_by_the_numbers_2015_es.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2016.

<sup>34</sup> UNAIDS. *Estatísticas*. Disponível em: <<http://unaids.org.br/estatisticas/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

<sup>35</sup> SUDBRACK, 2005, p. 22.

<sup>36</sup> BERNARDI, José. Os desafios da AIDS: Uma palavra pastoral. In: BERNARDI, José (org.). *Vulnerabilidade social e Aids: o desafio da prevenção em tempos de pauperização da epidemia*. Porto Alegre/RS. Pastoral de DST/AIDS – CNBB, 2005. p. 104.

<sup>37</sup> BERER, Marge; RAY, Sunanda. *Mulheres e HIV/AIDS: informação, atividades e materiais relativos às mulheres e HIV/AIDS, saúde reprodutiva e relações sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 86.

<sup>38</sup> ROCHA; VIEIRA; SOARES, 2011, p. 90 -93.

<sup>39</sup> FONSECA, Maria Goretti et al. AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996. *Cadernos Saúde Pública*, v. 16, n. 1, p. 77-87, 2000. p. 78. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v16s1/2214.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

Percebe-se que existe uma relação entre vulnerabilidade ao HIV e injustiça social. Os locais onde as pessoas empobrecidas vivem geralmente possuem infraestrutura precária, sem saneamento básico, moradias precárias e restrito acesso ao sistema de saúde e educação. Esses locais favorecem a proliferação de doenças infectocontagiosas.<sup>40</sup> Segundo Wanda Deifelt “A AIDS se prolifera devido à falta de conhecimento, acesso limitado à informação, mecanismos efetivos de prevenção, e possibilidades de tratamento”.<sup>41</sup>

O desenvolvimento de pesquisas na área do HIV e da AIDS trouxe o desenvolvimento de medicamentos que diminuíram a ação do vírus no organismo da pessoa infectada, o que contribuiu para aumentar a expectativa de vida de milhares de pessoas. Em 1987, a “primeira droga anti-HIV, o AZT (zidovudine), é aprovada e se mostra eficaz apenas na redução da progressão do vírus, ao impedir a replicação do vírus, não representando, no entanto, a cura”.<sup>42</sup> A busca por resposta à epidemia em nível global contribuiu para o desenvolvimento de ações conjuntas, como a criação da UNAIDS que tinha como responsabilidade auxiliar os países no combate à epidemia através do desenvolvimento de políticas públicas e na divulgação de informações adequadas sobre o vírus e a doença.<sup>43</sup>

Em 1996, começaram a ser utilizados novos medicamentos. “Cerca de dez anos depois (1996), ficou comprovada a eficácia da associação de agentes antirretrovirais, iniciando uma nova era para o controle da epidemia e trazendo alento para milhões de pessoas infectadas pelos HIV”.<sup>44</sup> O Brasil, contrariando as expectativas de outros países, tem respondido a epidemia de maneira positiva, através da produção local e distribuição de preservativos e medicamentos antirretrovirais de forma gratuita, além de oferecer suporte para pesquisas.<sup>45</sup> Essas medidas adotadas pelo governo brasileiro têm contribuído para reduzir a mortalidade de pessoas com HIV e AIDS e melhorar a qualidade de vida da população afetada pela epidemia.

Até aqui buscou-se traçar um panorama geral da epidemia de HIV e AIDS, desde que as primeiras mortes por uma doença desconhecida começaram a ser identificadas. O desenvolvimento das pesquisas evoluiu rapidamente e logo se descobriu as causas da doença e as formas de transmissão foram identificadas. Entretanto, construiu-se uma ideia de que apenas

---

<sup>40</sup> GRECO, 2008, p. 87.

<sup>41</sup> DEIFELT, Wanda. Gênero e AIDS: o desafio das mulheres diante da pandemia do HIV. In: PASTORAL DE DST/AIDS - CNBB (Org.). *Igreja e AIDS: presença e resposta*. Porto Alegre: São Miguel, 2004. p. 32-45, à p. 40.

<sup>42</sup> CAIADO, Mateus Drumond et al. *Construindo juntos o nosso futuro comum*. Guia de Estudos. Tópico: A interrelação entre desenvolvimento e a epidemia do HIV/AIDS. SINUS: Organização Mundial da Saúde (OMS), 2009. p. 10. Disponível em: <<http://www.sinus.org.br/preparação/GuiaOMSInternet.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

<sup>43</sup> CAIADO; CUNHA; RIBEIRO, 2009, p. 5 e 6.

<sup>44</sup> GRECO, 2008, p. 75.

<sup>45</sup> GRECO, 2008, p. 75.

determinado grupos de pessoas seriam afetados pela doença e a crença de que os demais grupos estariam imunes a ela. A evolução da epidemia e o aumento do número de casos tornou necessária a revisão deste conceito, destacando que diversos fatores influenciam para a maior vulnerabilidade das pessoas no contexto da epidemia, e como se verá adiante, especialmente para as mulheres, que não faziam parte dos grupos de risco e isso contribuiu para a epidemia crescesse entre as mulheres de maneira silenciosa.

Aliado à invisibilidade das mulheres no contexto da epidemia há ainda outros fatores sociais, econômicos, culturais, religiosos e biológicos que contribuem para uma vulnerabilidade das mulheres para o HIV. Nos tópicos a seguir abordaremos de forma mais aprofundada sobre a epidemia de HIV e AIDS entre as mulheres. Este panorama inicial é importante para compreender como algumas questões influenciaram as respostas governamentais e não governamentais no contexto da epidemia no Brasil e como elas impactam a experiência de mulheres, objeto desta pesquisa.

### **1.3 Apontamentos sobre a AIDS no Brasil**

O objetivo desta Tese não é esgotar a história da epidemia no Brasil, uma vez que existem referências sobre a temática. Entretanto, pretende-se apresentar como se deu seu desenvolvimento no Brasil nos primeiros anos da epidemia para situar a experiência das mulheres. Conforme apresentado acima, a AIDS causou amplas discussões no cenário internacional, que trazidas pela mídia também influenciaram o cenário nacional. As respostas governamentais e os movimentos de organizações não-governamentais trouxeram conquistas importantes para o contexto da epidemia.

A epidemia de AIDS causou impactos em diferentes esferas da vida social. Embora represente um problema de saúde pública, nela estão implicadas questões muito mais complexas, pois é uma doença que ultrapassa fronteiras geográficas, políticas e culturais e atingiu e atinge grande parcela da população mundial, conforme apresentado anteriormente.<sup>46</sup> A epidemia de HIV e AIDS, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, é bastante complexa e passou por inúmeras transformações ao longo dos anos.

No Brasil, a AIDS virou notícia antes mesmo de ter casos notificados. As informações sobre essa nova doença vinham especialmente da mídia norte-americana e influenciaram a maneira como a AIDS foi abordada, enfatizando a relação da doença com determinados grupos.

---

<sup>46</sup> SUDBRACK, 2005, p. 22.

A mídia teve um papel importante na história da AIDS e, por isso, descreve-se essa primeira fase da epidemia no Brasil como “Mal de Folhetim”.<sup>47</sup> Conforme Galvão:

Especificamente no Brasil da década de 80, que marca o início do processo de redemocratização do país, a mídia tem um papel fundamental. Naquele momento, a AIDS então denominada na mídia por nomes como “doença dos homossexuais” e “câncer gay”, era a perfeita notícia para a abertura política do país: remetia à década de 70 no que havia de mais “escandaloso” – sexo, drogas -, sem fazer menção ao contexto político. Nesta leitura da AIDS feita por boa parte da mídia brasileira, um dos principais legados da década de 70 tinha sido um vírus, transmitido por um determinado comportamento, sobretudo sexual. Eram comuns matérias que mencionavam o ‘desbunde’ dos anos 70, a liberalização dos costumes, e como a AIDS foi um “banho de água fria” nas teorias libertárias dos anos 70. O interessante é que tal análise estava relacionada com os Estados Unidos, já que o Brasil está saindo do período do regime militar e não havia passado, tão fortemente, pelas situações descritas. Mas como a representação da AIDS mencionava uma doença que viera de ‘fora’, e os doentes que ganhavam destaque na mídia haviam viajado para o exterior, sobretudo para os Estados Unidos, essa argumentação parecia fazer sentido.<sup>48</sup>

O estigma e discriminação relacionados ao HIV e a AIDS estão relacionados com a maneira, que pode ser considerada preconceituosa, que a mídia divulgou o surgimento da doença em outros países, até ela chegar ao Brasil. Ainda hoje permanece viva no imaginário social que a ideia de AIDS é uma doença que afeta gays e aqueles e aquelas com práticas sexuais ‘imorais’.<sup>49</sup>

A associação do HIV e da AIDS à homossexualidade, e depois a outras formas de estigmatização, como a prostituição, a promiscuidade e o desvio sexual (e a diferença sexual), marca mais amplamente toda a história da epidemia e continua a funcionar ainda hoje como o aspecto mais enraizado do estigma, da estigmatização e da discriminação relacionados ao HIV e à AIDS.<sup>50</sup>

Os primeiros casos de AIDS no Brasil foram registrados nos grandes centros urbanos, especialmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, mas logo se espalharam para diferentes regiões do país. O país passava por um período de intensas mudanças políticas. A década de 80 marcou o fim do regime militar no Brasil, com uma intensa crise social, política e econômica. O governo não tinha condições de responder de maneira eficiente a uma nova

<sup>47</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p.20 e p.35.

<sup>48</sup> GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil – Agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 52-53.

<sup>49</sup> MUSSKOPF, André S. Para sair dos armários: HIV e Aids e teologia no Brasil. In: BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch; LE BRUYNS, Clint; SINNER, Rudolf von. *Teologia Pública No Brasil e Na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 317-342, à p. 323.

<sup>50</sup> AGGLETON, Peter; PARKER, Richard. *Estigma, discriminação e AIDS*. Rio de Janeiro: ABIA, 2001. p. 20. Disponível em: <[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2016.

epidemia.<sup>51</sup> Assim, em dez anos a epidemia se espalhou por quase todo o país. Se “em 1985, a doença havia atingido dez municípios brasileiros e, em 1995, 950 municípios. Desde o início dos anos 2000, das dez cidades com maior taxa de incidência, apenas duas delas eram capitais de estados”,<sup>52</sup> confirmando assim o que veio a ser chamando de interiorização da epidemia.

A demora do governo em dar repostas à epidemia e oferecer cuidado para as pessoas infectadas contribuiu para aumentar o preconceito e a discriminação. Falta de informações ou até mesmo divulgação de informações equivocadas tornavam a vida das pessoas doentes ainda mais difícil uma vez que até mesmo os/as profissionais de saúde negavam atendimento às pessoas com HIV e AIDS. Segundo Richard Parker:

E os vestígios de um autoritarismo institucionalizado às vezes ficaram muito evidentes na perseguição a supostos grupos de risco, como os homossexuais, prostitutas ou travestis, que foram frequentemente vítimas da violência da polícia, legitimizada e justificada como uma atividade de prevenção da AIDS.<sup>53</sup>

Não é possível determinar ao certo o número de casos de AIDS nos primeiros anos da epidemia, pois em alguns casos a notificação foi posterior e em outros a família pedia para que a causa da morte não fosse revelada. O primeiro caso de AIDS foi registrado em 1980, mas notificado apenas em 1982.<sup>54</sup> No final de 1983 já havia casos de AIDS registrados em várias capitais brasileiras e notícias de novos casos chegavam diariamente através do noticiário.<sup>55</sup> A notificação de casos de AIDS nos serviços de saúde passou a ser obrigatória apenas posteriormente, em 1986, com o desenvolvimento de programas governamentais.<sup>56</sup>

Por ser uma doença epidêmica a reponsabilidade sobre as políticas de prevenção e distribuição de recursos era responsabilidade do Ministério da Saúde.<sup>57</sup> O ano de 1986 foi um ano marcado por iniciativas governamentais, impulsionadas por organizações internacionais<sup>58</sup>. Iniciaram-se as discussões para a implementação de um Programa Nacional de DST e AIDS,

---

<sup>51</sup> PARKER, Richard. *A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Abia, IMS-UERJ, Relume-Dumará, 1994. p. 38.

<sup>52</sup> ROCHA, 2013, p. 121.

<sup>53</sup> PARKER, 1994, p. 40.

<sup>54</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016. Referente ao número de pessoas com AIDS Contrera afirma: “Quanto à data de entrada da AIDS no país, muito mais tarde, já na década de 90, foram resgatados outros casos de AIDS anteriores ao ano de 1983, na cidade de São Paulo”. CONTRERA, Widney Feres. AIDS: História de uma epidemia. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002. p. 22.

<sup>55</sup> TEODORESCU, 2015, p. 37.

<sup>56</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 60 e 61.

<sup>57</sup> CONTRERA, 2002, p. 22.

<sup>58</sup> PARKER, Richard G. *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997. p. 52 e 53.

pelo Ministério da Saúde, responsável pelo estabelecimento de um plano nacional de enfrentamento da epidemia.<sup>59</sup> Conforme Teixeira, entre os anos de 1983 e 1986:

As ações governamentais se pautaram por investimentos em vigilância epidemiológica, em assistência médica e difusão de discurso de alerta e de não-discriminação. Nas áreas de prevenção, no entanto, as ações eram tímidas e se limitavam a reuniões, palestras, distribuição de folhetos e utilização da mídia, através da ocupação de espaços na forma de reportagens.<sup>60</sup>

Conforme o mesmo autor, a falta de recursos para investir nas políticas de prevenção a nível nacional impulsionou a organização de políticas de prevenção em diferentes estados e, somente mais tarde, com o aumento no número de casos, o Ministério da Saúde admitiu a gravidade da epidemia em nível nacional. A disseminação da AIDS pelo Brasil foi rápida e logo o país “ocupou um dos primeiros lugares na lista dos países que notificam casos à OMS”.<sup>61</sup> Na medida em que a epidemia avançava, crescia também o preconceito em relação às pessoas com AIDS.

As Organizações Não-Governamentais foram importantes tanto em oferecer “educação sobre a AIDS, na defesa das liberdades civis das pessoas com HIV e AIDS e até na provisão de serviços de assistência e tratamento básico para pacientes”.<sup>62</sup> Grupos e organizações foram criadas com o intuito de fornecer informações sobre o vírus, a doença, formas de prevenção e lutavam para garantir tratamento médico às pessoas infectadas ou doentes. O preconceito e a discriminação que as pessoas com HIV e AIDS sofriam provocava uma morte social<sup>63</sup>, pois limitava o acesso aos espaços públicos das pessoas infectadas, que eram marginalizadas, inclusive pelas próprias famílias.

Segundo Jane Galvão, os movimentos/organizações não-governamentais tiveram importância fundamental nas conquistas relacionadas à epidemia de HIV e AIDS no Brasil. Conforme a autora:

Outra diferença é que enquanto as ONGs que surgiram no Brasil na década de 60/70 têm no regime militar o seu principal interlocutor e, conseqüentemente, um componente político bastante explícito, as ONGs/AIDS inauguraram uma nova

---

<sup>59</sup> GRECO, 2008, p. 84.

<sup>60</sup> TEIXEIRA, Paulo Roberto. Políticas Públicas em AIDS. In: PARKER, Richard G. *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997. p. 54.

<sup>61</sup> PARKER, 1994, p. 23.

<sup>62</sup> PARKER, 1994, p.42.

<sup>63</sup> Também fala-se da morte civil, que seria aquela ocasionada pelo preconceito e discriminação sofridos pela sociedade e estado. SEFNER, 2007, p. 31 e GALVÃO, 2000, p. 171.

tradição: se classificam de organizações não-governamentais em uma oposição às respostas, ou ausência de respostas, governamentais para a epidemia.<sup>64</sup>

As ações iniciadas pela sociedade civil e grupos de pessoas com HIV e AIDS que se organizavam na luta por seus direitos pressionaram o governo a dar respostas de combate à epidemia.<sup>65</sup> Além dos fatores internos também é preciso reconhecer que esse período coincidiu com as respostas à epidemia a nível internacional, como a criação da Organização Mundial de Saúde e a Organização Pan-Americana de Saúde.<sup>66</sup> Em 1987, por exemplo, a ONU adotou o dia 1º de dezembro como um dia Mundial da Luta contra a AIDS.<sup>67</sup> O objetivo em criar um dia de luta contra a AIDS era para demonstrar solidariedade e tolerância às pessoas vivendo com HIV e AIDS. O Brasil adotou o 1º de dezembro no ano seguinte, em 1988.<sup>68</sup> Além do dia Mundial de Luta Contra a AIDS também é realizado anualmente uma celebração religiosa para lembrar as pessoas que morreram em decorrência da AIDS.<sup>69</sup>

O número de pessoas com AIDS crescia rapidamente no Brasil, exigindo respostas mais efetivas no combate à epidemia. No ano de 1988 o número de casos no Brasil era de 4.535, quase o dobro do ano anterior (2.775).<sup>70</sup> Uma resposta efetiva começou a ser aplicada em 1987, quando foi iniciado a distribuição do AZT para pacientes com câncer e a resposta foi positiva. “O primeiro remédio que entrou no país no final da década de 80 foi o Retrovir, conhecido pela

<sup>64</sup> GALVÃO, Jane. As repostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS. In: PARKER, Richard G. *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997. p. 75.

<sup>65</sup> “Entre 1985 e 1991 mais de cem organizações não-governamentais de serviço à AIDS tinham surgido”. Essas ações eram uma resposta à falta de incentivo e até mesmo corte de verbas por parte do governo. O autor descreve o momento político brasileiro e as consequências disso para a resposta à epidemia no capítulo cinco do seu livro. PARKER, 1994, p. 97.

<sup>66</sup> PARKER, 1997, p. 13.

<sup>67</sup> O Dia Mundial da AIDS é celebrado no dia 1 de dezembro a cada ano e constitui uma oportunidade para as pessoas ao redor do mundo se unir contra HIV, demonstrar seu interesse pelos infectados pelo vírus e lembrar as vítimas da doença. O Dia Mundial da AIDS, que teve início em 1988, foi a primeira data mundial sobre um tema de saúde. *WORLD AIDSDAY. About world aids day*. Disponível em: <<https://www.worldaidsday.org/about>>. Acesso em: 27 mai. 2016. E em: OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde. *Dia Mundial de luta contra da AIDS*. Disponível em: <[http://www.paho.org/bireme/index.php?option=com\\_content&view=article&id=186%3Adia-mundial-de-luta-contra-aids&Itemid=73&lang=pt](http://www.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=186%3Adia-mundial-de-luta-contra-aids&Itemid=73&lang=pt)>. Acesso em: 27 mai. 2016.

<sup>68</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016.

<sup>69</sup> A primeira Vigília aconteceu em 1983, em Nova Iorque. A Vigília é uma iniciativa da Rede Mundial de Pessoas que Vivem com o HIV, uma das maiores e mais antigas campanhas de mobilização popular para promover a sensibilização sobre o HIV no mundo. Vigília Pelos Mortos de AIDS é promovida no Brasil pela Pastoral da AIDS. Ela começou a ser realizada no ano de 1983 e é celebrada sempre no terceiro domingo de maio sob a liderança de organizações comunitárias, sanitárias e religiosas de 115 países. A12 Notícias. *Vigília pelos mortos de Aids 2016: “Envolver, informar e empoderar”*. 28 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.a12.com/noticias/detalhes/vigilia-pelos-mortos-de-aids-2016-envolver-informar-e-empoderar>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

<sup>70</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016. E em: LUNARDI, Luiz Carlos; BERNARDI, José. *Igreja e aids: muito além do amor*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids - CNBB, 2008.

sigla AZT, e com preço proibitivo para a maioria dos doentes”.<sup>71</sup> A criação do SUS (Sistema Único de Saúde), em 1988, garantindo o acesso ao sistema de saúde de forma gratuita a todas as pessoas favoreceu grande a parcela da população que antes permanecia excluída. Para as pessoas que viviam com HIV e AIDS a universalização do acesso ao serviço de saúde também trouxe benefícios, como o início do fornecimento de medicamentos para tratar infecções oportunistas.<sup>72</sup>

A partir de 1989 começou-se a questionar a negação dos direitos das pessoas com AIDS. O discurso deixou de ser apenas sobre a prevenção<sup>73</sup>, e passou a ser também centrado na pessoa, na diminuição do preconceito e discriminação. Passou-se a enfatizar também os avanços e descobertas de medicamentos que trouxeram melhores condições de saúde para as pessoas infectadas pelo vírus ou doentes de AIDS.<sup>74</sup> A distribuição de medicamentos que diminuem a ação do vírus no organismo garantiu a melhoria na qualidade de vida das pessoas infectadas e, conseqüentemente, diminuiu o número de mortes decorrentes da AIDS. O Brasil passou a ser exemplo no que diz respeito à resposta frente à AIDS, pois além de notificar os casos de uma epidemia tão complexa o governo federal “garantiu o acesso universal e gratuito dos medicamentos, sobretudo dos antirretrovirais, na rede pública de saúde, através de recursos provenientes do Banco Mundial”.<sup>75</sup>

A distribuição gratuita e universal dos medicamentos a partir de 1996 trouxe impactos para o contexto da epidemia no contexto brasileiro, as pessoas com HIV e AIDS passaram a viver mais e com mais qualidade, diminuindo os índices de mortalidade. “De doença que era sinônimo de morte, e morte a curto prazo, marcada por degradação física assustadora, a AIDS progressivamente passou a ser vista e vivida no Brasil como uma doença que tem tratamento”.<sup>76</sup> No imaginário social, no entanto, a morte ainda está fortemente relacionada ao HIV e à AIDS e, embora tenha tratamento, ainda é uma doença sem cura.

Recentemente o Brasil tomou outra iniciativa que tem por objetivo não apenas melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV, mas também reduzir os índices de transmissão do vírus. A partir de 2013 o Brasil ampliou o acesso aos medicamentos

---

<sup>71</sup> CONTRERA, 2002, p. 29.

<sup>72</sup> ROCHA; VIEIRA; SOARES, 2011, p. 56 -61.

<sup>73</sup> GÓIS, 2003, p. 30s.

<sup>74</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 76.

<sup>75</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 21.

<sup>76</sup> SEFFNER, Fernando. Com vírus, Sem vírus: Afeto, Amor, Amizade, Vida Sexual e Aids. In: PAULA, Cristiane Cardoso de; PADOIN, Stela Maris de Mello; SCHAURICH, Diego. *Aids: o que ainda há para ser dito?* Santa Maria, RS: UFSM, 2007. p. 30.

antirretrovirais, que passaram a ser distribuído a partir do resultado de teste positivo,<sup>77</sup> “independentemente de seu estado imunológico (contagem de CD4); simplificando e descentralizando o tratamento antirretroviral; aumentando a cobertura de testagem de HIV em populações-chave, entre outras iniciativas”.<sup>78</sup>

Até aqui foi apresentado um panorama geral do desenvolvimento da epidemia no Brasil, dando destaque para as ações governamentais diante do quadro epidêmico que se apresentava. A descoberta e distribuição de medicamentos antirretrovirais garantiu melhorias na qualidade de vida das pessoas infectadas, e as pessoas passaram a viver melhor e mais tempo com a presença do vírus no organismo.

A AIDS passou a ser tratada como uma doença crônica, no entanto, o preconceito e a discriminação ainda são grandes dificuldades encontradas pelas pessoas soropositivas, que, embora possuam acesso gratuito aos medicamentos, ainda precisam enfrentar a barreira do preconceito que dificulta a adesão ao tratamento. Neste contexto, o cuidado às pessoas soropositivas, assunto que será abordado no terceiro capítulo, torna-se fator fundamental.

Neste tópico tratou-se da epidemia de uma maneira geral, mas vale lembrar que as ações governamentais e não governamentais que de se desenvolver no Brasil trouxeram benefícios para as pessoas infectadas e nisso se inclui as mulheres, principalmente quando relacionado aos direitos reprodutivos das mulheres infectadas. Os avanços medicinais reduziram significativamente a transmissão do vírus da mãe para o bebê.

No próximo bloco apresenta-se alguns dados estatísticos que nos ajudam a perceber como a epidemia foi se desenvolvendo no Brasil, entre os diferentes grupos, destacando especialmente para o crescimento de casos de HIV e AIDS entre as mulheres.

#### **1.4 O desenvolvimento da epidemia de HIV e AIDS em números**

Os dados estatísticos ajudam a compreender a evolução da epidemia não apenas em números, mas também na mudança de perfil das pessoas afetadas pela doença. A equivocada compreensão de que a AIDS era uma doença que atingia apenas alguns grupos, os assim chamados ‘grupos de risco’, contribuiu para que ela se espalhasse de maneira silenciosa entre outros grupos, como é o caso das mulheres.

---

<sup>77</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Ministério da Saúde estende tratamento para todos com HIV*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2013/12/ministerio-da-saude-estende-tratamento-para-todos-com-hiv>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

<sup>78</sup> UNAIDS, 2016.

Há um número significativo de informações disponíveis. Ao longo da história da epidemia se montaram sistemas de informação e coleta de dados que permitem análises bastante detalhadas. As informações dependem do uso adequado desses sistemas e da notificação correta. Há problemas, muitas vezes, na notificação, especialmente na fase inicial da epidemia em que muitos casos eram notificados tardiamente.<sup>79</sup>

O Brasil registra um total de 798.366 casos de AIDS desde o início da epidemia até junho de 2015. Deste total de casos 519.183 (65%) foram registrados em homens e 278.960 (35%) em mulheres. Embora no imaginário social ainda se acredita que a AIDS é uma doença de homossexuais, já em 1993, 28,9% dos casos era entre homossexuais, 14,8% entre homens bissexuais e 16,5% entre relações heterossexuais.<sup>80</sup> Conforme dados “entre os homens, observa-se um predomínio da categoria de exposição heterossexual, porém uma tendência de aumento na proporção de casos em Homens que fazem sexo com Homens (HSH) nos últimos dez anos, a qual passou de 34,9% em 2005 para 44,9% em 2014”.<sup>81</sup>

Uma análise dos dados estatísticos dos dez primeiros anos da epidemia mostra a rapidez com que a AIDS se espalhou entre as mulheres. Se em 1984 a proporção entre homens e mulheres era de 126/1 (homens/mulheres), em 1994 essa proporção era de 5 casos em homens para cada caso em mulher.<sup>82</sup> Em 2008, a proporção no número de casos de AIDS era de 15 casos em homens para cada 10 casos em mulheres. Em 2014 essa proporção passou a ser de 19 casos entre os homens para cada 10 casos de AIDS entre mulheres.<sup>83</sup> Através da análise destes dados é possível perceber um rápido crescimento da epidemia entre as mulheres durante a primeira década. Essa mudança no perfil da epidemia é resultado da invisibilização da AIDS entre as mulheres nos primeiros anos da epidemia e de uma série de fatores sociais, econômicos e culturais que contribuíram para o rápido desenvolvimento da AIDS para além dos grupos considerados de risco.

A média de novas infecções, a partir de 2010, se manteve estável em aproximadamente 40,6 mil casos de AIDS por ano. A taxa de detecção apresenta uma média de 20,5 casos de AIDS para cada 100 mil habitantes. No Rio Grande do Sul, entretanto, esse índice aumenta para

---

<sup>79</sup> Veja mais sobre a análise dos dados epidemiológicos no Brasil. BARBOSA, Maria Tereza. Estimativas do número de casos de aids no Brasil, corrigidas pelo atraso de notificação. *Revista Brasileira Epidemiologia*. v 1, n 3, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rbepid/v1n3/03.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

<sup>80</sup> PARKER, 1994, p. 27 e 29.

<sup>81</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 11.

<sup>82</sup> DURÃES, Jaqueline Sena. Cuidado e superação do estigma do HIV/AIDS: Estágio de observação no grupo de adesão do hospital de clínicas da UFPR em parceria com a Pastoral da AIDS de Curitiba. In: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos do X Congresso de Teologia da PUCPR*. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 543-558, à p. 550. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

<sup>83</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 11.

31,1 casos para cada 100 mil habitantes.<sup>84</sup> Apesar de os dados apresentarem estabilidade, a situação ainda requer atenção, pois os patamares de novas infecções ainda são elevados e, ainda, é preciso considerar o número de pessoas infectadas e que não sabem que tem o vírus.

A faixa etária em que a epidemia se concentra é entre os 25 e 39 anos de idade tanto para os homens quanto para as mulheres. Os/as jovens têm se tornado ativos sexualmente cada vez mais cedo. “Se, em 1984 somente 14% dos jovens se dizia sexualmente ativo antes dos 15 anos de idade, este número subiu para 32%, em 1998”.<sup>85</sup> Na faixa etária dos 13 aos 19 anos o número de infecções por HIV é maior entre as mulheres. “A inversão apresenta-se desde 1998. Em relação aos jovens, os dados apontam que, embora eles tenham elevado conhecimento sobre prevenção da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, há tendência de crescimento do HIV”.<sup>86</sup>

Muitas mulheres descobrem que são soropositivas durante o pré-natal. Entre os anos 2000 e 2015 foram notificados 92.210 casos de HIV e AIDS entre as gestantes, em idade média de 25 a 29 anos. A obrigatoriedade da realização do teste anti-HIV entre as gestantes tem contribuído para reduzir os índices de transmissão vertical<sup>87</sup>. Nessa forma de transmissão, “tem-se observado uma tendência de queda para o Brasil, que foi de 33,3% nos últimos dez anos”.<sup>88</sup> Em alguns casos, as mulheres que sabem que tem o vírus optam em não fazer o tratamento, para não se expor nos serviços de saúde. O fato de não amamentar também chama a atenção e, algumas vezes, as mulheres podem vir a ser questionadas sobre os motivos pelos quais ela não amamenta. Essas situações acabam expondo as mulheres em público.<sup>89</sup> Os dados apresentados referentes à redução da transmissão vertical refletem a importância do tratamento antirretroviral durante a gestação, e vem contribuindo para a redução de novas infecções.

Nos últimos anos tem-se dito que a epidemia tem ganhado rosto cada vez mais jovem, feminino e pobre. Tanto no Brasil como em outras partes do mundo tem-se observado uma

---

<sup>84</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 11 e 13.

<sup>85</sup> DEIFELT, 2004, p. 37.

<sup>86</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. *AIDS no Brasil*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

<sup>87</sup> “A transmissão vertical do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) acontece pela passagem do vírus da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. Sem qualquer ação profilática, o risco de que isso aconteça é de 25% a 30%. Se aplicadas todas as medidas preconizadas, a taxa de transmissão vertical do HIV seria reduzida para níveis inferiores a 2%”. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Transmissão Vertical do HIV e Sífilis: Estratégias para Redução e Eliminação*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 5. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56610/folder\\_transmissao\\_vertical\\_hiv\\_sifilis\\_web\\_pd\\_60085.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56610/folder_transmissao_vertical_hiv_sifilis_web_pd_60085.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>88</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 14.

<sup>89</sup> STRECK, Valburga Schmiedt. A Feminização do HIV/AIDS: narrativas que interpelam as estruturas de poder na sociedade e Igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 345-356, jul. 2012. p. 347.

relação da pobreza com identidades étnico-raciais<sup>90</sup> e aliado a isso está o aumento de casos de HIV e AIDS entre essa população.<sup>91</sup> A população negra já é socialmente marginalizada e, por isso, o preconceito e o estigma contra esse grupo é ainda maior. Essa população já sofre com problemas estruturais, que afetam a vida de toda população. Além da escassez de recursos como saneamento básico e educação, essa população sofre com o tráfico e uso de drogas. Esses fatores dificultam a realização de estratégias de prevenção. A AIDS está cada vez mais presente entre as mulheres pobres, mas quando considerados todos esses fatores a vulnerabilidade de mulheres negras é maior.<sup>92</sup>

O critério raça/cor passou a ser informado apenas a partir do ano 2000. Por essa razão não é possível fazer uma análise precisa sobre esta categoria antes a isso. A partir do ano 2000 percebe-se que houve uma taxa mais elevada no número de casos de HIV e AIDS entre a população negra.<sup>93</sup> Ao longo dos anos a epidemia mudou o rosto no Brasil e no mundo. “Nas últimas décadas, o rosto da AIDS no mundo se tornou gradualmente mais feminino e jovem, mas sempre pobre e majoritariamente negro”.<sup>94</sup> A população negra no Brasil é alvo de preconceito e discriminação que estão relacionados a fatores da história do Brasil.<sup>95</sup> No entanto, as mulheres sofrem ainda mais:

Mulher negra sofre comumente tríplice discriminação: ser mulher, negra e pobre. O racismo, a pobreza e o sexismo (conjunto de ações e ideias que privilegiam indivíduos de determinado gênero e orientação sexual e discriminam os que não têm esses atributos) são mais agudos nas mais jovens.<sup>96</sup>

<sup>90</sup> Ajuwon trata do tema raça e de como usar esse critério pode ser complicado, pois em uma raça há diferentes variações. Em países, como a África do Sul, por exemplo, ao dizer que a AIDS é um problema que afeta os negros pode ser entendido como dizer que ela então não é problema de brancos, coloridos e indianos. AJUWON, 2012, p. 209-224.

<sup>91</sup> SUDBRACK, 2005, p. 42.

<sup>92</sup> BERNARDI, 2004, p. 23.

<sup>93</sup> TAQUETTE, Stella R. Interseccionalidade de gênero, classe e raça e vulnerabilidade de adolescentes negras às DST/aids. *Saúde e Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 51-62, dez. 2010. p. 52. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29690/31564>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

<sup>94</sup> DEIFELT, Wanda. A pandemia da Aids e vulnerabilidade de Deus. In: STRECK, Valburga Schmiedt. *Teología y VIH y Sida en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. xxv-xxii, à p. xxv.

<sup>95</sup> MELO, Jacira. *Dossiê Mulheres com HIV/AIDS: elementos para construção de direitos e qualidade de vida*. São Paulo: Unifem, 2003. p. 7. Disponível em: <<http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Dossie-Mulheres-com-HIV-AIDS.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

<sup>96</sup> TAQUETTE, 2010, p. 53. Veja mais sobre AIDS em mulheres negras. WERNECK, Jurema. "AIDS: a vulnerabilidade das mulheres negras". *Jornal da Rede Saúde*, n. 23, 2001, p. 53-58. E em: CALDWELL, Kia Lilly; BOWLEG, Lisa. Paralelos opostos: raça e status socioeconômico em pesquisas e políticas sobre HIV/Aids no Brasil e nos Estados Unidos. In: BATISTA, Luís Eduardo, Jurema Werneck e LOPES, Fernanda, (orgs.). *Saúde da população negra*. Brasília: ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. p. 314-337. Disponível em: <[http://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_populacao\\_negra.pdf](http://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_negra.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2016.

Em relação às mulheres gestantes, por exemplo “quanto à raça/cor autodeclarada, há um predomínio da parda, seguida da branca; em 2014, estas representaram 45,1% e 38,7%, dos casos, respectivamente. As gestantes pretas correspondem a 15,3% nesse mesmo ano”.<sup>97</sup> Os dados do Boletim epidemiológico apontam para diferenças no número de notificações de casos de HIV e AIDS entre homens negros e mulheres negras, entre os anos 2005 e 2014. “Em 2014, 9,8% dos casos de AIDS notificados no Sinan (*Sistema de Informações de Agravos de Notificação é o sistema de notificações de casos de HIV e AIDS usado pelo Ministério Federal*) em homens foram entre pretos, enquanto que nas mulheres esse percentual foi de 11,9%”.<sup>98</sup> Isso significa que além de perceber um aumento da incidência na população negra, o índice é ainda maior entre as mulheres.

A epidemia tem evoluído entre as pessoas com níveis de escolarização mais baixos. “Observa-se que maioria possui da 5ª à 8ª série incompleta, representando 31,6% dos casos notificados em 2014”.<sup>99</sup> A baixa escolaridade reflete as diferentes possibilidades de acesso a informações adequadas relacionadas tanto a formas de prevenção de doenças, quanto ao acesso a tratamento adequado.<sup>100</sup> A baixa escolaridade afeta de forma diferenciada homens e mulheres. As estatísticas apontam que as mulheres com menor grau de escolaridade possuem um nível de infecção por HIV mais elevado se comparado com os homens.

Em 2014, a proporção de homens analfabetos foi de 2,3%, enquanto que entre as mulheres foi de 3,9%; para o nível superior incompleto, foi de 7,8% em homens e 2,4% em mulheres, e para o nível superior completo foi de 12,3% entre os homens e 3,8% entre as mulheres. Em geral, observa-se ainda uma concentração maior de casos entre aqueles com ensino médio completo (23,9%) e 5ª a 8ª série incompleta (21,1%).<sup>101</sup>

A pauperização da epidemia do HIV e da AIDS se caracteriza pelo aumento do número de casos registrados em “áreas periféricas dos centros urbanos e entre os segmentos menos privilegiados da população”.<sup>102</sup> Os dados coletados pelo Ministério da Saúde brasileiro não analisam o perfil sócio econômico das pessoas infectadas pelo HIV e AIDS. Para averiguar essa

<sup>97</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 8.

<sup>98</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan)*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/sinan>>. Acesso em: 23 abr. 2016. “As proporções das raças branca, amarela, parda e indígena, no total dos casos, foram de 42,9%, 0,4%, 46,0% e 0,3%, respectivamente. Além disso, tem-se observado um aumento na proporção de casos entre indivíduos autodeclarados como pardos e uma queda na proporção de casos entre brancos”. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p.16.

<sup>99</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p.8.

<sup>100</sup> FONSECA, 2000, p. 78.

<sup>101</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA, 2015, p.16.

<sup>102</sup> TAKAHASHI, R.F.; SHIMA, H.; SOUZA, M. Mulher e AIDS: perfil de uma população infectada e reflexões sobre suas implicações sociais. *Rev. latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 59-65, dez. 1998. p. 59. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n5/13861>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

questão é utilizado como indicador o nível de escolaridade das pessoas infectadas. Através desta análise pode-se perceber que no início a epidemia estava concentrada entre as populações mais escolarizadas e conseqüentemente com maior poder aquisitivo. Esse perfil foi mudando ao longo dos anos e, em 1994, cerca de 69,0% dos casos eram registrados entre pessoas analfabetas ou com apenas o primeiro grau completo. Quando são analisadas apenas as mulheres, esse índice era de 78% dos casos.<sup>103</sup> As desigualdades sociais do contexto brasileiro estão relacionadas não apenas à distribuição desigual de renda, mas também ao acesso desigual à educação, saneamento básico e serviços de saúde.<sup>104</sup> Todos esses fatores contribuem para o crescimento da epidemia entre a população com menor renda, caracterizando a pauperização da epidemia. Em 2008, a metade dos casos de HIV e AIDS notificados estavam entre a população com menor escolaridade (0-7 anos de estudo).<sup>105</sup>

As relações heterossexuais têm representado a principal via de transmissão do HIV. Esse fato é importante pois está diretamente relacionado ao crescimento da epidemia entre as mulheres. A principal via de transmissão é a sexual. “Em 2014, essa categoria correspondeu a 95,4% entre os homens e 97,1% entre as mulheres”.<sup>106</sup>

Embora a principal forma de transmissão do vírus seja através de relações sexuais é preciso considerar as outras formas de transmissão que também contribuíram para o desenvolvimento da epidemia. A transfusão sanguínea foi responsável por cerca de 12,0% das infecções em 1985.<sup>107</sup> Desde o início sabia-se que o HIV era transmitido através do sangue, mas não havia a possibilidade de testar o sangue doado, o controle era realizado através de entrevistas aos/às doadores/as. A partir de 1985, com a ampliação do uso dos testes anti-HIV a

---

<sup>103</sup> PARKER, 1997, p. 24.

<sup>104</sup> SZWARCOWALD, Celia Landmann et al. A disseminação da epidemia da AIDS no Brasil, no período de 1987-1996: uma análise espacial. *Cadernos Saúde Pública*, v. 16, n. 1, p. 7-19, 2000. p. 8. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v16s1/2209.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

<sup>105</sup> SOARES, Raquel Cavalcante. Desigualdade social e acesso às políticas sociais: a situação das pessoas que vivem com HIV/Aids no Brasil. In: ROCHA, Solange; VIEIRA, Ana Cristina de Souza; SOARES, Raquel Cavalcante. *Desafios à vida: desigualdades e HIV/AIDS no Brasil e na África do Sul*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011. p. 91. Conforme Rocha: “Apesar das mulheres formarem um contingente de 65% dos analfabetos no mundo, o Ministério da Saúde afirma que o grau de escolaridade, quando utilizado de forma isolada, não indica a situação socioeconômica da população, entretanto, esse indicador se constitui como referência internacional para medir o avanço da Aids. Segundo o Programa Nacional de DST/Aids (Brasil, 2007a), 52% dos casos em mulheres no Brasil ocorrem entre aquelas sem escolaridade e que não concluíram o primeiro grau de ensino fundamental”. ROCHA, 2013, p. 121.

<sup>106</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p.15.

<sup>107</sup> PARKER, 1997, p. 20.

testagem do sangue foi possível.<sup>108</sup> O controle sobre as doações de sangue contribuiu para reduzir o número de infecções por HIV.<sup>109</sup>

Quanto à categoria de transmissão sanguínea, anotaram-se alterações relevantes, principalmente em hemofílicos e em indivíduos que receberam transfusão de sangue. Segmentos populacionais intensamente atingidos no início da epidemia apresentaram importante declínio ao longo do tempo. Essa queda explica-se pelo controle do sangue e hemoderivados, principalmente com a disponibilidade dos testes laboratoriais para detecção de anticorpos anti-HIV, a partir de 1986. Em 1984, essas subcategorias representavam 62% dos casos da categoria de exposição sanguínea e, em 1999/2000, representam apenas 0,9%.<sup>110</sup>

A apresentação destes dados tem o intuito de oferecer um panorama geral sobre a epidemia de HIV e AIDS no Brasil nas diferentes categorias de exposição. Como visto os homens ainda representam o maior número de casos de HIV e AIDS no Brasil. No entanto, o crescimento da epidemia entre as mulheres foi se dando de maneira silenciosa. As mulheres ainda são as principais responsáveis pelo cuidado das pessoas doentes e o fato de elas mesmas estarem infectadas pelo HIV, afeta a família como um todo. As mulheres dedicam muito tempo de sua vida no cuidado da casa, dos/as filhos/as, marido e familiares e isso acaba refletindo-se na pouca atenção que dedicam a sua saúde. Conforme os dados do Boletim Epidemiológico o uso de tratamentos antirretrovirais chega a ser 67% maior entre os homens do que entre as mulheres.<sup>111</sup>

Até aqui buscou-se apresentar um panorama mais geral sobre o surgimento e crescimento da epidemia de HIV e AIDS no Brasil ao longo dos anos. Foi visto que as respostas governamentais à epidemia demoraram um pouco a acontecer fazendo com que a epidemia atingisse um grande número de pessoas em curto espaço de tempo. O crescente número de casos de HIV e AIDS entre as mulheres deu-se rapidamente, mas inicialmente não foi dada a devida importância. Diversos fatores estão relacionados ao crescimento da epidemia de HIV e AIDS entre as mulheres. Abordaremos mais sobre esses fatores no bloco a seguir.

<sup>108</sup> “Em 25.1.1988 foi editada a Lei Federal nº 7.649, estabelecendo a obrigatoriedade do cadastramento dos doadores de sangue, bem como a realização de exames laboratoriais no sangue coletado, visando prevenir a propagação de doenças”. Veja mais sobre a triagem de sangue no Brasil”. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Implicações Éticas do Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/imp\\_eticas\\_0.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/imp_eticas_0.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

<sup>109</sup> CAMARO, Cristina; OLIVEIRA, Rosa. *Implicações éticas de Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV. Série Legislativa*, n. 2. Ministério da Saúde: Brasília, 2004. p. 15. Disponível em: <[http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10\\_07.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10_07.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2016.

<sup>110</sup> BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 34, n. 2, p. 207-217, mar-abr 2000. p. 211. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v34n2/a10v34n2>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

<sup>111</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 65.

### 1.5 Fatores de vulnerabilidade para mulheres no contexto da epidemia

Anteriormente, apresentou-se um panorama geral da epidemia de HIV e AIDS no mundo, bem como o contexto histórico e o desenvolvimento da epidemia no Brasil, bem como alguns dados estatísticos sobre a epidemia. Entende-se como necessário ter conhecimento a respeito das questões apresentadas de forma que se possa compreender como as mulheres são afetadas no contexto da epidemia e os fatores que contribuem para a vulnerabilidade delas ao HIV e AIDS. Ao percorrer esse caminho já foram sendo apontadas algumas questões relacionadas ao HIV e AIDS entre as mulheres. Nessa parte será abordado de forma mais aprofundada questões econômicas, sociais, culturais e religiosas que afetam a vida das mulheres e as tornam mais vulneráveis no contexto da epidemia de HIV e AIDS.

Os primeiros casos de AIDS começaram a ser notificados no Brasil em 1982 e eram, inicialmente, de pessoas que haviam viajado para o exterior, especialmente para os Estados Unidos, de classe média alta e homossexuais.<sup>112</sup> Mas as primeiras notificações de casos entre as mulheres também aconteceram desde o início da epidemia. “Entretanto, para as mulheres ela sempre foi menos visível do que para os homens”.<sup>113</sup> Conforme dados do Ministério da Saúde, o primeiro caso de AIDS entre as mulheres foi registrado já no ano de 1983.<sup>114</sup>

Em 1993 a epidemia já havia se espalhado para todas as regiões do país.<sup>115</sup> O avanço da epidemia no Brasil se apresentou de maneira distinta de outras partes do mundo, afetando majoritariamente diferentes grupos da população. Segundo Bastos, “diferentemente da epidemia de AIDS na África subsaariana – que atingiu duramente, desde os seus momentos iniciais, as mulheres – a epidemia brasileira, nos seus primeiros anos, afetou de maneira desproporcionalmente maior os homens”.<sup>116</sup>

Embora os homens ainda representassem o maior número de casos da doença, ela se expandiu rapidamente entre as mulheres. Conquanto essas questões tenham iniciado tardiamente, o crescimento do HIV e AIDS entre as mulheres impulsionou discussões sobre as causas e os efeitos da epidemia nas suas vidas. “A partir da década de 90, o crescimento da infecção pelo HIV entre as mulheres motivou que grupos feministas começassem a incluir a

---

<sup>112</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 56.

<sup>113</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 14.

<sup>114</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016.

<sup>115</sup> PARKER, 1994, p. 23.

<sup>116</sup> BASTOS, Francisco Inácio. *A Feminização da Epidemia De AIDS no Brasil: Determinantes Estruturais E Alternativas de Enfrentamento*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2001. p. 7. Disponível em: <[http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/608/2/bastos\\_feminizacao%20da%20epidemia%20de%20aids\\_2001.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/608/2/bastos_feminizacao%20da%20epidemia%20de%20aids_2001.pdf)>. Acesso em: 27 mai. 2016. Veja mais em: BASTOS, 2006, p. 33.

AIDS em suas agendas”.<sup>117</sup> A AIDS fez com que o movimento feminista precisasse repensar todas as suas lutas e conquistas. A liberdade sexual adquirida ao longo de anos de lutas precisava agora incluir métodos de prevenção para doenças transmitidas através de relações sexuais. As discussões promovidas pelo movimento feminista, desde o seu início, “tem denunciado a violência contra as mulheres, a opressão sexual, a maternidade imposta e os riscos do aborto ilegal. Graças à forma sensacionalista como tem sido tratada, a AIDS se converteu em mais uma violência contra as mulheres”.<sup>118</sup>

Embora o número de mulheres infectadas estivesse crescendo no país, o movimento feminista “demorou quase seis anos em relação às primeiras iniciativas que aconteceram no país”.<sup>119</sup> O HIV e a AIDS eram ainda um campo desconhecido e, por isso, havia certa resistência em trazer essa discussão para o movimento. Alguns anos mais tarde, no campo da teologia, foram justamente a teologia feminista e a teologia gay que fomentaram a discussão sobre o tema.<sup>120</sup> No entanto, quando a AIDS entrou na agenda do movimento feminista:

As lutas de ativistas contra a AIDS e do feminismo mostram-se de fundamental importância para o desenvolvimento da política brasileira de prevenção e controle das DSTs e HIV/AIDS. Tomando as relações de poder que permeiam a epidemia da Aids, localizamos como exemplos (em relação não linear), de um lado, as políticas governamentais, gestores/as e cientistas; e, do outro, as pessoas que vivem com HIV/AIDS. Na mediação estão ativistas e representantes de movimentos sociais portadores ou não do vírus.<sup>121</sup>

As discussões em torno de uma maior liberdade sexual para as mulheres, o direito ao controle sobre o próprio corpo, exercício da maternidade e criação dos/as filhos/as começaram a ser discutidos numa perspectiva das mulheres apenas a partir da década de 1980. As conquistas das mulheres não aconteceram de uma hora para a outra e geraram conflitos entre o Estado e as reivindicações feministas. A AIDS surgiu num período em que o movimento feminista discutia com o Estado questões mais amplas e a garantia de políticas públicas voltadas para as mulheres.<sup>122</sup>

As ações e discussões promovidas pelo movimento feminista, tanto a nível internacional como em nível nacional, buscavam promover formulações que garantissem os

<sup>117</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 46.

<sup>118</sup> BARBOSA, Regina Maria. Feminismo e Aids. In: PARKER, Richard G.; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996. p. 164.

<sup>119</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 103.

<sup>120</sup> MUSSKOPF, 2012, p. 276-290. Por exemplo, PEREIRA, Nancy Cardoso. *Igrejas e Aids (2): perspectivas bíblicas e pastorais*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Religião, 1990; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Aids e religião: aproximações ao tema*. *Impulso*, Piracicaba, v. 13, p. 21-39, set./dez. 2002.

<sup>121</sup> ROCHA; VIEIRA; LYRA, 2013, p. 131.

<sup>122</sup> BARBOSA, 1996, p. 160-163.

direitos sexuais e os direitos reprodutivos das mulheres. Este tema é importante quando se trata de mulheres vivendo com HIV e AIDS e as questões relacionadas à reprodução, uma vez que o vírus pode ser transmitido da mãe para o bebê durante a gestação.<sup>123</sup>

A AIDS, desde o início, foi sendo tratada como uma questão masculina. Inicialmente relacionada à homossexualidade, conforme já abordado anteriormente. Entretanto, ao longo dos anos percebeu-se que a principal forma de transmissão do vírus tem se dado através de relações heterossexuais, conforme análise dos dados epidemiológicos. Enquanto o HIV e a AIDS eram compreendidos como uma doença que afeta principalmente os homens, pouca atenção foi dada às mulheres nesse contexto. “A vulnerabilidade das mulheres frente ao HIV/AIDS e o impacto da epidemia nas suas vidas têm sido colocados como questão secundária – cercada quase sempre, pelo silêncio e descaso tradicionalmente associados com a sexualidade e a saúde femininas”.<sup>124</sup>

Dessa forma foi se dando um processo que passou a ser chamado por alguns/as especialistas de processo de “feminização da epidemia”. Conforme Bastos, a feminização da epidemia se caracteriza pelo envolvimento cada vez maior das mulheres na epidemia de HIV e AIDS, através de relações heterossexuais, evidenciando as desigualdades sociais e de gênero que colocam as mulheres em posição de inferioridade e com poucas condições de negociação de relações seguras. A feminização pode ser percebida também através do aumento da mortalidade entre as mulheres em decorrência da AIDS em comparação com a mortalidade de homens.<sup>125</sup> “Vale ressaltar que em nenhuma outra parte do mundo, a epidemia de HIV/AIDS sofreu transformações tão profundas e uma feminização tão rápida como no Brasil”.<sup>126</sup>

A feminização da epidemia ocorreu de maneira diferente em cada contexto, influenciada por diversos fatores. No Brasil, a feminização do HIV e da AIDS não aconteceu de uma hora para outra, mas passou por diferentes fases:

A primeira fase, até 1986, quando a transmissão pela via sexual era a mais importante, sendo, naquele momento, as parcerias com homens que fazem sexo com homens (HSH) e homens transfundidos as mais frequentes. Nesse período era também relevante a transmissão pela transfusão sanguínea. A segunda fase, do fim da década

<sup>123</sup> ROCHA; VIEIRA; LYRA, 2013. p. 131. Sabe-se que este tema é bastante amplo e que merece uma discussão mais abrangente, no entanto, apenas pretende-se levantar algumas questões que se relacionam com a vulnerabilidade das mulheres no contexto da epidemia. Estas questões relacionadas à discussão de gênero e à teologia feminista voltarão a ser discutidas no decorrer desta tese.

<sup>124</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 7.

<sup>125</sup> BASTOS, 2001, p. 7-10.

<sup>126</sup> REIS, Ana Lúcia; XAVIER, Iara de Moraes. Mulher e AIDS: rompendo o silêncio de adesão. *Revista brasileira enfermagem*, Brasília, v. 56, n. 1, p. 28-34, fev. 2003. p. 29. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672003000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672003000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 jun. 2016.

de 80 ao início da década de 90, em que o uso de drogas injetáveis aparece como uma importante forma de infecção pelo HIV, particularmente na Região Sudeste do país; e a terceira fase, do início dos anos 90 até o presente momento, que apresenta nítido predomínio da prática heterossexual como forma de transmissão do HIV para as mulheres.<sup>127</sup>

Acreditava-se, inicialmente, que a maioria das mulheres não estava em risco com relação ao HIV e à AIDS, uma vez que elas não se enquadravam no perfil de pessoas afetadas pela epidemia que vinha sendo divulgada, tais como homossexuais, usuários/as de drogas, profissionais do sexo. Esse fato contribuiu para que as mulheres fossem diagnosticadas de forma tardia, pois as mulheres demoravam mais para procurar o atendimento médico e também o diagnóstico era feito tardiamente.<sup>128</sup>

Embora o número de casos de AIDS em mulheres crescesse anualmente, elas não eram foco das campanhas de prevenção. Somente em 1994 as primeiras campanhas voltadas para as mulheres ganharam a mídia. Segundo Parker e Galvão, no entanto, essas campanhas não atingiam seu objetivo, pois procurariam:

o uso do preservativo masculino por parte das mulheres sexualmente ativas - sem reconhecer, no entanto, que os homens, muito mais do que as mulheres, controlam o uso de preservativos, e que a negociação sexual relativa ao seu uso tem lugar no contexto de antigas e profundamente incutidas desigualdades que estruturam as relações de poder e de gênero na sociedade brasileira.<sup>129</sup>

As estratégias de prevenção devem levar em conta os diferentes públicos que querem atingir. Quando se pensa nas mulheres, em situações de violência doméstica ou opressão sexual, por exemplo, precisam ser consideradas outras questões do que quando se trabalha com mulheres cujo meio social oferece melhores condições de negociação de práticas sexuais.<sup>130</sup>

No campo da sexualidade também é preciso considerar a influência de questões religiosas e a segurança que as instituições religiosas pregam, especialmente com relação ao casamento. É comum que as instituições religiosas ensinem que a vivência da sexualidade se restringe ao casamento. A castidade e fidelidade<sup>131</sup> são considerados fatores importantes na

<sup>127</sup> SANTOS, Naila J. S. et al. Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. S321-S333, 2009. p. S321s. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2009001400014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2009001400014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 jun. 2016.

<sup>128</sup> REIS; XAVIER, 2003, p. 29.

<sup>129</sup> PARKER e GALVÃO, 1996, p. 10.

<sup>130</sup> PARKER, 2000, p. 39.

<sup>131</sup> A fórmula desenvolvida para responder à pandemia é conhecida como a abordagem ABC. A=abstinence (abstinência); B=be faithful (seja fiel) e C=use condoms (use preservativos). Em alguns círculos, uma fórmula diferente foi desenvolvida: SAVED (salvo). S=safest practice (prática mais segura); A=availability of medication (acesso à medicação); V=voluntary virus testing (teste voluntário para o vírus); E=education and correct information (educação e informação correta) e D=diet (dieta). LOUW, Daniel. A transformação da

vivência da sexualidade.<sup>132</sup> Devido a essas crenças as mulheres casadas “acreditavam que, cumprindo com os papéis a ela atribuídos, segundo a norma familiar, estaria distante da AIDS, distante daqueles e daquelas mais vulneráveis ao contágio”.<sup>133</sup> As tradições religiosas contribuíram para manter o silêncio sobre questões relacionadas à sexualidade, HIV e AIDS, criando uma cultura do silêncio especialmente para as mulheres. “A cultura do silêncio e submissão significa que, muitas vezes, as mulheres não recorrem a tratamentos, particularmente para infecções sexualmente transmissíveis como HIV e AIDS, por medo da estigmatização e condenação”.<sup>134</sup>

Conforme Junges, o discurso religioso, em muitos momentos, contribuiu para reforçar o estigma e a discriminação que afetava as pessoas vivendo com HIV e AIDS. A doença entendida como um castigo de Deus pelo comportamento desvirtuado provocou pânico geral, e aumentou os discursos moralizadores sobre o sexo.<sup>135</sup> Desta forma, o sexo que já era considerado assunto tabu, recebeu uma conotação ainda mais negativa. A AIDS trouxe à tona não apenas questões de saúde pública, mas também “foi a alavanca capaz de trazer à tona temas e aspectos da sexualidade considerados tabus ou ainda, a nossa cegueira a respeito da sexualidade humana, que é aprofundada pela falta de teorias e métodos capazes de desvendar a relação HIV – sexualidade”.<sup>136</sup>

Para muitas tradições cristãs a vivência da sexualidade está atrelada à reprodução, especialmente no que diz respeito à sexualidade das mulheres. Segundo Souza:

O casamento seria o único lugar legítimo para a experiência sexual, tendo como fim último a geração de filhos. A concepção do sexo para a procriação certamente tem maiores consequências para as mulheres, que são mais sobrecarregadas com os encargos culturais da maternidade. Além disso, essa concepção fragiliza as mulheres

---

teoria teológica dentro da pandemia de HIV e AIDS. *Estudos Teológicos*, v. 52, n. 2, p. 306-321, jul/dez. 2012. p. 307. A autora Hinga discute a questão dos métodos de prevenção ao HIV, como a castidade, abstinência sexual e a prática do sexo seguro, pensando especialmente na prevenção às mulheres. In: HINGA, Teresia Mbari. *AIDS, Religion and Women in Africa: Theo-Ethical Challenges and Imperatives*. In: HINGA, Teresia M. et al. *Women, Religion and HIV/AIDS in Africa*. Responding to Ethical and Theological Challenges. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2008. p. 76 -104.

<sup>132</sup> PUELLO OROZCO, Yury. *Mulheres, AIDS e religião*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2002. p. 19 e 22.

<sup>133</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 24.

<sup>134</sup> AYANGA, Hazel. Religio-cultural challenges in Women’s Fight against HIV/AIDS in Africa. In: HINGA, Teresia M. et al. *Women, Religion and HIV/AIDS in Africa*. Responding to Ethical and Theological Challenges. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2008. p. 34- 48, à p. 41.

<sup>135</sup> JUNGES, José Roque. A questão ética da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida: do preconceito à solidariedade. In: JUNGES, José Roque. *Bioética*. Perspectivas e desafios. São Leopoldo: Unisinos, 1999. p. 187-204, à p. 189.

<sup>136</sup> SUDBRACK, 2005, p. 91.

inclusive no processo de negociação para o uso do preservativo. Em tempos de AIDS, esse é mais um agravante para as mulheres.<sup>137</sup>

Essa compreensão também está presente em algumas culturas africanas, por exemplo, nas quais há crença de que tudo é controlado por Deus (ou pelo mundo espiritual). As boas ações são recompensadas pela chuva, boas colheitas, pela continuidade da vida através dos descendentes e prosperidade. Os maus comportamentos são punidos através de doenças, epidemias, fome e morte. A partir desta compreensão o HIV e a AIDS são vistos como uma punição. Questões relacionadas à sexualidade, relações de gênero, casamento, doenças, morte são conectados através de práticas culturais e religiosas.<sup>138</sup>

Os altos índices de infecção por HIV e AIDS entre as mulheres são resultado de influências sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas. As relações desiguais de poder contribuem para o aumento de casos de HIV e AIDS entre as mulheres e dificultam o acesso das mulheres à educação e aos serviços de saúde. Desta forma, elas não recebem as informações corretas sobre o HIV e a AIDS, nem mesmo sobre os métodos de prevenção.<sup>139</sup>

O papel que homens e mulheres ocupam na sociedade são construídos socialmente e as diferenças entre os sexos são tidos como algo natural. Dentro de uma determinada compreensão dos papéis de gênero, “à mulher coube a paixão, ternura, maternidade (tudo que tem a ver com o mundo privado e doméstico). Ao homem coube a lógica, o raciocínio, a cultura e o mundo público/político”.<sup>140</sup> Essas diferenças estruturais, que são justificadas biologicamente e até mesmo como vontade divina, trazem consequências para a vida das mulheres, que vão desde baixa autoestima, submissão e até mesmo o entendimento de que elas não têm autonomia sobre o próprio corpo. “A Bíblia tem sido usada como âncora para fundamentar concepções em torno da sexualidade que a inscreveram no âmbito do proibido e perigoso, que precisa de normas e regras para exercer o controle”.<sup>141</sup> Isso interfere diretamente na forma como as mulheres lidam com questões relacionadas à epidemia de HIV e AIDS e as tornam vulneráveis ao contágio e, também reduzem o acesso das mulheres aos serviços de saúde e tratamento para o HIV.

<sup>137</sup> SOUZA, 2012, p.341.

<sup>138</sup> KAMAU, Nyokabi. African cultures and gender in the context of HIV and AIDS: probing these practices. In: HADDAD, Bev (Ed.). *Religion and HIV and AIDS: Charting the Terrain*. Durban: University of Kwazulu-Natal Press, 2011. p. 257-272, à p. 258.

<sup>139</sup> KAMAU, 2011, p. 258.

<sup>140</sup> DEIFELT, 2004, p.40.

<sup>141</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Itinerários e errâncias erótico-sexuais na Bíblia Hebraica*. Texto apresentado na aula inaugural do Curso de Teologia da Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS, no dia 7 de março de 2006. (Texto não publicado).

As relações desiguais de poder entre homens e mulheres contribuem para uma maior vulnerabilidade feminina para o HIV e AIDS. O uso da categoria de gênero na análise das relações entre homens e mulheres contribui para entender a vulnerabilidade das mulheres diante da epidemia do HIV e da AIDS.<sup>142</sup> A categoria de gênero ajuda a perceber as compreensões socialmente construídas e aceitas que colocam o homem em posição de privilégio diante das mulheres.<sup>143</sup> Segundo Ivone Gebara o conceito de gênero é um dos últimos conceitos de interpretação introduzidos pelo feminismo. Ele foi introduzido para afirmar algo mais amplo que sexo, pois as diferenças biológicas não são suficientes para explicar o comportamento de homens e mulheres. Para a autora: “gênero é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido de geração em geração”.<sup>144</sup> Ser homem e ser mulher é construído socialmente.

Essa categoria busca explicar as desigualdades existentes entre homens e mulheres na busca por relações mais justas e igualitárias entre os sexos. Esta categoria de análise é importante no contexto da epidemia de HIV e da AIDS, pois ajuda a compreender como a vulnerabilidade das mulheres a partir de fatores até então não considerados, tais como fatores sociais, culturais, econômicos e religiosos que são usados para determinar o papel que homens e mulheres ocupam na sociedade, mantendo as mulheres em posição de inferioridade e oprimidas por causa do seu sexo.

A discussão em torno das questões relacionadas a feminização do HIV e AIDS, segundo Valburga Streck, “aponta para conexões com a violência, a feminização da pobreza e a limitada participação feminina nas políticas específicas e nos processos de tomada de decisão. Enfrentar o HIV e sexualidade requer tocar na questão das relações de gênero sob o enfoque de relações de poder”.<sup>145</sup>

A falta de autonomia das mulheres em relação aos seus próprios corpos e sobre sua sexualidade é reforçada por construções sociais e dificultam o trabalho de prevenção ao HIV e à AIDS. As mulheres, embora tenham informações suficientes sobre as formas de transmissão

---

<sup>142</sup> Veja mais sobre violência de gênero em: SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 jun. 2016. Referências que discutem as questões de gênero: AQUINO, Maria Pilar. Teologia feminista latino-americana. *Cristianismo y sociedad*, Quito, v. 135-136, p. 9-28, 1998. E DEIFELT, Wanda. 2004. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: Interpretações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte, Paulinas/Loyola, 2003. p. 171-186, à p. 172. E ainda: CASTRO, Amanda Motta e OLIVEIRA, Kathlen Luana de (org.). *Desigualdade de gênero e as trajetórias latino-americanas: reconhecimento, dignidade e esperança*. São Leopoldo: EST, 2014.

<sup>143</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 25.

<sup>144</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 38.

<sup>145</sup> STRECK, 2012, p. 348.

e prevenção do HIV e AIDS, têm o seu direito à liberdade negados, através de relações sexuais forçadas. As construções sociais garantem o poder dos homens sobre as mulheres e por isso, a negociação de sexo seguro por parte das mulheres fica prejudicada.<sup>146</sup>

A submissão das mulheres está diretamente relacionada com a compreensão machista que perpassa o imaginário social e coloca as mulheres em uma posição de inferioridade em relação aos homens. Neste sentido, a categoria de gênero, como instrumento de análise da realidade, pode nos auxiliar a compreender a questão da vulnerabilidade das mulheres diante da epidemia de HIV e AIDS, pois ela nos ajuda a compreender e analisar as relações sociais a baseadas nas diferenças entre os sexos.<sup>147</sup>

Conforme Ivone Gebara, o conceito de gênero não é apenas uma categoria de análise, mas “um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundamentadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito à diferença”.<sup>148</sup> A categoria de gênero busca analisar como as construções sociais estabelecidas ajudam a definir os papéis ocupados por homens e mulheres na sociedade. Neste sentido, o uso desta categoria de análise da realidade ajuda a compreender porque se afirma que as mulheres são/estão mais vulneráveis ao HIV e AIDS devido a opressão e subordinação masculina. Conforme Elizabete Bicalho e Ivone Gebara, também as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres são questionadas e discutidas a partir do conceito de gênero.<sup>149</sup> Essas questões ficam evidentes no espaço que as mulheres ocupam. Enquanto a maior parte dos cargos de poder é ocupado por homens enquanto o lugar das mulheres é geralmente o espaço doméstico e a maternidade.

O uso da categoria de gênero, como ferramenta de análise das relações sociais, passou a ser utilizado pelos movimentos feministas, que atuava na reivindicação de direitos mais igualitários.<sup>150</sup> Embora possa-se relacionar o advento da epidemia da AIDS com conquistas em termos de autonomia das mulheres e a maior liberdade sexual, é preciso levar em conta quais são os fatores e estruturas sociais que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres. As construções sociais patriarcais e sexistas perpassam todas as camadas sociais e interferem na autonomia das mulheres, tanto no âmbito público quanto na vida privada. A violência praticada

---

<sup>146</sup> EGGERT, Edla. *Narrar Processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009. p. 30.

<sup>147</sup> SCOTT, Joan. A Useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-75, dez. 1986. p. 1067.

<sup>148</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio – uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 105.

<sup>149</sup> BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOTER (Org.) *Teologia e gênero*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003. p. 48. E GEBARA, 2001.

<sup>150</sup> STEFFEN, Luciana. Gênero e deficiência: Uma análise de gênero no cuidado de meninos e meninas com deficiência. In: MUSSKOPF, André S. et al (orgs.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014. p. 113.

contra as mulheres é entendida como algo natural e aumenta a vulnerabilidade das mulheres para o HIV e AIDS.<sup>151</sup> Os dados estatísticos não identificam, por exemplo, os índices de infecção por HIV através de relações violentas ou estupro, pois as vítimas não denunciam as agressões sofridas. Isto pode se dar porque “as mulheres enxergam com desconfiança os serviços de segurança pública, têm medo de represália por parte dos parceiros, procuram evitar exposição pública, dependem financeiramente do marido”.<sup>152</sup>

Em diferentes culturas essas questões impactam a epidemia de HIV e AIDS e a vida das mulheres de maneiras distintas. No contexto africano, por exemplo, determinadas práticas culturais e religiosas são fatores que podem contribuir para a transmissão do vírus. A utilização de instrumentos não esterilizados utilizados na realização de procedimentos cirúrgicos, mutilação genital feminina ou circuncisão masculina, rituais de iniciação sexual e práticas sexuais desprotegidas são alguns desses casos.<sup>153</sup> Há indícios de que a imagem negativa que se tem da sexualidade atualmente na cultura africana foi trazida junto com os colonizadores e o cristianismo. Rituais de iniciação sexual eram comuns tanto para homens quanto para mulheres nas comunidades africanas tradicionais, mas que deixaram de ser praticadas ou passaram a ser feitas em segredo após a chegada dos colonizadores.<sup>154</sup> As mulheres “envolvidas em religião e cultura (as que querem seguir os costumes do povo) devem se arriscar a serem chamadas de heréticas quebrando o silêncio e desafiar a cultura do silêncio sancionada bíblica e culturalmente”.<sup>155</sup>

Percebe-se assim que a cultura é um fator que aumenta a vulnerabilidade das mulheres em alguns contextos. “Não raro, os elementos da cultura são invocados para admoestar as mulheres, e há grupos que resistem a mudanças e que colocam a vida das mulheres em risco”.<sup>156</sup> Embora essas práticas não sejam realizadas em todos os lugares e nem da mesma forma como eram realizadas no passado, elas revelam de que forma questões culturais podem estar envolvidas nos processos de transmissão do HIV. Nesses casos, também a questão de gênero é

---

<sup>151</sup> MUSSKOPF, 2012, p.280 e 281. Veja mais em: MELO, 2003.

<sup>152</sup> AGUIAR, Rogério Oliveira. Sexismo e Violência Doméstica como entraves ao trabalho de prevenção ao HIV/AIDS. In: MENEZES, Marilu Nörnberg (org.). *Nem tão doce lar: uma vida sem violência: direito de mulheres e de homens*. Porto Alegre: FLD, 2012. p. 49.

<sup>153</sup> NKWI, Paul Nchoji; BERNARD, H. Russel; Culture, Behaviour and Aids in Africa. In: IGE, Segun; QUINLAN, Tim. *African Responses to HIV/AIDS: Between Speech and Action*. Durban: University of KwaZulu- Natal, 2012. p. 157.

<sup>154</sup> KAMAU, 2011, p. 262.

<sup>155</sup> Tradução própria: “Women involved in religion and culture must therefore run the risk of being called ‘heretics’ by speaking out, and thus defy the biblically and culturally sanctioned culture of silence to which they have been subjected, a silence which in the context of HIV/AIDS has lethal consequences”. AYANGA, 2008, p. 41.

<sup>156</sup> STRECK, 2012, p. 352.

algo relevante, uma vez que os papéis sociais destinados à mulheres e homens determina o seu grau de vulnerabilidade, em geral com prejuízo para as mulheres.

A realidade da AIDS faz repensar várias questões relacionadas ao dia a dia dos seres humanos, saúde, doença, morte, desigualdades sociais, relações de gênero e poder, sexualidade, fé e outras.<sup>157</sup> Nas últimas décadas as mulheres conquistaram avanços em diferentes áreas. Essas conquistas devem ser consideradas para a elaboração de políticas públicas e na atuação das instituições religiosas junto às comunidades, que tenham como objetivo diminuir a taxa de infecção de HIV em mulheres.

A ampliação do seu repertório de direitos, suas liberdades fundamentais e sua emancipação, a redução das desigualdades entre os gêneros, a superação dos valores morais restritivos e dos estigmas, o enfrentamento do racismo, e todas as formas de discriminação são ferramentas efetivas para o enfrentamento da feminização da epidemia de aids e outras DST.<sup>158</sup>

Não se pode unificar a forma como a epidemia da AIDS se deu no Brasil, tanto relacionado às formas de transmissão quanto ao perfil das pessoas infectadas. Os diferentes contextos sociais e culturais ao mesmo tempo em que influenciam as formas de transmissão da doença também determinam como a sociedade brasileira reagiu à epidemia.<sup>159</sup>

A epidemia do HIV e AIDS se expandiu de forma rápida entre as mulheres no Brasil, chegando a superar a taxa de crescimento da epidemia entre os homens, conforme dados anteriormente apresentados. É preciso lembrar que no início da epidemia os índices de subnotificação ainda eram elevados, o que leva a acreditar que mais mulheres estariam infectadas. A epidemia se espalhava de maneira silenciosa entre as mulheres, enquanto acreditava-se que as mulheres não faziam parte dos “grupos de risco”. Aliado a isso, as mulheres eram diagnosticadas mais tarde do que os homens, já que os sintomas iniciais da AIDS eram confundidos com outras doenças. Esses fatores também colaboravam para que as mulheres tivessem um tempo de sobrevida menor.<sup>160</sup>

---

<sup>157</sup> CARVALHAES, Flávia Fernandes de; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Histórias de vida de mulheres HIV + ativistas: mudanças e permanências. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 377-398, ago. 2012. p. 378. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200003>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

<sup>158</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 37.

<sup>159</sup> Parker utiliza a teoria da construção social da sexualidade para explicar que as políticas públicas voltadas para a contenção da epidemia devem levar em conta as diferenças entre os indivíduos e os grupos de indivíduos. Segundo ele, o feminismo e a categoria de gênero ajudam a perceber a multiplicidade das diferenças sociais e culturais. Ver mais em: PARKER, 2000, capítulo 3.

<sup>160</sup> BARBOSA, 1996, p. 154.

A feminização do HIV e da AIDS é um problema que afeta não apenas as mulheres, mas também aqueles/as que vivem e convivem com elas. Geralmente são as mulheres que têm a tarefa de cuidar não apenas das crianças, mas também das pessoas doentes.

Os temores da morte, do desemprego e da desorganização familiar decorrentes do diagnóstico também são fatores de contínuo estresse para quem vive ou convive com o HIV. No caso das mulheres, as responsabilidades oriundas da necessidade de cuidar dos filhos ou do parceiro afetado pelo HIV, bem como, muitas vezes, de sustentar suas famílias, são impactos adicionais sobre sua saúde física e mental.<sup>161</sup>

Diversos fatores contribuem para uma maior vulnerabilidade das mulheres, especialmente nos países mais pobres. Conforme Bastos:

Como nos múltiplos riscos a que estão submetidas mulheres de países em desenvolvimento, onde existe marcada desigualdade de gênero. A título de exemplo, citaríamos a violência sexual dirigida às mulheres, adolescentes e crianças do sexo feminino na África do Sul (Leclerc-Madlala, 1997), ou a profunda dependência econômica das mulheres de diversos países do sudeste da Ásia (Mboi, 1996). A combinação da violência material e simbólica, da “dupla moral” no que diz respeito ao comportamento sexual de homens e mulheres no âmbito da família e da sociedade, da assimetria na capacidade de tomar decisões e efetivá-las, e a ausência de canais por onde manifestar queixas e resolver pendências – pelo diálogo ou via legal – faz com que seja mais difícil para as mulheres: ter acesso a informações adequadas e atualizadas, uma vez dispendo delas modificar seus comportamentos e, uma vez alterados estes comportamentos, manter estas mudanças nas interações cotidianas.<sup>162</sup>

Em países em que os índices de pobreza são elevados aumenta também a vulnerabilidade para o HIV, especialmente para as mulheres. Muitas mulheres dependem economicamente dos seus parceiros e, por isso, também se submetem a condições que as expõe ao risco. A maior parte das mulheres infectadas pelo HIV pertence às classes mais baixa da sociedade e, conseqüentemente, possuem uma escolaridade mais baixa.<sup>163</sup> A dependência financeira faz com que as mulheres se tornem mais submissas aos seus companheiros. “A falta de autonomia financeira e emocional, dificuldades para negociar o uso do preservativo, relações sexuais forçadas, comércio sexual e outras formas de submissão permeiam o aumento da epidemia entre mulheres”.<sup>164</sup> Todos esses fatores contribuíram para o aumento da epidemia entre as mulheres que, em 2003, já representavam 50 % do número de casos de AIDS registrados no mundo.

---

<sup>161</sup> MELO, 2003, p. 24.

<sup>162</sup> BASTOS, 2001, p. 11.

<sup>163</sup> TRASFERETTI, José Antônio; LIMA, Livia Ribeiro. *Teologia, sexualidade e Aids*. Aparecida: Santuário, 2009. p. 80.

<sup>164</sup> MELO, 2003, p. 5.

A violência sexual e doméstica à qual muitas mulheres em diferentes partes do mundo estão submetidas é outro fator de vulnerabilidade para o HIV e AIDS.<sup>165</sup> As relações desiguais de poder impedem que as mulheres tenham o mesmo acesso que os homens aos bens materiais, sistema de educação e ofertas de empregos. Com menos acesso à educação e possibilidades de trabalho bem remunerado escassas, as mulheres tornam-se dependentes de seus companheiros e acabam se sujeitando a situações que as colocam em situação de submissão.<sup>166</sup> Segundo Musa Dube “algumas mulheres, embora sejam economicamente capazes de sustentar a si próprias, elas se sentem cultural e religiosamente forçadas a continuar nesse tipo de relacionamentos”.<sup>167</sup> No continente africano, por exemplo, vem sendo realizadas pesquisas que buscam analisar a relação entre mulheres que sofreram violência e a infecção por HIV e AIDS, embora seja difícil identificar, pois as mulheres entendem que devem suportar a violência dentro das relações, uma vez que precisam do parceiro para sobreviver.<sup>168</sup>

No caso das mulheres que trabalham fora de casa, o HIV e AIDS traz consequências econômicas, pois elas ficam impossibilitadas de trabalhar para dedicar tempo e cuidar da própria saúde ou de seus/suas familiares. A AIDS entre as mulheres escancara todas as dificuldades enfrentadas por elas na sociedade, “pobreza, violência, submissão, desemprego, salários diferenciados nos mesmos cargos e funções... são as vulnerabilidades da mulher”.<sup>169</sup>

Relações sexuais violentas dentro e fora de casa são usadas por muitos homens para demonstrar poder sobre as mulheres, que além da vergonha e humilhação ainda sofrem com os efeitos físicos que rompem com a dignidade das mulheres.<sup>170</sup> Segundo Ceccon e Meneghel, “mesmo que os homens tenham infectado as companheiras, observa-se que elas são acusadas pela transmissão da doença e por suposta traição, isentando-os da responsabilidade”.<sup>171</sup> As

<sup>165</sup> DEIFELT, 2004, p. 39.

<sup>166</sup> BASTOS; SZWARCOWALD, 2000, p. 70.

<sup>167</sup> Tradução própria: “Some women, however, may very well be economically capable of supporting themselves, yet they still feel culturally and religiously bound to remain in such relationships”. DUBE, Musa W. *Grant Me Justice: Towards Gender-Sensitive Multi-sectoral HIV/AIDS Readings of the Bible*. In: DUBE, Musa W.; KANYORO Musimbi. *Grant Me Justice! HIV/AIDS & Gender Readings of the Bible*. New York: Cluster Publications e Orbis Books, 2004. p. 9.

<sup>168</sup> AJUWOM, 2012, p. 219.

<sup>169</sup> BERNARDI, 2004, p. 24. A violência contra a mulher pode ser perebida de diferentes formas: “A violência contra a mulher se expressa na violência doméstica, sexual, moral, patrimonial, entre outras formas desiguais de poder que colocam as mulheres em posição desfavorável. Por violência doméstica entende-se “a omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. BRASIL. *Lei nº 11.340*, de 7 de agosto de 2006. Artigo 5º. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 13 mai. 2016.

<sup>170</sup> JAMES, 2008, p. 13.

<sup>171</sup> CECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth. HIV/AIDS: enfrentando o sofrimento psíquico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 1813-1814, set. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2012000900023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2012000900023&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

mulheres infectadas sofrem com a culpabilização que a sociedade impõe, através dos comportamentos socialmente aceitos. A relação feita entre a AIDS e pessoas supostamente com comportamentos desregrados (uso de drogas prostituição, homossexualidade) fizeram com que a doença ficasse carregada de estigma e preconceito. Esses fatores aumentam a culpabilidade das mulheres, que além de sofrerem com a doença, sofrem também com estigmas<sup>172</sup> associados à doença.<sup>173</sup>

A sexualidade das mulheres soropositivas em tratamento torna-se algo reprimido, feio, que deve ser punido e evitado. Os tabus decorrentes desse fato reforçam que as práticas sexuais devem ser para determinadas pessoas, limpas, sem nenhum tipo de risco. Isso, no contexto da AIDS, acaba por privar as mulheres do direito de exercer a sexualidade sem pudor, sem ressentimento, ou culpa por algo que aconteceu.<sup>174</sup>

Há uma expectativa de que as mulheres são responsáveis em garantir que estejam prevenidas contra infecções sexualmente transmissíveis, por isso, “se a mulher está infectada, deve ser porque é de moral baixa ou sem moral. Este estigma sozinho pode ser uma fonte de terrível sofrimento psicológico. Mulheres são culpabilizadas por situações sobre as quais não tem controle”.<sup>175</sup>

As mulheres continuam a ver a AIDS como uma doença que atinge outros grupos de pessoas e elas, especialmente através do casamento, se sentem protegidas. Embora seja mais facilmente aceito culturalmente que os homens tenham relacionamentos fora do casamento, das mulheres espera-se que não tenham relações extra-conjugais.<sup>176</sup> As construções patriarcais, que determinam o papel de homens e mulheres atrelam a sexualidade das mulheres a reprodução. “O sexo é visto como mais uma obrigação doméstica da mulher, mas que é, sobretudo, um

<sup>172</sup> Veja mais sobre estigma e AIDS em: GARCIA, Sandra; KOYAMA, Mitti Ayako Hara. Estigma, discriminação e HIV/Aids no contexto brasileiro, 1998 e 2005. *Revista. Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 72-83, jun. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102008000800010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102008000800010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

<sup>173</sup> LEMOS, Larissa de Araújo; FIUZA Maria Luciana Teles; GALVÃO Marli Teresinha Gimeniz. Cotidiano feminino da vivência com o HIV em grupo de autoajuda. *Revista Rene*, Fortaleza, v. 12, n. 3, p. 613-20, jul/set 2011. p. 617. Disponível em: <[http://www.revistarene.ufc.br/vol12n3\\_pdf/a23v12n3.pdf](http://www.revistarene.ufc.br/vol12n3_pdf/a23v12n3.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

<sup>174</sup> HENRICH, Giovana; GRAEFF, Betina; PEREIRA, Larissa R.; KERN, Francisco Arseli. A Questão de gênero na relação com a AIDS: a sexualidade e a maternidade em foco. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE POLITICAS PUBLICAS, INTERSETORIALIDADE E FAMILIA, Porto Alegre, 2013. *Anais do Seminário internacional sobre políticas públicas, intersectorialidade e família: Desafios éticos no ensino, na pesquisa e na formação profissional*. Porto Alegre: PUC-RS, 2013. p. 1-11, à p. 6s. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/1.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>175</sup> AYANGA, 2008, p. 40. Texto no idioma original: “If the woman is infected, it must be because she is of low or lose moral. This stigma alone can be a source of terrible psychological suffering. Women are made to feel guilty for situations over which they have no control”.

<sup>176</sup> MAKSUD, Ivia. Em torno da heterossexualidade: notas sobre mídia e relacionamentos sorodiscordantes. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard G. *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempo de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 21.

desejo do marido. É próprio do homem ter ‘necessidades sexuais’ e dever da mulher satisfazê-las, principalmente, sendo esposa e provida pelo parceiro”.<sup>177</sup>

Os ensinamentos religiosos que pregam a castidade antes do casamento e a fidelidade após o casamento, entendem e ensinam que o casamento é um fator de proteção do HIV e AIDS. A expectativa das mulheres é de que os companheiros/maridos também se mantenham fieis, assim como elas. No entanto, em muitos casos essa confiança expôs e continua a expor as mulheres ao risco de contaminação ao HIV e AIDS.<sup>178</sup>

A sexualidade é uma dimensão importante da vida humana, mas pode trazer implicações para a vida das mulheres quando modelos patriarcais definidos por homens é que governam a sexualidade das mulheres.<sup>179</sup> A relação sexual não é entendida como um lugar de prazer para as mulheres, mas apenas para os homens. Para as mulheres a relação sexual está atrelada à procriação. A baixa escolaridade e falta de acesso à informação adequada faz com que as mulheres, especialmente aquelas pertencentes aos estratos mais pobres “ficam dependentes exclusivamente dos conhecimentos da sabedoria popular, o que as leva a criarem fantasias e medos em relação ao próprio corpo”.<sup>180</sup> Com a sexualidade reprimida, as mulheres não conhecem o próprio corpo e por isso não são capazes de viver sua sexualidade de maneira plena.

Uma das maneiras mais eficazes de se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis bem como do HIV e AIDS é através do uso de preservativos em todas as relações sexuais. No entanto, o preservativo normalmente não é visto como método contraceptivo, uma vez que existem outros métodos que normalmente são usados pelas mulheres, como é o caso dos anticoncepcionais, DIU (Dispositivo Intrauterino) e a laqueadura. No caso das mulheres mais velhas que não estão mais em idade reprodutiva, elas não percebem o preservativo como algo necessário, pois já não estão mais em idade de ter filhos/as.<sup>181</sup> Também é preciso considerar que “mulheres de todas as idades, por força das desigualdades de gênero, se veem enfraquecidas na negociação pelo uso do preservativo, o que as deixa mais vulneráveis à contaminação”.<sup>182</sup> A proteção da mulher durante as relações sexuais vai depender da vontade masculina de usar ou não o preservativo.

---

<sup>177</sup> NASCIMENTO, 2005, p. 83.

<sup>178</sup> LEMOS; FIUZA; GALVÃO, 2011, p. 617.

<sup>179</sup> AYANGA, 2008, p. 39.

<sup>180</sup> NASCIMENTO; BARBOSA, 2005, p. 80.

<sup>181</sup> BARBOSA, 1996, p. 157.

<sup>182</sup> SOUZA, 2012, p.336.

Diferentes fatores interferem no uso ou não de preservativos nas relações sexuais, conforme Maia, Guilhem e Freitas:

Os comportamentos preventivos, mesmo conhecidos pelos sujeitos, não são praticados na maioria das situações (vulnerabilidade individual). Desigualdades de renda e gênero interferem tanto na aquisição de informações, como na tomada de decisão para a prevenção da AIDS (vulnerabilidade social). Papéis masculinos e femininos estabelecidos culturalmente interferem substancialmente nas decisões sobre prevenção do HIV e AIDS escolhidas pelos indivíduos (vulnerabilidade cultural).<sup>183</sup>

Observa-se que tanto homens quanto mulheres têm rejeitado o uso de preservativos, especialmente entre parceiros fixos.<sup>184</sup> Conforme Berer e Ray, “muitas pessoas usam camisinha algumas vezes, mas nem sempre, ou com alguns parceiros, mas não com outros. Muitos homens e mulheres estão mais dispostos a usar camisinha com parceiros eventuais do que com seus esposos ou companheiros”.<sup>185</sup> Se no início do relacionamento o casal faz uso do preservativo, na medida em que o relacionamento vai se tornando sério o seu uso é deixado de lado. Não usar o preservativo pode ser entendido como uma prova de amor e insistir em continuar usando pode ser interpretado como se estivesse questionando a fidelidade do parceiro.<sup>186</sup>

Ainda que a infidelidade masculina possa ser presumida, o homem deve manter as aparências, porquanto ela não é confessável. Para estes homens, a expressão da sexualidade masculina é vista como mais intensa e incontrolável que a da mulher, necessitando de satisfação imediata.<sup>187</sup>

Falta de educação sexual e informações a respeito do uso correto do preservativo alimentam a crença de que o preservativo diminuiu o prazer sexual. O uso do preservativo feminino não é amplamente discutido e a maioria das mulheres não conhece ou não sabe como usá-lo. Constata-se que é necessário investir também na educação da população masculina quanto à importância do uso de preservativo em todas as relações e de que o seu uso não interfere em nada no desempenho sexual masculino.<sup>188</sup> Também entre as mulheres há certa resistência em adotar o uso do preservativo. O fato de uma mulher ser vista com preservativo pode ser entendido como se ela estivesse disponível ou até mesmo procurando sexo. As

---

<sup>183</sup> MAIA, Christiane; GUILHEM, Dirce; FREITAS, Daniel. Vulnerabilidade ao HIV/Aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 242-248, ab. 2008. p. 247. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102008000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 mai. 2016.

<sup>184</sup> MAKSUD, 2004, p. 18.

<sup>185</sup> BERER e RAY, 1997, p. 189.

<sup>186</sup> SUDBRACK, 2005, p. 24.

<sup>187</sup> TRASFERETTI, 2009, p. 92.

<sup>188</sup> BERNARDI, 2004, p. 24.

mulheres são ensinadas de que é o homem que decide quando e com quem ter relações sexuais, assim como também cabe a ele decidir quanto ao uso ou não de preservativos. A discussão a respeito da prática de sexo seguro carece de levar em conta fatores como as diferenças nas relações de poder entre homens e mulheres e as construções sociais que definem a maneira como deve ser o comportamento sexual de homens e mulheres.<sup>189</sup>

Além de todos os fatores sociais e culturais a vulnerabilidade das mulheres também está relacionada a fatores biológicos. “A superfície da mucosa vaginal exposta ao sêmen é relativamente extensa, e o sêmen tem uma concentração de HIV (livre e no interior das células) significativamente maior do que o líquido vaginal”.<sup>190</sup> Além disso, pequenos ferimentos na região genital facilitam a entrada do vírus no organismo feminino. Outro fator que contribui para a maior vulnerabilidade feminina são as DSTs ou, segundo Bastos, as ISTs (infecções sexualmente transmissíveis). As DST’s são muitas vezes assintomáticas e quando não tratadas afetam a região íntima, facilitando a entrada do vírus no organismo feminino.<sup>191</sup> A vulnerabilidade das mulheres vai além de fatores biológicos. Ainda que hajam essas diferenças biológicas elas tornam-se significativas no contexto das desigualdades de gênero, quando mulheres não têm o poder de decidir sobre seu corpo e sobre formas seguras de sexo.

O HIV e AIDS estão mais presentes entre homens e mulheres em idade reprodutiva. O fato de o vírus permanecer por muitos anos no organismo e não apresentar sintomas contribui para que muitas pessoas vivam com o vírus e não saibam. É comum que as mulheres descubram que têm o vírus durante a gestação “comprometendo a possibilidade de início precoce do tratamento e conseqüente chance de usufruir da medicação disponível gratuitamente na rede pública”.<sup>192</sup> Além disso, há risco de transmissão vertical. Sem um acompanhamento adequado os riscos de os bebês nascerem com o vírus é bastante elevado.

Para evitar que o HIV seja transmitido da grávida para o feto, o primeiro passo é saber se há indicação de tratamento para a mulher. Caso haja, deve-se iniciar a terapia visando a redução rápida da carga viral. Se não existe indicação de tratamento para a

---

<sup>189</sup> BARBOSA, 1996, p. 158 e 159.

<sup>190</sup> BASTOS, 2001, p. 11.

<sup>191</sup> As lesões provocadas pelas DST possibilitam a entrada do vírus no organismo, aumentando os riscos de uma pessoa se infectar pelo HIV em até 10 vezes no caso de sífilis, 6 vezes no caso da clamídia, 9 vezes nos casos de herpes genital e gonorreia e em até 18 vezes pela presença de úlceras genitais, por exemplo. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 20.

<sup>192</sup> PAIVA, Vera et al. Sexualidade de mulheres vivendo com HIV/AIDS em São Paulo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1609-1619, dez. 2002. p. 1618. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2002000600015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2002000600015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

mulher, o uso da medicação na gravidez terá apenas a finalidade de não permitir a transmissão do HIV para o feto.<sup>193</sup>

O teste de HIV atrelado ao pré-natal é de fundamental importância para reduzir o número de casos de transmissão vertical, já que:

No Brasil, a maior parte das mulheres descobre que tem HIV na rotina do pré-natal ou quando do aparecimento de doença oportunista, sua ou do parceiro, situações em que a mulher já está fragilizada. Esta fragilidade é ainda muitas vezes agravada pela suspeita da infidelidade do parceiro e pela dor e insegurança daí decorrentes, por sentimento de culpa pela infecção e, no caso das grávidas, pela preocupação com a saúde do bebê.<sup>194</sup>

Diante disto, percebe-se que as questões em torno dos direitos reprodutivos das mulheres soropositivas carecem de discussões mais aprofundadas no contexto brasileiro. Muitas vezes, as mulheres não recebem informações claras ou suficientes dos serviços de saúde sobre as possibilidades existentes de ter um/a filho/a.

O aconselhamento para o planejamento familiar dessas mulheres ainda não é uma ação sistemática ou mesmo prevista na maioria dos programas de Aids. Mesmo serviços considerados de boa qualidade de atendimento não atentaram para essa questão de gênero, de fundamental importância.<sup>195</sup>

Questões como os índices de carga viral e imunidade das mulheres devem ser considerados. No entanto, não se pode deixar de oferecer um serviço de saúde que seja capaz de esclarecer todas as dúvidas das mulheres que pretendem ter filhos/as, inclusive os riscos sobre uma possível transmissão do vírus para o bebê, que é maior quando o uso dos medicamentos antirretrovirais não é usado de maneira correta.<sup>196</sup>

Outro tema que é pertinente e diz respeito à realidade de mulheres com HIV e AIDS, que tem se tornado cada vez mais comum, é que essas mulheres queiram iniciar novos relacionamentos. A principal forma de transmissão da doença é através de relações sexuais desprotegidas em que um/a dos/as parceiros/as estava infectado com o vírus HIV. Já foram abordados vários fatores que contribuem para a maior vulnerabilidade das mulheres diante da epidemia. Entretanto, é necessário refletir sobre questões que estão relacionadas à vivência

---

<sup>193</sup> MELO, 2003, p. 14.

<sup>194</sup> MELO, 2003, p. 13.

<sup>195</sup> SANTOS, 2002, p. 20.

<sup>196</sup> SILVA, Lucilane Maria Sales da et al. Cotidiano de mulheres após contágio pelo HIV/AIDS: subsídios norteadores da assistência de enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 335-342, jun. 2013. p. 338. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010407072013000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072013000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

saudável da sexualidade de homens e mulheres que vivem com o vírus. As discussões sobre os direitos reprodutivos de pessoas que vivem com HIV e AIDS não são discutidas de forma ampla.<sup>197</sup> O medo de reinfecção ou de infectar outras pessoas exerce pressão sobre a vida das mulheres. É comum que as mulheres abram mão de ter novas relações por medo de infectar o parceiro ou de serem abandonadas por ele quando este souber de seu diagnóstico. “Trata-se de superar a superficialidade como o tema da sexualidade é tratado”.<sup>198</sup>

A melhoria das condições de vida das pessoas vivendo com HIV graças ao uso de medicamentos antirretrovirais trouxe novos modelos de relacionamento, em que um/a dos/as parceiros/as é soropositivo e outro não. Essas relações recebem o nome de sorodiscordantes.<sup>199</sup> Embora essas relações sejam cada vez mais comuns ainda existem dúvidas, especialmente quanto à eficácia dos métodos para evitar a transmissão do vírus.

Segundo o Ministério da Saúde, a expectativa de vida das pessoas com HIV e AIDS aumentou significativamente:

No início da epidemia a sobrevida - tempo decorrido desde o diagnóstico até o óbito - de uma pessoa com AIDS era, em média, de 190 dias a 13 meses. Hoje, com os avanços no tratamento, que incluem a terapia combinada com drogas anti-retrovirais e a prevenção das infecções oportunistas, a sobrevida após o diagnóstico da infecção pelo HIV é de 10 anos em média, sendo que para pacientes com diagnóstico de AIDS instalada a sobrevida média aumentou para mais de dois anos.<sup>200</sup>

O aumento da sobrevida das pessoas com HIV e AIDS mudou também o perfil dos relacionamentos das pessoas infectadas. É comum que as pessoas que vivem com HIV e AIDS sintam medo de infectar o/a parceiro/a que não tem o vírus, e por isso, procuram ter relacionamentos apenas com outras pessoas soropositivas, pois assim não precisariam conviver com a culpa de ter infectado outra pessoa. “Além da ideia de que apenas com uma pessoa HIV+ (positivo) seria possível compartilhar a experiência da doença”.<sup>201</sup>

<sup>197</sup> Veja mais sobre o assunto em: PAIVA, Vera. Sem mágicas soluções: a prevenção eo cuidado em HIV/AIDS eo processo de emancipação psicossocial. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 6, n. 11, p. 25-38, 2002. p. 60 e 61. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832002000200003&script=sci\\_abstract&lng=es](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832002000200003&script=sci_abstract&lng=es)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

<sup>198</sup> BERNARDI, 2004, p. 28.

<sup>199</sup> Veja mais em: ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. *Casais sorodiscordantes Dicas para uma vida saudável, segura e feliz*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. Disponível em: <[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/cartilha%20sorodiscordantes.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/cartilha%20sorodiscordantes.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2016. e REIS, Renata Karina; GIR, Elucir. Dificuldades enfrentadas pelos parceiros sorodiscordantes ao HIV na manutenção do sexo seguro. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 32-37, fev. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-1692005000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1692005000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

<sup>200</sup> MELO, 2003, p. 14.

<sup>201</sup> CARVALHAES; TEIXEIRA FILHO, 2012, p. 381.

Todas estas questões até aqui abordadas refletem a realidade das mulheres em relação à epidemia de HIV e AIDS no contexto da epidemia e evidenciam fatores sociais, culturais, econômicos e religiosos que contribuem para a vulnerabilidade feminina e o consequente aumento do número de casos de HIV e AIDS entre as mulheres no Brasil, e que igualmente afetam mulheres em outras partes do mundo.

A experiência de mulheres com HIV e AIDS é uma das questões centrais para o desenvolvimento desta Tese. Uma resposta efetiva de cuidado às mulheres com HIV e AIDS precisa estar ciente de todas essas questões que influenciam a forma como as mulheres com HIV irão encarar a sua experiência de ser soropositivas. A vulnerabilidade das mulheres no contexto da epidemia envolve diferentes questões, sobre as quais elas muitas vezes não possuem controle. O papel das intuições religiosas é ajudá-las a compreender todos esses fatores e oferecer auxílio para que possam encontrar nelas mesmas os recursos necessários para uma vida digna e justo com HIV e AIDS.

### **1.6 Mulheres com HIV e AIDS: experiências e trajetórias**

Até aqui foram abordadas questões gerais sobre a epidemia de HIV e AIDS para compreender como ela surge e se desenvolve, suas particularidades no contexto brasileiro e o perfil das pessoas e grupos atingidos com olhar especial para as mulheres. Entrando nessa questão específica tratou-se sobre como a epidemia tem atingido as mulheres olhando particularmente para os fatores de vulnerabilidade. Nesta última parte do capítulo quer se visibilizar e dar voz às mulheres com HIV e AIDS falando de suas experiências. Entende-se que este é um passo importante na reflexão teológica que propõe o uso de metodologias contextuais, como se verá no capítulo 2.

A evolução da epidemia do HIV e da AIDS entre as mulheres já foi amplamente discutida, apontando para as causas da vulnerabilidade entre as mulheres. No que segue serão apresentadas algumas falas de mulheres vivendo com HIV e AIDS a partir de relatos colhidos em bibliografias que tratam sobre o tema. O objetivo é elucidar a realidade e a experiência de mulheres com HIV e AIDS.

É comum as mulheres se sentirem responsáveis por estarem contaminadas, por não terem tomado cuidado ou culpabilizam o/a outro/a, visto que a contaminação está associada a algum tipo de comportamento equivocado e que deveria ter sido evitado. A questão da infidelidade masculina é a que mais aparece, mas em alguns casos também aparece a infidelidade feminina. Sara, entrevistada por Yury Orozco disse:

Existe muito preconceito sim. A pessoa fala que está com AIDS. Sabe-se lá de quem ela pegou AIDS. Sabe lá o que ela não andava fazendo para pegar essa doença; eles pensam assim por causa dessa bagunça que anda por aí afora, das mulheres estarem traindo os maridos. Então eles estão me condenando sem saber, eles pensam que essa doença é uma condenação; porque é assim o modo de eles falarem: poxa, ela tá assim, sabe lá de quem ela pegou. Eles pensam: Fulana está com essa doença porque ela quis: quem manda ela trair o marido, entendeu?..<sup>202</sup>

Os riscos de serem infectadas pelo vírus nem sempre são considerados pelas mulheres. Esse imaginário da AIDS como uma doença do outro continua até os dias de hoje, pois ainda permanece a ideia que de AIDS afeta apenas determinados grupos de pessoas e até mesmo entre as pessoas que pertenciam aos então chamados “grupos o risco” parece não ser considerado. Em 1986, quando se começava a falar de AIDS no Brasil, Magali, então com 22 anos, foi doar sangue para sua mãe, que faria uma cirurgia. O laboratório a chamou para um segundo teste, em que foi constatada a infecção por HIV. Ela diz: “Eu usava drogas quando jovem. Éramos uma turma de 30, 40 jovens inconsequentes. As pessoas não se cuidaram e foram adoecendo. Poucos estão vivos até hoje”.<sup>203</sup>

O uso de drogas, especialmente as drogas injetáveis, representou um fator de vulnerabilidade ao HIV e AIDS, conforme visto no início deste capítulo. Entretanto, pelos/as usuários/as de drogas este risco nem sempre é considerado como pode ser visto neste outro relato: “Eu usava drogas e quis mostrar para o meu marido atual que eu não era HIV-positivo, pedi para a gineco pedir o teste, daí deu positivo. Aí caiu o mundo”.<sup>204</sup>

A ideia de “grupos de risco” contribuiu para o imaginário de que o HIV e a AIDS afetavam um grupo de pessoas e quem não fazia parte destes grupos estaria protegido/a. Essa compreensão fica evidente na fala de Ruth em entrevista a Yury Orozco: “Eu imaginava que só drogado tinha essa possibilidade de obter esse vírus. É drogado, prostituta; eu não imaginava que também eu. Eu não conhecia esse tipo de transmissão, eu não tinha essa ideia”.<sup>205</sup>

As instituições religiosas contribuíram para reforçar a compreensão de que o casamento e a fidelidade manteriam as mulheres protegidas do HIV. No entanto, este fato contribuiu para que a epidemia se difundisse de maneira silenciosa entre as mulheres casadas, revelando as práticas sexuais humanas. As mulheres casadas não percebem o risco de serem infectadas, embora, em alguns casos, desconfiem da fidelidade dos parceiros. Pode-se perceber isso na fala de Judith:

<sup>202</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 50.

<sup>203</sup> Veja relatos em: LENHARO, Mariana. *Soropositivos contam como é viver com HIV hoje no Brasil*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/08/soropositivos-contam-como-e-viver-com-hiv-hoje-no-brasil-veja-relatos.html>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>204</sup> SANTOS, 2002, p. 20.

<sup>205</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 24.

Eu sempre fui dona de casa, mãe de família e tinha medo dessas coisas (AIDS). Acho que por ter tanto medo eu acabei pegando dentro da minha própria casa. Porque ele bebia muito, ele não tinha muita responsabilidade, chegava duas, três horas da manhã, bêbado. Fim de semana ele saía, na sexta-feira, e voltava no domingo à noite.<sup>206</sup>

As mulheres não eram vistas como vulneráveis e por isso, também as campanhas de conscientização não eram voltadas para esse público. Esses fatores contribuíram para que o HIV e a AIDS afetassem as mulheres. Solange diz:

Então, eu me enquadro naquele perfil das mulheres que estão numa relação estável, que só tem um parceiro, não são usuários de drogas, não são profissionais do sexo e, que as pessoas esquecem que são vulneráveis ao HIV.<sup>207</sup>

O uso do preservativo nas relações sexuais tem sido divulgado em diversas campanhas como um dos mais importantes e eficientes métodos de prevenção ao HIV, e também quando já estão infectadas para evitar reinfecção. No entanto, a educação sexual que muitas mulheres, especialmente as mais idosas, receberam não é eficaz, pois elas não foram ensinadas a usar preservativo e muitas vezes não consideram seu uso importante. As mulheres, especialmente as mais idosas, não sabem usar o preservativo. Além disso, a confiança no marido torna o uso do preservativo desnecessário. A fala de Sonia deixa as dificuldades que as mulheres enfrentam quanto ao uso da camisinha:

A maneira que eu acho é a camisinha, porque eu nunca usei. Eu nem sei como é que usa. Se um dia for ter que sair com alguém, eu não vou saber usar isso. Porque eu não sei o que é camisinha. Por isso que eu caí nessa. Todo mundo falava: 'Sonia, mesmo com seu marido, usa camisinha'. Eu falava: 'meu marido é fiel comigo, eu colocava a mão no fogo pelo meu marido. Hoje me arrependo.'<sup>208</sup>

Relacionamentos violentos marcam a vida das mulheres de forma negativa e aumentam a vulnerabilidade das mulheres no contexto de HIV e AIDS. Mulheres que sofrem violência não possuem meios de negociar relações seguras. Além disso, as relações violentas podem abrir pequenas feridas na área íntima da mulher, aumentando ainda mais a vulnerabilidade. As mulheres que foram infectadas por seus companheiros sentem-se culpadas pela traição dos maridos. É como se elas não tivessem cumprido com seu papel de forma correta. Com a morte do marido doente é muito difícil que essas mulheres entrem em novos

<sup>206</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p 23.

<sup>207</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. Documentários Histórias Positivas – Lições que ultrapassam as barreiras do preconceito. Brasília: Ministério da saúde, 2009 (DVD). Vídeo 2 – Volta por cima: vivendo com HIV/Aids. Tempo do vídeo: 0:01:06 – 0:01:21. Fala de Solange Vancini.

<sup>208</sup> TRASFERETTI, 2009, p. 88.

relacionamentos, buscando assim evitar sofrer novamente. Em entrevista a Yury Orozco, Noemi disse:

...Minha vida não era vida; só sofrimento; e pra quê? Olha no que isso deu: meu próprio marido, ... dentro da minha casa... Não, não quero mais me envolver com ninguém não. Agora, neste momento, não quero trazer ninguém para dentro da minha casa.<sup>209</sup>

A religião exerce influência na vida das pessoas, especialmente das mulheres que buscam seguir os ensinamentos recebidos. Entretanto, a religião em muitos momentos contribui para reforçar a posição de inferioridade das mulheres em relação aos homens. A vivência da sexualidade das mulheres é controlada por ensinamentos religiosos e morais, que atrelam a sexualidade das mulheres à maternidade. A promessa de ser fiel, que fazem no dia do casamento, é levada a sério pelas mulheres, mas nem sempre pelos homens. Na fala de Raquel é possível perceber as diferentes compreensões sobre o compromisso assumido no casamento:

Mas quando o padre fala na missa, ele sempre fala que o marido tem que ser fiel à mulher. Ele está falando ali, mas são poucos os que estão escutando; mas as mulheres, as mulheres escutam mais que os próprios homens, e põe na cabeça.<sup>210</sup>

As construções de gênero que influenciam o comportamento de homens e mulheres reforçam o estereótipo socialmente aceito de que as mulheres devem permanecer submissas aos seus companheiros. Os homens entendem que as esposas devem estar à disposição, pois isso faz parte do casamento. As mulheres devem dar prazer aos homens, sem que seja levada em conta a vontade das mulheres como afirma Marta: “Fazendo a vontade dele, acabei me prejudicando. Eu não falava nada, ele decidia quando e como. Então, desejo, prazer, ah! não era sempre que eu sentia”.<sup>211</sup>

O HIV e a AIDS são apenas mais um problema entre tantos outros, especialmente para aquelas de classe social baixa. Nesses casos a preocupação é em conseguir manter o sustento e poder alimentar os/as filhos/as diariamente. Além disso, existem problemas com álcool e outros tipos de drogas. A dependência financeira do companheiro contribui para que as mulheres permaneçam em relações violentas. A negociação do preservativo nesses casos é impossível. Conforme Socorro, 35 anos de idade, do lar:

Sabe, ter AIDS é somente mais uma coisa na minha vida, nesse meu inferno de vida; já me aconteceu coisas piores na minha vida, pelo menos com AIDS vou morrer logo.

<sup>209</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 25.

<sup>210</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 38.

<sup>211</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 41.

... Ele dizia que eu tinha que dar para ele, porque eu morava debaixo do teto dele, me sustentava, e por isso eu tinha que fazer tudo que ele queria. Se eu não trepasse ele me enfiava porrada...<sup>212</sup>

Uma das grandes preocupações, especialmente das mulheres que vivem com HIV e AIDS, é com os/as filhos/as. Muitas vezes, elas não têm com quem contar, foram excluídas do convívio da família; o pai da criança não vive perto. Por outro lado, são os/as filhos/as que dão ânimo para se manterem vivas, cuidar da saúde e seguir o tratamento.

Quando eu vier a faltar, eu penso muito sobre meu filho, com quem ele vai ficar, o que acontecerá com ele, essa é uma preocupação muito grande. Meu filho é forte, ele não tem nada. Ele tem muita disposição e eu fico chateada de não poder acompanhá-lo, porque eu não tenho essa energia.<sup>213</sup>

O medo diante do desconhecido causa pânico, depressão e vontade de morrer, pois a vida perde o sentido. Ivanise Oliveira da Rosa, 46 anos, ainda amamentava a filha caçula quando soube que tinha AIDS e encontra motivação para viver nos/as filhos/as e netos/as:

Eu pensei, o que é que eu vou fazer? Matei minha filha! Eu tentei me matar duas vezes e a minha mãe não deixou. Não, isso aí não é o fim do mundo. Eu pensei em mim, mas mais nos meus netos que estão chegando. Tenho uma netinha que é um amor. Fico com medo de deixá-la. Penso mais neles agora.<sup>214</sup>

O medo de que os/as filhos/as também sejam soropositivos/as é uma preocupação das mulheres. Elas não querem que eles/elas sofram com a doença e nem com o preconceito que a sociedade impõe sobre as pessoas que vivem com HIV e AIDS. A fé é um elemento importante para que elas possam seguir em frente. Nem sempre está fé está atrelhada a uma instituição religiosa, mas a espiritualidade fortalece a esperança. Pessoas que se encontram fragilizadas buscam apoio para superar as dificuldades. Elas sentem a necessidade de se agarrar em algo que lhes dê esperança.

Eu faço minhas orações, o Pai-Nosso, peço muito para Deus, né? Assim, se eu adquiri essa doença, que meus filhos venham a pagar por isso, né? E eu fiz os exames todos eles, né? E do meu filho, o pai dele que me faleceu, ele não teve, não deu nada, e

<sup>212</sup> GUIMARÃES, Kátia. Nas Raízes do Silêncio: A representação cultural da Sexualidade Feminina e a Prevenção do HIV/AIDS.; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996. p. 94 e 95.

<sup>213</sup> SANTOS, 1996, p. 118.

<sup>214</sup> SUL 21. *Quatro pessoas que vivem com AIDS contam suas histórias*. 02 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/quatro-pessoas-que-vivem-com-aids-contam-suas-historias/>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

também não precisou fazer outros exames, assim que nem esse pequenininho, mas ele já negativou.<sup>215</sup>

No entanto, nem sempre a experiência de fé das mulheres é positiva. A vontade de Deus é questionada, pois como pode permitir que uma pessoa seja infectada. O imaginário de que as doenças graves são um castigo de Deus por comportamentos considerados imorais influencia diretamente na vida de mulheres infectadas pelo HIV ou doentes de AIDS. Conforme Papoula:

Eu não vejo mais nenhum homem se interessar por mim, eu tinha outra aparência [...], quando eu estou com depressão, fico falando com Deus que ele me castigou. Não está nem com um mês que eu tentei suicídio.<sup>216</sup>

Muitas mulheres que foram infectadas por seus companheiros continuam vivendo com ele, mas nem sempre essa relação continua sendo de marido e mulher. A mulher se sente responsável por cuidar do marido (prometeu no dia do casamento: na saúde e na doença). Nestes casos, além de ter que lidar com a doença precisa lidar com o fato de ter sido traída:

Meu marido adoeceu. Aí meu cunhado trouxe ele e internou. Foram descobrir que ele estava. Dr. Juliano me chamou e falou pra eu fazer o exame porque eu devia estar. Eu falei: 'não acredito'. Aí eu fiz o exame e deu. (...) Meu marido não toma mais remédio, por conta dele. Mas eu não considero mais como meu marido, porque a situação dentro de casa, depois de ele trazido esta doença para mim. Durmo separada dele. (...) Vivo com ele, mas cama separada, quarto separado. Não tenho mais, como dizer? Graça nele. Eu olho nele como se fosse meu irmão. Perdi tudo, não tenho mais nada.<sup>217</sup>

Nestas frases é possível perceber como as mulheres reagem quando infectadas pelos seus parceiros. É possível perceber que os sentimentos são de raiva e indignação. Elas sentem-se desrespeitadas e desvalorizadas por seus companheiros.

Sinto muita revolta, pois meu parceiro sabia o diagnóstico e não revelou para mim. Vivo com ele, mas o trato mal. Meu maior presente foi meu marido ter morrido, não ia aguentar viver sabendo da existência dele. Eu fiz tudo por ele e é assim que ele retribuiu. Descobri na gravidez do meu terceiro filho e me separei do meu marido. Até hoje tenho raiva do meu marido.<sup>218</sup>

As relações sociais das pessoas vivendo com HIV e AIDS ficam bastante reduzidas. Seja por vergonha ou por medo de serem julgadas as mulheres se retraem e convivem com um círculo pequeno de amigos/familiares que lhe ofereçam suporte e apoio necessário. A confiança

---

<sup>215</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 65.

<sup>216</sup> SILVA, 2013, p. 337.

<sup>217</sup> TRASFERETTI, 2009, p. 85.

<sup>218</sup> LEMOS, 2011, p. 617.

delas nas pessoas fica abalada e, por isso, nem sempre conta que é soropositiva. As decepções com aqueles/as que um dia considerava seu/sua amigo/a ao relatar que foi infectada também são fatores que contribuem para reduzir o círculo social. Conforme E., 45 anos, casada: “Eu tinha muitos amigos, mas deixei todo mundo, de vergonha. Hoje em dia me relaciono com poucas pessoas”.<sup>219</sup> Ou ainda segundo Angélica:

A princípio mudou tudo, foi horrível para eu continuar a minha vida. Eu faço assim, tenho que me isolar até certo ponto, aí não dou satisfação a vizinhos, eles não sabem que eu sou soropositiva, eu moro de aluguel, aí quando o pessoal está ficando curioso, eu mudo para outro lugar, aí eu ignoro, faço de conta que sou uma pessoa normal, que não tenho problema de saúde.<sup>220</sup>

Falta de orientação por parte dos/as médicos/as e profissionais de saúde é uma das dificuldades que as mulheres com HIV enfrentam. Os serviços de saúde nem sempre conseguem sanar as dúvidas das mulheres sobre questões relacionadas ao HIV e AIDS. As mulheres sentem-se envergonhadas em expor suas intimidades: M., 18 anos, casada, diz: “Não muitas coisas, eu sei que não posso doar sangue e que, se alguém estiver machucado, não pode pegar no meu sangue, mas sei porque sei, ninguém me orientou nada. Só falaram prá eu usar camisinha, e eu uso sempre”.<sup>221</sup>

Preconceito e discriminação são uns dos grandes problemas de pessoas vivendo com HIV e AIDS, que desde o início da epidemia causam a morte social de quem é afetado/a pela doença. Essa falta de clareza sobre os meios de transmissão, como se proteger e como proteger as outras pessoas é que gera insegurança e contribuiu para a marginalização e exclusão do convívio social. A história de Patrícia mostra como precisou enfrentar a situação com a sua mãe:

Descobri que era portadora do vírus HIV em 1999. Peguei o resultado do exame sozinha, no dia do meu aniversário. Fui infectada por meu ex-marido, ele era usuário de drogas. No início achei que seria o fim do mundo. Caí em depressão, fiquei mal mesmo. Só me levantei por causa do meu filho (hoje com 10 anos), que não tinha o vírus e precisava de mim. Mesmo assim, só iniciei o tratamento um ano depois do diagnóstico. Só a minha mãe e meus irmão sabem que tenho o vírus. No início quando minha mãe soube que eu era mesmo portadora, passou a limpar com álcool as coisas que eu tocava, desde talheres e copos, até o lugar onde eu sentava. Um dia, não aguentei mais e disse para ela que ela teria que me aceitar como eu era, senão não iria me ver. Ela acabou aceitando, foi a uma reunião sobre AIDS comigo, para aprender a lidar com a situação.<sup>222</sup>

<sup>219</sup> SANTOS, 1996, p. 129.

<sup>220</sup> SILVA; MOURA; PEREIRA, 2013, p. 337.

<sup>221</sup> SANTOS, 1996, p. 131.

<sup>222</sup> SCHOEREDER, Airton et al (orgs.). *Igreja solidária e transformadora – Roteiro de oficinas para igrejas*. Recife: Diaconia/Koinonia, 2008. Anexo 3, p. 76.

Saber que está com o vírus desperta nas pessoas um novo jeito de ver a vida. Aprendem que precisam viver a vida e aproveitar cada momento enquanto estão se sentindo bem. Embora, muitas vezes, seja difícil, pois sofrem algumas decepções, aprendem que amigos/as verdadeiros/as podem ajudar e compreendê-las melhor do que a própria família, e que há momentos em que é preciso pedir ajuda. L.N., 22 anos, casada diz em depoimento, conforme Santos e Munhoz:

Olha, às vezes as pessoas até me chamam de louca, porque eu digo que o HIV foi uma coisa importante na minha vida. Eu aprendi a ser uma pessoa mais responsável, coisa que eu não era, aprendi a ser sensível. Eu era muito amarga. Eu aprendi a ver as pessoas como amigas. Eu me esforcei muito para aprender tudo sobre AIDS, me integrei às não-governamentais e trabalho junto com eles divulgando informações sobre AIDS pras pessoas e isso me faz muito bem... eu não sou mais comodista como eu era antes. O HIV me amadureceu muito.<sup>223</sup>

É muito difícil para quem recebe o diagnóstico positivo contar para a família que está doente. O medo de ser julgada ou sofrer com o preconceito faz com que muitas pessoas optem em não revelar, mesmo que isso também cause sofrimento. O apoio da família é fundamental e ajuda a enfrentar a situação. Em alguns casos apenas alguns membros da família sabem, sendo mais difícil contar para os/as filhos/as ou pais/mães. Conforme mulheres entrevistadas por Lemos:

Foi difícil enfrentar a notícia do diagnóstico... demorei um tempo para revelar... mas minha família apoiou (J 2008. 2). Não contar o diagnóstico me incomodou muito ... (M 2008.2). Não tenho coragem de contar isso [referindo-se ao diagnóstico de HIV] para minha mãe.<sup>224</sup>

Iniciar novos relacionamentos é tarefa difícil. As mulheres têm medo de ser rejeitadas quando contam que são soropositivas e, por isso, muitas delas optam em não ter novos parceiros sexuais.

A única pessoa que arrumei após o resultado não teve estrutura para ficar comigo. Ia para o banheiro, e se esfregava muito tempo, como para se limpar de alguma coisa. [E outra que diz: ] ...antigamente eu era uma pessoa feliz, hoje eu tenho medo, vergonha de mostrar o corpo e resolvi não ter mais nada há dois anos, hoje eu criei raiva... foi através disso (vida sexual)... que eu peguei AIDS!<sup>225</sup>

Solange Vancini conta:

---

<sup>223</sup> SANTOS; MUNHOZ, 1996, p. 133.

<sup>224</sup> LEMOS, 2011, p. 616.

<sup>225</sup> PAIVA, 2002, p. 1616.

Eu demorei dois meses, porque primeiro eu queria que ele me conhecesse também como pessoa e não simplesmente como um vírus, uma pessoa vivendo com AIDS. Então! Eu não sou só isso, eu sou muito mais. Eu sou uma pessoa que agrega potenciais maiores que simplesmente um vírus. Então eu demorei dois meses. Lógico que nesses dois meses nós tivemos relação sexual, sempre protegido, com muita segurança. Nunca expus ele em risco, mas eu queria esse tempo, inclusive pra saber se eu queria contar pra ele ou não.<sup>226</sup>

Após a descoberta da soropositividade as mulheres tornaram-se mais conscientes da necessidade do uso do preservativo. O uso do preservativo é visto como algo importante quando decidem entrar numa relação sorodiscordantes, não tanto para se autoprotger, mas para defender o/a companheiro/a. “Porque eu acho que é um crime você saber que tem a doença e ir para cama com alguém que não tem. E mesmo quando ambos são positivos: Mesmo sendo os dois HIV positivos, o médico orientou para não aumentar os vírus”.<sup>227</sup>

Quando questionados sobre ter filhos/as e qual a recomendação médica sobre o assunto, a maioria das mulheres afirma que os/as médicos desaconselham as mulheres a ter filhos/as:

Vai dizer que sou louca, só louca para ter filho sabendo que é portadora do HIV... aquela que engravida sofre muito pela culpa da doença na criança. [...] Vai falar que eu sei que não posso ter filhos por causa da doença. [E ainda]: Ele vai me dizer para não engravidar para não correr o risco de minha filha nascer com o vírus.<sup>228</sup>

O HIV não tira o direito da mulher ser mãe, mas é uma irresponsabilidade. A gente não tem direito de pôr uma pessoa com isto no mundo. Mas e a gente, como fica? O amor que a gente tem para dar, os nossos sonhos, como ficam? É muito complicado, o que mais dói no HIV é a impotência. Eu me arriscaria a ter um filho, mas tenho medo.<sup>229</sup>

Os antirretrovirais trouxeram imensos benefícios para as pessoas vivendo com HIV e AIDS, melhorando a qualidade de vida e prolongando a sobrevivência das pessoas infectadas. A AIDS já não assusta tanto quanto inicialmente, quando as pessoas morriam em poucos meses. No entanto, os efeitos colaterais dos medicamentos precisam ser considerados: Segundo Magali: “Depois do coquetel, as pessoas ficaram com a impressão de que AIDS é como uma doença crônica. Não é verdade. O coquetel traz efeitos colaterais graves e a pessoa fica vulnerável a outras doenças. As pessoas começaram a ficar desleixadas com a prevenção”.<sup>230</sup>

<sup>226</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009. Vídeo 9 – Amor, sexo e HIV. Tempo do vídeo 0:01:10 – 0:01:40 – Solange Vancini, aposentada.

<sup>227</sup> PAIVA, 2002, p. 1616.

<sup>228</sup> PAIVA, 2002, p. 1617 e 1618.

<sup>229</sup> SANTOS, 2002, p. 21

<sup>230</sup> LENHARO, 2016.

O preconceito e a discriminação que as pessoas com HIV e AIDS sofrem está, geralmente, associado à falta de informações corretas sobre a doença e ao fato de que, inicialmente, a doença era associada a grupos de pessoas socialmente estigmatizadas. Estigma e preconceito é algo que afeta a vida das mulheres de forma negativa. Cristiane diz que essa é uma luta diária: “tentamos superar o preconceito, né. Que é uma coisa que bate na nossa porta constantemente, onde eu geralmente eu, eu... ergo a cabeça, enfrentar a realidade e sigo em frente”.<sup>231</sup>

Para Solange conviver com outras pessoas que também tem o vírus foi importante: “a partir do momento que eu encontrei outras pessoas que também vivem com HIV e também a conhecer um pouquinho mais como é a dinâmica do tratamento, da adesão ao tratamento é... eu pude reconstruir os meus sonhos”.<sup>232</sup>

Maria Isabel reconstruiu a vida depois de ter contado sobre o vírus:

O dia que eu consegui meter o pé no balde... ninguém paga minhas contas.... Vou contar tudo pra família. Conte! Aí tirei o peso do mundo das costas. [...]. Hoje eu trabalho, tenho uma vida muito tranquila. Eu danço, tenho netos, bisnetos e dou... hoje eu posso aparecer em qualquer lugar e falar: eu to viva!<sup>233</sup>

O nascimento dos/as filhos/as é um momento importante e que renova a esperança de vida. Outro fator importante é a fé, é importante sentir-se amparados/as e cuidados/as por Deus. Uma usuária da Casa Fonte Colombo diz:

Descobri o HIV quando fiz o pré-natal da minha filha, Faz uns dez anos. Eu continuei tocando a vida, trabalhando de carteira assinada [...] tive minha filha sozinha. Quando minha filha tinha uns dois meses, eu coloquei a mãozinha dela em cima da minha e disse: não importa o que vai acontecer com a gente, nem o que vai se passar nessa vida, o que importa é que nós vamos ficar sempre juntas. Eu peço a Deus força para criar ela...<sup>234</sup>

Dificuldades de conseguir emprego ou manter o emprego que possuem são problemas também relatados pelas mulheres soropositivas. Conforme Silva, Moura e Pereira, muitas empresas solicitam a realização do exame anti-HIV, embora não seja permitido por lei e, por isso, as mulheres sentem-se intimidadas a concorrer à uma vaga de emprego. Outro fato está

<sup>231</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009. Vídeo 9 – Amor, sexo e HIV. Tempo do vídeo 0:02:10 – 0:02:23. Cristiane Silva – Voluntária COAS – casada com sorodiscordante.

<sup>232</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009. Vídeo 2 – Volta por cima: Vivendo com HIV/Aids. Tempo do vídeo: 0:02:12 – 0:02:29. Solange Vancini.

<sup>233</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009. Vídeo 2 – Volta por cima: Vivendo com HIV/Aids. Tempo do vídeo: 0:03:56 – 0:04:08 e 0:05:50 – 0:06:04. Maria Isabel da Fonseca, doméstica.

<sup>234</sup> REVISTA 10 ANOS Casa Fonte Colombo, Porto Alegre/RS, 2009. p. 8.

relacionado às condições de saúde que, às vezes, pode estar debilitada, além da necessidade de consultas médicas regulares. Conforme Dália, em entrevista:

Na parte de trabalho [...] assim, faz tempo que eu deixo os meus currículos, eu acredito que o último emprego que eu tive, a gerente viu os meus papéis na gaveta e desde esse dia, ela estava me tratando diferente, eu acho que eles souberam que eu estava assim e com o tempo me colocaram para fora (Dália).<sup>235</sup>

Os depoimentos acima apresentados têm por objetivo demonstrar o contexto em que vivem as mulheres com HIV e AIDS no contexto brasileiro. Embora estas falas representem a experiência de apenas algumas mulheres, estas permitem seguir a reflexão teológica que busca oferecer apoio e suporte para que a realidade destas mulheres seja transformada e que elas possam viver com dignidade.

Os depoimentos das mulheres que descobrem ter HIV e AIDS demonstram o quanto elas ficaram abaladas e quão difícil é enfrentar a nova realidade. “Começam a questionar suas vidas inteiras, a se preocupar com o futuro e com o que irá acontecer com elas, suas relações mais próximas e a família, principalmente os filhos”.<sup>236</sup> As mulheres sentem-se abandonadas, pois, muitas vezes, não recebem o apoio da família e isso traz sofrimento e torna a vida das mulheres mais difícil, além de dificultar a adesão ao tratamento.

As intuições religiosas desempenham um papel importante no contexto da epidemia, pois além de promover espaços de cuidado também podem se transformar em espaços de informação sobre as formas de transmissão do vírus, e assim, contribuir para a redução de toda forma de preconceito e discriminação.

## 1.7 Considerações finais

Ao longo deste capítulo foi apresentado um histórico da epidemia de HIV e AIDS através de um panorama geral, dando destaque especial para o desenvolvimento da epidemia no contexto brasileiro e, entretanto, apontando para o contexto sul-africano. Neste panorama geral abordamos questões referentes aos primórdios da epidemia, a compreensão do HIV e AIDS como um mal que afetava apenas determinados grupos de pessoas do qual as mulheres não faziam parte. Essa compreensão não se sustentou por muito tempo e o conceito hoje utilizado é o de vulnerabilidade, que considera fatores sociais, políticos e econômicos como fatores que contribuem no crescimento da epidemia em diferentes partes do mundo. Considerar

---

<sup>235</sup> SILVA; MOURA; PEREIRA, 2013, p. 338.

<sup>236</sup> BERER, 1997, p. 41.

fatores como desigualdade social, violência e opressão são fatores importantes que podem ajudar a compreender o crescimento do HIV e da AIDS entre as mulheres. O crescimento da epidemia entre as mulheres se deu de forma silenciosa, e as respostas à epidemia que considerassem as mulheres demoraram a acontecer. A feminização da epidemia evidenciou desigualdades sociais e de gênero que colocam as mulheres em situações de inferioridade e controle do seu corpo e sua sexualidade.

A compreensão de que as mulheres ocupam um lugar de submissão e inferioridade em relação aos homens afeta a experiência das mulheres e trás consequências significativas para a experiência das mulheres no contexto da epidemia de HIV e AIDS. Neste sentido, a categoria de gênero e os estudos feministas ajudam a compreender a experiência das mulheres que é marcada pelas desigualdades entre os sexos e que pôde ser percebida nas falas das mulheres anteriormente apresentadas.

Através dos trechos de narrativas das mulheres pode-se perceber o quão difícil é receber o diagnóstico positivo para o HIV e isso se torna um fardo ainda maior quando elas precisam enfrentar essa situação sozinhas, sem o apoio da família. Considerado essas questões percebe-se que espaços em que as mulheres possam falar sobre a sua experiência são importantes.

As comunidades de fé são espaços que podem ser utilizados como espaços de cuidado terapêutico e oferecer suporte para as mulheres que buscam apoio para superar e aceitar a sua condição de ser soropositiva. A leitura da Bíblia, em grupos, pode ser um elemento importante para esse trabalho. Por isso, no capítulo seguinte, serão apresentadas algumas metodologias de leitura da Bíblia que podem ser ferramentas importantes nesse processo.

## **2 LEITURAS POPULAR, CONTEXTUAL E FEMINISTA DA BÍBLIA**

A experiência de descobrir-se soropositiva ou soropositivo para o HIV ou doente de AIDS envolve diversos sentimentos, reflexões e reações. Ainda que a história natural da epidemia tenha mudado e a doença seja considerada hoje uma patologia crônica, com tratamento e formas de controle, ela ainda é carregada de muitos estigmas e preconceitos que desencadeiam processos subjetivos muitas vezes dolorosos. Essa realidade é particularmente mais difícil para mulheres, muitas das quais sentem-se protegidas por se relacionarem com um único parceiro ou não se identificarem com nenhum dos “grupos de risco” que marcaram negativamente a história da epidemia.

A experiência de fé e a vivência religiosa são dimensões que podem ser acionadas nesse momento em que muitas pessoas experimentam o mundo “caindo ao seu redor”. Infelizmente, na maior parte das vezes, isso pode significar um aprofundamento e intensificação de sentimentos de culpa, vergonha e medo. A ideia de que o seu status sorológico ou de enfermidade é um castigo divino, construída principalmente na primeira década da epidemia, mas ainda muito atuante, não é incomum. A sensação de estar sendo castigada pode ser considerado resultado de determinadas práticas ou até mesmo da sensação de que “não foram boas o suficiente”, geralmente revelando uma situação de baixa autoestima. Em poucas situações essas mulheres encontram na fé e na religião elementos positivos para entender e lidar com a realidade de estarem infectadas ou doentes.

No âmbito religioso e, particularmente, no âmbito cristão ou em sociedades e culturas profundamente marcadas pela tradição cristã como é o Brasil, a Bíblia ocupa um lugar importante na experiência de fé. Esse papel de destaque do texto bíblico nem sempre está associado a um estudo rigoroso ou metódico seja pelas pessoas de fé individualmente ou na sua vida religiosa em comunidade. Muitas vezes ela ocupa um espaço de autoridade simbólica que contém verdades proclamadas por lideranças religiosas ou alguém a quem é dado o poder de descobrir e revelar a verdade sobre a vida e a vontade de Deus. Assim, no contexto das experiências de pessoas com HIV e AIDS e dos discursos religiosos articulados sobre a epidemia a Bíblia tem sido usada principalmente para fundamentar e reafirmar ideias de pecaminosidade associadas ao fato de estarem infectadas ou doentes. É precisamente nesse ponto que residem os riscos de manipulação e utilização de supostas verdades bíblicas para dar

respostas simples a fenômenos complexos como é a infecção pelo vírus HIV e o adoecimento por AIDS.<sup>237</sup>

## 2.1 Considerações iniciais

O que se propõe nesta tese, é a possibilidade de que o trabalho e o estudo da Bíblia no contexto de práticas pastorais possa ser um elemento que contribuiu no cuidado de pessoas que vivem e convivem com o HIV e a AIDS, particularmente de mulheres. Isso implica tanto uma revisão da forma como a epidemia tem sido construída pelos diversos discursos que se articulam sobre ela, o que foi feito no capítulo anterior, partindo das experiências reais e concretas das pessoas que convivem com ela de maneira direta, quanto uma revisão do lugar e do significado da Leitura da Bíblia nesse contexto. Para isso, propõe-se a apresentação de três métodos de leitura bíblica que permitem um outro olhar para essa realidade e podem inspirar outras práticas pastorais no contexto da epidemia da HIV e AIDS e da experiência de mulheres com HIV e AIDS.

A Leitura Popular da Bíblia, a Leitura Contextual da Bíblia e a Leitura Feminista da Bíblia se situam no campo da Hermenêutica Bíblica e possuem relações e afinidades históricas, conceituais e metodológicas. No que segue cada uma dessas propostas de Leitura da Bíblia é apresentada buscando estabelecer essas relações e afinidades e identificar elementos específicos para o trabalho pastoral com mulheres com HIV e AIDS.

As leituras da Bíblia propostas nesta Tese tem como objetivo conceder a comunidade pobre e oprimida interpretar o texto bíblico em uma perspectiva libertadora e transformadora, em que os próprios participantes fazem a conexão entre o texto bíblico e as lutas e necessidades da comunidade de fé. No contexto desta Tese, o povo pobre e oprimido é representado pelas mulheres com HIV e AIDS. Neste processo, a comunidade, as mulheres com HIV e AIDS tornam-se conscientes de sua situação e buscam por novas maneiras de falar sobre Deus e de si mesmas.<sup>238</sup> A relação entre o texto bíblico e contexto de quem o lê passa por um processo de interpretação, que depende do envolvimento, das expectativas e anseios de quem lê. São as lentes usadas para ler o texto que irão determinar como o texto será interpretado. Desta forma,

---

<sup>237</sup> SAMPAIO, Tania Mara Vieira. Saúde e Religião: binômio desafiado pela epidemia do HIV/AIDS. RELIGIÃO E SAÚDE. *Tempo e Presença digital*, ano 4, n. 16, jun. 2009. <[http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=316&cod\\_boletim=17&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=316&cod_boletim=17&tipo=Artigo)>. Isso também é bem elucidado pelo artigo do teólogo sul-africano Daniel Louw. LOUW, 2012, p. 306-321.

<sup>238</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978. p. 37.

não há uma única interpretação dos textos, mas para esta tese interessa a experiência de mulheres com HIV e AIDS e a sua leitura e interpretação dos textos bíblicos.

## 2.2 Leitura Popular da Bíblia

A Leitura Popular da Bíblia parte do pressuposto de que todas as experiências de vida das pessoas empobrecidas e das pessoas que sofrem são fundamentais para a leitura da Bíblia. Estabelece como pressuposto a realidade do/a oprimido/a. Neste sentido, Elaine G. Neuenfeldt fala que o método da Leitura Popular da Bíblia:

caracteriza-se pela sua circularidade ou espiralidade. Ou seja, como círculo, não há uma definição rígida por onde se deve começar a leitura e, como espiral, indica-se que não é um processo encerrado em si, mas, por um lado, aberto a novas perspectivas, e, por outro, que permite e promove aberturas de perspectivas na própria leitura.<sup>239</sup>

Entende-se, então, que a Leitura Popular da Bíblia, ao partir realidade concreta e cotidiana, toma essa experiência de forma dinâmica. No caso dessa pesquisa isso significa partir da realidade das pessoas HIV e AIDS, das experiências cotidianas das mulheres, bem como as nuances complexas que formam tais experiências. Neste sentido,

Tomar a experiência como evidência implica num cuidado metodológico que evite o risco de naturalizar as diferenças, ou seja, tomar as identidades construídas, atribuídas nos processos históricos, como dadas, inatas. Ao tratar de evidenciar e resgatar a experiência de um grupo específico, no caso as mulheres, esta abordagem auxilia no entendimento dos mecanismos de repressão e exclusão destes grupos. Contudo, para tornar mais complexa a análise, torna-se necessário resgatar o aspecto relacional e dinâmico das experiências.<sup>240</sup>

Com isso, a relação proposta com a Leitura Popular da Bíblia, a questão do HIV e da AIDS e as experiências das mulheres, é apresentar primeiramente a metodologia implicada neste tipo de leitura bíblica. Neste aspecto, torna-se fundamental compreender o percurso histórico e de constituição da Leitura Popular da Bíblia.

---

<sup>239</sup> NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2, p. 117-128, 2013. p. 118. Disponível em: <[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4502\\_2005/et2005-2i\\_eneuenfeldt.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2016.

<sup>240</sup> NEUENFELDT, 2013, p. 118.

### 2.2.1 *Um novo jeito de fazer teologia – um novo jeito de ler a Bíblia*

O contexto da América Latina nos anos 1950 e décadas seguintes passou por profundas transformações. Todos os países latino-americanos experimentaram períodos políticos de intensa repressão, especialmente aos movimentos sociais e libertários. A partir da década de 1960 iniciou-se, primeiramente na Guatemala e no Paraguai em 1954, posteriormente Argentina (1962) e Brasil (1964) e passando por todos os países da América Latina um período de ditaduras militares. Do ponto de vista político internacional, foram de grande interesse dos Estados Unidos da América intervenções sistematizadas nos sistemas políticos latino-americanos. Este período pós-segunda guerra foi marcado pela Guerra Fria, que opunha numa disputa política e econômica, territorial e bélica entre o mundo capitalista representado pelos EUA e pelo mundo comunista capitaneado pela União Soviética. Outro fator político importante neste contexto é a Revolução Cubana de 1959, que promoveu a primeira experiência socialista de governo na América Latina.

Todos estes fatos, fazem parte do contexto do surgimento das hermenêuticas da Teologia da Libertação. O contexto socioeconômico deste período remonta a uma dinâmica social com profundas desigualdades nas sociedades latino-americanas. A situação de miséria e de pobreza da maior parte da população nesta época era evidente, especialmente nos centros urbanos, com o desorganizado processo de urbanização que ocorre dentro do processo de modernização e superação da dependência econômica da agricultura por parte das economias latino-americanas. Este processo não foi acompanhado com políticas adequadas de assistência às populações que chegavam às cidades e muito menos de um processo de redefinição fundiária, como é o caso da reforma agrária, uma das principais lutas dos movimentos populares desta época.

Isto significou que o contexto social latino-americano experimentou um período de profunda crise social. Ao mesmo tempo, emergia aquilo que os/as teólogos/as da libertação denominam de “irrupção do pobre” como sujeito teológico, nas palavras de João Batista Libânio.<sup>241</sup> Segundo o sociólogo Michel Löwy, ao estudar o período e mais especificamente a relação entre os movimentos religiosos e os movimentos sociais e políticos, percebeu-se que tinham objetivos comuns, que buscavam a libertação do povo na esfera social e política, mas também ansiavam por mudanças teológicas. Löwy chama a atenção para a eleição do Papa João XXIII (1958). Estes dois acontecimentos se desenvolveram na esteira de uma complexa

---

<sup>241</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Libertação*: roteiro didático para um estudo. Edições Loyola, 1987. p. 13s.

evolução do processo de modernização e de intenso conflito social e político na América Latina.<sup>242</sup>

As mudanças neste cenário ocorreram em função do clero e dos/as fiéis das Igrejas locais assumirem mais decididamente uma posição condizente com as lutas sociais. A conjugação deste esforço social com as novas posturas teológicas e eclesiológicas presentes na famosa Conferência dos Bispos Latino-americanos de Medellín-Colômbia (1968) culminou na constituição de amplo movimento espiritual, não apenas como discurso social e/ou político, mas como uma reflexão religiosa e espiritual conhecida por “opção preferencial pelos pobres”. A este movimento, Michel Löwy denomina de “Cristianismo de Libertação”, por ser anterior às obras teológicas famosas da Teologia da Libertação, e justamente por ser a teologia da libertação produto deste amplo e complexo movimento por libertação.<sup>243</sup>

Esta formulação sociológica ajuda a elucidar como a Teologia da Libertação e as várias perspectivas que surgem a partir dela, carregam uma mudança importante da compreensão de hermenêutica bíblica, que agora parte da análise da realidade social. Ou seja, o contexto social, político e econômico passou a ser essencial para a reflexão acadêmica. Nesta perspectiva Gutierrez entende que o momento do surgimento da Teologia da Libertação é a irrupção do pobre no continente. A realidade complexa das sociedades latino-americanas se estabelece como um desafio hermenêutico que conduz a uma releitura da Bíblia, do seguimento a Jesus. Por isso, compreende-se como eixo fundamental da reflexão a respeito da própria fé cristã a opção pelos pobres, como amor de Deus a todas as pessoas abandonadas e marginalizadas. A mensagem contida nas Escrituras fala do amor de Deus que se encarna no mundo em favor de todas as pessoas, como sociedade, mas também individualmente, com todas as necessidades particulares de uma pessoa, inclusive as que sofrem com as doenças físicas e com o preconceito. Isso muda o enfoque da pobreza para a responsabilidade social e pessoal com o pobre. É uma releitura da realidade atual. Com isso, torna-se necessário ver a história humana a partir de seu avesso, da cruz de Cristo, das vítimas.<sup>244</sup>

Como defende Juan Luis Segundo: “teologia como ato segundo”.<sup>245</sup> O ato primeiro da teologia é sempre a fé e sua vivência prática. Neste sentido, as perguntas pela vida e pelos

---

<sup>242</sup> LÖWY, Michael. *A Guerra dos deuses – Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 18s.

<sup>243</sup> LÖWY, 2000, p. 39ss.

<sup>244</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. Situación y tareas de la teología de la liberación. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 50, p. 102-116, 2000. p. 105s.

<sup>245</sup> SEGUNDO, 1978, p. 45.

desafios enfrentados pela comunidade cristã em seu testemunho do Reino são as que movem a reflexão teológica.<sup>246</sup>

Diante disso, a análise da realidade social torna-se fundamental, pois é preciso compreender as razões do empobrecimento e da opressão a respeito das pessoas, que são compreendidas como sujeitas de sua libertação. Sobre esses momentos, Gustavo Gutiérrez explica:

A distinção entre os dois momentos (ato primeiro e ato segundo) é um ponto-chave no método teológico, isto é, no procedimento (método, do grego *hódos*, caminho) a ser seguido para uma reflexão à luz da fé. [...] No ponto de partida de toda a teologia encontra-se o ato de fé. Não, porém, como simples adesão intelectual à mensagem, e sim como acolhida vital do dom da Palavra escutada na comunidade eclesial, como encontro com o Senhor, como amor ao irmão. [...] A teologia, *como reflexão crítica à luz da Palavra acolhida na fé sobre a presença dos cristãos no mundo*, deve nos ajudar a ver como se estabelece a relação entre a vida de fé e as exigências de construção de uma sociedade humana e justa.<sup>247</sup>

O destaque da hermenêutica desta teologia é que desenvolveu uma compreensão metodológica que primou pela interpretação da realidade. Neste processo de leitura e interpretação do contexto social e político a Teologia da Libertação buscou apoio nas ciências sociais, pois para compreender a ação de Deus é preciso entender como ele se manifesta. A grande guinada presente na hermenêutica na Teologia da Libertação é que o/a oprimido/a, entendido de forma ampla e diversa, foi colocado/a no centro do fazer teológico. O fazer teológico comprometido com a dignidade humana, e a libertação da opressão. Conforme Gutiérrez: “libertação exprime, em primeiro lugar, as aspirações das classes sociais e dos povos oprimidos, e sublinha o aspecto conflituoso do processo econômico, social e político que os opõe às classes opressoras e aos povos opulentos”.<sup>248</sup>

A experiência da Leitura Popular da Bíblia deve ser entendida como resposta a seu contexto político, social e religioso marcado por grandes injustiças sociais. Nesse sentido, ela se desenvolve como ferramenta dos processos de transformação a partir da teologia e da vida da Igreja. No que segue busca-se identificar alguns elementos centrais que provocaram esse processo e que ajudam a entender sua proposta metodológica, bem como sua aplicação ao tema em estudo neste trabalho. Destaca-se, assim, o desenvolvimento da Leitura Popular da Bíblia no contexto da Teologia da Libertação na América Latina, particularmente no trabalho desenvolvido nas CEBs. Aqui não se pretende esgotar este tema, visto que há vasta literatura

<sup>246</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 24.

<sup>247</sup> GUTIÉRREZ, 2000, p. 19s.

<sup>248</sup> GUTIÉRREZ, 2000, p. 95.

sobre ele, mas apresentar e discutir questões que auxiliam a pensar esta proposta no contexto da experiência de mulheres com HIV e AIDS.

Nos anos 60 o Brasil estava passando por um momento de crise econômica. Nesse período, o governo desacelerou a economia interna e tornou-se cada vez mais dependente do exterior e as decisões políticas fizeram com que aumentasse a inflação.<sup>249</sup> A crise econômica gerou uma crise política que criou as condições para que houvesse um golpe de Estado e a implementação de uma ditadura militar. Segundo Isabel Felix: “O golpe de estado em 1964, coloca o Brasil sob uma ditadura que vai se prolongar por mais de duas décadas, interrompendo o processo de democratização social e política que vinha se desenvolvendo”.<sup>250</sup> A crise na economia ocasionou o aumento de desemprego e conseqüentemente o aumento da pobreza.

Todo esse processo afetou também as igrejas e a sua postura diante das questões sociais. A ditadura impedia o surgimento de movimentos populares. A Igreja, embora também sofrendo represálias da ditadura, ainda era um dos poucos lugares onde se podia trabalhar com certa liberdade sem ser vítima da repressão política.<sup>251</sup>

Antes mesmo do início da ditadura a Igreja desempenhava um papel importante na sociedade brasileira. Uma parceria entre o Estado (Ministério da Educação e Cultura) e a Igreja Católica, firmado em 1961, contribuiu para o fortalecimento do Movimento de Educação de Base (MEB).<sup>252</sup> Esse movimento “contribuiu com o desenvolvimento de práticas pastorais transformadoras junto às classes populares e na tentativa de trazer o povo para o centro da tomada de decisões”.<sup>253</sup> O trabalho de conscientização política que se desenvolveu no Brasil e que contava com a participação de diferentes igrejas cristãs e recebeu forte apoio de diversos setores da Igreja Católica resultou na criação de um partido, a *Ação Popular*.<sup>254</sup>

<sup>249</sup> Veja mais em: SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil entre 1960-1975*. São Leopoldo: Sinodal, EST/IEPG, 1992. p. 16.

<sup>250</sup> FELIX, Isabel Aparecida; TROCH, Lieve. *Anseio por dançar diferente: leitura popular da bíblia na ótica da hermenêutica feminista crítica de libertação*. Tese (Doutorado em teologia). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, 2010. p. 17.

<sup>251</sup> LOWY, 2000, p. 145. A Igreja na época da ditadura militar foi como um “guarda-sol a abrigar vários movimentos sociais em defesa dos direitos humanos”.

<sup>252</sup> MEB - Movimento de Educação Popular teve “início da década de 60 no nordeste brasileiro – Liderança teórica de Paulo Freire (Educação como prática da liberdade). Impõe o conceito da conscientização, educar a partir da cultura popular, tomar consciência política a partir do universo da vida cotidiana”. Fé e política tornam-se temas centrais. DUSSEL, Enrique D. *Teologia da libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 61.

<sup>253</sup> FELIX; TROCH, 2010, p. 24.

<sup>254</sup> MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco Rodrigues. *Sobre a Leitura Popular da Bíblia no Brasil*. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=12&noticiaId=132>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

A partir de 1946, com a Ação Católica, iniciou-se um processo gradativo de participação do laicato na Igreja Católica no Brasil. Enfatizava a evangelização em diferentes meios e deu origem a diferentes grupos organizados de juventude.<sup>255</sup> Sua importância se deu ao propor um novo modelo de laicato católico, que ao mesmo tempo em que era obediente à hierarquia da Igreja também via a Igreja como um agente capaz de promover transformações sociais.<sup>256</sup> Após o golpe militar a Igreja Católica sofreu perseguições políticas, mas apesar disso ela conseguiu manter-se resistente na atuação junto à população contribuindo com a promoção de mudanças sócio-políticas. Esses movimentos políticos no seio da Igreja buscavam conscientizar as pessoas sobre sua situação de opressão, e a necessidade de acontecerem rupturas com a sociedade dominante.<sup>257</sup> O envolvimento da Igreja nas relações políticas contribuiu para despertar a consciência crítica da população marginalizada e isso fez com que se começasse a ler a Bíblia de outra forma. A realidade opressora impulsionou o anseio de transformação e libertação, e a Bíblia passou a não ser mais utilizada para justificar a exploração do povo.

O envolvimento de diferentes denominações religiosas foi importante neste período e houve também a participação das igrejas protestantes, embora em escala muito menor do a participação e influências da Igreja Católica.<sup>258</sup> As igrejas protestantes associavam, inicialmente, as causas da pobreza um sistema de educação precário e por isso, fizeram investimentos nessa área. No entanto, essa tese não se sustentou e influenciada por grupos mais jovens passaram a considerar de maneira a situação social, econômica e política do país. A

<sup>255</sup> SCHÜNEMANN, 1992, p. 30. Conforme Enrique Dussel a Ação Popular era um pequeno partido político que iniciou em 1960. Neste período a relação entre fé e política torna-se central. DUSSEL, Enrique D. *Teologia da libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 61.

<sup>256</sup> FRAGGIOLI, Massimo: Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 401, Ano XII, - 03/09/2012, p. 16, 03 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2016. Ver mais em: DALE, Romeu. *A Ação Católica Brasileira*. São Paulo: Loyola, CEPEHIB, 1985 e BETIATO, Mário Antônio. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. Petrópolis: Vozes, 1985. A Ação Católica, na verdade, é o nome que se deu a um conjunto de movimentos nascidos dentro da Igreja Católica no século 20 (1929), especialmente durante o período do Papa Pio XI. Estes movimentos representados em vários segmentos como Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Operária Católica (JOC), que visavam ampliar sua influência na sociedade. Isso ocorreria por meio dos leigos para o fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja.

<sup>257</sup> ALVES, Laci Maria Araújo. Igreja Católica: imaginário, ditadura e movimentos sociais. *Caderno Espaço Feminino*, v. 26, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/24680/13737>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

<sup>258</sup> As Igrejas protestantes de transplante ou imigração eram formadas por pessoas pobres e marginalizadas vindas da Alemanha. As comunidades religiosas que aqui se organizaram eram, de certa maneira, livres e podiam se organizar com certa autonomia. Seu principal objetivo era atender as necessidades internas da comunidade, não tinham um perfil missionário. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) foi constituída apenas em 1949 (federação de sínodos) e com a estrutura atual apenas em 1968. ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Ática, 1994. p. 121 e 122.

Confederação Evangélica do Brasil (CEB)<sup>259</sup> financiou eventos que discutiram a situação social do país. Uma série de encontros discutiram alternativas de colaboração entre Igreja e Estado, mas foi a partir de 1962, com a Conferência do Nordeste, que levou as igrejas protestantes a se posicionar sobre a situação de injustiça social em que vivia maior parte da população.<sup>260</sup>

O Concílio Vaticano II foi realizado de 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965. Esse Concílio mudou a relação da igreja com o mundo. O ponto central deste concílio foi a opção pelo ser humano e o bem comum. Esse novo enfoque dá início a novas reflexões teológicas. “Após o Concílio Vaticano II, a Igreja tornou-se mais consciente de sua missão para o serviço dos pobres, oprimidos e marginalizados”.<sup>261</sup> Embora a questão dos pobres não tivesse sido central durante o Concílio, a temática gerou impulsos que resultaram no fortalecimento do trabalho com os pobres, por parte de bispos engajados, especialmente na América Latina, onde já vinha ocorrendo um movimento de conscientização política que acontecia em comunidades cristãs de base apoiados pela Igreja Católica.

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano aconteceu na Colômbia (Medellín), entre 26 de agosto e 8 de setembro de 1968 e tinha como objetivo resgatar e colocar em prática na América-latina aquilo que havia sido decidido no Concílio Vaticano II. A realização desta conferência foi importante para o desenvolvimento da Teologia da Libertação, pois adotou a opção pelos pobres e marginalizados.<sup>262</sup> Conforme Andrade:

Trata-se de uma Teologia que procura acompanhar a prática pastoral de uma igreja que se faz pobre, se coloca ao lado dos pobres e se compromete com os processos de libertação de todas as formas de opressão e marginalização. [...] A expressão literal “opção pelos pobres” surgirá no início dos anos 70 e se tornará a marca indelével fundamental da Igreja latino-americana.<sup>263</sup>

O envolvimento de cristãos nos movimentos populares modificou a maneira de ler e interpretar a Bíblia, a história e a liturgia. A partir de 1968, o trabalho de base que vinha sendo realizado ganhou força e começaram a surgir novas comunidades religiosas, inseridas nos meios populares. Essas comunidades foram chamadas de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs),

<sup>259</sup> “A Confederação Evangélica do Brasil (CEB), fundada em 1934 através da fusão de três órgãos: O Conselho de Educação Religiosa, a Comissão Brasileira de Cooperação e a Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil”. SCHÜNEMANN, 1992, p. 36.

<sup>260</sup> SCHÜNEMANN, 1992, p. 37.

<sup>261</sup> GUTIÉRREZ, 1975, p. 24. Veja mais sobre o tema em: VALENTINI, Demétrio. 50 anos de recepção do Concílio na Igreja da América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 72, n. 288, p. 926-935, out. 2012.

<sup>262</sup> Ver mais sobre opção preferencial pelos pobres em BARREIRO, Álvaro. *Os pobres e o reino: do evangelho a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983. Em João Paulo II a Opção pelos pobres está relacionada aos direitos humanos (p. 53).

<sup>263</sup> ANDRADE, 2015, p. 35.

sobre as quais falaremos mais adiante.<sup>264</sup> As CEBs, as pastorais indígenas, da terra, dos operários e dos direitos humanos foram de grande importância nas lutas sociais e políticas e contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Teologia da Libertação<sup>265</sup>

A Teologia da Libertação é uma teologia contextual e está fortemente vinculada à realidade e é afetada pelas transformações que nela ocorrem. “A realidade de exclusão social evoca a necessidade da promoção de mecanismos de solidariedade, tanto ao nível macro, ou seja, de organização, bem como ao nível micro, na organização e no fomento de iniciativas locais de combate à exclusão social”.<sup>266</sup> É imprescindível para a Teologia da Libertação que haja participação consciente dos/as cidadãos/ãs envolvidos/as no desenvolvimento de mecanismos que visem a transformação social. “A centralidade para a Teologia da Libertação, portanto, esteve sempre na organização e na participação ativa das comunidades de base e dos movimentos populares”.<sup>267</sup> Essas questões serão fundamentais para compreender as propostas construídas no âmbito da metodologia de leitura popular da Bíblia.

Na América Latina e no Brasil a extrema miséria em que vivia grande parte da população foi o que gerou movimentos, por parte de grupos cristãos, contra essa realidade social que negava a dignidade das pessoas pobres. A Teologia da Libertação rompeu com o sistema opressor e buscou resgatar a dignidade dessas pessoas excluídas. O ponto central para a Teologia da Libertação é a transformação social.<sup>268</sup> Segundo Carlos Bock “A Teologia da Libertação parte da análise de que a realidade da pobreza no continente latino-americano não tinha causas naturais ou morais, mas era consequência de um sistema socioeconômico excludente e por isso promotor e mantenedor da injustiça”.<sup>269</sup>

Nas décadas de sessenta e setenta, quando nasce e amadurece a TdL, o capitalismo tem uma política de *desenvolvimento* para os povos pobres, o que fortalece sua situação de *dependência*. O conceito “*libertação*” é utilizado para construir um modelo de desenvolvimento autônomo, não-dependente. Inclusive o termo “desenvolvimento” é substituído pela palavra “libertação”. A grande ruptura teológica se deu na passagem de uma teologia do *desenvolvimento* para uma teologia da

<sup>264</sup> ANDRADE, 2015, p. 34.

<sup>265</sup> SCHÜNEMANN, 1992, p. 33.

<sup>266</sup> BOCK, Carlos Gilberto. Deslocamentos epistemológicos na teologia da libertação nos anos 1990. GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida. *Teologia pública: deslocamentos da teologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2015. V. 5. p. 13-56. p. 22.

<sup>267</sup> BOCK, 2015, p. 36.

<sup>268</sup> MO SUNG, Jung. O pobre depois da Teologia da Libertação. *Concilium*, Petrópolis, n. 361, p. 70 -80, 2015. p. 73.

<sup>269</sup> BOCK, 2015, p. 35. Veja também: ALTMAN, Walter. Recurso à violência e transformação social: Perspectivas da Teologia da Libertação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 30, n. 2, p. 126-142, 2013.

*libertação*; a teoria da dependência permitiu elaborar uma teoria e uma estratégia da libertação e da revolução no Terceiro Mundo.<sup>270</sup>

A partir dos anos 70, no Brasil, a Teologia da Libertação começou a enfrentar um período de resistência, com a ascensão de uma ala mais conservadora. Embora o período fosse tenso continuava-se mantendo o apoio às Comunidades de Base, às Pastorais Sociais e a Teologia da Libertação. As organizações populares caracterizadas pela resistência ao sistema injusto foram indispensáveis para a transformação de situações opressoras.<sup>271</sup>

Durante os anos em que se seguiam a ditadura militar no Brasil e em outros países da América Latina, os movimentos populares tinham como maior preocupação garantir os direitos do/a cidadão/ã através da defesa da democracia. O movimento popular “concentrou seus esforços em torno da defesa da democracia, entendida como defesa da liberdade política, da justiça socioeconômica e dos interesses das classes marginalizadas nas sociedades”.<sup>272</sup> Ao longo dos anos os movimentos sociais e as organizações populares passaram por mudanças e encontraram novas formas de se organizar e expressar seus desejos e sonhos. “Nos anos 70, a ênfase maior estava nas denúncias e manifestações contra a ditadura militar e o custo de vida. Hoje, na luta contra o império neoliberal”.<sup>273</sup> As mudanças do contexto político e social fizeram com que surgissem novas preocupações e a teologia mudou a compreensão que tinha de si mesma. O conceito de pobre/oprimido precisou ser ampliado a fim de acomodar os novos sujeitos. As questões referentes às mulheres e o HIV e a AIDS, por exemplo, passaram a fazer parte das discussões teológicas.

Nos últimos dez anos a TdL aprofundou e ampliou o conceito de *pobre*, utilizando o termo *oprimido*, não só na dimensão econômica, mas também racial, cultural e sexista. O conceito de classe foi sobre determinado por aqueles de raça, nação e sexo. O mundo dos pobres e oprimidos é assim o mundo dos economicamente pobres, mas também o mundo dos indígenas, dos afro-americanos, das mulheres (sobretudo das mulheres do Terceiro Mundo duplamente exploradas, como pobres e como mulheres). Também falamos hoje de nações oprimidas e marginalizadas.<sup>274</sup>

Neste contexto marcado pela opressão e injustiças sociais e econômicas o povo pobre e marginalizado passou a ocupar o papel de sujeito da história. O processo de conscientização

<sup>270</sup> RICHARD, Pablo. A Teologia da Libertação na nova conjuntura: temas e novos desafios para a década de noventa. *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 3, p. 206-220, 1991. p. 208.

<sup>271</sup> ANDRADE, 2015, p. 35.

<sup>272</sup> BOCK, 2015, p. 38.

<sup>273</sup> MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. O caminho que temos pela frente. *Concilium*, Petrópolis, n. 361, p. 38-48, 2015. p. 39.

<sup>274</sup> RICHARD, 1991, p. 210.

do povo de sua situação social se desenvolveu a partir de comunidades de fé e da luta pelos direitos das pessoas.

A leitura da Bíblia desempenhava um papel importante nos encontros que aconteciam nas comunidades de base. A Bíblia passou a ser lida e interpretada a partir da realidade concreta das pessoas. A Bíblia e a sua leitura deixaram de ser um privilégio de algumas autoridades responsáveis por sua interpretação. Esse novo jeito de lidar com o texto bíblico aproximou as pessoas do processo de leitura e interpretação que não dependia mais de uma autoridade externa capaz de revelar as verdades neles escondidos.

A Teologia da Libertação foi um marco importante na história do desenvolvimento da teologia na América Latina, questionando as estruturas sociais, políticas e econômicas existentes no país e que sujeitavam a maior parte da população a viver em situação de vulnerabilidade social e econômicas, levando a marginalização e opressão.

Essas condições às quais a população no contexto latino-americano era submetida despertaram alguns setores da igreja a buscar as causas dessa situação, desenvolvendo assim um novo jeito de fazer teologia. Na busca por respostas era necessário conhecer o contexto e assim, o povo pobre e oprimido tornou-se elemento fundamental. A organização popular e as comunidades de base foram importantes no processo de transformação social, conforme será apresentado no próximo tópico. Nas comunidades de base o povo descobriu um novo jeito de ler a Bíblia, que deu origem ao método de Leitura Popular da Bíblia, objeto desta pesquisa.

### *2.2.2 As Comunidades Eclesiais de Base e o surgimento da Leitura Popular da Bíblia*

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são fruto do trabalho realizado junto a comunidades empobrecidas que viviam nas periferias das cidades e nas pequenas localidades rurais. Essas comunidades eram formadas por pessoas leigas que se reuniam com o objetivo de ler a Bíblia. As CEBs eram grupos de pessoas, que se conheciam entre si. Elas se reuniam em razão de suas crenças religiosas, para rezar, para celebrar, para refletir sobre a relação entre a Bíblia e sua vida e para participar dos sacramentos<sup>275</sup>. Esse modelo de comunidade se espalhou pelo Brasil e, “nas comunidades, em todo canto, foram surgindo os Círculos Bíblicos,<sup>276</sup> grupos

<sup>275</sup> BOFF, Clodovis. *As comunidades de base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 50.

<sup>276</sup> “O que permite pastoralmente tal evolução é um tipo de círculo bíblico, em que a reflexão sobre a Palavra de Deus se articula com a problemática social, do trabalho e de lutas políticas da comunidade. De muitos círculos bíblicos nascem lutas da comunidade. Esta se reúne com a dupla finalidade de organizar-se em vista da luta e de refletir sobre sua fé. Dessa articulação vai nascendo a CEB”. LIBÂNIO, João Batista. Projeto Pastoral “construir a esperança”. *Perspectiva Teológica*, v. 24, n. 62, p. 77-94, 2012. p. 88s. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1508/1865>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

de reflexão, grupos do evangelho, celebrações da Palavra”.<sup>277</sup> A leitura da Bíblia realizada nesses círculos de reflexão, “rompe com os critérios e os métodos da exegese científica europeia e propõe uma hermenêutica bíblica latino-americana, identificada com os pobres numa perspectiva de libertação”.<sup>278</sup>

As primeiras comunidades de base começaram a se desenvolver entre 1964 e 1968. “A motivação imediata da proposição das comunidades de base no início da década de 1960 era a insatisfação de um importante setor da Igreja católica com relação ao tipo de evangelização feito até então”.<sup>279</sup>

As CEBs do nordeste brasileiro foram o local de origem da metodologia de leitura popular da Bíblia. O trabalho desenvolvido por Paulo Freire<sup>280</sup> teve grande influência no desenvolvimento das CEBs. Defendia a participação popular no processo de sua própria educação. Segundo ele, o povo tinha capacidade de ser sujeito da educação, de pensar e decidir.<sup>281</sup> As CEBs desenvolveram um amplo trabalho de educação popular através da conscientização das pessoas da realidade social e do reconhecimento de sua própria capacidade transformadora, respondendo a problemas e necessidades concretas da comunidade.<sup>282</sup> Esse modelo de educação não estava atrelado à educação que acontece nas escolas, pelo contrário,

---

<sup>277</sup> MESTERS e OROFINO, 2012.

<sup>278</sup> SANTOS, Odja Barros. *Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência*. Dissertação (Mestrado Profissional). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2010. p. 22. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=270](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=270)>. Acesso em: 13 abr. 2016. Vélez descreve alguns problemas/ dificuldades de seguir os métodos exegéticos anteriormente conhecidos. O método histórico crítico, por exemplo, foca mais na perícope do texto, deixando de lado os relatos que facilitam maior conexão entre o texto e o contexto. O método linguístico-estrutural tem preocupação excessiva com o texto e pouco considera o leitor. A leitura materialista é a que mais se assemelha ao que acontece nas CEBs, pois traz análise do contexto político, econômico e social buscando a transformação social. VÉLEZ, Neftalí. A Leitura bíblica nas Comunidades Eclesiais de Base. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 1, p. 26-43, 1988.

<sup>279</sup> BOFF, 1997, p. 48.

<sup>280</sup> Freire escreveu importantes obras destacando a importância da educação e conscientização do povo nos processos de libertação. O Livro “Pedagogia do Oprimido” foi escrito durante a ditadura (1968) e proibido no Brasil até 1974. As obras de Paulo Freire influenciaram os métodos de educação da época e continua sendo uma importante obra até os dias de hoje.

<sup>281</sup> BOFF, 1997, p. 51.

<sup>282</sup> A educação popular é feita pelo povo. Conforme Brandão: “Uma primeira experiência de educação com as classes populares a que se deu sucessivamente o nome de educação de base (no MEB, por exemplo), de educação libertadora, ou mais tarde de educação popular surge no Brasil no começo da década de 60. Surge no interior de grupos e movimentos da sociedade civil, alguns deles associados a setores de governos municipais, estaduais, ou da federação. Surge como um movimento de educadores, que trazem para seu âmbito de trabalho profissional e militante, teorias e práticas do que se chamou cultura popular, e se considerou como uma base simbólico-ideológica de processos políticos de organização e mobilização de setores das classes populares, para uma luta de classes dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigentes”. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 82.

ele acontece onde o povo se encontra. Durante o processo de luta pela libertação o próprio povo é chamado a elaborar o seu saber.<sup>283</sup>

As CEBs permitiam a participação e o engajamento de todos/as, elas eram “espaços democráticos em que se pôde fazer leitura da Bíblia fora do controle ideológico e político. As igrejas, neste momento de perseguição, tornaram-se espaço de articulação da oposição, onde se podia ainda trabalhar com certa liberdade”.<sup>284</sup> Com a ditadura militar, os grupos populares, sindicatos e lideranças políticas encontraram nas CEBs um espaço onde podiam se reunir para discutir sobre os mais diversos assuntos. Ao mesmo tempo em que alimentavam sua fé, através de orações, cantos e leitura da Bíblia tomavam consciência da sua situação social.<sup>285</sup>

Não se pode afirmar que a ditadura está relacionada com o surgimento das CEBs, mas foi um fator que propiciou o seu crescimento e fortalecimento. Embora a Igreja Católica fosse, em sua maioria, conservadora, “as arbitrariedades da ditadura militar – as prisões, as perseguições, a tortura, o desprezo aos direitos humanos, atingindo membros da própria igreja – fizeram com que a posição crítica aos militares aumentasse gradualmente”<sup>286</sup>, e assim, a ala mais preocupada/sensível com as questões relacionadas ao respeito à dignidade humana ganhou espaço.

Segundo o Documento de Puebla:<sup>287</sup> “As CEBs são a expressão do amor preferencial da igreja pelo povo simples, que nela se exprime, se valoriza, e se purifica em sua religiosidade, adquirindo possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo (n. 643)”.<sup>288</sup> As CEBs começaram a se estruturar quando o povo (índio, afro-americano, favelado, operário, desempregado, subempregado, idosos e crianças abandonadas) se organiza para resistir ao seu sofrimento e busca a transformação de situações opressoras. As CEBs foram espaços que promoveram a conscientização. O povo pobre questionava o sistema social, e a realidade em que vivia e ao se tornar consciente denunciava a injustiça e opressão.

---

<sup>283</sup> Veja sobre a relação entre Teologia da Libertação e Educação Popular em: SCHINELO, Edmilson; PEREIRA, Nancy Cardoso. *Teologia da libertação e educação popular: partilhando e avaliando práticas de educação libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

<sup>284</sup> SANTOS, 2010, p. 22.

<sup>285</sup> BOFF, 1997, p. 51.

<sup>286</sup> BOFF, 1997, p. 50.

<sup>287</sup> A III Conferência Geral do Episcopado aconteceu em Puebla, México, em 1979. Segundo Enrique Dussel, a maior parte dos teólogos da libertação não puderam participar, embora tenha sido tratado o tema da “opção preferencial pelos pobres”. DUSSEL, 1999, p. 93. Veja mais sobre o Documento de Puebla em: MARINS, José; TREVISAN, Teolide; CHANONA, Carolee. *Comunidade eclesial de base: foco de evangelização e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 16.

<sup>288</sup> GORGULHO; QUEIROZ, 1985, p. 17.

Existe uma pequena diferença entre o que caracteriza uma Comunidade Eclesial de Base e os demais movimentos populares. “Comunidade Eclesial de Base é essencialmente comunidade de fé. Enquanto o Movimento Popular não supõe necessariamente essa base religiosa”.<sup>289</sup> As Comunidades Eclesiais de Base estão diretamente vinculadas a questão da evangelização na América Latina. Embora representem duas coisas diferentes, elas não podem ser totalmente separadas. “As tomadas de consciência de seu valor, de seus direitos e da realidade social, levarão membros das CEBs a se engajarem em ações concretas. As CEBs estão na origem de, ou reforçarão, inúmeros movimentos populares”.<sup>290</sup>

Inicialmente os/as integrantes das CEBs não estavam envolvidos/as em partidos políticos. A partir de 1979, com a reforma militar que possibilitou criar novos partidos políticos, parte dos membros das CEBs se aliou ao Partido dos Trabalhadores (partido que nasceu do movimento operário e de movimentos populares).<sup>291</sup> Através da presença nos movimentos populares, do incentivo à participação popular e práticas democráticas as CEBs contribuíram para o processo de democratização da política brasileira.<sup>292</sup>

Com a retomada da democracia e o surgimento de diversos grupos de interesse social (ONGs e movimentos sindicais) as CEBs perderam espaço nos últimos anos da década de 1970, mas não chegaram a ser extintas. A Igreja Católica entrou em uma fase mais conservadora com João Paulo II (1978). Nesse período também a Teologia da Libertação foi duramente criticada e sofreu ataques.<sup>293</sup>

A Bíblia sempre foi importante para o catolicismo e o cristianismo em geral no Brasil. Na experiência das CEBs a “Bíblia faz a ponte entre o político, de caráter profano, e o sagrado, vivenciado no espaço celebrativo e reflexivo da comunidade”.<sup>294</sup> A Bíblia é lida a partir da perspectiva do povo oprimido, da “opção pelos pobres”, busca-se uma leitura libertadora, onde os textos bíblicos são confrontados com a realidade local. “O confronto com a realidade concreta, pessoal, comunitária e social dá à Bíblia seu caráter mobilizador”.<sup>295</sup>

Na leitura bíblica que acontece nas CEBs é fundamental que a comunidade é quem interpreta o texto bíblico. A troca de saberes e o diálogo que acontece faz com que a comunidade perceba que a luta é também a luta de outras pessoas e que essa mesma luta (ou semelhante) acontece em outros lugares do mundo e em outros tempos, inclusive bíblicos. A leitura bíblica

---

<sup>289</sup> GORGULHO, 1985, p. 109.

<sup>290</sup> BOFF, 1997, p. 55.

<sup>291</sup> BOFF, 1997, p. 61.

<sup>292</sup> BOFF, 1997, p. 71.

<sup>293</sup> BOFF, 1997, p. 72.

<sup>294</sup> BOFF, 1997, p. 83.

<sup>295</sup> BOFF, 1997, p. 280.

das CEBs busca uma nova forma de interpretação/compreensão do texto, que parte da fé vivida dentro de um contexto de libertação.<sup>296</sup>

As Comunidades Eclesiais de Base representam o produto do trabalho que foi desenvolvido junto a comunidades empobrecidas com o intuito de ler a Bíblia. Nesses encontros as pessoas reunidas encontravam um espaço para celebrar, orar e refletir sobre a conexão entre a vida e os textos bíblicos. Nas CEBs o povo, a comunidade desenvolve um novo jeito de ler a Bíblia, através da sua própria interpretação do texto bíblico que leva em conta a sua realidade, a sua experiência de fé e de vida.

No diálogo com as outras pessoas a comunidade ia se tornando consciente de que as suas lutas eram também as lutas de outras pessoas, inclusive nos tempos bíblicos. A conexão estabelecida entre a Bíblia e a vida contribuiu no processo de conscientização do povo sobre situações que promovem opressão. Assim, conscientes a própria comunidade torna-se capaz de promover a transformação dessas estruturas.

Dessa experiência de leitura da Bíblia que aconteceu nas Comunidade Eclesiais de Base desenvolveu-se o método de Leitura Popular da Bíblia, que atualmente serve de base para o trabalho que é desenvolvido em diferentes contextos. Esse método, que tem como foco a experiência de fé e o contexto das pessoas oprimidas e marginalizadas oferece subsídios que podem ser úteis para o cuidado pastoral às pessoas com HIV e AIDS.

### 2.2.3 *Ver, Julgar e Agir e a Leitura Popular da Bíblia*

As Comunidades Eclesiais de Base desenvolveram uma nova forma de ler a Bíblia, baseando-se no método *Ver-Julgar-Agir*.<sup>297</sup> Este método permitiu o desenvolvimento de uma nova maneira de ser Igreja inserida no mundo, essa metodologia foi adotada pela Teologia da Libertação e se difundiu na América Latina. “Trata-se de uma metodologia interpretativa da realidade de injustiça e exploração sobre a população da América Latina, e de uma maneira de atuar para transformar tal realidade, em seu compromisso com a opção pelos pobres”.<sup>298</sup>

Antes de procurar saber o que Deus falou no passado, ele procura *Ver* a situação do povo hoje, os seus problemas. Em seguida, com a ajuda de textos da Bíblia, procura *Julgar* esta situação. Isto faz com que, aos poucos, a fala de Deus já não venha só da Bíblia, mas também dos próprios fatos iluminados pela Bíblia. E são eles, os fatos,

<sup>296</sup> VÉLEZ, 1988, p. 26.

<sup>297</sup> Sobre o método Ver Julgar e Agir: BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1980. E também: BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>298</sup> FELIX; TROCH, 2010, p. 32.

que assim se tornam os transmissores da Palavra de Deus e que levam a *Agir* de maneira nova.<sup>299</sup>

O método *Ver-Julgar-Agir*<sup>300</sup> parte da realidade concreta da vida do povo, identificando a situação de opressão no qual se encontra. Este “método ver-julgar-agir constituiu-se de uma metodologia central dos movimentos de base dos meios populares católicos desde a década de 50. Foi introduzido no Brasil, pela Ação Católica”<sup>301</sup> e impulsionou a reflexão teológica na América Latina nas lutas de libertação do povo. Através desses três eixos era possível ligar a Bíblia e a fé com a realidade concreta do povo. Segundo Pablo Richard “a Bíblia é como um instrumento de discernimento entre o ver a realidade histórica e o agir nessa mesma realidade histórica. A Bíblia não está nem no começo nem no final, mas no centro de um processo que começa na realidade com o ver e termina na realidade com o agir”.<sup>302</sup>

O método de ver, julgar e agir foi conceituado por Clodovis Boff através da ideia de três mediações para a Teologia da Libertação. A primeira mediação é analítica, que trata de entender a realidade social: se quer saber porque o povo oprimido é oprimido. Com isso, se busca por meio do referencial das ciências sociais as condições concretas de se compreender a base sob a qual repousa a opressão real e quais são as suas causas. A segunda mediação é a mediação hermenêutica, propriamente teológica. Esta mediação diz respeito à interpretação da realidade à luz da fé.<sup>303</sup> É quando se chega ao texto bíblico com a realidade de modo a compreender-se dentro da mensagem libertadora. Com isso, a comunidade negra, por exemplo, vê no Cristo Crucificado um Deus que se compadece dos/as que estão distantes de sua terra: um Cristo negro. Se autocompreende nesta mensagem contextual. O mesmo pode ser aplicado à realidade das pessoas com HIV e AIDS, pois Cristo preocupou-se não apenas em curar doentes, sua cura também se dirigia à sociedade de modo a aceitar e incluir todas as pessoas e

<sup>299</sup> MESTERS; OROFINO, 2012.

<sup>300</sup> Conforme Pablo Richard atualmente além de utilizar o Ver - julgar -agir se acrescenta também avaliar e celebrar. “En el descubrimiento del sentido espiritual militante de la Biblia ha sido muy importante en América Latina el método ver-juzgar-actuar. Hoy también agregamos: evaluar y celebrar. Lo primero en este método no es leer la Biblia, sino hacer un análisis de la realidad (ver). En un segundo momento se lee la Biblia para hacer un discernimiento de la presencia de Dios en la realidad y para interpretar la realidad a la luz de la Palabra de Dios (juzgar). Luego se programa la práctica de transformación de la realidad (actuar), ya analizada (en el ver) y discernida por la Palabra de Dios (en el juzgar). Finalmente se hace la evaluación y la celebración del todo el proceso. La Biblia es leída así como un instrumento de discernimiento entre el ver la realidad histórica y el actuar en esa misma realidad histórica. La Biblia no está ni al comienzo ni al final, sino en el centro de un proceso que comienza en la realidad con el ver y termina en la realidad con el actuar. En América Latina hemos aprendido a descubrir la Palabra de Dios con un ojo puesto en la Biblia y con el otro ojo puesto en la realidad histórica de nuestros pueblos”. RICHARD, Pablo. 19 anos de trabalho e 50 números publicados – Síntese de nossos ganhos mais significativos. *RIBLA*, n. 50, p. 11-19, 2005. p. 12.

<sup>301</sup> FELIX; TROCH, 2010, p. 25.

<sup>302</sup> RICHARD, 2005, p. 18

<sup>303</sup> BOFF, 1990, p. 101.

cuidar delas. É por isso que, no entender de Clodovis Boff, as mediações socioanalítica e hermenêutica conjugam o conjunto dos meios que a reflexão teológica emprega para captar o seu objeto.<sup>304</sup>

Já a mediação prática acompanha todo o processo de elaboração teológica, já que é da prática (vida eclesial e vivência de fé) que a teologia surge e para ela novamente se volta. A “volta à ação”, comumente chamada de práxis, diz respeito ao momento de ação prática da Teologia da Libertação e seu comprometimento com a transformação da realidade, para a práxis da fé.<sup>305</sup>

O método “*ver, julgar e agir*”, utilizado nas Comunidades Eclesiais de Base e que inspira o método de leitura popular da Bíblia, pode ser explicado a partir da narrativa de Emaús relatada no evangelho de Lucas capítulo 24, versículos 13 a 35. Este texto é central para se compreender esta metodologia hermenêutica, de práxis de fé da hermenêutica latino-americana.<sup>306</sup>

O desafio da prática popular é entender o que as pessoas sentem a partir de sua própria experiência. Para isso, faz-se necessário aproximar-se das pessoas, caminhar com elas. “O caminhar junto um bom pedaço de caminho, a escuta atenta, antes e depois de perguntar, a própria pergunta, que busca conhecer o saber alheio, tudo isso vai estabelecendo um clima de confiança”.<sup>307</sup> Colocar-se numa posição de igualdade com as pessoas com quem se fala aproxima, facilita o diálogo. É preciso estar disposto/a a aprender com as contribuições e experiências da outra pessoa.

A narrativa de Emaús pode demonstrar que as pessoas simples, marginalizadas e excluídas também têm algo para ensinar, elas têm sua história e seu saber. “É apenas preciso que se dê a elas a oportunidade de dizer a sua própria palavra”.<sup>308</sup> São saberes diferentes, que partem de outro ponto de vista. Seu saber parte da sua experiência no dia a dia, na sua comunidade, no seu bairro, na família. Não é um saber científico, como aquele realizado nas faculdades, mas é um saber que reflete sua prática. Este é o legado da Educação Popular, da

---

<sup>304</sup> BOFF, 1990, p. 107. “Uma vez entendida a realidade do pobre é preciso se perguntar: o que diz a palavra de Deus sobre isto?”

<sup>305</sup> LIBÂNIO, 1996, p. 360.

<sup>306</sup> DREHER, 1993. No livro, Carlos Drehrer explica o método de Leitura de Popular da Bíblia a partir da narrativa de Lucas 24. 13-35. Na história Jesus encontra dois discípulos, um homem e uma mulher, caminhando em direção a Emaús. Jesus havia sido crucificado e por isso os discípulos estavam tristes. Jesus se aproxima e conversa e conversa com eles, nessa conversa com eles cometam sobre o acontecido. Os discípulos apenas reconhecem que era Jesus que andava com eles quando ele parte o pão para cear com eles.

<sup>307</sup> DREHER, 1993, p. 15.

<sup>308</sup> DREHER, 1993, p. 16.

Teologia da Libertação e da Leitura Popular da Bíblia. Eles propõem tornar a pessoa empobrecida em sujeito da sua própria história, propõe uma troca de saberes.

A Leitura Popular da Bíblia tem como objetivo dar voz as pessoas antes silenciadas. É uma leitura contextual, que parte da realidade e da experiência de quem lê o texto bíblico. Ao mesmo tempo em que refletem sobre sua realidade, dizem o que pensam e o que sentem. A atualização dos textos bíblicos é feita a partir da sua realidade.

É preciso conhecer o contexto no qual as pessoas estão inseridas para que as palavras façam algum sentido para elas. Buscar conhecer quais são os problemas, as preocupações, ou até mesmo os motivos de alegria se faz necessário no trabalho com o povo. Assim como Jesus fazia através do uso de parábolas, ele falava sobre o dia a dia das pessoas, por isso ele tocava o seu coração. Quando o texto bíblico reflete a experiência das pessoas é que ele passa a fazer algum sentido. Por isso, é importante primeiro ouvir o que as pessoas têm a dizer.

Nesta narrativa de Emaús,

Jesus interpreta a Escritura para os discípulos: (1) Jesus parte da realidade, pois quer saber de que estão falando (Lc 24,13-24). (2) Usa a Bíblia para iluminar o problema dos amigos (Lc 24,25-27) e (3) convida-os a celebrar e partilhar o pão (Lc 24,28-32). (4) Quando, ao experimentarem a presença viva de Jesus, os olhos dos discípulos se abrem, eles mesmos ressuscitam, voltam para Jerusalém e partilham com os outros a sua experiência de ressurreição, como até hoje acontece nos encontros comunitários.<sup>309</sup>

Segundo Mesters, na conversa de Jesus com os discípulos de Emaús aparecem três pontos que devem estar presentes na leitura da Bíblia.<sup>310</sup> Em primeiro lugar a interpretação deve refletir sobre a realidade. É preciso motivar as pessoas a falar, perceber os sinais, os silêncios, os gestos, fazer perguntas que ajudem as pessoas a falar sobre seus sentimentos mais profundos. Jesus conseguiu fazer isso com os discípulos enquanto caminhava.

Em segundo lugar, é preciso ter conhecimento e estudo da própria Bíblia: “Jesus usou a Bíblia não tanto para interpretar e ensinar a Bíblia, mas muito mais para com ela interpretar os fatos da vida e animar os dois rapazes”.<sup>311</sup> É preciso saber encontrar um texto que vá de encontro com a situação apresentada. Este texto deve poder consolar ou orientar.

Em terceiro lugar, Mesters fala da importância da vivência comunitária de fé na Ressurreição. A fé se conhece em comunidade, na convivência com o/a próximo/a. Assim também fez Jesus quando ceou com os discípulos em Emaús.<sup>312</sup>

---

<sup>309</sup> MESTERS; OROFINO, 2012.

<sup>310</sup> MESTERS, 1991, p. 24.

<sup>311</sup> MESTERS, 1991, p. 25.

<sup>312</sup> MESTERS, 1991, p. 25.

Conforme Mesters, quando esta tríade de elementos estiver presente na interpretação “aí a Bíblia atinge seu objetivo e acontece o milagre da mudança: os discípulos descobrem a força da palavra de Deus nos fatos, começam a praticá-la e tudo se transforma; os olhos se abrem, as pessoas mudam”.<sup>313</sup>

A leitura popular da Bíblia pretende ser libertadora, quer que aconteça transformação social. “A leitura popular da Bíblia desde que surgiu tem despertado a indignação do povo contra as injustiças e faz brotar a esperança que outra realidade e outro mundo melhor é possível”.<sup>314</sup> Ela desafia a se envolver política e socialmente, questionando e buscando soluções para os problemas. “A leitura popular surge no meio do povo como um instrumento para auxiliar na revelação da Boa Nova do Reino e motivar as comunidades a lutar para concretizar o projeto deste Reino: ‘o Reino de Deus está dentro de vocês’”.<sup>315</sup>

A história narrada no evangelho de Lucas deixa claro alguns passos metodológicos importantes para quem vai trabalhar com a Bíblia nas comunidades ou em grupos. O texto do caminho de Emaús mostra o início da comunidade cristã, como ocorreu o processo de transição do movimento de Jesus para uma comunidade. Ressalta uma compreensão de discipulado como colocar-se a caminho, que se efetiva na vida cotidiana e que o reconhecimento de Cristo se dá nos gestos do dia a dia como o repartir do pão (v. 30). Desta maneira, trabalhar em grupos em colocar-se a caminho, num caminho com metas em comum, com métodos. Sendo assim, este texto apresenta uma metodologia para trabalhar hermeneuticamente. A partir dele pode-se deprender passos importantes para a leitura da Bíblia como será abordado no tópico seguinte.

As narrativas bíblicas dialogam com aquilo que a pessoa vive. Assim se estabelece a relação entre a Bíblia e a vida.<sup>316</sup> A Bíblia traz a história do povo de Deus. A história do Êxodo, por exemplo, é constantemente retomada. O povo latino-americano tem sua história, o povo brasileiro tem sua história, e o povo oprimido também tem sua história e sua cultura e esta precisa ser retomada, recontada para que se assim, possa entender a atualidade. “O texto bíblico e a nossa história, juntos, fornecerão elementos preciosos para ler a nossa realidade e para transformá-la”.<sup>317</sup>

A Leitura Popular da Bíblia não se faz sozinha. Ela acontece na comunidade ou em grupo. Não que a leitura individual da Bíblia não seja importante, mas a leitura da Bíblia faz

---

<sup>313</sup> MESTERS, 1991, p. 25.

<sup>314</sup> CLOVIS, Benedito; BERNARDINO, Orides. Caminhando... e fazendo leitura popular da Bíblia. In: DIETRICH, José Luiz; BUSCEMI, Maria Soave. *Caminhos de leitura popular da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 66.

<sup>315</sup> CLOVIS; BERNARDINO, 2007, p. 66.

<sup>316</sup> MESTERS e OROFINO, 2012.

<sup>317</sup> DREHER, 1993, p. 32.

mais sentido quando pensada pelo coletivo, pois assim existe a troca de saberes. “Ninguém ensina ou aprende Bíblia sozinho. É uma leitura que procura estabelecer uma ponte entre a vida do povo que hoje lê a Bíblia e o povo de Israel”.<sup>318</sup> A leitura que o povo pobre faz da Bíblia brota da fé na Palavra de Deus contida nela. “A Palavra antes de ser escrita foi vivida. A Bíblia chega aos grupos como a Boa Nova que revela a presença animadora e libertadora de Deus”.<sup>319</sup> E é assim que o povo escreve uma nova história.

Araújo diz que “quanto aos procedimentos metodológicos da leitura popular da Bíblia, a sua compreensão pode ser traduzida como jeitos, atitudes e práticas, que possibilitam ou facilitam a aplicação dos princípios da metodologia adotada”.<sup>320</sup> A utilização coerente desses métodos é que vai definir a relação entre a teoria e a prática. A leitura da Bíblia tem o objetivo de captar a mensagem da palavra de Deus para a vida. Por isto, não se deve ter pressa. É preciso deixar o Espírito agir. É o Espírito que irá ajudar a compreender a mensagem do texto.<sup>321</sup>

Na leitura popular da Bíblia não há uma pessoa que ensina. Há um/a facilitador/a que apenas assessora, cuida para que a troca de opiniões aconteça. Todos os saberes são importantes e todas as opiniões e reflexões devem ser valorizadas. O papel do/a facilitador/a é provocar a discussão e não dar respostas prontas, mas envolver a comunidade para que de maneira conjunta, possa refletir sobre a realidade.<sup>322</sup>

A leitura e a interpretação do texto bíblico não são neutras. As influências sociais e culturais estão sempre presentes. “Em todos os textos há sempre duas coisas: as coisas ditas abertamente nas linhas, e as coisas ditas veladamente nas entrelinhas. As duas vêm do autor do texto, e as duas são igualmente importantes”.<sup>323</sup> Entretanto, é preciso ler o texto com atenção a cada detalhe dos/as personagens e até mesmo perguntar pelos/as personagens que estão faltando no texto. Também se faz necessário reler o texto novamente em comunidade, evitando assim que apenas um ponto de vista prevaleça.

Quando o povo discute o texto bíblico, discute ao mesmo tempo sua própria realidade. As histórias se misturam e se completam. A Bíblia ilumina a vida, e a vida ajuda a compreender a Bíblia.<sup>324</sup> O objetivo da leitura popular da Bíblia junto com o povo “não é interpretar a Bíblia,

---

<sup>318</sup> CLOVIS; BERNARDINO, p. 64.

<sup>319</sup> CLOVIS; BERNARDINO, 2007, p. 64.

<sup>320</sup> ARAÚJO, 2007, p. 13.

<sup>321</sup> ARAÚJO, 2007, p. 15.

<sup>322</sup> ARAÚJO, 2007, p. 19.

<sup>323</sup> MESTERS, 1991, p. 27.

<sup>324</sup> MESTERS, 1991, p. 31.

mas é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia”.<sup>325</sup> O texto bíblico é trazido para o presente e e assim, ele ganha um novo sentido.

A metodologia utilizada na Leitura Popular da Bíblia não segue em si uma estrutura. Ela funciona como uma conversa. Uma troca de ideias sobre o texto bíblico. Há espaço para todos/as. O/a facilitador/a deve mediar à conversa, observando para que todos participem, provocando a discussão através de perguntas e esclarecendo possíveis dúvidas.<sup>326</sup> Segundo Carlos Dreher:

Se a Bíblia não puder ajudar a melhorar a vida, corrigindo erros, evitando outros, preservando as pessoas da maldade e injustiça, se a Bíblia não puder ajudar as pessoas a viver uma vida melhor, mais digna, mais humana, então ela não passará de um interessante livro, como muitos outros, a relatar acontecimentos do passado. Palavra de Deus, ela só se torna quando encarna na vida das pessoas, quando fala para dentro da História.<sup>327</sup>

A Leitura Popular da Bíblia é desafiadora. É um exercício de encontrar sinais da ação de Deus na vida das pessoas pobres e marginalizadas. Trabalhar com o povo é acima de tudo um exercício de amor e paciência. É um trabalho longo de conscientização e formação.

Quando começamos a perceber que os pobres vivem diariamente de milagres e, principalmente quando descobrimos na Bíblia o Deus dos pobres, e dos marginalizados, o Deus dos hebreus, o Deus dos escravos, o Deus das mulheres, o Deus da pequena sarça ardente, da fraca brisa leve, da manjedoura e da cruz, passamos a reler as escrituras. E a relemos desde seus eixos centrais, Êxodo e cruz; e a relemos a partir daqueles para quem a palavra precisa falar: os pobres.<sup>328</sup>

Quando reflete sobre a realidade, a Bíblia contribui para ‘abrir os olhos’ e identificar o que há de errado. Nos movimentos de libertação que aconteceram na América Latina e no Brasil e que deram origem ao método de Leitura Popular da Bíblia, ela, a Bíblia, era o centro, utilizada para transformar a realidade dos pobres e oprimidos e o mesmo ela continua fazendo hoje. Ela serve como guia, dá esperança, mostra o amor de Deus pelas pessoas marginalizadas e oprimidas. Mas, se esse amor de Deus não puder se transformar em algo concreto, não passará de palavras bonitas.<sup>329</sup>

Por isso, reafirma-se que o método ver, julgar e agir desemboca na Leitura Popular da Bíblia, tendo como foco os pobres. “O texto é incorporado à sua vida e sua vida ao texto. O texto é percebido como fruto de uma comunidade que luta pela vida, que crê em um Deus da

---

<sup>325</sup> MESTERS, 1991, p. 37.

<sup>326</sup> MESTERS, 1991, p. 127.

<sup>327</sup> DREHER, 1993, p. 22.

<sup>328</sup> DREHER, 1993, p. 43.

<sup>329</sup> DREHER, 1993, p. 50.

vida”.<sup>330</sup> A palavra de Deus está na atualização do texto, nos processos de libertação que se dão a partir de novas experiências com o texto bíblico. As Escrituras terão sentido como palavra de Deus quando exercerem alguma importância para a vida daqueles/as que são oprimidos/as. “A Bíblia só existe em função da vida, para que esta nos fale novamente de Deus, do Deus vivo e verdadeiro, libertador desde o começo”.<sup>331</sup>

O estudo da Bíblia só tem sentido se fizer algum sentido para quem o lê. “O povo quer saber o que Deus nos tem a dizer hoje por meio da Bíblia. Quer conhecer a vontade de Deus, para poder colocá-la em prática”,<sup>332</sup> e assim poder transformar o contexto e as estruturas opressoras. A realidade, o contexto e as experiências das pessoas é que questionam o que está errado e fazem querer mudar as estruturas que oprimem e marginalizam. Trata-se de um novo olhar, que surge a partir da interpretação da Bíblia.

A Leitura Popular da Bíblia é um método que quer dar voz aos homens e mulheres oprimidos e marginalizados da sociedade atual, através de um processo de leitura da Bíblia que busca reconstruir o sentido histórico do texto desde a perspectiva do pobre. Para isso, busca-se contribuições de diferentes métodos exegéticos que podem ajudar a interpretar o sentido literal e histórico do texto.<sup>333</sup> A interpretação do texto bíblico parte da realidade de fé e da vivência das pessoas pobres e marginalizadas.

O método ver-julgar-agir que se desenvolveu entre os movimentos populares e comunidades de base e impulsionou um novo jeito de fazer teologia no contexto latino-americano. Esse método ajuda a ler o contexto social, político e cultural em que vivem as pessoas, analisar a situação criticamente buscando a transformação. Nesse processo de conscientização do povo a Bíblia é um instrumento importante e estabelece uma relação entre o ver e o agir.

Para explicar o método que inspira a Leitura Popular da Bíblia utilizou-se a narrativa bíblica do Caminho de Emaús. Desta narrativa se destacam elementos que devem estar presentes no processo de Leitura Popular da Bíblia: refletir sobre a realidade, engajando as pessoas no processo de leitura da Bíblia. Conhecer a Bíblia, sugerir textos adequados para a necessidade do grupo. A fé é alimentada na vivência comunitária, por isso é um processo que se dá em comunidade.

---

<sup>330</sup> DIETRICH, 2007, p. 13.

<sup>331</sup> MESTERS, 1991, p. 64.

<sup>332</sup> MESTERS, 1991, p. 128.

<sup>333</sup> RICHARD, 2005, p. 11.

O método de leitura popular da Bíblia não é um método estático, fixo. É um processo que pode ser traduzido ou adaptado para diferentes contextos e o seu desenvolvimento dependerá da experiência e do engajamento das pessoas envolvidas. A proposta desta Tese é de que esse método pode ser utilizado também no trabalho pastoral com mulheres com HIV e AIDS nas comunidades de fé.

#### 2.2.4 O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e a metodologia de Leitura Popular da Bíblia

O Centro de Estudos Bíblicos - CEBI foi criado nos anos 70 a partir do movimento popular e de leitura da Bíblia que vinha acontecendo nas comunidades de fé no Brasil. Segundo Mesters e Orofino, “ele existe para estar a serviço da Leitura Popular da Bíblia. [...] O CEBI nasceu para explicitar, articular, dinamizar e sistematizar esta leitura que o povo já fazia da Bíblia em pequenos grupos populares (1964-1985)”.<sup>334</sup>

A Leitura Popular da Bíblia surgiu a partir de uma nova forma de ler a Bíblia. Esse novo método levou em conta a vivência e a experiência das pessoas empobrecidas, marginalizadas e em situações de vulnerabilidade. Com o intuito de sistematizar e divulgar esse novo método de leitura da Bíblia surgiu o CEBI. O CEBI nasceu da busca por “reaprender a ler a Palavra de Deus na Bíblia e na vida; articular a leitura popular com espaços acadêmicos de estudos da Bíblia; recuperar uma espiritualidade e mística da Bíblia e das suas lutas de libertação”.<sup>335</sup> Os encontros de organização, por iniciativa do Frei Carlos Mesters, começaram a acontecer em 1977. Entretanto, “a assembleia de fundação oficial e jurídica, como entidade civil sem fins lucrativos, de caráter religioso e ecumênico, aconteceu em 20 de junho de 1979”.<sup>336</sup>

O trabalho do CEBI é fundamentado na atuação junto às comunidades populares e nas lutas por uma vida mais digna e justa. “Partindo da realidade dos excluídos, a metodologia do CEBI vai além do estudo bíblico. Ela gera uma mística que leva a uma prática não-violenta que tem sua fonte alimentadora na luta por uma sociedade de partilha, solidariedade e respeito a todas as formas de vida”.<sup>337</sup> O CEBI se relaciona com movimentos sociais e Movimentos Populares, além de atuar de forma conjunta com outras organizações e pastorais.

<sup>334</sup> MESTERS; OROFINO, Francisco. O caminho que temos pela frente (38- 48). *Concilium*, Petrópolis, n. 359, 2015, p. 39.

<sup>335</sup> PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. *A Leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. Belo Horizonte: CEBI, 1994, p. 11.

<sup>336</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 15.

<sup>337</sup> CEBI. Centro de Estudos Bíblicos. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticias.php?tipo=institucional&secaoId=50>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

O CEBI atua com diferentes ênfases e temáticas, todas voltadas para o viés da justiça social e resgate da dignidade humana. Vimos no primeiro capítulo que a experiência das mulheres é marcada pela opressão e submissão das mulheres em relação aos homens. O CEBI compreende que o texto bíblico e a tradição são marcadas pelo patriarcalismo e que isso afeta diretamente a experiência das mulheres na sociedade, na igreja e na família. Por isso, o CEBI desenvolve uma linha de trabalho que considera a experiência das mulheres e quer desconstruir, renomear e reconstruir a experiência e a memória esquecida das mulheres ao longo da história e da tradição cristã.<sup>338</sup>

A atuação do CEBI é bastante ampla no território nacional, além de estabelecer vínculos com outras instituições internacionais que desenvolvem trabalhos dentro da mesma temática, como o Centro Ujamaa, por exemplo, sobre o qual será abordado posteriormente. A atuação do CEBI nas comunidades tem por objetivo ajudar as pessoas a se reapropriar da Bíblia, de forma a Bíblia seja uma fonte de consolo, esperança e resistência na luta de transformação das situações injustas.<sup>339</sup>

As comunidades possuem por sua natureza um jeito muito próprio de ler a Bíblia. Fazendo isso a partir da sua experiência e vivência diárias. O objetivo do CEBI é “captar e explicitar esse jeito de ler a Bíblia, próprio dos pobres das comunidades”.<sup>340</sup> O CEBI busca expandir esse método para que mais pessoas possam ser atingidas por ele na sua forma de interpretar os textos bíblicos, por isso, atua na produção de materiais reflexivos e subsídios sobre diferentes temáticas e que podem ser utilizados em diferentes lugares.

O CEBI é um centro ecumênico que atua na elaboração de materiais e subsídios que podem ser utilizados pelas comunidades de fé na prática de leitura da Bíblia. Inúmeras publicações de subsídios podem ser acessadas através do site, em diferentes áreas temáticas como ecologia, gênero, educação popular, direitos humanos, entre muitos outros.<sup>341</sup> Realiza também, atividades com lideranças comunitárias e agentes de pastoral com o objetivo de refletir sobre a Bíblia, bem como proporcionar formação e capacitação de pessoas que atuam como assessores/as no trabalho comunitário. A base do trabalho do CEBI é refletir sobre a Bíblia com as pessoas nas comunidades de fé.<sup>342</sup>

Neste sentido, reverbera nas publicações do CEBI a compreensão hermenêutica que norteia a Leitura Popular da Bíblia. A Leitura Popular da Bíblia tem como objetivo “resgatar o

---

<sup>338</sup> CEBI, 2016.

<sup>339</sup> CEBI, 2016.

<sup>340</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 16.

<sup>341</sup> CEBI, 2016.

<sup>342</sup> CEBI, 2016.

sentido histórico e espiritual original da Bíblia, a partir da presença e revelação de Deus no mundo dos pobres e em função do discernimento e da comunicação da Palavra de Deus”.<sup>343</sup> Sendo assim, é uma leitura militante, animada pelo espírito, que tem como objetivo primeiro a transformação social, na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, testemunhando assim a presença do Reino de Deus.

O processo de leitura popular da Bíblia deve ser feito “a partir do povo, tem de ser feita com o povo e leitura do povo”.<sup>344</sup> A leitura popular da Bíblia deve acontecer em comunidade. Reflete a sua prática e dá um novo sentido para ela. Por isso, o CEBI quer ser um espaço de formação popular. Onde as pessoas aprendem a ler a Bíblia com outros olhos, os olhos de quem vivencia o texto bíblico no seu dia a dia.

O método utilizado pelo CEBI surge a partir do contexto. Trabalha situações concretas do povo, onde há necessidade. Por isso, é importante conhecer as necessidades e a história do povo que lê a Bíblia, assim como a história do povo de Deus sobre o qual a Bíblia trata. “As relações concretas vividas pelo povo condicionam a compreensão do sentido dos textos no encontro de nós que lemos hoje em nosso contexto”.<sup>345</sup>

O método de Leitura Popular da Bíblia não descarta o estudo da exegese, uma vez que através dele é possível resgatar a história do povo, conhecer o contexto no qual o texto bíblico foi escrito e as diferentes traduções. Assim como resgatar a história dos textos bíblicos é importante, também é importante conhecer a história do contexto atual. “Trabalhar a Bíblia historicamente ilumina a Bíblia como um todo e clareia cada período e momento da vida do povo que se torna mais compreensível para nós”.<sup>346</sup> Através deste resgate histórico dos textos bíblicos, percebe-se a ação de Deus na história e as mudanças de estruturas ocorridas ao longo do tempo. Segundo Pereira e Mesters “o CEBI procura ser um dos espaços, onde o trabalho acadêmico se deixa criticar e se alimenta das leituras e questões do povo que lê a Bíblia”.<sup>347</sup> Pode-se dizer que a leitura popular da Bíblia provocou mudança em relação ao sujeito que lê a Bíblia, antes permitido apenas a exegetas, padres e pastores. Agora o povo, as pessoas da comunidade têm acesso direto ao texto e podem fazer suas interpretações.<sup>348</sup>

Quando o povo lê o texto bíblico a partir da sua realidade ele adquire outro sentido. “O povo compreende o texto bíblico quando pode com ele iluminar a sua própria realidade.

---

<sup>343</sup> RICHARD, Pablo. Editorial. *RIBLA*, n. 1, p. 8, 1988.

<sup>344</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 19.

<sup>345</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 21.

<sup>346</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 22.

<sup>347</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 22.

<sup>348</sup> FELIX; TROCH, 2010, p. 77.

Compreende-se o texto quando através dele se revela na história atual a Palavra de Deus”.<sup>349</sup> O povo identifica na história bíblica a sua própria história, identifica os mesmos problemas, os mesmos desafios e, assim, percebe que se Deus agiu entre o povo pobre do texto bíblico, Deus também pode agir da mesma forma na sua vida.

Frei Carlos Mesters elencou três elementos no qual se baseia a leitura popular da Bíblia da seguinte forma:

**Figura 1. Organização da leitura popular da Bíblia**



Fonte: PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 31.<sup>350</sup>

Segundo Mesters, “estes três elementos juntos ‘Realidade – Comunidade – Bíblia’ ajudam a fazer a interpretação correta, cujo objetivo último não é interpretar a Bíblia, mas interpretar a vida com a ajuda da Bíblia”.<sup>351</sup> Esse método foi importante no início da caminhada do CEBI, no entanto ele não permaneceu estagnado, mas continua em movimento, descobrindo novos ângulos e facetas a partir da experiência junto ao povo e as novas lutas que se colocam. Com este objetivo é que “a releitura integrou, por exemplo, a análise literária da Bíblia, a análise sociológica, a leitura espiritual, a leitura orante, a leitura feminista, a leitura étnica, a leitura a partir do cotidiano, a leitura que leva em conta as relações interpessoais”.<sup>352</sup>

A Bíblia será o instrumento que ajudará a interpretar a realidade atual, em busca de elementos que possam contribuir para que haja uma transformação social.

O novo sujeito hermenêutico são as pequenas comunidades de fé, que leem a Bíblia buscando uma resposta para sua vida onde o sofrimento é cotidiano. Elas constituem o que ele chama de “contexto” onde a Bíblia é lida de tal maneira que faz soar a mensagem do Espírito para a Igreja de hoje.<sup>353</sup>

<sup>349</sup> RICHARD, 1988, p. 15.

<sup>350</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 31.

<sup>351</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 31.

<sup>352</sup> CEBI, 2016.

<sup>353</sup> CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A Leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. *Atualidade Teológica*, ano XI, n. 25, jan./abr. 2007. p. 92. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.pucrio.br/18583/18583.PDFXXvmi=pTITSA7sezrcsJevmvEXmtcP7f7SL6>>

O processo de leitura popular da Bíblia tem como objetivo revelar Deus hoje na caminhada do povo. A partir da situação atual questiona o texto bíblico, ao mesmo tempo em que o texto bíblico ajuda a clarear a situação atual. A interpretação do texto bíblico parte dos problemas e perguntas atuais, da experiência de fé da comunidade e a partir da história relatada no texto bíblico.<sup>354</sup>

A interpretação do texto bíblico precisa ser condizente com a realidade do povo. Para isso, faz-se necessário conhecer bem o contexto para o qual o texto será dirigido. É preciso conhecer os problemas políticos, sociais e culturais. “Só escuta bem o texto quem sabe escutar bem as verdadeiras perguntas do povo. Tendo as perguntas do povo na cabeça e nos olhos, o texto se ilumina de outra maneira”.<sup>355</sup> É preciso colocar-se no lugar do pobre para entender seus conflitos.

A leitura popular da Bíblia tem como ponto de partida o/a pobre, o/a excluído/a e marginalizado/a. O povo pobre é o sujeito da história: “pobre em sentido amplo: o operário, o camponês, o índio, o negro, a mulher, os jovens todos os marginalizados e oprimidos do campo e da cidade. O pobre também em sentido dinâmico: o movimento popular organizado e consciente”.<sup>356</sup>

Através da leitura da Bíblia e da sua atualização, o povo percebe a ação de Deus na história e como ele se manifesta ainda hoje. “A Bíblia não apenas dá testemunho da Revelação de Deus no passado, mas também nos mostra onde e como Deus se revela hoje no meio de nós”.<sup>357</sup>

O CEBI atua como formador e capacitador de pessoas na leitura da Bíblia, a partir da realidade do povo pobre. Através de cursos de formação, ele chega até as pessoas apontando novas possibilidades de leitura dos textos bíblicos a partir do contexto. Pessoas formadas e capacitadas transmitem esse conhecimento nas comunidades e juntas buscam melhorar a sociedade em que vivem, rompendo com as estruturas opressoras, assim como fez o próprio Jesus em seu tempo. São exemplos de cursos oferecidos pelo CEBI para a formação de pessoas na área bíblica e do método de Leitura Popular da Bíblia o DABAR, que é curso para de

---

1b1m6TXdmcMOpfzEMWaqUwV8n4nuW9CXIDlrxjGVwsLWJIBwiMZekUmIZLeWVQUhuhK4Bq09UM7F8IcrvbGQ74A6PO3LGZ4bgPgSgg3c3aRcT5EphkhooRvfHA2nz7AQWQKe7NqbXjnSo3iGoB6OsC4ac7xMe9Eb0pp8eRkdbJ6AMohb0n0t15Fece1qnGDo64wlVRz7BFIo50A6oBApGfESuGkSnXhu2P>. Acesso em: 03 nov. 2012.

<sup>354</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 27.

<sup>355</sup> PEREIRA; MESTERS, 1994, p. 33.

<sup>356</sup> RICHARD, 1988, p. 9.

<sup>357</sup> RICHARD, 1988, p. 12.

especialização em acessoria bíblica, além de cursos de formação de biblistas e cursos por correspondência.<sup>358</sup>

As questões apresentadas aqui sobre Leitura Popular da Bíblia têm como objetivo oferecer um panorama geral do contexto em que surgiu a proposta e seus desenvolvimentos, particularmente no desenvolvimento de uma metodologia própria. Essas questões metodológicas serão importantes para a reflexão no campo da teologia prática com relação à atuação com mulheres com HIV e AIDS. Ler a Bíblia a partir da experiência e com mulheres com HIV e AIDS pode oferecer insumos importantes para recuperar/reformular uma proposta de teologia libertadora, tendo em vista o empoderamento e resgate da dignidade dessas mulheres. Assim como a Leitura Popular da Bíblia nasce e se desenvolve no contexto latino-americano, outras formas de usar são formuladas em outros contextos, como é o caso da Leitura Contextual, desenvolvida principalmente no contexto sul africano.

A importância do CEBI se dá na sua colaboração na sistematização da prática de leitura da Bíblia que vinha sendo realizada nas comunidades de base e nos movimentos populares. A sistematização da prática resultou na elaboração do método de Leitura Popular da Bíblia que leva em conta a experiência de fé e a vivência diária das pessoas da comunidade. Nesse sentido, a atuação do CEBI contribuiu para expandir esse novo jeito de ler a Bíblia para outros lugares.

A Bíblia ocupa um lugar importante na experiência de fé das pessoas e por isso, especialmente quando elas experimentam situações difíceis. A Leitura Popular da Bíblia se desenvolveu no processo de lutas de libertação do povo pobre e oprimido. Atualmente, as lutas do povo já não são mais as mesmas, e por isso, é importante a flexibilidade do método de forma que possa se adaptar a outros contextos e a outras lutas.

No primeiro capítulo desta tese foi apresentado um panorama geral sobre a epidemia de HIV e AIDS no Brasil, dando destaque para o processo de feminização do HIV e da AIDS. Conforme apresentado o crescimento da epidemia entre as mulheres está relacionado a fatores sociais e econômicos como a pobreza, a falta de acesso a educação e trabalho; a fatores culturais que através de construções sociais priorizam o homem e mantém as mulheres em situações de violência e vulnerabilidade. Além disso, também há ainda os fatores biológicos, relacionados à anatomia das mulheres que facilitam a entrada do HIV no organismo da mulher.

O desafio que se apresenta para a Leitura Popular da Bíblia é contribuir para a transformação da realidade que coloca as mulheres em situação de vulnerabilidade no contexto da epidemia. Uma leitura libertadora e transformadora da Bíblia com mulheres no contexto da

---

<sup>358</sup> CEBI, 2016.

epidemia de HIV e AIDS precisa considerar todos esses fatores. Para as mulheres que já estão infectadas o desafio maior é o de superar o preconceito e estigma que afeta a vida delas de maneira negativa. A Bíblia contém narrativas de homens e mulheres que também sofreram preconceito e foram estigmatizadas, assim, a Leitura Popular da Bíblia pode, ao resgatar essas histórias estabelecer uma ponte entre o passado e presente.

A Leitura Popular da Bíblia é apenas uma das metodologias que podem ser utilizadas na atuação junto a grupos de mulheres com HIV e AIDS. No próximo tópico será apresentado uma metodologia que também se desenvolveu no processo da luta de libertação do povo no contexto sul-africano e que, assim a Leitura Popular da Bíblia se baseia no método ver-julgar-agir.

## 2.3 Leitura Contextual da Bíblia

### 2.3.1 A emergência da Leitura Contextual da Bíblia no contexto do apartheid na África do Sul

A Leitura Contextual da Bíblia, desenvolvida especificamente no contexto sul-africano guarda estreita relação com a Leitura Popular da Bíblia latino-americana. Sendo a África do Sul um país também marcado por desigualdades e com grande impacto da epidemia de HIV e AIDS, particularmente entre mulheres, busca-se nela elementos que contribuam para o cuidado pastoral. De modo semelhante ao CEBI, o Centro Ujamaa é um espaço importante para o desenvolvimento deste método e de sua aplicação. No que segue se busca compreender a emergência do método em seu contexto específico e suas características particulares.

A história de opressão e exploração do povo sul africano tem início logo após o processo de colonização do continente, com a chegada de imigrantes holandeses e britânicos.<sup>359</sup> Buttelli apresenta uma divisão da história sul africana em seis momentos principais: “1) África do Sul antes de 1870; 2) A criação do Estado (1870-1910); 3) *Apartheid* e segregação iniciais (1910-1960); 4) O surgimento e a queda do alto *apartheid*; 5) A transição política para a nova África do Sul e 6) Situação sócio-política e econômica atual”.<sup>360</sup>

<sup>359</sup> Uma descrição histórica mais detalhada pode ser encontrada na tese de doutorado de Felipe Buttelli. Buttelli desenvolveu parte de sua pesquisa na África do Sul e apresenta um apanhado histórico detalhado. BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. *E a luta continua: propostas para uma teologia pública libertadora para o desenvolvimento construída em diálogo com a reflexão teológica sul-africana*. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2013. Mais sobre a história da África do Sul em: VISENTINI, Paulo G. Fagundes et al (org.). *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília: FUNAG/CESUL, 2010. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/709-africa\\_do\\_Sul\\_-\\_Historia\\_Estado\\_e\\_Sociedade.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/709-africa_do_Sul_-_Historia_Estado_e_Sociedade.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

<sup>360</sup> BUTTELLI, 2013, p. 26. Buttelli baseia seu estudo sobre o contexto histórico sul africano especialmente em dois autores: BUTLER, Anthony. *Contemporary South Africa*. 2. ed. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009;

A experiência da África do Sul é marcada por escravidão, exploração e guerras. Após a formação do Estado havia, de um lado, crescimento econômico devido a descoberta do ouro e diamantes e, de outro lado, um processo crescente de imigração de trabalhadores que vinham para trabalhar nas minas de ouro. A formação do estado beneficiou apenas uma parcela da população e deu início a um processo inicial de separação/segregação racial.<sup>361</sup>

A União Sul-Africana de 1910 configurou uma unidade entre os interesses de africânderes, sobretudo, vinculados à agricultura, e ingleses interessados em explorar as minas de ouro e diamantes. Este período talvez tenha sido de decorrências mais graves e profundas para a construção da injustiça econômica e social que persiste na África do Sul até hoje, definida em termos raciais.<sup>362</sup>

As terras foram divididas e maior parte do território passou a pertencer a uma minoria branca. Isto se deu através da edição do “ato das terras nativas” (Native Lands Act)<sup>363</sup> e em seguida *Ato das Áreas Urbanas (Urban Areas Act)*, que limitava que pessoas negras obtivessem residência em território branco e a circulação de pessoas negras através do controle de passaportes.<sup>364</sup>

O período que se seguiu continuou beneficiando de maneira mais significativa a população branca e a exploração de negros e negras. Neste período foram desenvolvidas políticas que tinham como objetivos proteger os interesses da população branca. Este período foi marcado por um amplo desenvolvimento econômico e acelerado processo de urbanização. Mudanças políticas também marcaram o cenário neste período. O Partido Nacionalista ganhava cada vez mais a simpatia dos/as brancos/as. Os/as negros/as passaram a se mobilizar e lutar para que seus direitos fossem respeitados.<sup>365</sup> “Foi um período de muitas batalhas políticas para defender os direitos de negros/as, que diminuía progressivamente durante a ascensão de um

---

e TERREBLANCHE, Sampie. *A History of Inequality in South Africa 1652-2002*. Scottsville: University of Natal Press/KMM Review Publishing, 2002.

<sup>361</sup> LENGYFELD, Carolynne (ed.) *Understanding Apartheid Learner's Book*. Johannesburg: Oxford University Press, Museum Apartheid, 2006. Disponível em: <<http://www.apartheidmuseum.org/sites/default/files/files/downloads/Learners%20book%20Chapter2.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

<sup>362</sup> BUTTELLI, 2013, p. 31.

<sup>363</sup> Veja mais em: MODISE, Leepo; MTSHISELWA, Ndikho. The Natives Land Act of 1913 engineered the poverty of black South Africans: A historico-ecclesiastical perspective. *Studia Historiae Ecclesiasticae*, v. 39, n. 2, p. 359-378, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.za/pdf/she/v39n2/20.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

<sup>364</sup> BUTTELLI, 2013, p. 32.

<sup>365</sup> O Congresso Nacional Africano foi criado em 1912 enquanto o Partido Comunista Sul Africano (SACP) foi fundado em 1910. Ou seja, a organização política dos/as negros/as é tão antiga quanto o próprio estado sul-africano. BUTTELLI, 2013, p. 33.

Estado nacionalista branco”.<sup>366</sup> Neste contexto político e econômico é que o *apartheid* surgiu como regime político. Segundo Felipe Buttelli:

Ainda que somente a partir de 1960 o regime tenha chegado a um nível intolerável de violência e começado a angariar uma apreciação negativa em nível internacional, diversas leis que criaram segregação foram editadas a partir de 1948. Exemplos dessas leis foram: O Ato de Registro de População (*Population Registration Act*), que criou uma classificação racial da população que diferenciava entre brancos, mestiços, indianos/asiáticos e negros (bantos, posteriormente, ou simplesmente africanos, como eram identificados pelo sistema de *apartheid*); Casamentos mistos (*Mixed marriages*) foram proibidos em 1949 e em 1950 qualquer contato sexual entre as *raças* seria enquadrado no Ato de Imoralidade (*Immorality Act*). Segregação residencial começou a ser levada a cabo em 1950 com o Ato das áreas de grupo (*Group Areas Act*), que designou lugares para moradia determinados pela classificação racial. Outra lei impactante, sobretudo no nível das relações entre brancos e não-brancos (como os outros grupos étnicos eram chamados), é o Ato de reserva das amenidades separadas (*Reservation of Separate Amenities Act*), de 1953. Através desse ato, foram segregados os espaços nos transportes públicos, cinemas, restaurantes, lugares de lazer tais como praias, campos esportivos e, posteriormente, escolas, universidades, etc.<sup>367</sup>

O Partido Nacionalista conseguiu anular o voto de representantes ‘não-brancos’ e assim, conseguiu validar todo o tipo de leis que reforçavam a ideia de separação racial. O contexto sul africano, através dessa política de separação racial legalizada representava algo único e diferente de outros países. “A África do Sul estava parcialmente industrializada, mas com profundas divisões baseadas em critérios legais e biológicos. Categorias raciais definiam as diferenças sociais primárias”.<sup>368</sup> As diferenças entre brancos/as e negros/as eram vistas como algo positivo pela população branca. Enquanto os/as brancos/as possuíam boas escolas, hospitais, sistema público de transporte e outros privilégios, as condições as quais os/as negros/as eram submetidos eram inadequadas ou não existentes. Os/as negros/as criaram o seu próprio modo de organizar-se tanto socialmente como economicamente. Durante o regime do *apartheid*, uma pessoa branca precisava pagar um valor significativamente maior para educar seus/suas filhos/as do que uma pessoa negra. Isto era, segundo West, “uma estratégia estrutural

<sup>366</sup> BUTTELLI, 2013, p. 32.

<sup>367</sup> BUTTELLI, 2013, p. 33/34.

<sup>368</sup> BREEN, Marit. Texto no idioma original: “Transformational journeys towards liberation”: contextual Bible study in South Africa: a contribution to liberation and transformation? an investigation of the study of the Bible among poor and marginalized women in the communities of Pietermaritzburg, South Africa, with particular focus on its implications for individual and social change. Stavanger: Spring, 2009. p. 20. Disponível em: <[http://brage.bibsys.no/xmlui/bitstream/handle/11250/162113/1/2009\\_Breen\\_MGS.pdf](http://brage.bibsys.no/xmlui/bitstream/handle/11250/162113/1/2009_Breen_MGS.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2016. “South Africa was partly industrialized but with deep divisions based on legal and biologically criteria. Racial categories defined the primary social differences”.

para educar os brancos para cargos de lideranças e os negros para subserviência, e encontrava suporte teológico das igrejas Africanas brancas”.<sup>369</sup>

A população não branca, cada vez mais oprimida e marginalizada dentro de seu próprio país, se organizava em áreas destinadas distantes das cidades e pouco desenvolvidas. Protestos de luta pelos seus direitos marcaram o período do *apartheid*. Na medida em que as restrições ficavam cada vez mais rígidas aumentavam as manifestações da população. A resposta a esses movimentos foi se tornando mais violenta e resultaram em um massacre de dezenas de manifestantes desarmados.<sup>370</sup>

Após esse episódio as igrejas e instituições religiosas que antes apoiavam o *apartheid* passaram a ser questionadas quanto a suas práticas e posições. O questionamento feito às igrejas provocou conflitos entre estado e igreja<sup>371</sup> e devido a isso diferentes igrejas começaram a se manifestar contra o *apartheid*. O Conselho Sul-Africano de Igrejas (*South African Council of Churches - SACC*), em 1968, emitiu uma mensagem ao povo da África do Sul (*Message to the People of South Africa*) em que se declarou contrário ao racismo.<sup>372</sup>

Outro fato importante foi o surgimento do movimento de jovens brancos que deviam servir ao exército. Esses jovens alegaram motivos religiosos para não levantar armas na defesa do Estado contra os protestos de negros/as. Também os/as negros/as começaram a se mobilizar com mais intensidade. Surgiu o Movimento de Consciência Negra<sup>373</sup>, que buscava resgatar o

---

<sup>369</sup> UJAMAA CENTRE CONTEXTUAL BIBLE STUDIES. “Economy matters”. A series of Ujamaa Centre Contextual Bible Studies. p. 2. Disponível em: <[http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Economic\\_matters\\_series\\_1\\_1.sflb.ashx](http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Economic_matters_series_1_1.sflb.ashx)>. Acesso em: 12 jun. 2016. “This, we know, was a deliberate structural strategy to educate whites for leadership and blacks for subservience, and was given theological support by the white Afrikaner churches”.

<sup>370</sup> BUTTELLI, 2013, p.35.

<sup>371</sup> O Programa de Combate ao Racismo lançado pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em 1969, baseado principalmente na experiência de racismo experimentada na África do Sul, teve ampla recepção pelo Conselho de Igrejas da África do Sul. (BUTTELLI, 2013, p. 37).

<sup>372</sup> BUTTELLI, 2013, p. 36 “O primeiro momento é o *crescimento do conflito* contra o *apartheid*. Foi o período em que Dr. Beyers Naudé fundou o chamado Instituto Cristão (*Christian Institute - CI*). A Consulta de Cottesloe das igrejas sul-africanas membros do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), que ocorreu no final de 1960, representou um momento em que a Igreja Reformada Holandesa (*Dutch Reformed Church – DRC*), a igreja dos brancos africanos que deu suporte ao *apartheid*, foi confrontada pela realidade do *apartheid* por outras igrejas. O CI foi banido pelo governo sul-africano em 1977”. (BUTTELLI, 2013, p. 35/36).

<sup>373</sup> Segundo Allan Boesak: Consciência Negra pode ser descrita como uma consciência das pessoas negras de que sua humanidade é constituída pela sua negritude. Isso significa que as pessoas negras não se envergonham mais de serem negras, de que têm uma história negra e uma cultura negra distinta da história e cultura das pessoas brancas. Isso significa que negros estão determinados a não serem mais julgados por e aderirem aos valores brancos. É uma atitude, um modo de vida. Vista assim, a Consciência Negra é uma parte integral do Poder Negro. Mas o Poder Negro também é uma clara crítica e uma força para mudanças de sistemas e padrões na sociedade que oprime ou deixa emergir opressão contra as pessoas negras. Teologia Negra é a reflexão de cristãos negros sobre a situação em que eles vivem na sua luta por libertação. BOESAK, Allan A. *Farewell to Innocence: A Social-Ethical Study of Black Theology and Black Power*. New York/Johannesburg: Orbis/Ravan, 1977. p. 1. Citado em: BUTTELLI, 2013, p. 40.

valor e a importância do/a negro/a na sociedade.<sup>374</sup> Movimentos religiosos aliaram-se ao Movimento de Consciência Negra e, embora não identificados com nenhuma denominação religiosa específica, passaram a praticar uma leitura libertadora do evangelho. O Movimento conquistou espaço e despertou “a inocência dos negros e demonstrou que somente encarando os problemas sociais por que passavam de outra maneira poderiam libertar-se do regime de opressão violenta por que passavam”.<sup>375</sup>

Inspirados pelo Movimento da Consciência Negra surgiram outros movimentos organizados por jovens, estudantes, trabalhadores/as e simpatizantes. Com a mobilização popular contra o *apartheid* ele logo tornou-se insustentável.

Trata-se da década de 1980 em que os conflitos civis na África do Sul chegaram a patamares que quase se caracterizaram como uma guerra civil. Durante essa época a libertação do *apartheid* não era mais considerada uma vitória somente de negros, mas tratava-se de uma libertação dos próprios brancos que, ou se posicionavam claramente favoráveis à abertura do *apartheid*, ou não conseguiam mais lidar com a pressão para o fim do regime. Nesta época foi particularmente notável o papel das igrejas na luta pelo fim do *apartheid*<sup>376</sup>.

As igrejas tornaram-se grandes aliadas na população na luta contra a libertação da opressão.<sup>377</sup> A luta pela libertação e sobrevivência era ecumênica. Posicionando-se contra o Estado e escrevendo manifestos públicos as igrejas contribuíram para o fim do *apartheid*. O desafio da teologia era buscar respostas para o que estava acontecendo no cenário político e social da África do Sul. Um documento importante foi o Documento Kairós (*The Kairós Document*)<sup>378</sup>, escrito em 1985 e que comenta bíblica e teologicamente o momento e a crise política na África do Sul.

Ao que temos voltado em nossas reflexões sobre o Documento Kairós da África do Sul são suas três contribuições chave. Primeiro, o Documento Kairós surgiu “de baixo” quando as massas envolvidas na luta pela libertação sul africana articularam em palavra e ação seu entendimento teológico do nosso contexto no início de 1980. Segundo, O Documento Kairós foi produzido através de um processo comum, colaborativo e dialógico, que juntou os pobres e oprimidos, intelectuais orgânicos e teólogos socialmente engajados. Terceiro, o Documento Kairós forneceu novas categorias teológicas forjadas do nosso contexto, e com as quais analisar nosso

<sup>374</sup> BUTTELLI, 2013, p. 39.

<sup>375</sup> BUTTELLI, 2013, p. 41.

<sup>376</sup> BUTTELLI, 2013, p. 42.

<sup>377</sup> Buttelli faz uma relação entre o contexto Brasileiro e sul africano, e discute a influência das igrejas e da Teologia da Libertação. BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. Rumo a uma teologia decolonial: uma análise comparativa sobre teologia e espaço público entre Brasil e África do Sul. In: BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch; LE BRUYNS, Clint; SINNER, Rudolf Eduard von. *Teologia Pública No Brasil e Na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. v. 4, p. 151-177.

<sup>378</sup> LEONARD, G.S.D. (ed.). *The Kairos document: Challenge to the church: A theological comment on the political crisis in South Africa*. Pietermaritzburg: Ujamaa Centre, 2011. Disponível em: <[http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/The\\_Kairos\\_Documents.sflb.ashx](http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/The_Kairos_Documents.sflb.ashx)>. Acesso em: 16 mai. 2016.

contexto distinguindo entre ‘Teologia do Estado’, ‘Teologia da Igreja’ e ‘Teologia Profética’.<sup>379</sup>

O período pós-*apartheid* trouxe mudanças para o cenário político sul africano, embora essas mudanças não tenham sido suficientes para a libertação do povo. O país encontrava-se desestruturado. Altos índices de violência, e desemprego atingiam uma grande maioria negra. Embora os/as negros/as tenham tido boa parte de seus direitos restituídos, eles não eram amplamente aplicados. Nos anos que se sucederam a queda do *apartheid* houve crescimento econômico, no entanto, as diferenças econômicas entre ricos e pobres continuavam acentuadas.<sup>380</sup>

Nesse contexto de lutas pela libertação do povo da opressão imposta por um sistema político e econômico excludente é que surgem novas propostas teológicas, que têm como pano de fundo o contexto de opressão ao qual grande maioria da população está submetida. As igrejas, que antes apoiavam o *apartheid*, agora buscavam novas maneiras de ler a Bíblia para dentro do contexto de injustiças, violência e morte. “Nossa luta contra o *apartheid* demandava novas leituras e teologias e nós. Nossa luta pela libertação completa e vida exigia que construíssemos sobre aquilo que havíamos aprendido”.<sup>381</sup>

A Teologia da Libertação<sup>382</sup> e outras teologias ‘da libertação’ africanas, como a Teologia Negra Sul Africana e a Teologia Contextual<sup>383</sup> Sul Africana contribuíram para a formação da Leitura Contextual da Bíblia. Segundo Gerald West, a maior contribuição da Teologia Negra está relacionada à criticidade com que os textos bíblicos devem ser lidos. Para

<sup>379</sup> WEST, Gerald O. ‘Locating “Contextual Bible Study” within biblical liberation hermeneutics and intercultural biblical hermeneutics’, *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, v. 70, n. 1, 2014. p. 1. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4102/hts.v70i1.2641>>. Acesso em: 12 jun. 2016. Texto no idioma original: “What we have returned to in our reflections on the South African *Kairos Document* are three of its key contributions. Firstly, the *Kairos Document* emerged ‘from below’ as the masses involved in the South African struggle for liberation ‘articulated’ in word and deed their ‘theological’ understandings of our context in the early 1980s. Secondly, the *Kairos Document* was produced through an extended communal, collaborative and dialogical process, which brought together the poor and oppressed, organic intellectuals and socially engaged theologians. Thirdly, the *Kairos Document* provided new theological categories forged from our context and with which to analyse our context, distinguishing between ‘State Theology’, ‘Church Theology’ and ‘Prophetic Theology’”.

<sup>380</sup> Butelli descreve detalhadamente este processo de transição. BUTELLI, 2014, p. 158s.

<sup>381</sup> WEST, 2003, p. XVIII. Texto no idioma original: “Our struggle against *apartheid* demanded new readings and theologies of us. Our struggle for full liberation and life requires that we build on what we have learned”. Ele segue dizendo que o perigo dos dias atuais é que a igreja volte a ser o que era antes e que as reflexões que fizeram parte da luta contra o *apartheid* sejam esquecidas, embora ainda se tenha que lutar pela sobrevivência de muitos pobres e marginalizados”.

<sup>382</sup> WEST, 2003, p. XII. West diz que a teologia da Libertação é diferente da teologia que acontecia no primeiro mundo, não apenas pelo seu conteúdo, mas também pela metodologia. Ele descreve 5 ênfases da teologia da Libertação: “The choice of the interlocutors of theology, the perception of God, the social analysis conflicts, the choice of theological tools and the relationship between theology and praxis”.

<sup>383</sup> O *apartheid* demonizava e detinha qualquer um que se identificasse com formas de teologia da libertação. O termo teologia contextual foi cunhado para subverter o *apartheid* e tornou-se um guarda-chuva que abrangia uma variedade de teologias particulares na África do Sul. (WEST, 2014, p. 2).

ele uma análise insuficiente das estruturais sociais que compõe o texto bíblico também gerará uma análise insuficiente das estruturas da sociedade atual.<sup>384</sup>

Havia um reconhecimento de que os diferentes setores engajados nas lutas contra o *apartheid* precisavam atuar de forma colaborativa. Para ambas teologias sul africanas, a Teologia Negra e a Teologia Contextual, um conceito chave era “luta” e que unia o trabalho que vinha sendo desenvolvido junto a pessoas pobres e marginalizadas. Ambas teologias tinham recursos teológicos e significativas contribuições para atuar no desenvolvimento de estudos bíblicos libertadores de forma colaborativa entre pessoas comuns da comunidade e acadêmicos/as. Essa forma e atuação inspirou o trabalho de Leitura Contextual da Bíblia desenvolvido pelo Centro Ujamaa.<sup>385</sup>

A Leitura Contextual da Bíblia e o trabalho desenvolvido pelo Centro Ujamaa nascem do processo de leitura colaborativa da Bíblia. Nesse processo os/as estudiosos/as bíblicos/as precisam se tornar conscientes das lutas do povo, entendendo-se como parte do povo. É como um nascer de novo, a partir de baixo. “Nossa luta por sobrevivência, libertação e vida abundante para todos requer que colaborem com movimentos sociais de marginalizados. Nossa colaboração nessa luta é o que gera a chamada para fazer leitura contextual da Bíblia juntos”.<sup>386</sup>

A Bíblia exerce um papel importante na teologia negra e africana. A Bíblia foi trazida ao continente africano pelos colonizadores brancos. A Bíblia e a fé foram usadas para justificar a opressão e exploração do povo africano. Opressor e oprimido dividiam a mesma fé e a mesma Bíblia.<sup>387</sup>

---

<sup>384</sup> Segundo Gerald West: “The work of African biblical scholars often did not carry sufficient structural analysis of biblical societies to make a proper comparison with the present possible, which results in the risk that an unstructural understanding of the Bible may simply reinforce and confirm an unstructural understanding of the present. This analysis required that when we read the Bible in the struggle for liberation, that we read it critically, recognising the structural dimensions within a particular biblical text and the structural dimensions of the worlds that produced the biblical texts. So a critical reading of the Bible, in this sense of the term ‘critical’, became a key commitment of Contextual Bible Study”. WEST, Gerald. *Locating Contextual Bible Study within praxis. Diaconia*, v. 4, p. 43–48, 2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7263151/Locating\\_Contextual\\_Bible\\_Study\\_within\\_Praxis](https://www.academia.edu/7263151/Locating_Contextual_Bible_Study_within_Praxis)>, p.2

<sup>385</sup> WEST, Gerald. Reading the Bible with the marginalized: The value/s of contextual Bible reading. *STJ*, v. 1, n. 2, 235-261, 2015. p. 240. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17570/stj.2015.v1n2.a11>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

<sup>386</sup> WEST, Gerald. Do Two Walk Together? Walking with the Other through Contextual Bible Study. (*Anglican Theological Review*) v. 93, n. 3, p. 431, 2011. p. 449. Disponível em: <<http://www.anglicantheologicalreview.org/static/pdf/articles/west.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016. Texto no idioma original: “Our struggle for survival, liberation, and abundant life for all requires us to collaborate with the social movements of the marginalized; our collaboration in this struggle is what generates the call to come and do Contextual Bible Study together”.

<sup>387</sup> WEST, Gerald. *Contextual Bible Study*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 1993. p. 61. West em diferentes textos usa uma anedota para descrever a relação ambígua do povo sul africano com a Bíblia. “When the white man came to our country he had the Bible and we had the land. The white man said to us let us pray. After the prayer, the white man had the land and we had the Bible”. WEST, Gerald. *The Academy of the Poor. Towards a dialogical Reading of the Bible*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003, p. IX.

O povo africano, especialmente os/as negros/as perceberam que a interpretação dos textos bíblicos que conheciam não falava para eles/as. Era preciso encontrar novas interpretações, era necessário reler a Bíblia buscando encontrar na história do povo de Deus sinais de esperança e libertação da opressão. Ao reler a Bíblia, alguns/as negros/as cristãos/ãs africanos/as encontraram na Bíblia inspiração e exemplos da presença de Deus na luta do povo. A Bíblia então passou a ser uma fonte de sustentação na luta do povo contra o *apartheid* e contra a opressão. Para eles/as a Bíblia passou a ser fonte inspiradora que conta a história de resistência e fé de um povo e de um Deus que ajuda seu povo no processo de libertação.<sup>388</sup>

Depois de muitos anos de opressão no contexto sul africano foi se desenvolvendo uma consciência mais crítica sobre questões sociais e políticas. Líderes de comunidades pobres e oprimidas foram aprendendo a questionar as estruturas e textos usados para oprimir. West destaca, no entanto, esse processo de conscientização não foi utilizado para questionar questões relacionadas a fé e interpretações bíblicas.<sup>389</sup>

West argumenta que as teologias vindas de fora, da Europa, por exemplo, trazem reflexões importantes, mas que se faz necessário desenvolver cada vez mais uma teologia provinda do contexto sul africano, especialmente pela relação do povo sul-africano com as narrativas bíblicas:

E porque muito da Bíblia apresenta a perspectiva dos pobres e oprimidos, aqueles que experimentam pobreza, opressão e comunidade solidária em nosso contexto são capazes de ler a Bíblia a partir desta experiência e assim descobrir temas e símbolos de libertação, justiça, ancestrais e terra na Bíblia que foram esquecidos ou negligenciados por muitos leitores ocidentais.<sup>390</sup>

A Leitura Contextual da Bíblia que se desenvolveu dentro deste contexto de tomada de consciência das comunidades de pessoas pobres e oprimidas sobre a sua situação de discriminação e opressão. A Leitura Contextual da Bíblia é uma metodologia. Entretanto, não é uma fórmula fixa que simplesmente deve ser aplicada. É antes uma forma de trabalhar com a Bíblia junto às comunidades.<sup>391</sup> Em sua origem está uma interconexão entre estudiosos/as da Bíblia engajados/as com o contexto social, intelectuais orgânicos<sup>392</sup> e pessoas cristãs comuns

<sup>388</sup> WEST, 1993, p. 61.

<sup>389</sup> WEST, 1993, p. 69.

<sup>390</sup> WEST, 1993, p. 70. Texto no idioma original: “And because much of the Bible presents the perspective of the poor and oppressed, those who experience poverty, oppression, and community solidarity in our context are able to read the Bible from this experience and so uncover themes and symbols of liberation, justice, ancestors, and land in the Bible that have been forgotten or neglected by many Western readers”.

<sup>391</sup> WEST, 2013, p. 3.

<sup>392</sup> West comenta sobre o que significa o termo “organic intellectuals”. Os/as teólogos/as precisam entender como as pessoas oprimidas viviam sua fé e ao mesmo tempo ajudam elas a criar meios de lutar contra a opressão a qual estão submetidas. (WEST, 2003, p. 19). No Capítulo 3 do livro *The Academy of the Poor* West descreve o papel dos estudiosos bíblicos socialmente engajados no processo de leitura contextual da Bíblia. “Biblical

da comunidade.<sup>393</sup> Vale lembrar que “os leitores ‘comuns’ são pessoas negros/as, pobres e marginalizadas e os/as leitores/as ‘treinados/as’ são brancos/as, intelectuais classe média”.<sup>394</sup>

Esta metodologia é inspirada no método “Ver – Julgar – Agir”. Este método descreve o círculo da *práxis* a partir do qual podemos entender a realidade, através da análise social (Ver), a re-ler o texto bíblico para analisar esta realidade a partir da palavra de Deus (Julgar), analisar o que precisa de mudança, e criar estratégias de transformação dessa realidade (Agir). Esse processo se repete inúmeras vezes ao longo do processo de transformação da realidade.<sup>395</sup>

A Leitura Contextual da Bíblia parte da análise social e das necessidades de específicas das comunidades pobres, de trabalhadores/as, operários/as e marginalizados/as. O estudo bíblico é baseado na perspectiva que essas pessoas têm da sua realidade. Em segundo lugar, a leitura contextual fornece uma análise teológica do texto bíblico, observando os detalhes do texto, bem como o contexto histórico-social e a partir disso, é possível relacionar o texto ao contexto atual. Em terceiro, a Leitura Contextual da Bíblia, propõe construir um plano de ação visando a transformação social.<sup>396</sup>

Segundo West, o processo Ver-Julgar-Agir é a contribuição mais significativa de toda trajetória da teologia contextual. O autor afirma que não é uma técnica metodológica, mas um processo emancipatório do qual se originou a Leitura Contextual na África do Sul e é onde ela permanece localizada até os dias atuais. Assim como no contexto latino-americano West identifica a utilização do método ver-julgar-agir com a perspectiva desenvolvida pela Ação Católica. Segundo West:

A contribuição mais significativa da Teologia Contextual, é a trajetória teológica que foi dada de forma institucional através do Instituto de Teologia Contextual, tem sido o processo de ver-julgar-agir. Um processo é fundamental para o estudo da Bíblia

---

scholars are those who have been trained in the use of the tools and resources of biblical scholarship and who read the bible ‘critically’”. WEST, 2003, p. 10.

<sup>393</sup> West usa o termo ‘ordinary readers’. Ele explica: “the term ‘ordinary’ is used in a general and a specific sense. The general usage includes all readers who read the Bible in an untrained or pre-critical way. But I also use the term “ordinary” to indicate a particular sector of pre-critical readers, those readers who are poor and oppressed (including, of course, women). In the later sense the term ordinary is similar to the terms the people or the masses as they are popularly use”. WEST, 1993, p. 9.

<sup>394</sup> NADAR, Sarojini. Beyond the “ordinary reader” and the “invisible intellectual”: Shifting Contextual Bible Study from Liberation Discourse to Liberation Pedagogy. *OTE*, v. 22, n. 2, p. 384-403, 2009. p. 387. Disponível em: <<http://www.scielo.org.za/pdf/ote/v22n2/09.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016. Na introdução do livro *the Academy of the Poor* (2003) West descreve quem seriam estes/as a que ele chama de “ordinary readers” (WEST, 2003, p. 19). Texto no idioma original: “The “ordinary” readers were Black, poor and marginalised and the “trained” readers were White, middle-class intellectuals”. Conforme Nadar: “Contextual Bible Study was important because it was a tool that could be used to engage and convince people of the injustice of *apartheid*, especially in a context where *apartheid* was religiously sanctioned. CBS was only one such tool among other”.

<sup>395</sup> WEST, 2013, p. 4.

<sup>396</sup> WEST, 2013, p. 4.

Contextual. Não é uma técnica metodológica, mas um processo emancipatório. [...] Esta é a prática, o ciclo de Ver-Julgar-Agir ação reflexão no qual trabalhamos.<sup>397</sup>

Este movimento origina outro movimento que vai da “consciência-comunitária”, para “consciência-crítica” para ‘consciência comunitária’. Da análise social do contexto (Ver) surge o tema que deverá ser tratado no estudo bíblico. O engajamento com o texto bíblico (Julgar) começa quando a comunidade se apropria dele e compartilha seu entendimento do texto (consciência comunitária). Após esse momento torna-se a ler o texto novamente, olhando os detalhes e utilizando recursos de pesquisa bíblica (consciência crítica). Esse engajamento entre leitores/as comuns e os recursos dos estudiosos promove um novo olhar para o texto bíblico e a comunidade pode então buscar respostas (Agir) para a situação da qual partiu o estudo (consciência comunitária).<sup>398</sup>

O contexto de sofrimento e injustiças que as pessoas pobres e negras da África do Sul estavam vivendo durante o *apartheid* impulsionou pessoas sensibilizadas a retornar para a Bíblia e buscar uma mensagem de Deus que fosse relevante para aqueles/as que estavam sofrendo. Entretanto, para que fosse possível ouvir a voz de Deus em meio ao sofrimento e as lutas do povo era preciso encontrar novas formas de ler a Bíblia. Segundo Gerald West “nós chamamos isso de Leitura Contextual da Bíblia porque nós estamos tentando entender o que a Bíblia está dizendo para o nosso contexto sul africano hoje”.<sup>399</sup> A Leitura Contextual da Bíblia era uma ferramenta que podia ser utilizada para engajar e convencer as pessoas das injustiças que aconteciam durante o *apartheid*, de forma especial porque ele era apoiado por instituições religiosas. Segundo West, a metodologia de Leitura Contextual da Bíblia é fruto de muitos anos de prática de leitura contextual da Bíblia na igreja e em comunidades da África do Sul. Ela não é uma invenção de uma pessoa.<sup>400</sup> Para Sarojini Nadar, Leitura Contextual da Bíblia é um estudo interativo de textos particulares da Bíblia, que trazem a perspectiva de ambos contextos em diálogo, do/a leitor/a e do contexto da Bíblia, com o propósito de transformação<sup>401</sup>.

A leitura Contextual da Bíblia segue 6 compromissos fundamentais (6 Cs):

<sup>397</sup> WEST, 2013, p.3. Texto no idioma original: “The most significant contribution of Contextual Theology, the theological trajectory that was given institutional form through the Institute for Contextual Theology, has been the See-Judge-Act process. Process is central to Contextual Bible Study. It is not a methodological technique, it is an emancipatory process [...]. This is our praxis, the See-Judge-Act cycle of action reflection within which we work”.

<sup>398</sup> WEST, 2015, p. 244.

<sup>399</sup> WEST, 1993, p. 7. Texto no idioma original: “We call this contextual Bible study because we are trying to understand what the Bible is saying to our South African context today”.

<sup>400</sup> WEST, 1993, p.11.

<sup>401</sup> Segundo Nadar: “Contextual Bible Study is an interactive study of particular texts in the bible, which brings the perspectives of both the context of the reader and the context of the Bible into dialogue, for the purpose of transformation” (NADAR, 2009, p. 388).

1. Comunidade: Comunidade é o princípio e o fim da Leitura Contextual da Bíblia. Comunidades organizadas de pobres, operários/as e outros/as marginalizados/as são a realidade e objetivos primários da Leitura Contextual, uma vez que a Leitura Contextual da Bíblia quer contribuir para a formação de comunidades redentoras, com vida digna e abundante para todos/as.<sup>402</sup>

2. Crítica: “Leitura Contextual da Bíblia facilita uma análise crítica (estruturada e sistêmica) de todos os aspectos da vida. Através da elaboração de perguntas a leitura contextual da Bíblia possibilita o diálogo entre a vida (contexto) e o texto bíblico”.<sup>403</sup>

3. Colaboração: leitura contextual da Bíblia está situada entre trabalho colaborativo e interpretação colaborativa da Bíblia entre comunidades organizadas de pobres, operários/as e outros/as marginalizados/as e intelectuais orgânicos e teólogos/as e biblistas socialmente engajados. Colaboração começa com trabalho em lutas locais; depois inclui interpretação colaborativa da Bíblia e fazer teológico, movendo de uma teologia do corpo (encarnada) para uma teologia das pessoas e para uma teologia profética.<sup>404</sup>

4. Mudança/transformação<sup>405</sup>: a leitura contextual usa a Bíblia como um companheiro para trabalhar para a transformação; transformação de si, da sociedade e da igreja (terreno religioso em geral). O foco da transformação é estrutural e sistêmico e o terreno primário é a transformação ideo-teológica<sup>406</sup>.

5. Contexto<sup>407</sup>: o foco da leitura contextual da Bíblia é a dimensão sistêmica e estrutural da realidade; o que somos, a sociedade e o os textos bíblicos são produtos

---

<sup>402</sup> UJAMAA. *Our Commitments*. Disponível em: <<http://ujamaa.ukzn.ac.za/WHATisUJAMAA/Commitments.aspx>>. Acesso em: 13 mar. 2016. Texto no idioma original: “Community, Community is the beginning and goal of CBS; Community is the fabric of CBS; The communities of the organized poor, working-class, and other marginalized groups are the starting point and the primary ‘reality’ of CBS; Community is also the primary ‘objective’ of CBS, as CBS contributes towards the formation of redemptive communities, full of dignity and abundant life for all”.

<sup>403</sup> Leitura Crítica e apropriação do texto bíblico são importantes e estão relacionados ao processo de dominação e resistência do contexto sul africano. “Critical: CBS facilitates a ‘critical’ (structured and systemic) analysis of all aspects of life; Specifically, CBS critically analyses the self, society, and the biblical text, using a range of structured and systemic questions. CBS constructs a critical dialogue between a critical reading of life and a critical reading of the Bible” (UJAMAA, 2016).

<sup>404</sup> UJAMAA, 2016. Texto no idioma original: “Collaboration, CBS is located within collaborative work and collaborative biblical interpretation among organized communities of the poor, working-class, and marginalized, organic intellectuals from these sectors, and socially engaged (‘converted’) biblical scholars and theologians; Collaboration begins with actual work in local struggles; Collaboration then goes on to include collaborative biblical interpretation and a collaborative ‘doing’ of theology, moving from embodied theology to people’s theology to prophetic theology”.

<sup>405</sup> Segundo West: “Contextual Bible reading is not about understanding the Bible better. The Bible is read for change. The Bible as a site of struggle itself is wrestled with (or re-read) until it contributes to real, substantive, systemic change. Key to our understanding of change is that personal relationships are rooted in socio-economic systems. individual change can only be considered “change” if it contributes to and is located within systemic change”. (WEST, 2015, p. 240)

<sup>406</sup> UJAMAA, 2016. Texto no idioma original: “Change, CBS uses the Bible as a substantive and ‘subjective’ companion to work for transformation; Transformation includes transformation of the self and society, including the church (and the religious terrain in general); The primary focus of transformation is the structural and systemic, and the primary terrain for transformation is the ideo-theological”.

<sup>407</sup> Segundo West: “Theology never begins with scripture; it always begins with context, but a context that embodies particular interpretations of the Bible. And while contextual Bible reading movements, in both Brazil and South Africa, have given priority to economic dimensions of reality – because it is the primary reality of “the poor” – there has been increasing recognition of the intersectionality of marginalisation, including class, race, gender, HIV status, disability, sexuality, etc. in our work. The work of the Circle of Concerned African Women Theologians has been a particular resource for CBS in this regard (Dube 2001)”. WEST, 2015, p. 241.

das diferentes dimensões do contexto. Leitura contextual oferece recursos para analisar as dimensões econômicas, culturais, políticas e religiosas do contexto. Todas essas dimensões são dinâmicas e estão em constante transformação.<sup>408</sup>

6. Contestação: Leitura Contextual trabalha com “luta” como um conceito sócio-teológico chave. A Leitura Contextual reconhece que a Bíblia e teologias bíblicas são usadas para trazer vida, mas também para trazer morte. Leitura Contextual luta com o texto bíblico para trazer vida.<sup>409</sup>

A Leitura Contextual da Bíblia não acontece individualmente. É um processo que se dá em comunidade e é para a comunidade. É a comunidade que vai determinar qual a temática do encontro, a partir de análise da realidade, assim como o tempo de duração do encontro. A Leitura Contextual da Bíblia possibilita fazer uma análise crítica da realidade, estabelecendo uma relação entre o contexto da narrativa bíblica e o contexto atual. Esse diálogo é facilitado através da elaboração de perguntas sobre ambos os contextos. O processo de Leitura Contextual da Bíblia pertence à comunidade em uma relação de colaboração entre as pessoas simples da comunidade e teólogos e biblistas engajados com as lutas sociais. A comunidade conhece o contexto, a realidade, mas os teólogos trazem as ferramentas que ajudam a comunidade a interpretar esse contexto, de forma engajada na busca por transformação social ou individual. Nesse processo de interpretação da realidade todas as dimensões, econômicas, sociais, culturais, políticas e religiosas devem ser consideradas. A Bíblia é a ferramenta que traz vida e libertação no processo de Leitura Contextual da Bíblia.

A Leitura Contextual da Bíblia reconhece que questões de raça, gênero, cultura, classe social, são fatores que influenciam a forma como se lê o texto bíblico.<sup>410</sup> A leitura contextual da Bíblia reconhece e admite que esses fatores influenciam na leitura e interpretação se esta

<sup>408</sup> UJAMAA, 2016. Texto no idioma original: “Context, CBS is embedded in the many ‘layers’ of context, focussing on the systemic-structural ‘dimensions’ of reality; CBS recognises that the self, society, and the biblical text are products of these layers or dimensions of context; Specifically, CBS offers resources to analyse the economic, cultural, political, and religious layers or dimensions of context; CBS recognizes that context is dynamic, that it changes”.

<sup>409</sup> UJAMAA, 2016. Texto no idioma original: “Contestation, CBS works with ‘struggle’ as a key socio-theological concept; CBS recognizes that struggle is a key characteristic of reality, and so CBS takes sides with the God of life against the idols of death; For CBS the primary ‘terrain’ of struggle is the ideological and theological; CBS recognizes that the Bible is itself contested, including biblical theologies that bring life and biblical theologies that bring death; CBS ‘wrestles’ with the biblical text to bring forth life”.

<sup>410</sup> Sarojini questiona se a leitura popular da Bíblia deve levar em conta apenas o contexto de pessoas pobres e oprimidas ou se outros contextos também devem ser considerados. Quando a oficina de leitura Contextual da Bíblia é realizada em contextos diferentes (entre pessoas com uma situação econômica melhor) a realidade desta pessoa também precisa ser considerada. “Everybody has a context. So CBS cannot be only for the poor and the marginalised. One of my concerns is that when we talk about context and embodiment in our academic discourses, we talk about women’s bodies and women’s contexts only – or Black bodies, or bodies with disability or bodies with HIV. But what about the bodies of men? What about white peoples’ bodies? Is there not a context for this? Can CBS be done among white, middle class communities or is it only a tool for the poor and marginalised as our discourses have tirelessly revealed”. (NADAR, 2009, p. 394).

reconhecer que de onde se lê a Bíblia, a partir de e para qual realidade a Bíblia estamos reconhecendo que Deus fala para contextos específicos e para pessoas em situações específicas.<sup>411</sup>

É importante deixar claro a partir de e para qual contexto, sul africano a Bíblia está sendo lida. No próprio contexto sul africano, por exemplo, ela foi usada por opressores para justificar opressão (durante o *apartheid*) e na luta pela libertação. A Leitura Contextual da Bíblia tem como opção ler a Bíblia a partir da perspectiva do povo pobre e oprimido.<sup>412</sup> Esta opção está fundamentada na preferência de Deus em favor dos/as mais vulneráveis, oprimidos/as e marginalizados/as refletida nos relatos bíblicos. Ler a Bíblia na perspectiva do pobre e oprimido/a é ouvir o que eles/as têm a dizer, suas preocupações e anseios e, por outro lado, ouvir o que Deus tem a dizer a eles/as.

A Leitura Contextual da Bíblia acontece em comunidade. É um momento de troca, de partilha de experiências e saberes. A Leitura Contextual da Bíblia é um processo de interação entre pessoas cristãs pobres e marginalizadas e pessoas “treinadas” bíblica e teologicamente. É preciso ficar atento/a para que as pessoas treinadas não caiam em tentação de ler a Bíblia para a comunidade, mas sim com a comunidade. Os/as facilitadores/as são apenas mais uma voz e não a voz dominante.<sup>413</sup>

É importante que as pessoas da comunidade sejam empoderadas para dizer aquilo que sabem e pensam, para que se possa ouvir vozes silenciadas ao longo dos anos de opressão. “É apenas falando para e com outros/as, reconhecendo as relações de poder desiguais entre nós, que nós poderemos começar a construir um discurso transformador”.<sup>414</sup> Para que isso aconteça todas as vozes precisam ser ouvidas. Os conhecimentos bíblicos e teológicos podem ser introduzidos na medida em que se fizer necessário ao longo do estudo, enriquecendo ainda mais o olhar crítico sobre o texto e sobre a vida.

West diz que a Leitura Contextual da Bíblia precisa ser crítica e que para ser assim é preciso fazer perguntas, especialmente a pergunta: “porquê?” As perguntas são parte da análise sistemática e estruturada da realidade. A Leitura Contextual da Bíblia, ao questionar as

---

<sup>411</sup> WEST, 1993, p. 13.

<sup>412</sup> Por “pobre e oprimido” West entende como aqueles/as que são socialmente, politicamente, economicamente ou culturalmente marginalizados e explorados. (WEST, 1993, p. 14).

<sup>413</sup> Nadar faz uma crítica ao modo como essa questão tem sido abordada. Para ela, os/as pobres têm sido usados como objetos de pesquisa dos/as pesquisadores, embora se diga o contrário. “Perhaps instead of only attempting to bring the “poor into the academy” we should be taking the “academy to the poor”. It seems like the purpose of CBS reflection in the academy has been to use it as a research tool, to allow scholars to be “peeping toms” into the lives of the poor. Although West has outright rejected the use of CBS as a research tool,16 in a sense this is exactly what his and other similar scholarly work has done”. (NADAR, 2009, p. 397).

<sup>414</sup> WEST, 1993, p. 16. Texto no idioma original: “It is only by talking with and to each other, recognizing the unequal power relations between us, that we can begin to construct transforming discourse”.

estruturas que promovem desigualdades, contribui para a formação de uma consciência crítica e ajuda as pessoas da comunidade a analisar o contexto em que vivem e encontrar maneiras de transformar o futuro. Segundo West, muitas pessoas oriundas de comunidades pobres e marginalizadas possuem consciência crítica sobre questões políticas e sociais, mas poucas pessoas são críticas quanto a questões de fé. Segundo ele, a tradição cristã afeta o contexto, especialmente em situações como o *apartheid*.<sup>415</sup>

A Leitura Contextual da Bíblia é um processo que deve estar comprometido com a transformação de todos os aspectos que envolvem a vida das pessoas, tanto em nível pessoal quanto social. Segundo West “isso inclui o existencial, o político, o econômico, o cultural e a esfera religiosa da vida”.<sup>416</sup> Esse processo de transformação se inicia quando a Bíblia é lida de maneira crítica, identificando diferenças e semelhanças entre o contexto da Bíblia e o contexto da vida.

Nadar afirma que a transformação que é fruto da Leitura Contextual da Bíblia acontece em diferentes níveis. Segundo ela, foi possível manter-se fiel ao que o povo sul africano e mesmo assim transformar a forma como a Bíblia era lida durante anos e, por outro lado, o estudo bíblico impulsionou para que os indivíduos fossem sujeitos da transformação e capazes de agir produzindo mudanças no mundo injusto.<sup>417</sup>

Um dos riscos que se corre quando se trabalha com a Bíblia em comunidade é escolher apenas os textos mais conhecidos ou menos complexos. Um dos desafios da Leitura Contextual da Bíblia é encontrar uma maneira de ler todo e qualquer texto bíblico criticamente. “Nossa preocupação não deveria ser qual texto é lido, mas como o texto é lido”.<sup>418</sup> O texto a ser escolhido para o estudo deve refletir as necessidades do grupo ou comunidade em que o estudo está sendo realizado. Também é a realidade do grupo que irá guiar o estudo e as perguntas para o texto e o contexto. “Fazer perguntas sobre uma perspectiva particular também nos força a reconhecer que textos bíblicos são eles mesmos produtos de perspectiva particular”.<sup>419</sup>

O engajamento da comunidade é fundamental. É a comunidade que vai dar a direção da interpretação bíblica. Quer-se saber como o povo pobre lê e interpreta o texto bíblico a partir da sua experiência de vida, do seu contexto. Não há respostas erradas ou certas. Toda

---

<sup>415</sup> WEST, 1993, p. 19.

<sup>416</sup> WEST, 1993, p. 24. Texto no idioma original: “And includes the existential, the political, the economic, the cultural, and the religious spheres of life”.

<sup>417</sup> NADAR, 2009, p. 399.

<sup>418</sup> WEST, 1993, 73. Texto no idioma original: “Our concern should not be which text is read but how a text is read”.

<sup>419</sup> WEST, 1993, p. 75. Texto no idioma original: “Asking questions from a particular perspective also forces us to recognize that biblical texts are themselves products of particular perspectives”.

contribuição é válida. As perguntas fazem com que o/a participante volte a olhar mais atentamente para o texto bíblico ou a relação entre o texto bíblico e o contexto atual.<sup>420</sup> Para Nadar, “ler em comunidade ajuda a superar os desafios de poder desiguais que foram criados quando a interpretação foi deixada nas mãos de um único indivíduo todo poderoso”.<sup>421</sup> Ela ainda alerta para o fato de que a “sabedoria da comunidade” precisa ser libertadora, caso contrário ela apenas reproduz as leituras existentes até então.

O objetivo último da Leitura Contextual da Bíblia é promover a transformação individual e social através de modos de leitura bíblica que promovam o empoderamento dos sujeitos e contribuam para a libertação de situações opressoras às quais os indivíduos pobres, operários e outros marginalizados são submetidos. Para que a transformação aconteça é importante que o processo de Leitura Contextual da Bíblia nos conduza a um ‘plano de ação’<sup>422</sup> que seja apropriado ao contexto da comunidade. Esse plano de ação deve ser resultado do processo de discussão e reflexão crítica da própria comunidade. A comunidade, além de conhecer suas necessidades também conhece quais recursos disponibiliza para que essa ação venha a ser colocada em prática.<sup>423</sup>

A Bíblia é o instrumento que ajuda a refletir a realidade do contexto atual, resgatando o contexto do texto bíblico. O diálogo entre a realidade do contexto bíblico com a realidade do contexto atual é que ajudará a comunidade a refletir criticamente e apropriar-se de elementos que contribuam para a transformação. “Nós não podemos mover simplesmente de nossa leitura bíblica para uma aplicação no presente. Mover do texto para o contexto é um exercício crítico, complexo e cuidadoso”.<sup>424</sup>

West afirma que não existe uma única maneira de ler a Bíblia. No segundo capítulo de seu livro “Contextual Bible Study”, West descreve três modos de ler a Bíblia criticamente, cada um desses modos enfatiza aspectos diferentes do texto e por isso vão influenciar a maneira como lemos o contexto.<sup>425</sup>

O primeiro modo enfatiza a análise histórica e sociológica do contexto bíblico. Ele chama esse modo de “lendo por trás do texto”. A ênfase desse modo de ler a Bíblia está no

<sup>420</sup> UJAMAA CENTRE CONTEXTUAL BIBLE STUDIES, 2016, p. 2.

<sup>421</sup> NADAR, 2009, p. 393. Texto no idioma original: “However, “reading in community” should not be mistaken for a valorization of “community wisdom” when such wisdom may not always be life-giving or liberationist”.

<sup>422</sup> Segundo Sarojini Nadar: “CBS ends with an Action Plan, where participants are required to say how the CBS has challenged them and what measurable difference they can make in response to the CBS”. NADAR, 2009, p. 399.

<sup>423</sup> WEST, 1993, p. 76.

<sup>424</sup> WEST, 1993, p. 76. Texto no idioma original: “We cannot simply move from our biblical reading to a present application. The move from the text to context is a critical, complex, and caution exercise”.

<sup>425</sup> WEST, 1993, p. 27. Em outro artigo West faz uma relação entre os três modos de ler a Bíblia com o processo Ver-Julgar e Agir. Veja mais em: WEST, 2015, p. 244 e 245.

passado. Situar o contexto do texto ajuda a limitar onde o texto começa e termina e busca reconstruir o período histórico e sociológico do texto. Com isso é possível buscar entender o que o texto quer dizer e que perguntas ele tenta responder.<sup>426</sup>

O segundo modo de leitura se concentra no contexto literário e narrativo do texto. Analisa as informações que “o próprio texto” apresenta. Este modo de leitura concentra-se em olhar os/as detalhes do texto, verificar a relação existente entre os personagens do texto, perguntar pelas ausências, as brechas. Segundo West, esse modo de ler levanta novas perguntas e aproximações ao contexto.<sup>427</sup>

O terceiro modo de ler a Bíblia se concentra em ler o Novo Testamento (e a Bíblia) de maneira completa, sem olhar para os detalhes. Essa leitura se concentra em identificar símbolos, metáforas e temas que perpassam o Novo Testamento e a Bíblia como um todo. O significado ou a intenção do texto transcende o texto tem algo a dizer para os dias hoje.<sup>428</sup>

Ao longo do capítulo West apresenta as vantagens e desvantagens de cada um dos modos de leitura crítica da Bíblia, bem como dá exemplos de como aplicar esses modos em diferentes textos bíblicos. Não existe uma regra de como o estudo bíblico deve ser feito. É preciso analisar o contexto e o grupo com quem o estudo será realizado e a partir disto definir o melhor modo a ser utilizado. É possível inclusive usar os diferentes modos de leitura em um único estudo bíblico.

O contexto sul africano é marcado pelas lutas de libertação do povo contra a opressão e segregação racial que acontecia durante o *apartheid*. Durante longos anos a população branca era beneficiada pelo governo, enquanto a população negra era impedida de circular livremente em seu próprio país. Movimentos sociais organizados pela população negra, com o apoio de instituições religiosas e outros grupos organizados, especialmente de jovens, além da pressão internacional, tornaram insustentável esse sistema.

Com o fim do *apartheid* o país estava desestruturado e as mudanças ocorridas ainda não garantiram a libertação do povo. Altos índices de desprezo, especialmente entre a população negra contribuía também para que os índices de violência também fossem elevados. Nesse contexto de injustiças e desigualdades sociais as igrejas buscava por respostas bíblicas e teológicas. Foi nesse contexto que surgiu a Leitura Contextual da Bíblia, que buscava ler a Bíblia de maneira crítica, questionando as situações que promovem opressão.

---

<sup>426</sup> WEST, 1993, p. 27s e 69.

<sup>427</sup> WEST, 1993, p. 36.

<sup>428</sup> WEST, 1993, p. 40.

As narrativas bíblicas passaram a ganhar novas interpretações, a partir da experiência de fé e de vida das pessoas pobres, oprimidas e marginalizadas. A Leitura Contextual da Bíblia propõe uma leitura colaborativa entre intelectuais e acadêmicos e as pessoas comuns da comunidade. A comunidade conhece o contexto e os intelectuais trazem os elementos que ajudam a refletir crítica e teologicamente sobre a realidade. A Leitura Contextual da Bíblia é um processo que ajuda as pessoas a tornar-se conscientes das situações de opressão e marginalização. Nesse processo as pessoas simples são encorajadas a dizer o que pensam e sentem e assim construir um discurso libertador.

A Leitura Contextual da Bíblia, assim como a Leitura Popular da Bíblia, nasce da experiência de leituras libertadoras da Bíblia realizadas nas comunidades de base. A sistematização dessa experiência prática ocorre posteriormente e é dessa sistematização que nasce o método. O Centro Ujamaa estabelece a interface entre a experiência prática nas comunidades e a reflexão acadêmica.

### 2.3.2 O Centro Ujamaa e a metodologia de Leitura Contextual da Bíblia

O centro Ujamaa iniciou suas atividades em 1985, durante um período de opressão legalizada, violência e morte.<sup>429</sup> Ele está localizado na Universidade KwaZulu-Natal em Pietermaritzburg, no departamento de teologia. O Centro Ujamaa se identifica como uma organização não-partidária e não-denominacional e atua junto às comunidades de pessoas pobres e marginalizadas buscando o seu desenvolvimento e transformação através da participação social. “O Centro Ujamaa é uma organização que se localiza numa interface entre estudos bíblicos em instituições acadêmicas e pessoas leigas de comunidades de fé africanas”.<sup>430</sup>

Ujamaa é uma palavra em Swahili (idioma africano) e é traduzida em várias formas como ‘socialismo’, ‘núcleo familiar’, ‘irmandade’ e ‘família estendida’. Suas atividades iniciaram, a partir da fusão do Instituto para Estudos da Bíblia e pela Casa de Estudos para Trabalho Ministerial. O Centro Ujamaa pode ser entendido como um produto de várias vertentes da teologia da libertação.<sup>431</sup>

<sup>429</sup> WEST, 1993, p. 86.

<sup>430</sup> WEST, 1993, p. 6.

<sup>431</sup> UJAMAA Centre. *Ujamaa Evaluation Report - August 2015*. Durban: University of KwaZulu-Natal, 2015. p. 8. Disponível em: <[http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Ujamaa\\_Evaluation\\_Report\\_Final\\_August\\_2015\\_1.sflb.ashx](http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Ujamaa_Evaluation_Report_Final_August_2015_1.sflb.ashx)>. Acesso em: 01 mai. 2016.

Inicialmente chamado de Instituto para Estudo da Bíblia (ISB) tinha como principal objetivo estabelecer uma relação entre estudiosos/as da Bíblia e pessoas das comunidades e igrejas que pudesse facilitar uma transformação social.<sup>432</sup> Além da relação com a universidade e comunidades religiosas na África do Sul, a atuação do Ujamaa tem ligações com projetos similares que ocorrem no Brasil<sup>433</sup> e na Nigéria.

Ler a Bíblia criticamente é um conceito presente tanto para o CEBI quanto para o Ujamaa. Com a experiência prática percebeu-se era preciso mudar o que se entendia por criticamente. Conforme West:

Agora se reconhece os recursos críticos que já estavam presentes nas comunidades de pessoas pobres organizadas e que juntamente com pesquisadores bíblicos forma os principais recursos críticos da hermenêutica bíblica. Em termos teológicos, Leitura Contextual da Bíblia reconhece a multiplicidade de dons do corpo de Cristo.<sup>434</sup>

O Centro Ujamaa surgiu durante um período de intensos conflitos na região de KwaZulu-Natal. Comunidades locais de pessoas pobres, operários/as e marginalizados/as negros/as sofreram intensa violência patrocinada pelo governo durante o *apartheid*. Neste contexto de violência e morte surge a pergunta: Como se pode ouvir o que Deus tem a dizer em tempos como esse?<sup>435</sup> Durante o *apartheid* o governo se identificava como cristão e a igreja não interferia nas decisões do governo na tentativa de mudar a situação opressora. Por isso, os/as negros/as, em sua maioria cristãos/ãs buscavam novas maneiras de ler a Bíblia.

Segundo West a necessidade de haver um trabalho junto às comunidades, assim como desenvolvido pelo Ujamaa, têm duas razões de ser:

Primeiro, as leituras da Bíblia dos pobres e oprimidos na África do Sul tem uma contribuição significativa para tornar a nossa compreensão sobre a Bíblia e o que Deus está fazendo na África do Sul. Segundo, as leituras dos estudiosos bíblicos que são

<sup>432</sup> WEST, 1993, p. 87.

<sup>433</sup> Existe uma estreita ligação entre o Centro Ujamaa e o trabalho que é desenvolvido no Brasil através do CEBI. Encontros são realizados periodicamente. Neste artigo Gerald West tece alguns comentários sobre a relação entre Leitura Popular e Leitura Contextual da Bíblia. WEST, 2011, 431-449. Um encontro realizado na Colômbia no ano de 2015 resultou em reflexões sobre as semelhanças e diferenças existentes entre o método desenvolvido pelo CEBI e pelo Ujamaa. “As we talked together we discerned that our various core value categories could be consolidated in the form of five “C”s’ (for pedagogical purposes): Community, Criticality, Collaboration, Change, and Context. We also agreed, among those present, that there was a sixth “C”. This sixth “C” had already been discerned from our work within the Ujamaa Centre (West 2012), but remained a point of conversation among CEBI practitioners. We decided to include this sixth “C” in our presentation: Contestation”. WEST, 2015, p. 238.

<sup>434</sup> WEST, 2015, p. 239. Texto no idioma original: “So we now recognise the critical resources that are already present with organised communities of the poor and marginalised, among which the socially engaged biblical scholar brings the particular critical resources of biblical hermeneutics. In theological terms, CBS recognises the multiple gifts of the body of Christ as a whole”.

<sup>435</sup> UJAMAA Centre. *History*. Disponível em: <<http://ujamaa.ukzn.ac.za/history.aspx>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

comprometidos com os pobres e oprimidos tem uma contribuição significativa para nossa compreensão da Bíblia e do que Deus está fazendo na África do Sul<sup>436</sup>.

O que veio a ser chamado de Leitura Contextual da Bíblia é resultado do processo de luta contra o *apartheid* na África do Sul. Neste processo a Bíblia foi um recurso essencial, porém com significado ambivalente neste contexto. “Foi desta prática de libertação que esta forma particular estudo bíblico baseado na comunidade surgiu, identificado com o Centro Ujamaa”<sup>437</sup>.

O compromisso do Ujamaa é atuar junto às comunidades não com o objetivo de promover missão, mas com um projeto de libertação. Para isso usa recursos bíblicos e teológicos a fim de promover uma transformação individual e social.<sup>438</sup> Ler a Bíblia em comunidades com pessoas comuns é um exercício desafiador. “A Bíblia não é lida individualmente como uma revelação a uma única pessoa, mas como um manual transformador da comunidade, para desenvolver a consciência libertadora de uma forma interativa”<sup>439</sup>.

Os/as colaboradores/as do Ujamaa, em sua maioria, são oriundos/as das comunidades com as quais o Ujamaa atua. O Ujamaa atua nas comunidades a partir de convites que para participar no estudo da Bíblia e na reflexão teológica. Os/as colaboradores/as do Ujamaa atuam como facilitadores/as durante as oficinas leitura popular da Bíblia.<sup>440</sup>

O/a facilitador/a é um/a personagem importante para que a oficina de Leitura Contextual da Bíblia possa atingir seu objetivo. É importante que o/a facilitador/a seja capaz de envolver o grupo todo no processo. O grupo precisa ser percebido como um espaço seguro, onde os participantes possam sentir-se confortáveis para partilhar suas experiências; o/a facilitador/a deve ser capaz de mediar possíveis conflitos que venha a surgir durante o encontro.

<sup>436</sup> WEST, 1993, p. 87. Texto no idioma original: “First, the readings of the Bible of the poor and oppressed in South Africa have a significant contribution to make to our understanding of the Bible and to what God is doing in South Africa. Second, the readings of biblical scholars who are committed to the poor and oppressed have a significant contribution to make to our understanding of the Bible and to what God is doing in South Africa”.

<sup>437</sup> “It was from within this liberation praxis that a particular form of community-based Bible study emerged, identified with the Ujamaa Centre”. WEST, 2013, p. 1.

<sup>438</sup> WEST, 2013, p. 3.

<sup>439</sup> MOYO, Fulata. *A Biblical Journey for justice*. Contextual Bible Studies. Geneva: World Council of Churches Publications. 2013. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/en/what-we-do/women-and-men/publications/WomenPreassemblyBibleStudiesExcerpts.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016. Texto no idioma original: “The Bible is read not individually as revelation to one person, but rather as a community-transforming manual for raising a community’s awareness of liberation in an interactive way”.

<sup>440</sup> Existe uma preocupação em torno das diferenças de poder que existe entre o/a facilitador/a (o/a estudioso/a bíblico ou no mínimo com nível de educação e preparo mais elevado) e a comunidade (muitos nem sabem ler ou escrever). Enquanto Gerald West defende que o papel do/a facilitador/a deve ser de contribuir com a reflexão, no entanto de forma limitada, Sarojini Nadar defende que os/as facilitadores/as deveriam usar mais esse ‘poder’ para conscientizar as pessoas da dimensão estrutural tanto da Bíblia como da vida. WEST, 2013, p. 4 e NADAR, 2009, p. 397.

Cabe ao/a facilitador/a tornar o encontro dinâmico, clarear possíveis dúvidas e resumir as discussões. Para que o contexto seja analisado criticamente é importante que o/a facilitador/a esteja ciente das necessidades da comunidade e assim possa fazer as perguntas certas e ajudar a comunidade a identificar o que pode ser feito.<sup>441</sup> O/a facilitador/a (leitores/as treinados/as e estudiosos/as bíblicos) possui ferramentas interpretativas e são capazes de oferecer recursos adicionais que podem auxiliar a identificar e lidar com as dimensões estruturais e ideológicas da Bíblia, dimensões estas que não são facilmente acessíveis aos/as leitores/as comuns.<sup>442</sup>

O Ujamaa atua junto a grupos organizados e que possuem uma certa estrutura, uma identidade mais fortalecida e são capazes de se articular com mais facilidade. E isso também é importante para que o grupo possa dar um retorno ao Centro Ujamaa sobre o que aconteceu após o estudo bíblico.<sup>443</sup> O Ujamaa atua preferencialmente com grupos que têm uma ideia clara do que pretendem e do que esperam do Ujamaa. É importante que o grupo não se sinta intimidado com as pessoas que vêm de fora e nem com os recursos que são utilizados para o trabalho. Grupos organizados são capazes de contribuir e identificar os recursos que eles próprios dispõem e podem ser utilizados para a transformação social.<sup>444</sup> Além disso, grupos organizados conseguem manter-se independentes e formar seus/suas próprios/as facilitadores/as de Leitura Contextual da Bíblia. “Nós entramos para oferecer recursos adicionais além dos recursos que eles já possuem. Esse tipo de grupo já terá feito sua análise social e terá nos convidado para engajar-nos com esta realidade, que pode ser violência contra mulher, HIV ou justiça econômica”.<sup>445</sup>

Duas características são fundamentais dos grupos com os quais o Ujamaa atua. Primeiro deve ser formada por membros que possuem experiências similares de dominação e, segundo, que seja um espaço seguro, livre de vigilância e repressão.<sup>446</sup> A experiência que se tem através dos anos de atividades juntos às comunidades revela a importância de se atuar junto aos/as leitores/as comuns e em grupos não necessariamente relacionados a igrejas. Segundo West, “ser convidado por um líder de igreja significa fazer estudo bíblico primariamente com

---

<sup>441</sup> WEST, 1993, p. 24.

<sup>442</sup> WEST, 2013, p.4

<sup>443</sup> “Ujamaa has a policy of not approaching groups in order to work with them, rather of working with groups which approach them. Ujamaa also does not set up community groups in order to share Contextual Bible Studies (CBSs), rather the organisation works with existing groups and organisations”. UJAMAA Centre, 2015, p. 14.

<sup>444</sup> WEST, 1993, p. 6.

<sup>445</sup> WEST, 2011, p. 446. Texto no idioma original: “We come in to offer additional resources, alongside the resources they already have. Such a group will usually have done their social analysis, and will have invited us to engage with this “reality,” whether it be violence against women, HIV, or economic justice”.

<sup>446</sup> WEST, 2003, p. 95.

homens. O convite de um grupo local de crentes geralmente significa que o estudo bíblico será feito em grande parte por mulheres”.<sup>447</sup>

O estudo bíblico pertence ao grupo, à comunidade. O papel do Centro Ujamaa é apenas atuar como facilitador do estudo bíblico contextual. O tema a ser trabalhado no estudo bíblico deve seguir preferencialmente a partir da comunidade. É ela quem conhece a realidade e poder identificar quais são as questões que precisam atenção. O Ujamaa pode sugerir o texto bíblico ou pode partir da comunidade. Cabe ao Ujamaa também trazer outros recursos que venham contribuir para complementar o estudo bíblico.<sup>448</sup>

O método de Leitura Contextual da Bíblia reconhece que as pessoas comuns da comunidade, pessoas pobres, oprimidas e marginalizadas têm contribuições importantes e diferentes olhares para leitura da Bíblia no contexto sul africano. Rompe com o silêncio imposto durante anos e dá voz para que eles/as digam sua palavra. O Ujamaa reconhece que pessoas treinadas possuem conhecimentos bíblicos e contribuições importantes e que, muitas vezes, é um grande desafio se colocar no lugar apenas de ouvintes.<sup>449</sup>

Devido à carência de ferramentas que promovam a leitura crítica dos textos bíblicos é comum que os/as leitores/as comuns das comunidades tenham a sensação de que em muitos momentos a Bíblia e suas interpretações estão falando contra eles/as, devido a suas experiências de lutas pela libertação. Em sua própria interpretação da Bíblia eles conseguem reconhecer que Deus está do lado deles e não contra eles como é ensinado. Segundo Gerald West “comunidade de marginalizados, em nosso contexto, estão buscando caminhos de compreender a tensão entre sua própria leitura e a leitura dominante da Bíblia”.<sup>450</sup> Através desta metodologia é dado ao povo o direito de questionar a Bíblia.

A Leitura contextual da Bíblia não está separada da fé. Espiritualidade é considerada uma parte imprescindível no processo. Segundo Gerald West “nada acontece entre cristãos africanos sem orações e músicas espontâneas! Cristãos/ãs comuns da Bíblia acreditam que Deus está com eles, sempre, e a Bíblia é um recurso através do qual Deus fala com eles em suas vidas e contexto”.<sup>451</sup>

---

<sup>447</sup> WEST, 2011, p. 434.

<sup>448</sup> WEST, 2014, p. 13.

<sup>449</sup> WEST, 1993, p. 85.

<sup>450</sup> WEST, 2013, p. 2. Texto no idioma original: “Communities of the marginalised, in our context, are looking for ways of understanding the tension between their own readings of the Bible and the dominant ways of reading the Bible”.

<sup>451</sup> WEST, 2013, p. 2. Texto no idioma original: “Nothing happens among African Christians without spontaneous prayer and singing! Ordinary African Christians believe that God is with them, always, and that the Bible is a resource through which God speaks into their lives and contexts”. WEST, 2011, p. 434.

Assim como ocorre em outros contextos o conceito de pobres e marginalizados precisa ser ampliado. As necessidades das talvez tenham mudado e o foco já não seja mais a luta pela libertação de um sistema que excluía e marginalizava grande parte da população baseado em diferenças biológicas. Atualmente o Ujamaa trabalha com pessoas afetadas pela pobreza e desempregados/as, grupos de mulheres e crianças, refugiados, pessoas infectadas pelo HIV e AIDS, pessoas LGBTI em comunidades nos arredores de Pietermaritzburg. Além de atuar junto a lideranças religiosas (ministros e liderança comunitária) comunidades de fé e seus/suas lideranças que estejam dispostos/as e engajados/as em refletir sobre questões bíblicas e sociais.<sup>452</sup>

O Ujamaa atua não apenas na ação prática junto às comunidades, mas na reflexão e produção de conhecimento a partir das suas experiências junto as pessoas na comunidade. A ação do trabalho desenvolvido pelo Centro Ujamaa está concentrada em 5 áreas específicas:

Teologia do corpo: Tem como foco questões relacionadas a gênero, como sexualidade humana, HIV e AIDS, violência de gênero, violência contra crianças, questões relacionadas a pessoas gays, bissexuais, transgênero e intersex (LGBTI).<sup>453</sup>

Teologia do pão: interessado em criar espaços de diálogo através de reflexão bíblica sobre questões econômicas, por exemplo, Bíblia e a criação e distribuição de riquezas, engajamento com o desafio triplo de desemprego, pobreza e desigualdade.<sup>454</sup>

Teologia da terra: engaja comunidades religiosas e outras em questões relacionadas às mudanças climáticas e cuidando do meio ambiente.<sup>455</sup>

Teologia das pessoas: engajada com igrejas, ministros e comunidades (inclusive igrejas iniciadas/tradicionais Africanas e movimentos sociais) com o intuito de desenvolver um novo entendimento da Bíblia e resgatando daqueles que a usavam para justificar situações opressoras.<sup>456</sup>

---

<sup>452</sup> Tradução própria: “Ujamaa’s work include those affected by poverty and unemployment, groups such as women and children, refugees, those affected by HIV and AIDS, and LGBTI people. In addition, church leaders and members, members of other faith groups, communities and their leaders are all engaged in reflecting on biblical and societal issues”. UJAMAA Centre, 2015, p. 9.

<sup>453</sup> UJAMAA Centre, 2015, p. 9. Texto no idioma original: “Body Theology: Focuses on gender related issues such as human sexuality, HIV and AIDS, gender violence, violence against children, and issues around lesbian, gay, bisexual, transgender and intersex (LGBTI) people.

<sup>454</sup> UJAMAA Centre, 2015, p. 9. Texto no idioma original: “Bread Theology: Concerned with creating spaces for dialogue through biblical reflection on economic issues, for example, Bible and the creation and distribution of wealth, engaging with the triple challenge of unemployment, poverty and inequality”.

<sup>455</sup> UJAMAA Centre, 2015, p. 9. Texto no idioma original: “Earth Theology: Engages religious and other communities on issues around climate change and taking care of the environment”.

<sup>456</sup> UJAMAA Centre, 2015, p. 9. Texto no idioma original: “People’s Theology: Engages with churches, ministries and communities (Including African initiated churches and social movements), in order to develop a new understanding of the Bible and rescue the Bible from those using it to justify oppressive agendas”.

Teologia Pública: trabalha com a interface entre igreja e política, descobrindo a voz profética da igreja, que pode ser reproduzida nos púlpitos, orações e encontros públicos.<sup>457</sup>

Leitura Contextual da Bíblia no sentido apresentado aqui reconhece que não apenas os indivíduos precisam ser transformados, mas também reconhece que as estruturas são opressoras e precisam de transformação. A igreja, na maioria das vezes, coloca sua ênfase na transformação pessoal, esquecendo que a Bíblia também pode ser utilizada para transformação de estruturas opressoras.<sup>458</sup>

Não se pode esquecer que a Bíblia é um texto sagrado importante para as pessoas cristãs na África do Sul, no Brasil e em outras partes do mundo. Com isso, a proposta de trabalhar com oficinas de Leitura Contextual da Bíblia pode ser uma ferramenta útil e necessária para captar e criar recursos religiosos e teológicos que venham a contribuir para a transformação social. As oficinas de Leitura Contextual da Bíblia podem se transformar num espaço seguro onde é possível lidar com questões difíceis e sensíveis.

Os altos índices de infecção pelo HIV e AIDS existentes na África do Sul desafiam a teologia a responder a essa realidade que se apresenta. A luta pela libertação ganhou novas enfoques. A pobreza e as desigualdades sociais estão entre os fatores que contribuem para a transmissão do vírus. Ainda há fatores culturais e construções de gênero que prejudicam ainda mais as mulheres no contexto da epidemia. O Centro Ujamaa, buscou incluir essa temática em sua reflexão teológica e há alguns anos atua junto a grupos de pessoas com HIV e AIDS, conforme será apresentado posteriormente no relato de experiência.

A experiência das mulheres é marcada por subordinação e opressão masculinas, que foram legitimadas por interpretações bíblicas marcadas pelo sexismo e patriarcalismo. O processo de lutas de libertação não são recentes e foram marcadas por resistência das mulheres. A teologia feminista surge como uma resposta teológica à luta das mulheres e dos movimentos feministas.

---

<sup>457</sup> UJAMAA Centre, 2015, p. 9. Texto no idioma original: “Public Theology: Works at the interface between churches and politics, discovering the church’s prophetic voice, which can be spread through the pulpits, prayers and public gatherings”.

<sup>458</sup> WEST, 1993, p. 6.

## 2.4 Leitura Feminista da Bíblia

### 2.4.1 Movimento e Teologia Feminista

A luta das mulheres atravessa a história. De diferentes formas em diferentes contextos históricos e culturais elas foram submetidas a diversas formas de opressão. Mas elas também resistiram de diversas formas. No que se segue propõe-se discutir a emergência de um movimento organizado em diversas partes do mundo na segunda metade do século XX. No que se conhece como segunda onda do feminismo, e perceber como suas propostas foram incorporadas numa teologia feminista para, então discutir questões metodológicas referentes a uma metodologia de Leitura Feminista da Bíblia. Entende-se que, juntamente com a Leitura Popular e a Leitura Contextual da Bíblia, ela oferece elementos importantes para o cuidado pastoral com mulheres com HIV e AIDS.

Ao que se sabe a primeira vez que o termo feminismo foi usado data de 1882. Este termo foi usado por Hubertine Auclert para dar nome à luta de mulheres por direito político na Europa e na América do Norte.<sup>459</sup> A primeira fase do feminismo tinha como característica principal a conquista ao voto e o direito às mulheres de possuir propriedades em seu nome. Essas lutas foram ampliadas nos anos seguintes incluindo questões relacionadas aos direitos trabalhista (redução da jornada de trabalho e igualdade salarial), direitos reprodutivos e violência contra as mulheres.

O movimento filosófico da ilustração e a revolução liberal (séculos XVII e XVIII), que culminou com a Revolução Francesa trouxe mudanças políticas e sociais ao continente europeu, pois foi “momento de efervescência do pensamento liberal, pautado pelas ideais de liberdade, igualdade, fraternidade”.<sup>460</sup> As mulheres, até então vistas como seres frágeis e passivas foram importantes no processo de transformação da sociedade: “É um momento político, onde as mulheres se posicionarão pelos seus direitos”.<sup>461</sup>

O século XIX foi marcado pela formulação do pensamento social clássico. Começou-se a discutir o lugar das mulheres na sociedade, na família e no matrimônio. As mulheres passaram a discutir questões relacionadas a educação e trabalho, assim como iniciaram discussões em torno da cidadania e participação das mulheres, e o direito de propriedade para

---

<sup>459</sup> RAKOCZY, Susan IHM. *In her Name: Women Doing Theology*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2004. p. 12.

<sup>460</sup> Do esforço para alcançar uma sociedade mais igualitária surgiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que defende a igualdade de direitos entre todas as pessoas. BUTTELLI, Felipe Koch. Equidade de Gênero. In: ULRICH, Claudete Beise; STANGE, Rosângela. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2013. p. 13-15.

<sup>461</sup> BICALHO, 2003, p. 38.

as mulheres dentro de uma sociedade democrática.<sup>462</sup> As mulheres cada vez mais engajadas e participativas de movimentos sociais e políticos ampliavam a discussão do lugar da mulher na sociedade e questionavam a influência da cultura nas relações entre homens e mulheres.<sup>463</sup>

Entre os anos de 1880 a 1940 se destacam o sufrágismo e o desenvolvimento da reflexão desta questão dentro das ciências sociais. Antes, porém, convém ressaltar que os pressupostos históricos das lutas das mulheres se definem pela compreensão de como estas ideias foram surgindo e se consolidando, iniciado predominante dentro do movimento sufragista do final do século XIX.

Ainda que o trabalho das mulheres não fosse reconhecido elas sempre estiveram presentes na história, inclusive da igreja. Isso ajuda a elucidar que o movimento de mulheres esteve circunscrito no âmbito das lutas por direitos, que são representados por conquistas específicas. Um exemplo disso é a Bíblia da Mulher editada em duas partes, a primeira em 1885 e a segunda em 1898, por Elisabeth Cady Stanton, uma sufragista<sup>464</sup> norte americana, que foi um marco importante para o início do movimento das mulheres e também representou um passo importante na elaboração de uma teologia que considerasse a perspectiva das mulheres.<sup>465</sup> Elisabeth se deu conta de que os homens usavam a Bíblia para inibir a ascensão das mulheres na sociedade e afirmar que a vontade de Deus era de que as mulheres deviam permanecer submissas e não deviam falar em público.

A conscientização das mulheres de sua situação de opressão e o movimento feminista logo se expandiu a outros países. “O movimento feminista conseguiu questionar leis e

---

<sup>462</sup> Algumas mulheres começaram a refletir sobre o lugar da mulher na sociedade e que esse lugar é marcado por questões sociais. Esse pensamento influenciou outras teorias e terá duas representantes feministas. Na Rússia, Alexandra Kollontai e na Alemanha, Clara Zetkin, proponente do dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher, em 1910. Segundo as pensadoras o papel da mulher não é imutável, nem produzido pela lei divina e, que falta aos homens mudarem seu comportamento nas relações sociais e interpessoais. BICALHO, 2003, p. 40 e 41.

<sup>463</sup> “Simone de Beauvoir escreve o Segundo Sexo, em 1949, afirmando que o patriarcado é uma constante universal em todos os sistemas políticos e econômicos ... “Não se nasce mulher, torna-se mulher” inaugura uma nova era do feminismo: ser mulher é uma construção histórico-cultura. Margaret Mead, em 1963 – sexo e temperamento, “descreve o peso da cultura na determinação dos papéis sexuais e sociais, apresentando relações entre masculino e feminino culturalmente diferenciados em sociedade diversas”. Em 1963, nos EUA, Betty Frieden lança o livro A mística feminina, funda a Organização Nacional da Mulher (NOW) e desenvolve o chamado feminismo da igualdade pela igualdade, com queima de soutiens em praça pública. BICALHO, 2003, p. 43.

<sup>464</sup> A *sufrages* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. p. 16.

<sup>465</sup> DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres editada por Elisabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992.

costumes, introduzir novas legislações, novas formas de linguagem, assim como abrir novos referenciais teóricos e práticos em vista de uma convivência baseada na justiça e na igualdade”.<sup>466</sup>

A teologia feminista se origina a partir de diversos movimentos de mulheres no princípio dos anos 60, em países do primeiro mundo. As mulheres tornaram-se conscientes da opressão a que estavam submetidas em uma sociedade em que o poder era designado aos homens. Isso não significou e ainda não significa que as mulheres não exerçam funções de poder. A questão da invisibilização dos papéis de poder das mulheres, como se poderá observar na reflexão subsequente, provem de estruturas patriarcais de exercício do poder. Com isso, da reflexão da realidade das mulheres, a partir da fé cristã, surge a teologia feminista.<sup>467</sup> Segundo Wanda Deifelt “a teologia feminista surgiu, no contexto do século XX, em sintonia com o próprio movimento feminista. Preconizando a ampliação civil e política dos direitos das mulheres, o feminismo resgatou princípios desenvolvidos em séculos anteriores”.<sup>468</sup>

A teologia feminista vai surgir, então, a partir do movimento de mulheres e do movimento feminista, que embora não sejam a mesma coisa, também não são opostos. Segundo Teles:

Temos de imediato, fazer uma distinção entre o movimento de mulheres e o movimento feminista. Quanto ao movimento de mulheres trata-se de ações organizadas por grupos que reivindicam direitos ou melhores condições de vida e trabalho. Difere do feminismo na medida em que se propõe a combater a discriminação e a subalternidade das mulheres criando meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e sua história.<sup>469</sup>

Desde o princípio não se pode falar de uma única vertente do feminismo, pois “há correntes de pensamento religioso feminista no judaísmo, no cristianismo (tanto de tradição protestante como católica) e também nas tradições desligadas das religiões tradicionais”.<sup>470</sup>

Antes de tudo, a teologia feminista, de vertente cristã, foi a que mais desenvolveu reflexões científicas e críticas. Entre a vertente cristã da teologia feminista podemos destacar

---

<sup>466</sup> GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e da teologia. In DEIFELT, Wanda. SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003. p. 153.

<sup>467</sup> EGGERT, Edla. Apresentação – Os processos dessa escritura inusitada. In: EGGERT, Edla. *(Re)leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 23.

<sup>468</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: DEIFELT, Wanda. SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003. p. 171.

<sup>469</sup> TELES, Maria Amélia de Almeida. Feminismo no Brasil: Trajetória e perspectivas. In: DEIFELT, Wanda. SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003. p. 52.

<sup>470</sup> FREITAS, 2003, p.22.

diferentes fases. A fase inicial começou na segunda metade do século XIX se estendendo até o início do século XX (1840-1920). A segunda fase se estendeu entre 1956 e 1965 e discutia a questão do acesso das mulheres ao ministério ordenado.<sup>471</sup> A terceira fase corresponde ao neofeminismo e se estendeu durante 1960 a 1980.<sup>472</sup> Durante a terceira fase é que a teologia feminista ganha espaço internacionalmente.<sup>473</sup>

A partir dos anos 1970 “emergiram em todo o mundo os movimentos feministas que destacaram a luta ideológica contra o patriarcalismo e o machismo e denunciaram a situação de subalternidade das mulheres”.<sup>474</sup>

Reflexão do novo feminismo acontece entre os anos de 1965 até 1979. Reflete-se sobre o patriarcado e questões relacionadas a sexualidade humana. Nessa fase se reconhece as diferenças existentes entre homens e mulheres, entretanto, essas diferenças não podem levar a desigualdades de oportunidades. “Desenvolvem-se, na década de 1970, os estudos de gênero. O gênero como categoria de análise histórica, ganha corpo em universidades da Europa e dos EUA”.<sup>475</sup>

O feminismo anseia em denunciar a condição inferior destinada à mulher ao longo da história, e almeja “a transformação das relações sociais entre os sexos”. O feminismo “é um movimento que se apresenta nas suas diversas correntes de forma ousada e com propostas de transformações que não falam só da condição feminina, mas que estão bulindo com dogmas culturais que tem sido eternos na sociedade humana”.<sup>476</sup>

A teologia feminista adotou o termo gênero como uma categoria de análise. Esse conceito começou a aparecer no feminismo nos anos de 1980 e é usado para explicar as diferentes relações de poder na sociedade, que, por sua vez, não estão baseadas nas diferenças

---

<sup>471</sup> “Desde a criação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948, a presença das mulheres nas igrejas, na educação teológica e na liderança espiritual tem sido tematizada. Reconheceu-se que não é só o acesso ao ministério que garante a igualdade de direitos e a erradicação da discriminação, opressão ou violência. É necessária uma revisão das estruturas simbólicas da Igreja e também uma concepção alternativa de teologia para poder, de fato, honrar as experiências de fé das mulheres”. DEIFELT, 2003, 172.

<sup>472</sup> Nesta época foi escrito o livro “The Church and the second sex” de Mary Daly, em 1968, reeditado em 1975. Outras teólogas trabalham dentro do campo de instituições religiosas, como Elisabeth Schüssler Fiorenza, em 1983 e Radfort Reuther. (ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 79-96, 2001. p. 83).

<sup>473</sup> FREITAS, 2003, p. 22.

<sup>474</sup> TELES, 2003, p. 58.

<sup>475</sup> BICALHO, 2003, p. 44.

<sup>476</sup> BICALHO, 2003, p. 47.

biológicas entre os sexos.<sup>477</sup> A categoria de gênero faz avançar a compreensão da opressão das mulheres, pois entende a construção dos sujeitos a partir de uma análise relacional.<sup>478</sup>

Gênero é uma construção social e cultural que define os papéis e as funções de cada sexo em determinada sociedade. As diferenças percebidas entre homens e mulheres são entendidas como naturais e utilizadas para justificar situações desiguais.<sup>479</sup> “Dizer homem e mulher já é introduzir um modo ‘de ser no mundo’ próprio a cada sexo, um modo de ser que é fruto de uma teia complexa de relações culturais”.<sup>480</sup> Homens e mulheres são educados/as e condicionados/as a desempenhar determinados papéis na sociedade que vão além das diferenças biológicas, mas estão relacionados a fatores culturais, sociais, políticos e religiosos.

O lugar que o homens e mulheres ocupam na sociedade tem a ver com relações de poder. Há uma hierarquia de poder que gera desigualdades no espaço ocupado por homens e mulheres na sociedade, tanto na divisão social do trabalho como nos diferentes aspectos da vida social.<sup>481</sup> Segundo Ivone Gebara: “a categoria gênero nos convida a analisar a situação feminina a partir da relação social estabelecida entre o ser masculino e o feminino, construções culturais permeadas pela hierarquia e o poder construídos nas relações sociais entre os sexos”.<sup>482</sup>

Gênero, portanto, é uma categoria de análise, um instrumento hermenêutico, mas não é o único, pois as experiências das mulheres e a fala delas não são iguais, elas têm suas especificidades e identidades próprias. “A categoria gênero me ajudará a perceber a dinâmica

---

<sup>477</sup> GEBARA, 2000, p. 104.

<sup>478</sup> BICALHO, 2003, p. 48. Fiorenza também fala sobre a categoria de gênero: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009. p. 77.

<sup>479</sup> Segue algumas definições com conceitos importantes para compreensão das relações de gênero. “Mesmo sendo uma categoria funcionalista que constrói as relações e homem-mulher de modo dualista, o conceito de gênero não reconhece que são geralmente as mulheres, e não os homens, que são consideradas como dotadas de gênero. A categoria do androcentrismo (derivado do grego *aner*, homem, varão) significa literalmente “centração no homem”, “o varão como centro”. Assim como a categoria de gênero, designa as diferenças socialmente construídas entre os sexos. À diferença de gênero, porém, “androcentrismo” não se limita a construir diferenças sexuais dualistas, mas também determina a relação de poder entre os sexos. O “homem” é o ser humano paradigmático que é o centro das sociedades, culturas e religiões androcêntricas; a “mulher” é o Outro. A ideologia do androcentrismo está tão difundida porque é inculcada na e através da estrutura gramatical de línguas ocidentais antigas e modernas, tal como o hebraico, grego, latim, inglês e português”. Patriarcado” significa literalmente o poder do pai sobre seus filhos e filhas e sobre os demais membros do clã ou da casa. Na teoria feminista, o significado de “patriarcado” geralmente já não fica restrito ao poder do pai sobre o grupo de suas/seus parentes, como é o caso na antropologia social. Em vez disso, desenvolve-se esse conceito como instrumento para identificar e desafiar as estruturas sociais ideológicas que permitem aos homens dominar e explorar as mulheres ao longo de toda história registrada. Nessa compreensão feminista, todos os homens têm poder sobre as mulheres, para explorá-las e utilizá-las. Quando o conceito do patriarcado é definido nesses termos do dualismo de gênero de homem/mulher, então a exploração e a vitimização baseadas no gênero e no sexo tornam-se a opressão principal”. GEBARA, 2000, p. 130-133. Ver também: SAFFIOTI, Heleith I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

<sup>480</sup> GEBARA, 2000, p. 111.

<sup>481</sup> GEBARA, 2000, p. 104.

<sup>482</sup> BICALHO, 2003, p. 48.

das relações e dos poderes, mas ela não pode ser considerada como um novo conceito absoluto, capaz de explicar toda opressão das mulheres”.<sup>483</sup> Existe uma multiplicidade de diferenças tanto entre homens e mulheres, como também entre homens e homens e mulheres e mulheres. Essas diferenças são somadas a outras diferenças como as relativas à cultura, idade, classe social, religião e outras mais.<sup>484</sup>

Nas ciências humanas o termo gênero é usado “para demonstrar e sistematizar as desigualdades socioeconômicas existentes entre mulheres e homens, que repercutem em suas vidas pública e privada, ao impor papéis de dominação e submissão”. Por isso, a dominação masculina e a submissão feminina se consolidaram ao longo da história. “Impôs-se o poder masculino em detrimento dos direitos das mulheres, subordinando-as às necessidades pessoais e políticas dos homens, tornando-as dependentes e oprimidas”.<sup>485</sup>

Se os sujeitos são influenciados pela cultura e construídos socialmente, então é possível explicar por que o machismo não é apenas problema masculino, mas também é reproduzido por mulheres, bem como a aceitação e legitimação da mulher pelo homem.<sup>486</sup> A categoria de gênero questiona as “crenças aparentemente universais sobre mulheres e homens e desmascara suas raízes socioculturais”.<sup>487</sup>

A partir dos anos 1980, com a introdução da categoria de gênero como instrumento de análise, a teologia feminista ganhou novos horizontes e surgiram diferentes vertentes. As discussões em torno de temas como o corpo, a vida cotidiana, a sexualidade e os direitos reprodutivos ganharam força.<sup>488</sup>

A teologia feminista foi um marco importante para a teologia, pois trouxe para a pauta “temas nunca antes considerados em sua pertinência, como a questão do poder, da assimetria e das desigualdades entre os gêneros, da corporeidade, da sexualidade, da violência sexista, dos direitos reprodutivos, do eco-feminismo e do próprio método teológico”.<sup>489</sup>

Inicialmente a teologia feminista se desenvolveu principalmente nos países de primeiro mundo. Com o tempo, as teólogas feministas dos países de terceiro mundo se deram

---

<sup>483</sup> GEBARA, 2000, p. 113.

<sup>484</sup> GEBARA, 2000, p. 105.

<sup>485</sup> TELES, 2003, p. 53.

<sup>486</sup> TELES, 2003, p. 53.

<sup>487</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 130.

<sup>488</sup> SEIBERT, Ute. *Espacios abiertos: caminos de la teología feminista*. Santiago de Chile: Editorial Forja, 2010. p. 27.

<sup>489</sup> STRÖHER, Marga J. A história de uma história – o protagonismo de mulheres na Teologia Feminista. *Revista História*, v. 9, n. 2, p. 119, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6417>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

conta de que a realidade era diferente daquela que experimentavam as mulheres nos países desenvolvidos. O contexto, o lugar do qual se faz teologia feminista, passou a ser considerado.

A teologia feminista com um enfoque libertador, se desenvolveu historicamente ao mesmo tempo em que a teologia da libertação se desenvolveu na América Latina,<sup>490</sup> e também da teologia da libertação negra, que se desenvolveu nos Estados Unidos. “Todas estas teologias tomam como ponto de partida as situações de sofrimento na vida concreta de pessoas e grupos marginalizados”.<sup>491</sup> Neste sentido, Gebara vê as discussões feministas como um movimento social e político importante que busca estabelecer relações de igualdade e justiça entre homens e mulheres, trazendo elementos hermenêuticos que ajudam a compreender a dominação de um sexo sobre o outro.<sup>492</sup>

Pensando no Brasil além da luta pelo direito ao voto, as mulheres brasileiras reivindicaram também o direito à educação para as mulheres, mas também ações em favor da abolição da escravidão negra e a defesa dos ideais republicanos (no século XIX), assim como os direitos trabalhistas femininos (redução da jornada de trabalho, fim do horário noturno para mulheres, direito à maternidade e salários iguais para trabalho igual) no início do século XX. O direito ao voto<sup>493</sup> foi conquistado em 24/02/1932, quando foi editado o Código Eleitoral, elaborado por um grupo de juristas e, dentre eles, uma mulher, Bertha Lutz (1894-1976).<sup>494</sup>

O movimento feminista emerge na América Latina e no Brasil em um cenário político bastante diferente do que havia nos Estados Unidos e na Europa. Enquanto nos países de primeiro mundo havia um ambiente mais propício para o surgimento de movimentos em busca da libertação devido uma maior evolução dos sistemas democráticos, no Brasil vivia-se um período de repressão política que culminou com a instauração do regime militar. Nesse ambiente é que surgem as manifestações feministas mais contundentes no Brasil.<sup>495</sup> “No Brasil, o feminismo se desenvolve e está diretamente vinculado aos partidos políticos de oposição e

---

<sup>490</sup> Veja mais sobre o desenvolvimento da teologia feminista na América Latina em: AQUINO, Maria Pilar; TAMEZ, Elsa. *Teologia feminista Latinoamericana*. Quito: Plurimonor, 1998. Disponível em: <[http://ecomunidad.org/biblioteca/catalogo/\\_data/publicacion/20150414171318\\_Teologia%20feminista%20latinoamericana.pdf](http://ecomunidad.org/biblioteca/catalogo/_data/publicacion/20150414171318_Teologia%20feminista%20latinoamericana.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

<sup>491</sup> “Todas estas teologias toman como punto de partidalas situaciones de sufrimiento em la vida concreta de las personas y los grupos marginados”. EGGERT, 2008, p. 24.

<sup>492</sup> GEBARA, 2000, p.37.

<sup>493</sup> Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. PINTO, 2010, p. 16.

<sup>494</sup> TELES, 2003, p. 54 e 55.

<sup>495</sup> PINTO, 2010, p. 16.

dos que defendem os interesses populares dos trabalhadores”.<sup>496</sup> Conforme Gebara era um movimento ligado a elite intelectual e militantes de partidos políticos de esquerda, que reivindicavam os direitos das mulheres em diferentes níveis sociais.<sup>497</sup> O movimento de libertação das mulheres busca uma sociedade mais justa e igualitária entre os sexos. “Enquanto que todas as mulheres não forem livres, nenhuma mulher é livre. Não há mulheres libertas ou homens libertos numa sociedade e numa igreja patriarcais”.<sup>498</sup>

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados.<sup>499</sup>

Conforme Delir Brunelli, a consciência feminista, no campo da teologia latino-americana, teve uma fase preliminar a partir da década de 1960. A primeira fase refletia sobre teologia e a questão da mulher e foi marcada pela produção teológica das mulheres na segunda metade da década de 1970. Nessa fase ainda não havia a preocupação de gênero. Na segunda fase, na década de 1980, as mulheres denunciaram o caráter androcêntrico, patriarcal e racional do discurso teológico. A Teologia da Libertação também foi criticada por não refletir a situação específica das mulheres. Já na década de 1990 a categoria de gênero passou a ser usada como categoria de análise.<sup>500</sup>

Observa-se que do final dos anos 70 até início da década de 80 o feminismo estava envolvido com ativismo, momento importante para legitimar e difundir o feminismo como movimento social democrático e popular.<sup>501</sup> Mas não havia investimentos no campo teórico, e por isso teve que usar conhecimentos do marxismo e da psicanálise. A partir da introdução da

<sup>496</sup> TELES, 2003, p. 59.

<sup>497</sup> GEBARA, 2000, p. 36.

<sup>498</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Rumo ao discipulado de iguais: a Ekklesia de mulheres. *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 3, p. 281-296, 1996. p. 282.

<sup>499</sup> PINTO, 2010, p. 17.

<sup>500</sup> BRUNELLI, Delir. Teologia e gênero. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.) *Sarça Ardente*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 209-214.

<sup>501</sup> “Somente em 1975 que as ideias feministas vão aparecer em público, com a defesa da igualdade de direitos e o questionamento do papel de submissão das mulheres. Nos anos de 1980, o feminismo conquista espaço, alcançando as bordas do Estado, com a criação de conselhos delegacias da mulher, e com a elaboração do PAISM – Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, entre outras medidas”. TELES, 2003, p. 60.

categoria de gênero a elaboração teórica se fortaleceu e diversas obras foram publicadas.<sup>502</sup> Ou seja, a efervescência do movimento feminista se deve, em grande medida, à formulação de concepções teóricas próprias para questionar não apenas no âmbito das lutas políticas, mas também no plano teórico o conhecimento legitimador das sociedades patriarcais.

A luta das mulheres por igualdade e por igualar todas as mulheres na mesma categoria foi ocasionando pequenas crises dentro do próprio movimento feminista, que foi reconhecendo, aos poucos, outros movimentos feministas, como o das mulheres negras e lésbicas. O feminismo ganhou espaço no Brasil em instituições acadêmicas e também influenciou as instituições religiosas. “Pelo fato de haver sido retomado numa conjuntura política autoritária foi obrigado, desde seus primeiros passos, a fazer alianças inclusive com forças da Igreja, sem deixar de ter conflitos com as questões do aborto, dos direitos reprodutivos da sexualidade”.<sup>503</sup> Nas instituições religiosas as feministas foram inspiradas a mobilizar-se contra as estruturas que promovem a opressão das mulheres.

A teologia feminista nasce da experiência concreta da vida das mulheres, assim como a Teologia da Libertação nasce da experiência concreta do povo pobre e marginalizado. “A teologia feminista, em diálogo com a teologia da libertação, introduziu o conceito de gênero como instrumento de análise social e cultural. Foi adotado o nome “teologia feminista da libertação”.<sup>504</sup>

Por isso, desde o início a teologia feminista buscou resgatar a presença das mulheres na história e na Bíblia. Daí que surge a hermenêutica da suspeita, desenvolvida pela teologia feminista, que “se aplicava não só às construções socioculturais, políticas e econômicas, mas também ao discurso e à prática religiosa”.<sup>505</sup>

A teologia feminista da Libertação nasce dos movimentos populares em defesa da vida e dos direitos de gênero. Em sua prática afirma a opção pelos pobres e as lutas pela liberdade e libertação, denunciando o androcentrismo nas concepções religiosas e nas suas concreções institucionais, fazendo a hermenêutica crítica do textos e tradições sagradas, e integrando no seu pensamento diversas dimensões da cultura e da realidade humana.... Não é uma teologia de mulheres, mas de homens e mulheres que transformaram seu pensamento pelo caminho da alteridade, berço da utopia de

<sup>502</sup> TELES, 2003, p. 54.

<sup>503</sup> TELES, 2003, p. 62.

<sup>504</sup> O termo “Teologia feminista da libertação foi adotado na reunião regional da Associação Ecumênica de Teólogas/os do Terceiro Mundo (ASETT/EATWOT) de 1993. Antes disso, o fazer teológico a partir da realidade das mulheres e voltado para a sua valorização, tanto dentro da Igreja como na sociedade, havia utilizado nomenclaturas como “teologia da mulher”, “teologia na ótica da mulher”, ou “teologia feminina”. Ao empregar o termo feminista, as teólogas reunidas assumiram gênero como uma categoria de análise (assim como já haviam utilizado classe e raça/etnia), dentro de um princípio metodológico de desconstrução e reconstrução”. DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. *Coisas do Gênero*, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2015. p. 10s.

<sup>505</sup> DEIFELT, 2015, p. 11.

uma nova sociedade, sem opressores(as) e sem oprimidas(os), sem dominadas(os), sem excluídas(os)<sup>506</sup>.

Para Fiorenza, a teologia feminista é uma teologia crítica da libertação, porque busca analisar criticamente as estruturas opressivas dos discursos e práticas da tradição cristã. Ao fazer essa análise ela “redescobre as tradições e elementos libertadores da fé e da comunidade cristã”.<sup>507</sup> O viés libertador, que parte da experiência de opressão das mulheres, faz com que a teologia feminista seja compreendida como uma forma de teologia da libertação.<sup>508</sup>

Desde o início das lutas das mulheres por direitos iguais predominou a criticidade e a suspeita como elemento mobilizador e também justificador do movimento de mulheres. O século XX pode ser chamado de século da suspeita feminina.<sup>509</sup> Suspeitavam de que os homens estariam usando o poder para manipular as mulheres de acordo com seus interesses, bem como o rosto de Deus passou a ser questionado. Eram os homens que detinham o poder, eles que sabiam ler e escrever e detinham o poder de falar ao povo, e isso incluía também a igreja. “Expressaram a vontade de Deus com base em suas convicções, em sua experiência de poder na ordem que pretendiam impor ou propor à sociedade”.<sup>510</sup> Foi imposta a visão de um Deus masculino que atendia às necessidades dos homens, ocultando a experiência religiosa das mulheres.

A teologia feminista pergunta pelo papel que homens e mulheres ocupam na sociedade, questionando especialmente o papel da mulher. “A análise das relações de gênero permite identificar como se dão as relações de poder, ou seja, como os papéis sociais determinam possibilidades e impõem limitações, apontando expectativas sociais e cerceamentos, indicando padrões de comportamento que são considerados aceitáveis ou não”.<sup>511</sup>

Com isso, fica evidente que o fato de as mulheres desempenharem um papel social subalterno é porque foram ensinadas, pois foram educadas para o matrimônio e a maternidade. “O método feminista serve, então, para desenvolver conhecimentos novos e diferentes sobre qualquer aspecto da realidade que não podemos obter com outro método”.<sup>512</sup>

<sup>506</sup> SUAIDEN, Silvana. Questões contemporâneas para a teologia – Provoações sob a ótica de gênero. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003. p. 147.

<sup>507</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1996, p. 153 e 157.

<sup>508</sup> STRÖHER, Marga Janete. *Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista*. Tese (doutorado em teologia). São Leopoldo: EST/IEPG, 2002. p. 18.

<sup>509</sup> GEBARA, Ivone. *O que é Teologia Feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 33.

<sup>510</sup> GEBARA, 2007, p. 28.

<sup>511</sup> DEIFELT, 2003, p. 173.

<sup>512</sup> Tradução própria: “El método feminista sirve, entonces, para desarrollar conocimientos nuevos y distintos sobre cualquier aspecto de la realidad, que no podemos obtener com outro método”. BARTRA, Eli. Acerca de

Os teólogos da libertação não conseguiram entender devidamente a opressão das mulheres como algo primário. Ou seja, não são todas os sistemas sociais e culturais que colocam a mulher num papel subalterno. “Enquanto os pobres são sempre oprimidos, etnias ou mulheres podem ou não podem ser oprimidos, dependendo da sua situação”.<sup>513</sup> Essa abordagem não foi bem aceita por teólogas feministas, pois para elas as hierarquias existentes continuam. “Geralmente, o discurso Teologia da Libertação trata do pobre ou excluído de modo genérico, ignorando que a análise contextual dos empobrecidos ou dos excluídos passa também pelo corte de gênero, de etnia, de raça e geração”.<sup>514</sup>

A experiência das mulheres que até então nem sempre era considerada, passou a ser um critério metodológico importante para a teologia feminista, que é o da experiência, inclusive de fé das mulheres da qual a reflexão teológica parte.<sup>515</sup> Segundo Marga Ströher, “para a teologia feminista a experiência coloca-se como critério de interpretação. No entanto, a experiência não pode ser tomada como a origem do próprio conhecimento e do conhecimento da realidade bíblica e do próprio processo de interpretação”.<sup>516</sup> As experiências das mulheres não são iguais, fatores externos como raça e classe irão influenciar nas vivências das mulheres. “O conceito essencialista mulher passa a ser substituído pelo plural mulheres, pois há uma multiplicidade de experiências de ser mulher”.<sup>517</sup>

Para Eli Barta, a investigação feminista tem o compromisso de melhorar a condição das mulheres.<sup>518</sup> Para que a condição das mulheres possa ser melhorada faz-se necessário ouvir a voz das mulheres, romper o silêncio imposto pela sociedade que prioriza o homem e coloca a mulher em situação de subordinação. O movimento feminista, de maneira especial na América

---

la investigación y la metodología feminista. In.: GRAF, Norma B. et al (orgs.). *Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales*. México: UNAM, 2012. p. 67-78, à p. 73-75.

<sup>513</sup> DEIFELT, 2015, p. 8.

<sup>514</sup> SUAIDEN, 2003, p. 144.

<sup>515</sup> DEIFELT, 2003, p. 174.

<sup>516</sup> Scott *apud* STRÖHER, 2005, p. 122. Joan Scott, referindo-se a E. P. Thompson, afirma que “experiência significa ser social, as realidades vividas da vida social, construídas por influências externas e sentimento subjetivo, o estrutural e o psicológico”. Não se trata de uma experiência ou uma identidade “encontrada”, mas que foi construída ou atribuída e, portanto, pode ser modificada. A identidade e a experiência são processos que ocorrem concomitantemente; “a identidade está amarrada a noções de experiência”.

<sup>517</sup> Outros tipos de teologia começam a surgir para responder a questões específicas das mulheres em outros contextos. “Contexto de reflexão começa a surgir um movimento de alternativa às feministas brancas, como a Teologia Mujerista e a Teologia Womanist (mulherista) nos Estados Unidos. Mujerista é um termo proposto por Ada María Isasi-Díaz, para referir as experiências de mulheres de origem latino-americana que vivem nesse contexto, para designar sua realidade de opressão e suas lutas por libertação nesse contexto. O termo womanist foi proposto por Alice Walker para demarcar a diferença entre as experiências das mulheres negras e das mulheres brancas. No Brasil, a Teologista Womanist é nomeada como Teologia Feminista Negra. Maricel Mena Lopes é a primeira mulher negra a receber o título de Doutora em Teologia na América Latina, em 2001”. STRÖHER 2005, p. 122.

<sup>518</sup> BARTRA, 2012, p. 68.

Latina, ajuda as mulheres a falar de sua vivência e encontrar o valor na sua história de vida, seus sofrimentos e esperanças.<sup>519</sup>

Conforme Gebara:

Somos desafiadas a sentir nossos corpos, a falar de nossas relações, a perceber as diferentes formas de socialização de nós mesmas. Somos acuadas a pensar a partir de nossa situação de classe, da cor de nossa pele, da orientação de nossa sexualidade como componentes de nossas relações sociais e de trabalho.<sup>520</sup>

Ao considerar e resgatar experiência das mulheres ao longo da história (e também dos textos bíblicos) percebe-se que, ao mesmo tempo, as experiências relatam a opressão sofrida pelas mulheres, elas também trazem à tona a luta pela libertação da opressão. “A experiência das mulheres configura-se como experiência de opressão, mas também como experiência de resistência e luta por libertação”.<sup>521</sup>

O movimento feminista e as teorias desenvolvidas a partir dele provocaram inúmeras rupturas nos mais diversos campos de interação social. No âmbito teológico o feminismo favoreceu a crítica de teologias tradicionais, mas também de teologias autodenominadas libertadoras que, no entanto, não problematizavam o lugar destinado as mulheres e suas experiências. Essa crítica levou ao desenvolvimento de categorias e métodos próprios, inclusive no campo da leitura bíblica como se verá a seguir.

#### 2.4.2 *Hermenêutica Feminista*

“A hermenêutica afirma que conhecemos o mundo compreendendo e interpretando”.<sup>522</sup> Isto significa que a hermenêutica é circular e sempre depende do sujeito que está fazendo a interpretação.<sup>523</sup> O contexto influencia a maneira como lemos o texto, por isso

<sup>519</sup> GEBARA, 2000, p. 83.

<sup>520</sup> GEBARA, Ivone. O feminismo desafiando as teologias cristãs. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 40-52, 2015. p. 43. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

<sup>521</sup> STRÖHER, 2002, p. 20.

<sup>522</sup> “Hermenêutica” parece ser uma designação pouco apropriada para o método usado na pesquisa feminista emancipatória, pois a preocupação principal dos estudos bíblicos feministas é uma leitura crítico-emancipatória da bíblia. Embora eu mesma tenha chamado a interpretação bíblica que desenvolvi de “hermenêutica feminista”, devo dizer que a “interpretação feminista” vai além da hermenêutica e que a melhor maneira de entendê-la é em termos retóricos”. SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 87s.

<sup>523</sup> SEIBERT, 2010, p. 51.

não é um círculo fechado, mas um espiral.<sup>524</sup> Para Ivone Gebara, “hermenêutica não é só uma teoria de interpretação, mas é uma maneira de ser, de relacionar-se e de compreender”.<sup>525</sup>

Sobre a trajetória da perspectiva feminista da leitura bíblica em perspectiva de libertação considera-se que a leitura feminista da Bíblia surge quando as mulheres começam a questionar o uso do poder e das interpretações dos textos bíblicos para oprimi-las. Este é um movimento que partiu das próprias experiências das mulheres, quando tomaram consciência de sua situação e começaram a lutar por seus direitos. As mulheres se deram conta de que a Bíblia estava sendo usada de maneira que beneficiava exclusivamente os homens e buscaram na própria Bíblia fundamentos para apoiar sua luta por igualdade e dignidade.<sup>526</sup>

Esta perspectiva pode ser observada com o fato de os movimentos das mulheres terem forte conotação religiosa. Neste sentido, a Bíblia das Mulheres surge como um movimento que critica o uso da Bíblia contra as mulheres. Ela foi elaborada de forma coletiva por mulheres da Europa e Estados Unidos que reuniram comentários sobre textos da Bíblia que estavam diretamente relacionados às mulheres, ou nos quais as mulheres haviam sido excluídas/silenciadas. Embora bastante criticado, esse grupo de mulheres lideradas por Elisabeth Cady Staton deu início a um processo de revisão interpretativa das Escrituras.<sup>527</sup>

Apesar de Elisabeth considerar a Bíblia um livro androcêntrico, ela não rejeitou a Bíblia. Para ela, a Bíblia não era um livro neutro, mas que traz as marcas dos homens que a escreveram. Entendia ainda que a Bíblia era usada como uma arma político-ideológica contra a libertação das mulheres, por isso fazer uma interpretação bíblica feminista era um ato político.<sup>528</sup> Nas palavras de Maria J. f. Nunes:

As implicações hermenêuticas da interpretação bíblica de Elizabeth Cady Stanton são delineadas na introdução da *Bíblia das Mulheres*. Primeiro, que a Bíblia não é um livro neutro, mas uma arma política e ideológica usada contra as mulheres em sua luta por igualdade. Segundo, que a Bíblia foi escrita por homens e carrega consigo as marcas de homens que apenas alegam que viram ou falaram com Deus. Nesta sua

<sup>524</sup> GASTELLÚ CAMP, Adriana. *Como espiral de vida: aportes de la teología feminista de liberación para otros modelos de liderazgo en las iglesias de América Latina y el Caribe*. São Leopoldo: Faculdades EST, Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2015.

<sup>525</sup> GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 30. Também em: ROESE, Anete. Corporeidade no espaço relacional. Interpretações a partir do Acompanhamento Pastoral Terapêutico Feminista. In: STRÖHER, Marga Janete et al (orgs). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. 2. ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, CEBI, Sinodal, 2006. p. 287.

<sup>526</sup> SEIBERT, 2010, p. 56.

<sup>527</sup> NUNES, Maria José F. Rosado; COUCH, Beatriz Melano; BUENDIA GÓMEZ, Josefa. *Palavras de mulheres: juntando fios da teologia feminista*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2000. p. 17.

<sup>528</sup> NUNES, 2000, p. 17.

postura crítica, a *Bíblia das Mulheres* apresenta os primeiros passos de uma hermenêutica feminista.<sup>529</sup>

O trabalho desenvolvido por Elisabeth Cady Stanton recebeu um reconhecimento maior cem anos depois de sua morte. Biblistas começaram a analisar os textos escritos por ela dando início a um novo modelo de interpretação. Conforme Gebara, “uma leitura e interpretação do texto partindo das mulheres, interpretação que leva em conta não apenas nossos contextos, mas as perguntas atuais que nos habitam”.<sup>530</sup>

No contexto latino-americano a Teologia da Libertação foi fundamental para o desenvolvimento da teologia feminista, pois além de influenciar a prática teológica foi onde as primeiras publicações das teólogas foram integradas. A teologia que as mulheres produziram no Brasil foi resultado das reflexões a partir do contexto social e eclesial em que viviam, adotando a opção pelos pobres, mas com olhar voltado especificamente para a situação de pobreza das mulheres.<sup>531</sup> “Todas as leituras da Bíblia estão marcadas por um tom forte de esperança em uma nova sociedade de igualdade econômica e de novas relações entre homens e mulheres”.<sup>532</sup>

As mulheres foram conquistando espaço na academia e os estudos ‘sobre a mulher’ começaram a se desenvolver, não apenas na teologia, mas também nas diferentes áreas do saber. No campo da teologia, a pesquisa bíblica se destaca no Brasil, tanto buscando resgatar a história de mulheres na Bíblia, como também na reinterpretação dos textos bíblicos buscando resgatar o protagonismo das mulheres.<sup>533</sup>

Bíblia como sendo testemunho de fé e revelação de Deus, não deixa de ser um livro histórico. Dentro de seu caráter revelativo e de sua historicidade, representa, simultaneamente, tanto um instrumento de opressão como fonte de libertação para as mulheres. Determinados textos, conteúdos, afirmações, traduções, interpretações e formas de uso da Bíblia têm servido, ao longo da história, como instrumento útil e vantajoso de opressão contra as mulheres ou como legitimadora da mesma. São as partes endurecidas da terra-Bíblia que precisam ser trabalhadas e relidas, com afincamento e determinação, à luz da libertação.<sup>534</sup>

A interpretação crítica feminista,<sup>535</sup> que tem a experiência das mulheres como ponto de partida, questiona em que medida o texto bíblico contribui para a opressão ou libertação das

<sup>529</sup> DEIFELT, 1992, p.9.

<sup>530</sup> GEBARA, 2007, p. 17.

<sup>531</sup> NUNES, 2000, p. 27- 29.

<sup>532</sup> AQUINO, TAMEZ, 1998, p. 82.

<sup>533</sup> NUNES, 2000, p. 31.

<sup>534</sup> STRÖHER, 2002, p. 19.

<sup>535</sup> Conforme Fiorenza: “Uma interpretação feminista crítica pela libertação, que lê a Bíblia com as lentes e no contexto de mulheres que lutam para transformar as estruturas patriarcais opressivas de textos e instituições

mulheres. Segundo Schüssler Fiorenza, nessa perspectiva a Bíblia deixa de ser normativa e torna-se fonte inspiradora da vida da fé.<sup>536</sup> “A teoria feminista insiste que todos os textos bíblicos são produtos de cultura e história patriarcal androcêntrica”<sup>537</sup> e, por isso, a história cristã assim como a história geral são importantes para a análise feminista que busca reconstruir o lugar das mulheres na história.

A pesquisa bíblica feminista não pode ignorar as canonicidades dos textos e o caráter sagrado para as comunidades cristãs. “As pesquisas bíblico-históricas, como as pesquisas históricas em geral, são uma visão seletiva do passado, cujos fins e significado estão limitados não só pelas fontes e materiais disponíveis, mas também pelos interesses e perspectivas do presente”.<sup>538</sup> A hermenêutica bíblica feminista, portanto, não pode apenas compreender o texto bíblico e as tradições. Para que possa contribuir no processo de libertação ela “tem a tarefa de *transformar* a interpretação bíblica e seus conceitos hermenêuticos idealistas, suas práticas individualistas e suas relações sociopolíticas de dominação, todas elas marcadas por características ocidentais”.<sup>539</sup>

Elisabeth Schüssler Fiorenza propõe um modelo feminista de interpretação em quatro passos: a hermenêutica da suspeita; a hermenêutica da proclamação; a hermenêutica da memória e a hermenêutica da atualização criativa. Esse modelo foi apresentado por ela como dança hermenêutica da interpretação Bíblica, já que é um movimento que não termina, mas que provoca constantemente um reiniciar do processo na busca de libertação. “Biblistas feministas procuram desenvolver novas formas de ler a bíblia (e outros textos culturalmente influentes), para evitar que o conhecimento bíblico continue sendo produzido no interesse da dominação e da injustiça”.<sup>540</sup>

Ler a Bíblia em comunidades ou em grupos “exige um envolvimento ativo com o texto – tanto do contexto histórico quanto o da realidade atual”. A leitura da Bíblia que leva em conta as diferentes situações do contexto é rica em interpretações. O uso de ferramentas críticas, ajuda

---

sociais, culturais e religiosas, deve ser distinguida – não posso deixar de repetir isso sem cessar – tanto de estudos bíblicos cristãos “apologéticos” sobre as mulheres como de estudos de gênero acadêmicos dualistas (isto é, estudos que focalizam as categorias homogêneas de “masculino” e “feminino” para abordar o problema da mulher). Leituras bíblicas populares e acadêmicas feitas *por mulheres*, a leitura da bíblia *como mulher* e desde a perspectiva *da mulher*, e também uma interpretação da bíblia em termos de gênero não são simplesmente idênticas com uma *interpretação feminista crítica em prol da libertação*, já que esses modos de leitura não questionam as lentes nelas usadas: as lentes de gênero determinados pela religião e pela cultura”. SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 109.

<sup>536</sup> SEIBERT, 2010, p. 61.

<sup>537</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Para uma Hermenêutica Crítica Feminista*. As Origens Cristãs: A partir da Mulher: Uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 12.

<sup>538</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 20.

<sup>539</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p.105 e 106.

<sup>540</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p.106.

a questionar situações opressoras ou desiguais. “Ler os textos bíblicos a partir de uma perspectiva contextualizada com pessoas e grupos marginalizados é um exercício de empoderamento que articula teologias localmente corporificadas e contextuais”.<sup>541</sup> As lutas de mulheres e homens que leem o texto são misturadas às lutas dos relatos bíblicos.

A Bíblia foi e ainda é usada para justificar a marginalização e opressão das mulheres. Com isso, a hermenêutica feminista pode ser uma ferramenta utilizada na releitura dos textos opressores, à luz da igualdade entre os seres humanos. “Uma leitura contextual de textos bíblicos que use a análise de gênero é uma metodologia útil para tornar explícitas as disparidades entre mulheres e homens na sociedade e nas igrejas atualmente”.<sup>542</sup> A Análise das relações sociais a partir de uma perspectiva de gênero além de visibilizar as mulheres e/ou grupos oprimidos, é capaz também de “iluminar os descobrimentos sobre a estruturação das opressões e dos jogos de poder que se organizam s discursos normativos e estabelecem os controles sociais”.<sup>543</sup>

O processo de interpretação - hermenêutica - se dá quando o contexto do texto e o contexto atual entram em diálogo. “A pessoa intérprete já tem suas formulações prévias determinadas pelo contexto histórico no qual vive. O texto também é construído dentro de uma realidade histórica, para confirma-la, contestá-la ou questioná-la”.<sup>544</sup> E ainda, “com a vida lemos o texto bíblico a partir de nossas experiências de fé, nossa história pessoal, nosso sentir à frente da sociedade, às igrejas, à Bíblia”.<sup>545</sup> Nesse processo de diálogo entre os dois contextos é que a experiência das mulheres se torna fundamental e torna-se o ponto de partida da hermenêutica feminista, experiência essa que é marcada pelas construções sociais e culturais tidas como norma. “A Bíblia pode ser vista como uma “expressão” que reflete tanto a voz que a produz como as vozes às quais está destinada”.<sup>546</sup>

No fazer teológico da Teologia da Libertação a experiência do povo pobre era reconhecida e aplicada como critério hermenêutico. A teologia feminista, entretanto, entende “que a libertação precisa começar com os oprimidos dos oprimidos, a saber, com as mulheres dos oprimidos. Isto significa que a crítica da hierarquia deve tornar-se explicitamente uma

<sup>541</sup> FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Política da Justiça de Gênero*. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2014. p. 22.

<sup>542</sup> NEUENFEDT, 2014, p. 23.

<sup>543</sup> Tradução própria: “... de iluminar los descubrimientos sobre la estructuración de las opresiones y de los juegos de poder que organizan los discursos normativos y establecen los controles sociales. SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. “Consideraciones de una hermenéutica de género”. *RIBLA*, n. 37, p. 7-14, 2000. p. 7.

<sup>544</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e Hermenêutica Feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: FRIGÉRIO, Tea. *Hermenêutica feminista e gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000. p. 48.

<sup>545</sup> FRIGÉRIO, 2000, p. 10.

<sup>546</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009. p. 43.

crítica do patriarcado”.<sup>547</sup> As mulheres precisavam ser incluídas nas lutas de libertação. Nesta direção, as mulheres também estão entre as pessoas oprimidas que Deus vem libertar. A hermenêutica feminista assume decididamente a experiências das mulheres<sup>548</sup> como critério de interpretação. Ao fazer isso ela “assume sua especificidade e sua parcialidade com a certeza de que é desde este lugar específico que é construída a sua interpretação e que é para dentro deste espaço que devem ser lidas suas afirmações”.<sup>549</sup> Entendido dessa maneira, adverte-se que não se pode uniformizar a experiência das mulheres: “Mulher ou mulheres é uma categoria instável e fragmentada, e não podemos dizer que todas as mulheres são semelhantes em suas esperanças e desejos”.<sup>550</sup>

A hermenêutica feminista propõe a desconstrução da interpretação androcêntrica e patriarcal que prevaleceu ao longo da história. “A hermenêutica feminista tem o papel fundamental de denunciar essa construção nos textos sagrados e na longa história da tradição, onde a interpretação é tão ou as vezes mais patriarcal que na própria Escritura”.<sup>551</sup> Conforme Ivone Reimer: “A denúncia encontra-se atrelada às experiências de submissão”.<sup>552</sup> As experiências de submissão marcam a vida das mulheres de forma negativa através da pressão e do medo que exercem sobre as mulheres. Por isso, Marga Ströher adverte:

A discussão feminista da normatividade e da autoridade bíblica aponta para os perigos e os limites da aceitação acrítica da autoridade bíblica. No processo de desmistificação da autoridade bíblica, damos-nos conta de que a Bíblia não é apenas redigida e compilada na perspectiva androcêntrica. Ela também é usada para justificar, legitimar e dar suporte aos interesses patriarcais e para justificar a postura exclusivista de uma leitura, pois ela contribui na produção de sistemas de referências e de sentidos e confere status sagrado a esses sistemas.<sup>553</sup>

A hermenêutica feminista questiona a Escritura, a tradição cristã e os ensinamentos que privilegiam os homens e limitam a presença e participação das mulheres, pois entende que isto decorre, em grande parte, de uma aplicação ao texto de pressupostos atuais visando

---

<sup>547</sup> RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma Teologia Feminista*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1993. p. 34.

<sup>548</sup> O corpo é um elemento fundamental quando se trata da experiência das mulheres, o corpo é marcado pelas nossas experiências. Veja mais em: STRÖHER, Marga. Caminhos hermenêuticos. In: NEUENFELDT, Elaine Gleici; STRÖHER, Marga Janete. *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: ensaios de Leitura Bíblica Popular, Feminista e de Gênero, Lucas 11,27-28*. São Leopoldo: CEBI, 2008. E em: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga Janete. *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2005.

<sup>549</sup> NEUENFELDT, 2000, p. 49.

<sup>550</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 74.

<sup>551</sup> NEUENFELDT, 2000, p. 50.

<sup>552</sup> REIMER, Ivoni Richter. Da memória à novidade de vida. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 33, n.3, p. 201-212, 1993. p. 202.

<sup>553</sup> STRÖHER, 2002, p. 31.

justificar as desigualdades de gênero. “O atrevimento e a coragem de discordar, o que implica tomar para si o poder de nomear, são um dos princípios da interpretação que tem como base a experiência das mulheres”.<sup>554</sup> Quando o texto bíblico é lido, é importante buscar saber que sentido ele traz para quem está lendo. “A teoria feminista propõe uma releitura hermenêutica da Bíblia, especialmente dos textos já calcificados por interpretações teologicamente conservadoras e opressoras, para explorar a reserva de sentido que o texto tem e que só se revela quando interpretado a partir de métodos específicos”.<sup>555</sup>

Atividades que propõem uma interpretação da Bíblia transformadora e libertadora têm contribuído para o empoderamento de mulheres, que conseguem despir-se de leituras que contribuíram para oprimir as mulheres ao longo da história do cristianismo. “A Bíblia tem servido de suporte para mulheres reconstruírem sua auto-estima e seu papel protagônico em assuntos de ordem político e social. Somos herdeiras de uma tradição que dá um lugar especial ao texto bíblico em íntima conexão com a vida”.<sup>556</sup>

#### *2.4.3 Metodologia de Leitura Feminista da Bíblia*

As interpretações bíblicas foram usadas para oprimir e inferiorizar as mulheres ao longo dos anos. Embora a tradição cristã tenha invisibilizado e silenciado as mulheres ao longo da história do cristianismo, elas sempre se fizeram presentes. A hermenêutica feminista na busca por resgatar, reconhecer e reconstruir o papel importante desempenhado pelas mulheres desde os tempos bíblicos segue uma proposta metodológica que questiona a Escritura, a tradição cristã e as interpretações que são tidas como normas.

Se Bíblia foi e ainda é usada para legitimar situações de opressão das mulheres, “a hermenêutica bíblica feminista tem a tarefa de transformar a interpretação bíblica e seus conceitos hermenêuticos idealistas, suas práticas individualistas e suas relações sociopolíticas de dominação, todas elas marcadas por características ocidentais”.<sup>557</sup> Por este motivo as leituras Bíblicas libertadores dão voz ao povo oprimido e marginalizado e às mulheres excluídas pela tradição. Segundo Ivone Reimer: “O eixo principal de uma hermenêutica feminista da libertação é a vida – toda a vida – que deve ter condições de ser vivida com dignidade”.<sup>558</sup> A

---

<sup>554</sup> NEUENFELDT, 2000, p. 51.

<sup>555</sup> ROESE, 2006, p. 286.

<sup>556</sup> NEUENFELDT, 2006, p. 6.

<sup>557</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009. p. 106.

<sup>558</sup> REIMER, 1993, p. 203.

história de vida das mulheres que precisa ser resgatada do esquecimento promovido por leituras patriarcais.

A hermenêutica feminista segue alguns passos metodológicos. O primeiro passo metodológico é a desconstrução. A desconstrução é parte essencial da hermenêutica da suspeita.<sup>559</sup> “A hermenêutica da suspeita parece tão ameaçadora porque questiona e desmistifica as estruturas de dominação inscritas nos textos bíblicos, em nossa própria experiência e nos contextos contemporâneos de interpretação”.<sup>560</sup> Preocupa-se em verificar como a presença das mulheres foi construída e aceita de maneira distorcida influenciada por uma cultura patriarcal e androcêntrica. “O texto, o processo de canonização, as traduções, a história interpretativa e a tradição cristã têm marca androcêntrica e respondem a interesses e estruturas patriarcais”.<sup>561</sup>

A hermenêutica da suspeita assume uma postura crítica e busca perceber a inclusão ou a exclusão das mulheres na Bíblia, na tradição e na interpretação dos textos. “O exercício da desconstrução aponta para consequências de certas práticas discursivas e como estas perpetuam relações assimétricas de poder e engendram violência”.<sup>562</sup> Os textos normalmente utilizados para excluir ou impor regras precisam ser desconstruídos buscando uma leitura mais humanizadora e inclusiva.<sup>563</sup> “A desconstrução, como instrumental metodológico, permite que se ache o mais próximo possível das realidades que originaram o texto bíblico”.<sup>564</sup> Isso permite conhecer o contexto em que o texto foi escrito, as experiências de vida.

Para encontrar a voz das mulheres, que por tantas vezes foram silenciadas ou excluídas, é preciso desconstruir as tradições sobre as quais os textos bíblicos foram escritos, lidos e interpretados ao longo dos anos. Na metodologia feminista esse processo tem sido nomeado de desconstrução e é parte de uma hermenêutica da suspeita.<sup>565</sup>

<sup>559</sup> Conforme Seibert: “A hermenêutica da suspeita e o círculo hermenêutico tem sido ferramentas para uma grande diversidade de hermenêuticas bíblicas, respondendo a diferentes localizações e contextos: além da hermenêutica feminista, estão por exemplo, as hermenêuticas indígena, negra, interculturais e ecológicas”.<sup>559</sup>. O círculo hermenêutico é o processo de comunicação que se dá entre a pessoa que lê, ouve e interpreta o texto e o aquilo que é lido, ouvido e interpretado. É um movimento dinâmico e possibilita o descobrimento de novos significados para o texto. Juan Luis Segundo é aplicou este método no contexto latino-americano e aponta alguns passos: Experiência de opressão e injustiça – análise das estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas – leitura crítica da tradição bíblica teológica – novas interpretações bíblicas e construções teológicas. SEIBERT, 2010, p. 5.

<sup>560</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, 197.

<sup>561</sup> STRÖHER, 2008, p. 8.

<sup>562</sup> DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine et al. *Epistemologia–Violência–Sexualidade*. Editora Sinodal, 2008. p. 17.

<sup>563</sup> STRÖHER, 2008, p. 15.

<sup>564</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. Marcos metodológicos e epistemológicos nos caminhos da teologia feminista e da justiça de gênero. In: JACOBSEN, Eneida e SINER, Rudolf von (orgs.). *Teologia Pública: deslocamentos da teologia contemporânea*, São Leopoldo, 2013. v. 5, p. 333-344, à p. 339.

<sup>565</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 126.

A leitura popular feminista da Bíblia, por exemplo, baseia-se numa postura participativa, contextualizada e crítica. É preciso pôr-se em movimento, procurar pelas ausências, suspeitar de algo. Nessa busca pelas ausências ocorre um processo de reconhecimento do espaço. Esse reconhecimento desacomoda, incomoda; levanta questionamentos. “A procura é empreendida com método, com opções que delimitam o caminho”.<sup>566</sup> Ela permite um olhar crítico sobre a tradição e enquanto a tradição dialoga com a vida atual a suspeita permite um olhar crítico sobre a vida, seus conflitos e desejos.<sup>567</sup>

A suspeita questiona o processo de formação, redação, tradução e canonização dos textos Bíblicos. Crítica os processos de interpretação, o patriarcado, bem como a visão androcêntrica dos textos.<sup>568</sup> A procura pelas ausências traz movimento, é preciso revirar e remexer os espaços já conhecidos, mas nunca antes explorados. Essa busca por algo traz estranheza, pois o lugar já não é mais reconhecido como antes. Nessa procura se descobre coisas antigas, recordações ressurgem e o olhar muda. A desconstrução traz novas perguntas, novos olhares e novos jeitos de interpretar. Através dessa procura resgatamos o protagonismo de mulheres no processo desde o início da história do povo de Deus e assim, “aprendemos com estes testemunhos a promover dignidade e auto-estima, arejando e umedecendo nossas experiências e vivências de espiritualidade”.<sup>569</sup>

A desconstrução pergunta pelas ausências das mulheres nos textos bíblicos, pergunta pelos fatores sociais, culturais e religiosos que oprimem as mulheres. “Mas ao mesmo tempo, a hermenêutica da suspeita não afirma de imediato que textos em que mulheres são personagens centrais, sejam textos automaticamente feministas libertadores”.<sup>570</sup> Esses textos não refletem com precisão a realidade vivida pelas mulheres da época, pois reflete a visão que os homens tinham sobre as mulheres.

O segundo passo hermenêutico é a reconstrução, que busca por resgatar e reconstruir a presença e participação das mulheres nos textos bíblicos e na tradição cristã através do método histórico-crítico. Além de manter viva a história de sofrimentos das mulheres também visa resgatar suas experiências de luta por libertação para que possam servir de impulsos para a libertação no presente. “Faz parte da tarefa de reconstrução reavaliar normas e métodos da teologia, reconstruir categorias teológicas e propor nova linguagem teológica”.<sup>571</sup>

---

<sup>566</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 120.

<sup>567</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 123.

<sup>568</sup> STROHER, 2008, p. 8.

<sup>569</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 122.

<sup>570</sup> FELIX; TROCH, 2010, p. 227.

<sup>571</sup> STRÖHER, 2002. p. 40.

O processo de reconstrução se dá a partir do resgate da participação das mulheres na história do povo de Deus; do resgate do significado e da herança da participação das mulheres na história, identificando e valorizando as histórias de resistência e lutas conquistadas e “vitimações” das mulheres ao longo do tempo. “Nas pesquisas históricas sobre mulheres na Bíblia, os textos são entendidos como “janelas para” e “espelhos da” realidade de mulheres na antiguidade”.<sup>572</sup>

De modo amplo, a hermenêutica feminista visa reconstruir uma nova história para as mulheres a partir de “novas articulações das normas e dos métodos da teologia e novas normas para a interpretação da tradição, da Bíblia, da teologia e da história”.<sup>573</sup> O que ela pretende é “retomar a história das mulheres quando ficaram anônimas”<sup>574</sup> ou quando foram silenciadas tanto na tradição bíblica quanto na tradição e interpretação cristã. “Na aplicação da nova teoria da reconstrução de textos, se tem que necessariamente que romper com as fronteiras do cânon, recorrer a outros textos e construir novos evangelhos com categorias inclusivas”.<sup>575</sup> Na busca por igualdade de direitos, erradicação da opressão levou a hermenêutica que busca desconstruir para depois reconstruir. “Para desconstruir, é necessária uma revisão das estruturas simbólicas que se perpetuam e mantêm relações assimétricas de poder. Para reconstruir, é necessário elaborar concepções e práticas alternativas do fazer teológico”.<sup>576</sup>

As mulheres foram excluídas dos relatos bíblicos em muitos textos. Outras vezes não foram reconhecidas ou então silenciadas. A hermenêutica feminista, ao reconhecer a ausência das mulheres nos relatos bíblicos, começa a se “dedicar ao problema de como reinscrever as mulheres na história e como captar a memória das experiências e contribuições históricas de mulheres”.<sup>577</sup> A história das mulheres é resgatada através de perguntas que questionam o contexto histórico, social e religioso da época.

É uma hermenêutica da memória, pois ao mesmo tempo em que traz impulsos de transformação da realidade atual ela mantém viva as histórias de dor e sofrimento vivenciadas pelas mulheres ao longo da história. “Faz parte da tarefa da reconstrução reavaliar normas e métodos da teologia, reconstruir categorias e propor nova linguagem teológica”.<sup>578</sup> Para

---

<sup>572</sup> SANTOS, 2010, p. 40.

<sup>573</sup> STRÖHER, 2008, p. 9.

<sup>574</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: ensaios de leitura bíblica popular, feminista e de gênero: 1 Samuel 1*. São Leopoldo: CEBI, 2007. p. 25.

<sup>575</sup> TAMEZ, Elsa. El Salto Hermenéutico de Hoy. *Semeia*, v. 75, p. 199-201, 1996. p. 201. Texto no idioma original: “En la aplicación de la nueva teoría de la reconstrucción de textos, se tiene necesariamente que romper con las fronteras del canon, recurrir a otros textos, y construir nuevos evangelios con categorías inclusivas”.

<sup>576</sup> DEIFELT, 2008, p. 15.

<sup>577</sup> SANTOS, 2010, p. 40.

<sup>578</sup> STROHER, 2008, p. 9.

reconstruir a história é preciso que “homens e mulheres subalternos sejam colocados no centro das atenções da interpretação e não apenas o heróis e heroínas, como geralmente é feita a lembrança”.<sup>579</sup>

O terceiro passo da hermenêutica feminista é a hermenêutica da construção. “Ela busca novas articulações das normas e dos métodos da teologia e novas normas para a interpretação da tradição, da Bíblia, da teologia e da história”.<sup>580</sup> Busca resgatar na história, ainda que no discurso patriarcal, histórias de resistência ou outras formas de exercer o poder, evidente ou subjacente no texto.<sup>581</sup>

As mulheres atuantes na atividade teológica propõem novos modelos na construção do conhecimento. Mudanças na linguagem e nas relações de gênero. O cotidiano se transforma em espaço de atuação e transformação das tradições. “A partir de um a hermenêutica de desconstrução e de reconstrução é possível resgatar a história das resistências, ou as possibilidades outras de exercer o poder subjacente ao texto e que o discurso (do texto, a narrativa) está tentando tornar relativo ou desarticular”.<sup>582</sup>

As histórias de lutas das mulheres ao longo da história servem de testemunho e incentivo para as lutas das mulheres atualmente. Resgatar essas histórias contribuiu para a desconstrução de sistemas excludentes contribuem para a reconstrução de uma nova realidade. Esse processo aproxima a história bíblica das histórias das mulheres e homens nos dias de hoje.

A hermenêutica bíblica feminista propõe a leitura desses textos bíblicos historicamente ocultados dos membros de igrejas a fim de recuperar a história, a memória e também a autoridade e o poder das mulheres. Entre esses, há textos que permitem que as mulheres identifiquem seu sofrimento com o de outra – uma mulher bíblica que teve um sofrimento semelhante, e busquem juntas uma libertação desse sentimento doloroso e uma postura profética em relação a essas situações hoje... Textos tais como os de Gn 34.1ss e 2Sm 13.1ss, que contam duas histórias de estupro, passaram a ser lidos por mulheres que através deles dizem – “Comigo também aconteceu algo assim”, e reinterpretam sua própria vida num espaço de cuidado pastoral. Textos nos quais aparecem mulheres que exerceram liderança são novos aos ouvidos de muitas mulheres. Esses textos são textos que curam. São fontes poderosas que ajudam a resgatar a dignidade e a integridade da mulher.<sup>583</sup>

Os movimentos de “des-re-construir” são propostas ou instrumentos que ajudam a dialogar com o texto e as tradições e perceber os papéis desempenhados por homens e mulheres ao longo da história, analisando criticamente as construções patriarcais e as interpretações tidas

<sup>579</sup> FELIX; TROCH, 2010, p. 236.

<sup>580</sup> STROHER, 2008, p. 9.

<sup>581</sup> STROHER, 2008, p. 11.

<sup>582</sup> STROHER, 2008, p. 13.

<sup>583</sup> ROESE, Anete. A Abordagem Feminista do Cuidado Espiritual E Psicoterapêutico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 288-305, jul./dez. 2010. p. 299.

como normativas.<sup>584</sup> Conforme Fiorenza quando se lê ou produz-se um texto usa-se uma autocompreensão de mundo própria e, por isso, também quando lemos o texto bíblico precisa-se considerar de que lugar o texto bíblico está sendo lido.<sup>585</sup>

A situação de opressão e exclusão vivenciadas na América Latina ampliou a compreensão de pobres e excluídos e fez com que surgissem novas leituras da Bíblia a partir de cada grupo. “Outros grupos oprimidos, como: mulheres, negros e indígenas, que também vivem suas experiências de opressão em um mundo marcado por uma cultura branca e patriarcal, buscam exercitar o seu direito interpretativo”.<sup>586</sup> A leitura bíblica feita a partir do pobre é mais fácil do que a partir da mulher pobre, já que os textos bíblicos, especialmente os evangelhos, são claros quanto a posição solidária de Deus pelos pobres. No entanto, essa posição não é tão clara no que diz respeito às mulheres, uma vez que há textos que as discriminam.<sup>587</sup>

A teologia feminista e as leituras feministas da Bíblia incluíram as mulheres e a experiência das mulheres no processo de libertação, uma vez que, as mulheres são ainda mais marginalizadas e excluídas. Ser mulher é sinônimo de inferioridade. Ser mulher pobre é ainda mais difícil, ser mulher pobre e negra aumenta a discriminação, mas ser mulher pobre negra e ter HIV/AIDS é ainda mais estigmatizante. As desigualdades sociais existentes não garantem o acesso aos bens e serviços de forma equivalente para toda a população. “Para as mulheres, esta exclusão toma proporções bem concretas em relação ao acesso à educação, ao aprendizado formal da leitura e escrita”.<sup>588</sup> O estudo da Bíblia numa perspectiva popular feminista feita com mulheres não tem como objeto de estudo a Bíblia somente, a forma como as mulheres leem e interpretam a Bíblia a partir da sua visão de mundo.<sup>589</sup>

A leitura popular da Bíblia e a Leitura Contextual da Bíblia que foi apresentado anteriormente, favorece um espaço democrático com novos sujeitos interpretativos. Por isso, tem sido motivadora e interlocutora da leitura feminista da Bíblia. As mulheres, nos grupos populares e feministas, assumem seu lugar de sujeito na leitura da Bíblia. Os grupos de Leitura Popular da Bíblia e de Leitura Contextual da Bíblia assumem papel importante para o protagonismo de mulheres na leitura e interpretação da Bíblia. No processo de aprendizagem,

---

<sup>584</sup> STRÖHER, 2008, p. 15.

<sup>585</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 120.

<sup>586</sup> SANTOS, 2010, p. 28.

<sup>587</sup> TAMEZ, Elsa; RICA, Costa. Pautas hermenéuticas para compreender Ga. 3, 28 y 1 Co. 14, 34. *RIBLA*, v. 15, p. 9-18, 1993. p. 10.

<sup>588</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 123.

<sup>589</sup> SANTOS, 2010, p. 15.

a Leitura Popular da Bíblia e Leitura Cotextual da Bíblia podem aprender da leitura feminista da Bíblia e vice-versa, ajudando-se mutuamente a superar limites de ambas as partes.<sup>590</sup>

A Bíblia exerce poder na vida das pessoas tanto de forma negativa quanto positiva devido a forma como os textos foram interpretados ao longo dos anos. Desta forma, ler a Bíblia a partir de uma perspectiva popular feminista é diferente do que ler a Bíblia a partir do ponto de vista da mulher. Numa leitura feminista a pergunta central está no papel que a Bíblia representa para a vida cotidiana das mulheres. A leitura da Bíblia em uma perspectiva feminista possibilita “um tipo de desalienação da consciência. Os olhos são abertos para perceber a realidade de forma crítica e consciente”.<sup>591</sup>

Os estudos feministas e de gênero revelam uma grande diversidade de abordagens e propostas revelando a dinamicidade desse pensamento. A categoria gênero, entendida sob perspectiva política, trata das relações entre homens e mulheres, não apenas devido a suas diferenças biológicas, mas também devido aos aspectos culturais e históricos que interferem nas relações sociais e nas relações de poder entre os seres.<sup>592</sup> “Nós somos pessoas educadas para sermos mulheres ou para sermos homens, dentro de um determinado contexto ou realidade”.<sup>593</sup> Ivone Gebara atrela essa dimensão de gênero às relações de poder. As relações entre homens e mulheres produzem distribuição desigual de poder e prestígio de acordo com o sexo que afeta a organização social e a vida dos indivíduos.<sup>594</sup> A categoria de gênero tem sido usada para resgatar o protagonismo de mulheres na Bíblia. Para definir a experiência das mulheres faz-se necessário buscar apoio nas discussões do provindas do movimento feminista.

Ao ler a Bíblia a partir das perspectivas feministas, “as perguntas motivadoras para evidenciar os instrumentais exegéticos e hermenêuticos circundam o campo das experiências cotidianas das mulheres, com as nuances complexas que conformam essas experiências”.<sup>595</sup>

A Bíblia possibilita diferentes leituras e interpretações. Quando ela é lida em grupo, as diferentes interpretações são colocadas em pauta. Os grupos de leitura bíblica feminista podem ser esse espaço democrático de conscientização.<sup>596</sup> Quando as mulheres leem a Bíblia em grupo elas compartilham os saberes e olhares sobre o texto e reconhecem nas histórias das outras mulheres a sua própria experiência. Ao fazer isso, as mulheres sentem-se empoderadas e

---

<sup>590</sup> SANTOS, 2010, p. 29.

<sup>591</sup> SANTOS, 2010, p. 11.

<sup>592</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na formação teológica - conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2008. p. 121.

<sup>593</sup> ULRICH, 2013, p. 9.

<sup>594</sup> GEBARA, 2001. p. 105.

<sup>595</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 119.

<sup>596</sup> SANTOS, 2010, p. 13.

reconhecem sua realidade. “Para a maioria das mulheres é mais fácil reconhecer a injustiça contra outras pessoas do que contra elas mesmas”.<sup>597</sup>

A Bíblia serve de inspiração para movimentos sociais, políticos e religiosos na luta por direitos humanos de todas as pessoas. “Quando uma pessoa vive num mundo que nega a dignidade de vida e onde injustiças são comuns, encontrar e participar de uma comunidade, na qual a vida é afirmada é crucial”.<sup>598</sup> Essa situação é experimentada por muitas mulheres ainda hoje. A inferioridade da mulher em relação ao homem a coloca numa situação de submissão. A mulher, supostamente, não consegue refletir, tampouco modificar sua situação, pois não possui os referenciais que possibilitam romper com as estruturas em que vive. As mulheres lêem a Bíblia, mas sempre o fizeram a partir de paradigmas masculinos.<sup>599</sup> O estudo da Bíblia na perspectiva feminista traz um novo olhar e o estudo da Bíblia torna-se o lugar e o momento de aprendizado e sistematização da vida.

É preciso levar em conta que a relação das mulheres com a Bíblia nem sempre foi positiva. Textos bíblicos foram utilizados para silenciar e legitimar a submissão das mulheres em relação aos homens e os espaços de poder. Embora estivessem presentes nos diferentes espaços desde o início da história do povo de Deus, elas não ganharam espaços de destaque nas tradições. Entretanto, não é só de opressões e subordinações que as experiências das mulheres são constituídas. São histórias de resistência e luta pela vida e dignidade que as mulheres deixaram sua marca na história.<sup>600</sup>

Afirmações teológicas de igualdade mostram que a Bíblia se apresenta como fonte de libertação para as mulheres e para outras categorias oprimidas (categoria social-econômica, raça ou grupo étnico, opção sexual, opção religiosa...) nas diversas dimensões específicas de sua experiência de opressão. Portanto, também é nossa tarefa descobrir a fecundidade libertadora do texto bíblico, com sabedoria e prazer.<sup>601</sup>

A leitura popular e feminista da Bíblia tem possibilitado o diálogo da vida com a Bíblia. Esse diálogo tem contribuído para o resgate da autoestima das mulheres e contribuído em movimentos que promovem o empoderamento de mulheres em situações de exclusão que elas enfrentam.<sup>602</sup> Assim sendo, “aprender a ler a Bíblia numa perspectiva feminista é colocar as mulheres em condição de pensar e julgar, buscando dizer sua fé e sua realidade com suas

<sup>597</sup> BLASI, Márcia. Aconselhamento pastoral em perspectiva feminista: princípios básicos. In: MUSSKOPF, André S. et al (org.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo, RS: CEBI, 2014. p. 231.

<sup>598</sup> BLASI, 2014, p. 231.

<sup>599</sup> SANTOS, 2010, p. 33.

<sup>600</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 127.

<sup>601</sup> STRÖHER, 2002. p. 19

<sup>602</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 121.

próprias palavras”.<sup>603</sup> A leitura popular e feminista da Bíblia tem como finalidade última promover mudanças políticas, sociais e religiosas. Romper com as estruturas existentes na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.<sup>604</sup>

A Bíblia é o instrumento usado na conscientização das mulheres de sua situação de opressão. “Quando pessoas percebem e admitem que são exploradas e oprimidas, são empoderadas para conseguir sua libertação, por meio de seu compromisso com sua própria libertação e a de outras pessoas, e pela transformação de si mesmas e da situação de opressão em que vivem”.<sup>605</sup>

## 2.5 Considerações finais

As proposições apresentadas, o movimento de *des-re-construir*, não são afirmações definitivas. “São instrumentos que nos ajudam a entrar em diálogo com o texto bíblico, a ver, descobrir e reconhecer histórias de vida e fé de mulheres e homens, além de revelações de Deus ainda não percebidas”.<sup>606</sup>

Se Bíblia foi e ainda é usada para legitimar situações de opressão das mulheres, “a hermenêutica bíblica feminista tem a tarefa de transformar a interpretação bíblica e seus conceitos hermenêuticos idealistas, suas práticas individualistas e suas relações sociopolíticas de dominação, todas elas marcadas por características ocidentais”.<sup>607</sup> Por este motivo as leituras Bíblicas libertadores dão voz ao povo oprimido e marginalizado e às mulheres excluídas pela tradição. Segundo Ivoni Reimer: “O eixo principal de uma hermenêutica feminista da libertação é a vida – toda a vida – que deve ter condições de ser vivida com dignidade”.<sup>608</sup> A história de vida das mulheres que precisa ser resgatada do esquecimento promovido por leituras patriarcais.

Ler a Bíblia a partir da vida fortalece os laços existentes entre as mulheres com HIV e AIDS que se identificam através de histórias de vida comuns e que se fortalecem através da troca de experiências. Por muito tempo Deus foi apresentado como um Deus distante e castigador. Essa estratégia era utilizada como forma de controlar o povo. A leitura popular da Bíblia rompe com essa visão e convida à experiência do Deus próximo, que se identifica com seu povo, o povo passa “a encontrá-lo em nossas angústias e alegrias, raivas e ansiedades, gozos

---

<sup>603</sup> SANTOS, 2010, p. 14.

<sup>604</sup> NEUENFELDT, 2005, p. 125.

<sup>605</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p.111.

<sup>606</sup> STROHER, 2008, p. 15.

<sup>607</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009. p. 106.

<sup>608</sup> REIMER, 1993, p. 203.

e tristezas, sem sentir vergonha de quem somos. Esse Deus começa a se manifestar como aceitação e não como juiz, como companhia e não como castigo”.<sup>609</sup>

Ao longo deste capítulo apresentou-se diferentes métodos de Leitura da Bíblia que têm como ponto de partida o contexto e experiência das pessoas pobres e marginalizadas e deram importantes contribuições para as lutas de libertação da opressão econômica, social e cultural de homens e mulheres no contexto latino-americano e sul-africano e também na luta por direitos igualitários para as mulheres.

Entende-se que esses três métodos de leitura da Bíblia possuem importantes elementos que podem ser utilizados pelas comunidades de fé no trabalho com mulheres com HIV e AIDS. O grupo, possibilita que as mulheres estabeleçam novas relações de amizade. Conviver com outras mulheres que passam por situações semelhantes diminuiu sensação de que é a única pessoa que vive com o vírus ou a doença. Neste espaço, se estabelecem relações de confiança, que permite as mulheres falarem dos sentimentos mais profundos e que mexem com as emoções. Nenhuma pessoa no grupo está lá para julgar ou ser julgado. É um espaço de cuidado e cura, de partilhar a vida, de dar e receber apoio, desta forma o grupo de leitura da Bíblia torna-se um espaço de cuidado terapêutico.

Durante o processo é importante que todas as pessoas tenham espaço para falar o que pensam ou sentem. Não há respostas certas ou erradas. A leitura e o estudo do texto bíblico que acontece em comunidade e é feito pela comunidade pode ajudar as mulheres fragilizadas a reestabelecer a conexão com Deus. Ao desconstruir as interpretações opressoras dos textos bíblicos as mulheres podem redescobrir um novo sentido para suas vidas e ao reconstruir as interpretações da Bíblia encontrar uma mensagem libertadora e terapêutica.

---

<sup>609</sup> SANTOS, 2010, p. 46.

### **3 ESPAÇOS DE CUIDADO PARA MULHERES COM HIV E AIDS**

No capítulo anterior foram apresentados três diferentes metodologias de leitura da Bíblia que tem como objetivo libertar e transformar situações de sofrimento e opressão que rompem com a dignidade de pessoas empobrecidas e marginalizadas. O contexto atual apresenta novos desafios para a teologia e exigem que a teologia esteja constantemente buscando responder às questões que se apresentam.

A realidade de mulheres com HIV e AIDS, descrita no capítulo 1, é um desses desafios. Se por muito tempo as mulheres se sentiram (falsamente) seguras com relação à epidemia, agora elas se vêem cada vez mais atingidas por ela. As diversas formas de vulnerabilidade, especialmente por conta de questões de gênero associadas aos altos índices de infecção, chegando-se a falar em feminização da epidemia, colocam desafios reais para as igrejas e espaços de cuidado pastoral. Ainda mais quando as próprias igrejas e suas teologias tem contribuído para o agravamento da situação. Nesse sentido, nesse capítulo se abordará sobre a importância que espaços de cuidado desempenham na vida das mulheres com HIV e AIDS.

#### **3.1 Considerações iniciais**

Como visto anteriormente, o HIV e a AIDS, desde a sua origem, vieram carregadas de preconceito e estigma que afetou a vida das pessoas infectadas de forma negativa, causando o afastamento das pessoas do convívio social e, não raras vezes, do convívio familiar. A teologia possui um caráter político e social, ela não está separada das dimensões sociais e culturais e econômicas das quais os indivíduos fazem parte. O HIV e AIDS desafiam a teologia e a igreja a responder de forma eficaz no cuidado às pessoas com HIV e AIDS. Ao longo da história da epidemia no Brasil as igrejas tiveram uma participação ambígua e, embora tenham demorado em responder à ela, elas desempenharam um papel importante em parceria com a sociedade civil no desenvolvimento de políticas públicas voltadas para pessoas com HIV e AIDS. Por isso na primeira parte desse capítulo será discutido o envolvimento das instituições religiosas no contexto da epidemia.

Toda teologia tem uma dimensão prática. A Teologia Prática, como disciplina acadêmica, surgiu no contexto europeu como uma tentativa de reaproximar a reflexão teológica realizada na academia com aquela que vinha sendo realizada nas comunidades de fé. Assim, Teologia Prática tem como objeto a reflexão teórica sobre a práxis que ocorre nas comunidades

de fé, seja no âmbito do culto, liturgia, como também na dimensão pastoral do cuidado e aconselhamento.

A tarefa das comunidades cristãs é atuar no cuidado às pessoas marginalizadas e fragilizadas da sociedade, e olhar para além dos muros da igreja. Neste sentido, serão apresentadas as dimensões do cuidado pastoral na comunidade através da poimênica e aconselhamento pastoral. Neste ponto, busca-se fazer uma relação do cuidado pastoral das comunidades fazendo uma relação ao cuidado voltado para mulheres/pessoas com HIV e AIDS.

Por último, serão apresentados relatos de experiência prática realizadas na Casa Fonte Colombo junto às mulheres com HIV e AIDS e na África do Sul e em Moçambique com alguns grupos de mulheres com HIV e AIDS. Nesses relatos será possível perceber a importância da leitura da Bíblia a partir de referências libertadoras.

### **3.2 HIV e a AIDS e as comunidades de fé**

Neste tópico serão abordadas as questões teológicas que perpassaram a construção da epidemia de HIV e AIDS no Brasil, e que influenciaram as respostas das comunidades de fé no contexto da epidemia. A relação de doenças graves como um castigo recebido por Deus por transgressões morais perpassou o imaginário social ao longo dos anos e afeta ainda hoje as mulheres/pessoas com HIV e AIDS. Resultado disso é que muitas comunidades de fé, ao invés de serem espaços de cuidado, se converteram em espaços de julgamento e exclusão.

O HIV e a AIDS afetam as diferentes esferas da vida humana. Não é apenas um problema de saúde pública, mas também diz respeito à sociedade em geral e às tradições religiosas. O estigma, o preconceito e a discriminação são grandes problemas que afetam as pessoas com HIV e AIDS e, nesse sentido, cabe à teologia propor reflexões que visem contribuir para diminuir o sofrimento que afeta de maneira negativa homens e mulheres vivendo com HIV e AIDS.

O HIV e a AIDS vieram, desde início, acompanhados de estigma e preconceito, o que causou o afastamento dos indivíduos do convívio social. O estigma e o preconceito, muitas vezes, estavam associados à falta de informação sobre as formas de transmissão e, por isso, do medo de ser infectado/a. “O estigma e a discriminação são parte de um complexo sistema de crenças sobre a doença baseada nas desigualdades sociais... O estigma da doença como praga e castigo divino foi produto de preconceitos herdados da Bíblia”.<sup>610</sup>

---

<sup>610</sup> MENA LÓPEZ, Maricel; RAMÍREZ, Fidel Mauricio. Por uma espiritualidade libertadora de corpos doentes com AIDS e HIV: uma abordagem a partir das experiências de vida de Yulixa e Miriã em Nm 12. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 357-373, jul. 2012. p. 359. Conforme Oliveira “Historicamente

## Segundo Sandra Duarte de Souza:

A noção de grupo de risco acumulou preconceitos, estabeleceu a crença numa suposta blindagem dos sujeitos sociais que se comportavam de acordo com os padrões culturais estabelecidos como *naturais* e condenou à morte social os vivos acometidos pela AIDS.<sup>611</sup>

Conforme Junges, o discurso religioso, em muitos momentos, contribuiu para reforçar o estigma e a discriminação que afetava as pessoas com HIV e AIDS. A doença era entendida como um castigo de Deus por comportamentos desvirtuados. O pânico provocado pela doença contribuiu para se reforçasse ainda mais uma visão negativa sobre o sexo e a sexualidade humana.<sup>612</sup> A AIDS trouxe à tona não apenas questões de saúde pública, mas também, conforme Sudbrack: “foi a alavanca capaz de trazer à tona temas e aspectos da sexualidade considerados tabus ou ainda, a nossa cegueira a respeito da sexualidade humana, que é aprofundada pela falta de teorias e métodos capazes de desvendar a relação HIV – sexualidade”.<sup>613</sup>

## Segundo Tania Sampaio:

A AIDS em seu princípio histórico, no início dos anos 80, do século passado, trouxe à luz um repertório de preconceitos e estigmas que estavam adormecidos na consciência de muitas pessoas ou silenciadas propositalmente por outras. A constatação do aparecimento do vírus fez emergir não apenas as questões de ordem da saúde, mas trouxe à tona questões de cunho moral e religioso que prontamente se organizaram em um discurso normativo culpabilizador do corpo e suas relações<sup>614</sup>.

Não são novas as compreensões que relacionam as doenças graves a pecados individuais ou coletivos e a doença como uma forma de punição.<sup>615</sup> Em muitos contextos as

---

lideranças religiosas, especialmente cristãs, relacionaram a AIDS como castigo divino. Ficou bem conhecido o documento do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales publicado no Jornal do Brasil em 1985. “E cai, como um raio, na humanidade, o perigo da AIDS (...) Surge como imposição que atinge, em cheio, a inversão sexual, a troca de parceiros, uma interminável lista de assuntos condenados pela legislação divina... Esse clima revela a decadência dos costumes com as conseqüências de um comportamento humano quando contraria o destino para o qual fomos criados....” Salles *apud* OLIVEIRA, Tatyane Guimarães. AIDS e discriminação: violação dos direitos humanos. *Jus Navigandi*, v. 9. n. 762, 2005. p. 29. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/15775-15776-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2016. Ou ainda MENEGHIN, Paolo. Entre o medo da contaminação pelo HIV e as representações simbólicas da Aids: o espectro do desespero contemporâneo. *Revista Escola Enfermagem USP*, v. 30, n. 3, p. 399-415, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v30n3/v30n3a05>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

<sup>611</sup> SOUZA, 2012, p. 335.

<sup>612</sup> JUNGES, 1999, p. 189. Veja mais sobre doença como castigo em: RIETH, Carmen Esther. Ele dá pra todos na medida-: saúde, doença e religião a partir de uma abordagem psicossomática. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, p. 60-69, 2003. p. 65. E em: ALISON, James. AIDS como lugar de revelação: Girard e uma teologia pastoral. In: HASMANN, Hugo (ed). *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo entre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes, 1991.

<sup>613</sup> SUDBRACK, 2005, p. 91.

<sup>614</sup> SAMPAIO, 2009.

<sup>615</sup> Collins, no capítulo 9 do seu livro, fala sobre a relação teologia/Bíblia e culpa. Segundo ele existem diferentes tipos de culpa, que variam entre culpa objetiva e culpa subjetiva. Na opinião de Collins a culpa que mais afeta as pessoas é a subjetiva, mas que na Bíblia não há nada sobre esse tipo de culpa. No sentido bíblico praticamente

pessoas doentes foram sendo excluídas do meio social, para que as demais pessoas não fossem infectadas, e assim, pudessem ser ‘salvas’. Segundo Sampaio, “a profunda aproximação de saúde-doença e vida-morte com a vontade divina, foi eixo da construção de uma interpretação punitiva às pessoas portadoras de doenças graves”.<sup>616</sup> A pessoa doente era excluída da sociedade através de rituais, tanto civis quanto religiosos. A culpabilização da pessoa doente era reforçada por uma teologia da retribuição. A doença era castigo/punição e a cura seria por merecimento ou arrependimento do pecado cometido.<sup>617</sup>

A doença percebida como castigo divino foi produto dos preceitos religiosos da Bíblia. As pragas do Êxodo são um exemplo disso: Deus ficado lado dos fracos camponeses e luta contra o poder opressor do faraó. A justificativa dessa dolorosa provação imposta sobre o povo egípcio está em se tratar de uma ação punitiva de Deus contra o coração do faraó do Egito, que, endurecido no pecado, impede a saída libertadora de Israel. “Eles apanharam cinza de forno e apresentaram-se ao Faraó, e Moisés lançou-a para o ar, e os homens e os animais ficaram cobertos de tumores que se arrebentavam em úlceras” (Êx 9.10).<sup>618</sup>

Desde os tempos antigos as doenças estavam relacionadas e/ou eram entendidas como uma punição ou castigo.<sup>619</sup> Susan Sontag, citando Jerry Falwell, diz que a sociedade foi muito rápida em condenar as pessoas infectadas. A sociedade diz que “a AIDS é a condenação divina de uma sociedade que não vive conforme os mandamentos de Deus”.<sup>620</sup> Segundo Tania Sampaio:

O imaginário social, povoado de compreensões quanto a determinadas doenças graves estarem relacionadas ao mal que advém sobre uma sociedade e intimamente relacionadas à culpa de suas “vítimas”, teve no advento da aids a oportunidade de

---

inexiste diferença entre culpa e pecado. (COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 101).

<sup>616</sup> SAMPAIO, 2009.

<sup>617</sup> Veja mais sobre a teologia da retribuição e a leitura que as pessoas com HIV e AIDS fazem do texto bíblico de Jó em perspectiva libertadora. WEST, Gerald e ZENGELE, Bongi. Lendo Jó 'positivamente' no contexto de HIV/AIDS na África do Sul. *Concilium*, n. 307, p. 126-141, 2004.

<sup>618</sup> MENA LÓPEZ, 2012, p. 364.

<sup>619</sup> Conforme Sampaio: “Na tradição judaico-cristã, uma das matrizes religiosas predominantes na realidade brasileira, prevaleceu uma concepção teológica sacerdotal oriunda do século IV a.C., na qual as purezas e impurezas do corpo manifestavam a bênção ou castigo de Deus. A despeito de não ser essa a única concepção teológica veiculada na Bíblia sobre saúde e doença, foi essa a que prevaleceu em sintonia com outros simbolismos culturais e religiosos de outras matrizes. Há que se constatar uma expressiva e predominante visão do cristianismo, explícita e fortemente propagada na Idade Média, que vinculava a concepção de pecado com a punição divina e, em correlação, a doença a um castigo divino. Seja na perspectiva de uma punição/ castigo com fins restauradores pelo sofrimento, seja na perspectiva de que a possibilidade de cura dependia do arrependimento humano ou do milagre divino. No fundo, essa perspectiva de que doença e pecado se articulam – assim como cura e perdão –, prevaleceu no imaginário social durante muito tempo na história e não se ausentou totalmente na atualidade”. SAMPAIO, Tania Mara Viera. AIDS e Religião: aproximações ao tema. *Impulso*, n. 32, 2002, p. 22. Disponível em: <<http://renafrosasauade.com.br/wp-content/uploads/2012/11/aids-e-religioes-tania-mara-sampaio.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

<sup>620</sup> SONTAG, Susan. *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. p. 124.

substituir doenças como a lepra na Idade Média e a tuberculose no século XIX pela AIDS no final do século XX, todas marcadas por um conjunto simbólico negativo que de tempos em tempos reincidem nessa construção simbólica que associa doença e cura a processos de bem e mal, com contornos religiosos também.<sup>621</sup>

O fato de o HIV ser transmitido através de relações sexuais, em que um/a dos/as parceiros/as está contaminado/a, contribuiu para a culpabilização da pessoa infectada. No imaginário social criou-se a ideia que a pessoa infectada não apenas cometia excessos sexuais, mas também tinha experiências marcadas pela perversão sexual.<sup>622</sup> A AIDS ocupou o lugar da lepra, que na Idade Média, afastava as pessoas do convívio social. Segundo Sampaio: “A profunda aproximação dos binômios saúde/doença e vida/morte com a vontade divina foi eixo da construção do imaginário social punitivo às pessoas portadoras de doenças graves... O combate não era à doença, mas à pessoa doente”.<sup>623</sup>

Nos relatos bíblicos, a lepra era uma doença que afastava as pessoas do convívio social. Alguns teólogos/as fazem uma relação do HIV e da AIDS como a lepra dos dias atuais. Conforme Mena a lepra era entendida como castigo:

Na Bíblia essa é uma doença não somente do corpo, mas também da alma. Portanto a pessoa cuja pele tem sido destruída é vista como um castigo de Deus, portanto é discriminada e conseqüentemente afastada pela sociedade. Várias são os personagens bíblicos que tiveram a lepra como castigo. Em todos os casos, fica evidente que na tradição veterotestamentária a lepra é associada com castigo divino; é uma doença que produz um estigma social, pois o leproso deveria ficar fora da cidade, excluído em assentamentos humanos até o resto de sua existência.<sup>624</sup>

Conforme Tania Sampaio existem diferentes compreensões sobre as causas das doenças na Bíblia. No entanto, percebe-se que a que prevaleceu mais fortemente é da teologia da retribuição, onde a cura está atrelada ao arrependimento e mudança de atitudes.

Pode-se afirmar que há uma profunda contribuição de determinadas correntes teológicas advindas das leituras feitas do texto bíblico que reforçam essa perspectiva. Contudo, é importante reconhecer que há na Bíblia momentos de profunda tensão teológica quando se deseja afirmar o sofrimento humano, as dores que sobrevêm ao corpo como castigo de Deus. Há que se constatar que a teologia, enquanto sistematização de um conhecimento sobre Deus e a experiência religiosa, está marcada por profundas questões de poder. Compreender alguns dos aspectos dessa tensão teológica pode nos ajudar a resgatar elementos importantes no debate hodierno da AIDS e as religiões de matriz cristã quando invocam esse imaginário culpabilizador do corpo por suas doenças.<sup>625</sup>

---

<sup>621</sup> SAMPAIO, 2002, p. 22.

<sup>622</sup> SONTAG, 2007, p. 98.

<sup>623</sup> SAMPAIO, 2002, p. 23.

<sup>624</sup> MENA, 2012, p. 365.

<sup>625</sup> SAMPAIO, 2002, p. 23.

No capítulo 2 foram apresentadas metodologias de leituras da Bíblia que permitem questionar esse tipo de interpretação a partir da própria realidade de mulheres com HIV e AIDS, como descrito no capítulo 1. Essas leituras podem desestabilizar os discursos que vincularam doença e pecado e promover experiências de libertação e empoderamento.

O estigma e o preconceito que afetam quem vive com HIV e AIDS fazem com que muitas delas optem em não revelar que estão com o vírus. “A vergonha e o medo de serem excluídas da comunhão e da comunidade dão lugar a uma decisão que termina em solidão e isolamento autoimposto, autoestigmatização”.<sup>626</sup>

Conforme Deifelt o HIV e AIDS fez com que a igreja precisasse rever seus conceitos teológicos e acolher pessoas marginalizadas:

Quando o discurso moralista se tornou norma, culpabilizando a pessoa soropositiva e tentando achar deslizes em seu comportamento para justificar a razão de ser da doença, a teologia teve que resgatar o Deus que sofre com os que sofrem e geme pela reconciliação de todas as coisas. Quando o discurso religioso afirmou “aceitar o pecador, mas não o pecado” ao referir-se à homossexualidade, teólogas e teólogos resgataram o princípio de que todas as criaturas são feitas à imagem de Deus e merecem viver com respeito e dignidade, independente de nacionalidade, classe, credo, cor ou identidade sexual. Quando o HIV foi entendido como uma punição de Deus para as atitudes pecadoras dos seres humanos (como se AIDS fosse um sofrimento imposto por Deus), as igrejas foram conclamadas a ampliar seus espaços de hospitalidade à luz da compaixão de Jesus, sua autoridade para perdoar pecados e seu exemplo em reintegrar um paraplégico ao convívio da comunidade.<sup>627</sup>

O fato de o HIV e AIDS serem relacionados à má conduta dos indivíduos, e a relação da doença como um castigo divino, fizeram com que as igrejas e comunidades de fé demorassem em se envolver no enfrentamento da epidemia de maneira efetiva. O advento da AIDS no Brasil coincidiu com o período em que a igreja estava envolvida com a organização e participação de movimentos sociais e o advento da Teologia da Libertação, conforme apresentado no capítulo 2 desta Tese. Desta forma, a AIDS não foi um assunto prioritário para a igreja, pois ela não era entendida como algo com o qual a igreja deveria se preocupar.

Ainda assim, relativamente cedo na história da epidemia no Brasil, ações de grupos ou lideranças religiosas começaram a aparecer. Segundo Parker e Galvão o envolvimento de instituições religiosas no enfrentamento da epidemia de HIV e AIDS no Brasil começou em 1987, em um projeto desenvolvido por Dom Paulo Evaristo Arns que oferecia apoio jurídico, religioso e distribuição de cestas básicas. A partir deste projeto, outros projetos foram surgindo,

<sup>626</sup> HALLONSTEN, Gunilla. Um novo Kairós: a epidemia do HIV como o momento de oportunidade? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 250-261, jul. 2012. p. 256.

<sup>627</sup> DEIFELT, Wanda. O vírus que rompeu barreiras e quebrou os muros da igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 291-305, jul. 2012. p. 299.

inclusive projetos ecumênicos. Nos anos 1990 a resposta religiosa ganhou mais ênfase, especialmente por parte da Igreja Católica. Nesse período as igrejas foram importantes especialmente oferecendo assistência às pessoas vivendo com AIDS.<sup>628</sup>

Embora o envolvimento das igrejas e tradições religiosas tenha demorado alguns anos para acontecer, elas foram e continuam sendo um elemento importante na prevenção e cuidado às pessoas com HIV e AIDS, não apenas no Brasil. Conforme Wanda Deifelt, o papel das igrejas e comunidades de fé vai além da assistência e cuidado às pessoas afetadas pela epidemia. O papel da igreja, segundo ela, é de envolver-se com questões políticas, econômicas e sociais que contribuem para que a epidemia continue a se expandir.

As igrejas também têm a responsabilidade de participar no debate de políticas públicas, conectando-se à sociedade civil. Exemplos concretos de parcerias são os convênios de cooperação assinados pelo governo, a partir da iniciativa de igrejas e organizações não governamentais.<sup>629</sup>

A AIDS não é apenas problema causado por um vírus. Se assim fosse ele não seria um problema teológico. Entretanto, ele torna-se um problema teológico quando afeta a dignidade das pessoas infectadas pelo vírus. O julgamento moral, associado às formas de transmissão do vírus, aumentam o estigma e discriminação em relação às pessoas infectadas. Há “muitas pessoas nas comunidades de fé que preferem limitar a questão do HIV exclusivamente à área médica. Querem evitar questões conflitivas, e não ficam confortáveis com respostas alternativas (provavelmente mais relacionadas a fé)”.<sup>630</sup> As comunidades de fé preferem atuar no cuidado às pessoas com HIV e AIDS e, muitas vezes, ainda oferecem resistência em promover campanhas e discursos de prevenção.

Na medida em que a epidemia avançou no Brasil, tornaram-se necessárias novas ações das comunidades de fé. Assim, especialmente a partir da década de 1990, as igrejas no Brasil começaram a se envolver ainda mais e responder à epidemia através da criação de casas de apoio e espaços de acolhimentos às pessoas com HIV e AIDS. Além disso, ampliaram-se e ações em parceria com ONGs, ao atendimento domiciliar a pessoas vivendo com HIV e fóruns de debate incluindo consultas, encontros e cursos, bem como publicações sobre a temática de HIV e AIDS no âmbito religioso.<sup>631</sup>

---

<sup>628</sup> PARKER; GALVÃO, 1996, p. 74.

<sup>629</sup> DEIFELT, 2012, p. 296.

<sup>630</sup> ORLOV, 2009, p. 121. “There are many people within the faith communities who want to limit the HIV issue exclusively to the medical field. They want to avoid conflictive issues, and they are not comfortable with alternative (perhaps more faith-related) responses”.

<sup>631</sup> Veja mais sobre documentos e publicações de instituições religiosas em resposta a epidemia da AIDS: PASTORAL DST/AIDS, 2002; Veja DEPARTAMENTO DE DIACONIA DA IECLB. *Caderno do Seminário*

O envolvimento das igrejas e comunidades de fé não se deu apenas a nível nacional. Instituições ecumênicas e internacionais deram contribuições importantes na redução do preconceito às pessoas com HIV e AIDS.

Organismos ecumênicos e internacionais como a Federação Luterana Mundial (FLM) e o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) tomaram a frente e catalizaram o trabalho teológico, pastoral e social relacionado à AIDS nas igrejas, impulsionando trabalhos locais e conectando essas iniciativas ao cenário ecumênico internacional.<sup>632</sup>

Com o propósito de capacitar as igrejas foram elaborados documentos, reflexões teológicas e subsídios para equipar as comunidades a compreender melhor a epidemia e acolher as pessoas com HIV e AIDS em seu contexto. Conforme a Declaração de Buenos Aires:

Somos chamados e comprometer-nos com esta ação pastoral que nasce a partir do reconhecimento de que se tem confundido muitas vezes, um diagnóstico médico com um juízo moral que afeta a dignidade de muitos irmãos e irmãs. Nos move o sofrimento em que vivem as pessoas exiladas da rede solidária, tanto familiar como social, e somos chamados a ser facilitadores da reconstrução dessas redes.<sup>633</sup>

As iniciativas das instituições religiosas nem sempre tiveram o alcance desejado. Os documentos elaborados, embora importantes, encontraram resistência em alguns contextos e nem sempre foram colocados em prática nas comunidades. Conforme Musskopf “muitos desses documentos trazem elaborações importantes e inovadoras sobre a epidemia de HIV/AIDS e as questões relacionadas a ela por parte das igrejas, mas nem sempre foram/são incorporadas às práticas cotidianas de suas comunidades e lideranças”.<sup>634</sup>

---

*Nacional sobre HIV/AIDS: Quebrar o silêncio. Restaurar a dignidade.* Porto Alegre: IECLB, 2005; CMI. *El Sida y La Iglesia como comunidad de sanación.* Genebra: CMI, 1986. Disponível em: <[http://www.pastoralsida.com.ar/paginas\\_internas/documentos/comunidad.html](http://www.pastoralsida.com.ar/paginas_internas/documentos/comunidad.html)>. Acesso em: 12 jun. 2016. E também: MUSSKOPF, 2012, p. 282. E também: GALVÃO, Jane. As respostas religiosas frente à epidemia de HIV/AIDS no Brasil. In: PARKER, Richard (Org.). *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a epidemia no Brasil.* Rio de Janeiro: ABIA, 1997. p. 109-134.

<sup>632</sup> DEIFELT, 2012, p. 294.

<sup>633</sup> FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL. *Declaración de Buenos Aires.* Consulta Luterana Latinoamericana sobre el Trabajo Pastoral con Relación al SIDA. Buenos Aires: FLM, 1998. p. 19. A Declaração de Buenos Aires é fruto de reflexões realizadas por pessoas da medicina, teólogos e pastores comprometidos com a situação do HIV e AIDS. A Declaração de Buenos Aires foi aprovada como um documento de estudo na Conferência dos bispos e presidentes das Igrejas Luteranas da América Latina e Caribe juntamente com a Federação Luterana Mundial, em que se reconhece que as igrejas precisam envolver-se no cuidado às pessoas afetadas pela epidemia e que sofrem com o preconceito e discriminação. Texto no idioma original: “Somos llamados a comprometernos con esta acción pastoral que nace a partir del reconocimiento de que se ha confundido, muchas veces, un diagnóstico médico con un juicio moral que afecta la dignidad de muchos hermanos y hermanas. Nos mueve el sufrimiento en que viven las personas exiliadas de la red solidaria, tanto familiar como social, y somos llamados a ser facilitadores de la reconstrucción de esas redes. Una Comunidad Responsable y Comprometida”.

<sup>634</sup> MUSSKOPF, 2012, p. 283.

A epidemia do HIV e AIDS desafiou as instituições religiosas a buscar respostas porque está relacionada com questões de vida e morte. Segundo Gunilla Hallonsten “outra resposta para o silêncio talvez seja que os teólogos, as teólogas e as igrejas foram incapazes de agir em um processo transparente e construtivo, por causa das duas questões básicas relacionadas ao HIV e à AIDS, ou seja, sexualidade e morte”.<sup>635</sup> Segundo Souza:

Se tomarmos a tradição católica, as representações dominantes da sexualidade a reduzem, não raras vezes, à genitalidade. O sexo, segundo essa tradição, está atrelado ao casamento. Também há uma tendência à negatização do sexo, que seria um *mal necessário* à procriação ou, no mínimo, que o sexo tem como objetivo primeiro a geração de filhos. Essa concepção está fortemente presente no discurso, digamos, oficial da Igreja Católica, que, mesmo buscando relativizar essa negatividade, deixa transparecer em seus documentos a principal, senão exclusiva função do sexo: a reprodução.<sup>636</sup>

A compreensão da sexualidade, conforme apresentada acima, coloca as mulheres em situações de subordinação e inferioridade em relação aos homens. No capítulo 1 desta Tese foram abordados os fatores que aumentam a vulnerabilidade das mulheres no contexto da epidemia de HIV e AIDS. Apontou-se que um dos fatores que tornam as mulheres mais vulneráveis é a dificuldade que elas, especialmente as mulheres em situação de pobreza, enfrentam para negociar métodos de prevenção. É importante lembrar que as mulheres nem sempre têm consciência dos riscos aos quais estão submetidas. “Sente-se falta de espaços que ajudem a mulher a tomar consciência de sua situação, espaços onde ela possa assimilar valores, amadurecer opções, superar elementos culturais de subserviência”.<sup>637</sup>

Para muitas tradições cristãs a vivência da sexualidade está atrelada à reprodução, especialmente no que diz respeito à sexualidade das mulheres.

O casamento seria o único lugar legítimo para a experiência sexual, tendo como fim último a geração de filhos. A concepção do sexo para a procriação certamente tem maiores consequências para as mulheres, que são mais sobrecarregadas com os encargos culturais da maternidade. Além disso, essa concepção fragiliza as mulheres inclusive no processo de negociação para o uso do preservativo. Em tempos de AIDS, esse é mais um agravante para as mulheres.<sup>638</sup>

É fundamental e inevitável que se discutam questões relacionadas à sexualidade humana também no âmbito das instituições eclesiais. Discutir questões relacionadas à

<sup>635</sup> HALLONSTEN, 2012, p. 255.

<sup>636</sup> SOUZA, 2012, p. 340.

<sup>637</sup> BERNARDI, José. Desafios Cotidianos da Aids. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Pastoral de DST/Aids. *Igreja e Aids: presença e resposta*. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004. p. 24.

<sup>638</sup> SOUZA, 2012, p. 341.

sexualidade dentro das igrejas ou para a sociedade em geral ainda não é tranquilo. Segundo a UNAIDS:

O uso responsável do sexo e da sexualidade humana faz parte da criação de Deus e deve ser celebrado e desfrutado. No contexto atual da fé, a identificação do pecado com o sexo deve ser rejeitada, bem como a estigmatização e a questionável teologia do pecado resultantes dessa identificação.<sup>639</sup>

A sexualidade humana é complexa e envolve tanto questões íntimas e pessoais, como também sofre influências sociais e culturais. “Os comportamentos sexuais não se modificam sem que as questões sexuais sejam debatidas livremente, respeitando-se as pessoas e a situação cultural local”.<sup>640</sup> O HIV e a AIDS desafiam as instituições religiosas e a sociedade a falar da sexualidade de forma mais aberta, considerando os direitos sexuais das mulheres.

As tradições religiosas exercem influência na vida das pessoas de maneira geral, inclusive em temas como a vivência da sexualidade. Algumas reafirmam a submissão das mulheres, utilizando para isso as Escrituras. As mulheres sofrem mais com a influência nessas tradições religiosas do que os homens, pois através da religião aprendem que a sexualidade não deve ser vivida para o prazer, mas apenas para procriação. Além disso, contribuem para o entendimento de que a mulher deve servir ao marido.<sup>641</sup> Segundo Hazel Ayanga, “de acordo com os ensinamentos da igreja espera-se das mulheres que sejam submissas aos seus maridos. Para muitas, submissão tem significado aceitar abusos físicos e outras situações não saudáveis”.<sup>642</sup> Conforme visto anteriormente, a submissão das mulheres reforçada pelas comunidades de fé contribui para o silêncio das mulheres diante de situações opressoras e as torna mais vulneráveis no contexto da epidemia de HIV e AIDS.

A Bíblia, em muitos momentos, foi e ainda é usada para excluir e estigmatizar pessoas, especialmente as mulheres. Já foi dito que a relação do HIV e da AIDS com o estigma é estabelecida a partir de determinadas interpretações bíblicas. A Bíblia contém várias histórias que demonstram como as questões de saúde e doença eram entendidas e como as pessoas doentes eram estigmatizadas.<sup>643</sup> O capítulo 2 desta Tese apresentou metodologias de leitura da Bíblia que buscam desconstruir as leituras não libertadoras da Bíblia, que oprimem e

---

<sup>639</sup> UNAIDS. *Relatório de uma Oficina Teológica Sobre Estigmas Relacionados ao HIV e à AIDS*. Windhoek: UNAIDS, 2005, p. 16.

<sup>640</sup> BERNARDI, 2005, p. 108.

<sup>641</sup> AYANGA, 2008, p. 39.

<sup>642</sup> AYANGA, 2008, p. 41. Texto no idioma original: “According to church teachings, women are expected to submit to their husbands. For many, submission has meant accepting physical abuse and other unhealthy situations”.

<sup>643</sup> UNAIDS, 2005, p. 14.

marginalizam as pessoas mais frágeis e, como é o caso das mulheres, e, neste caso específico, de mulheres com HIV e AIDS.

A religião exerce influência ambígua na vida das pessoas. No entanto, há que se considerar que exerce mais influência na vida das mulheres do que dos homens. A maneira como as pessoas entendem e vivenciam sua experiência religiosa pode influenciar também o seu comportamento, seja no casamento, na sua relação com a família e na vivência da sexualidade. Todas essas questões influenciam a realidade e a experiência de mulheres/pessoas com HIV e AIDS.<sup>644</sup> Conforme Souza:

Religião cria e/ou reproduz representações que, em maior ou menor grau, terão alguma influência na sociedade mais ampla. Ela atua na maneira como os sujeitos sociais se reconhecem, isto é, no processo de modelagem da subjetividade dos sujeitos sociais; e na forma como esses sujeitos reconhecem o outro, isto é, outros sujeitos, instituições e sistemas de sentido.<sup>645</sup>

As reflexões teológicas que consideram as questões de gênero têm evidenciado que as interpretações bíblicas e as tradições religiosas estão marcadas pelo patriarcalismo e androcentrismo, que contribuem para fundamentar a submissão e opressão das mulheres.<sup>646</sup> Textos bíblicos são usados para reforçar o estereótipo da mulher como submissa e inferior em relação aos homens. As hermenêuticas baseadas nos estudos de gênero contribuem para afirmar o papel das mulheres na sociedade e desconstruir os estereótipos que oprimem as mulheres.<sup>647</sup> Segundo Rosa Maria Perez: “Esta desigualdade de gênero que lamentavelmente se promove nas igrejas agrava a situação das mulheres, expondo-as ao impressionante aumento de infecções de HIV”.<sup>648</sup>

Conforme Eggert, as mulheres são ensinadas a aceitar a condição de submissão, pois foi através de uma mulher (Eva) que o pecado entrou no mundo e, por isso, todo o sofrimento é justificado. Afirma a autora:

Uma vez estabelecida a pedagogia da culpa sobre as mulheres, através da crença de que foram elas que trouxeram o mal para o mundo, instalou-se um modo de fazer crer que as mulheres merecem realmente “ser menos”. Merecem o castigo. Merecem ser

---

<sup>644</sup> PUELLO OROZCO, 2002, p. 10.

<sup>645</sup> SOUZA, 2012, p. 334.

<sup>646</sup> GARCÍA, Fabian Wilches. Empoderamiento de la mujer y acción eclesial: aproximación a una respuesta al VIH y sida el contexto colombiano. In: STRECK, Valburga Schmiedt. *Teología y VIH y Sida en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 66.

<sup>647</sup> GARCÍA, 2013, p. 66.

<sup>648</sup> PÉREZ, 2013, p. 109. Texto no idioma original: “Esta desigualdad de género que lamentablemente se promueve en las iglesias agrava la situación de las mujeres, exponiéndolas al impresionante aumento de infecciones de VIH”.

punidas e reeducadas. Desta forma, geralmente os homens, que sabiam escrever, foram escrevendo sobre as mulheres.<sup>649</sup>

As mulheres cresceram e foram educadas dentro de padrões que beneficiavam apenas os homens. Os discursos religiosos que culpabilizam as mulheres pelo mal no mundo perpassam o discurso e prática social até os dias de hoje, mantendo assim as mulheres em silêncio sobre situações de violência. Da mesma forma que as tradições religiosas silenciam diante da violência, as instituições religiosas contribuem de diferentes maneiras no discurso sobre o HIV e a AIDS, relacionando a infecção por HIV com responsabilidade do indivíduo e de seu comportamento. Ao mesmo tempo contribuem para a compreensão de que a AIDS é um problema moral. Como visto anteriormente, a ideia defendida por muito tempo de que a AIDS é uma punição de Deus e evidencia a relação ambígua das igrejas com as pessoas com HIV e AIDS, pois “a igreja fez as pessoas infectadas com HIV se sentir culpadas, mas assim que elas ficavam doentes ela deu a elas suporte, convenientemente ignorando as razões em que elas se infectaram”.<sup>650</sup>

Mas é inegável que a AIDS possibilitou a rearticulação de noções morais expressas nos binômios sexo/morte/ e devassidão/doença, oferecendo, antes mesmo que as ações concretas fossem implementadas, uma excelente oportunidade de retomada de questões tão caras a algumas religiões. As reflexões bíblicas daí decorrentes aqueceram o debate no início da epidemia, sendo a Bíblia relida com ênfase nas passagens sobre Sodoma e Gomorra e o Apocalipse, oferecendo uma gama de respostas que poderíamos denominar como negativas frente à doença e seus doentes.<sup>651</sup>

Conforme Galvão, a Bíblia foi usada de maneira negativa no início da epidemia, reforçando ainda mais o estigma relacionado à doença e às pessoas infectadas. Conforme Gerald West e Bongzi Zengele, na África do Sul, onde dezenas de pessoas morrem diariamente em decorrência da AIDS, pastores/as, ministros/as aproveitam o momento do funeral para pregar contra o HIV e a AIDS e também contra a pessoa infectada.<sup>652</sup>

A religião possui um papel significativo na formação da opinião das pessoas e, de certa maneira, exerce influência no comportamento das pessoas (seja através da orientação de regras de comportamento ou quanto a culpabilização por não cumprir o que é esperado). Assim, diferentes tradições religiosas têm cooperado na atuação junto às pessoas com HIV e AIDS

<sup>649</sup> EGGERT, 2009, p. 33.

<sup>650</sup> DENIS, Philippe. HIV, AIDS and religion in sub-Saharan Africa: an historical survey. In: HADDAD, Bev (Ed.). *Religion and HIV and AIDS: Charting the Terrain*. Durban: University of Kwazulu-Natal Press, 2011. p. 60 e 61. Texto no idioma original: “The church made HIV infected people feel guilty but soon as they became sick they gave them support, conveniently ignoring the reasons why they had become infected”.

<sup>651</sup> GALVÃO, 1997, p. 113-114.

<sup>652</sup> WEST; ZENGELE, 2004, p. 134.

através de ações solidárias e no cuidado às pessoas vivendo com HIV e seus familiares.<sup>653</sup> Através do cuidado às pessoas com HIV e AIDS buscam desconstruir o imaginário da doença como pecado, e resgatar a dignidade do ser humano.<sup>654</sup>

O estigma e a discriminação são hoje o mal que mais afeta as pessoas com HIV e AIDS. Embora tenha-se conseguido avanços e benefícios através de leis que garantem os direitos da pessoa soropositiva ao tratamento, acesso aos serviços de saúde, moradia e previdência, ainda há um longo caminho a ser percorrido para garantir respeito pela dignidade dessas pessoas afetadas pela epidemia.<sup>655</sup>

O papel fundamental das comunidades cristãs é atuar no cuidado e atenção às pessoas com HIV e AIDS que considere o ser humano em sua integralidade. Segundo Gerald West e Bongzi Zengele, uma “teologia que não está engajada na ação prática do cuidado apropriado e holístico pela saúde (no sentido pleno da palavra) em favor dos infectados é obscena”.<sup>656</sup> O papel da teologia é o de elaborar elementos teológicos que sejam úteis na atuação das comunidades de fé junto às pessoas com HIV e AIDS.

Assim, embora as tradições religiosas tenham contribuído para aumentar o estigma e preconceito relacionado às pessoas/mulheres com HIV e AIDS, por outro lado, elas tiveram e têm um papel importante no contexto da epidemia de HIV e AIDS, especialmente na atenção dedicada às pessoas afetadas pela epidemia. O HIV e AIDS desafia às comunidades de fé a dar suas contribuições e contribuir na reflexão teológica sobre a epidemia e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas afetadas. Nesse sentido, a Teologia Prática tem a tarefa de refletir teoricamente sobre as ações práticas desenvolvidas pelas comunidades de fé nesse contexto.

### 3.3 Alguns apontamentos sobre Teologia Prática

A discussão proposta nessa tese está situada no âmbito da Teologia Prática, de forma mais especificamente no campo do cuidado pastoral. A Teologia Prática tem como objeto de

---

<sup>653</sup> Texto fala da relação existente entre grupos de apoio como o Sihapyla e a importância que eles exercem na vida das pessoas e, a relação desse trabalho com o trabalho desenvolvido pelo Ujamaa e a Leitura Contextual da Bíblia. WEST, Gerald; ZENGELE, Bongzi. The Medicine of God’s Word, What People Living with HIV and AIDS Want (and Get) from the Bible. *Journal of Theology for Southern Africa*, n. 125, jul. 2006, p. 51-63. Outros textos: WEST, Gerald. Reading the Bible in the Light of HIV/AIDS in South Africa. *The Ecumenical Review*, v. 55, n. 4, p. 335-344, out. 2003. E também: WEST, Gerald. Newsprint Theology: Bible in the Context of HIV and AIDS. In: HAVEA, J. e PEARSON, C. (eds). *Out of Place: Doing Theology on the Crosscultural Brink*. London: Equinox Publishing, 2016. 161-186.

<sup>654</sup> LOUW, 2012, p. 311.

<sup>655</sup> Informações referentes aos direitos das pessoas com HIV e AIDS. PELA VIDDÁ. *Direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS*. Disponível em: <<http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/direitos-das-pessoas-vivendo-com-hiv/AIDS/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

<sup>656</sup> WEST; ZENGELE, 2004, p. 127.

reflexão as práticas das comunidades de fé em todas as dimensões, culto, liturgia, diaconia, visitação e o cuidado pastoral. A Teologia Prática está situada no limite entre a prática pastoral e a academia e se utiliza das demais disciplinas teológicas na elaboração da reflexão sobre a práxis. No que segue será discutido o desenvolvimento da Teologia Prática como disciplina teológica no âmbito mais geral da teologia a partir do contexto europeu e, posteriormente, no desenvolvimento da mesma no contexto latino-americano.

A discussão mais formal sobre a relação entre teoria e prática no âmbito da Teologia é relativamente recente. Seguindo o caminho de outras ciências, com o advento da Modernidade, a reflexão teológica foi ficando cada vez mais distante da vida diária de cristãos e cristãs e transformando-se em um sistema de ideias. Essa perspectiva, no entanto, foi mudando e atualmente é mais comum falar da teologia como sendo essencialmente prática.<sup>657</sup>

No processo de desenvolvimento da ciência teológica aquilo que veio a se chamar de Teologia Prática não ocupou um lugar de grande destaque entre as disciplinas teológicas. A Teologia Sistemática, a Teologia Histórica e a Teologia Bíblica têm tido mais destaque. Em muitos casos a Teologia Prática tem sido entendida simplesmente como uma aplicação dos estudos desenvolvidos nas demais disciplinas teológicas. Segundo Júlio Zabatiero: “Apenas na segunda metade do século XX, a teologia prática passa a disputar espaço com as demais disciplinas teológicas e a se constituir autonomamente, desenvolvendo metodologia e objetivos específicos”.<sup>658</sup>

No século XIX, na Europa, enquanto a teologia buscava legitimidade como ciência, ela foi tornando-se cada vez mais academicista e afastando-se da teologia que era feita nas comunidades e na prática pastoral. Segundo Lothar Hoch:

Estamos na Alemanha [...] a teologia tem assento na alta esfera das universidades estatais como uma das faculdades que disputam o interesse dos estudantes. Imbuída do espírito iluminista predominante na época, a teologia se esforça por atestar a sua legitimidade como ciência.<sup>659</sup>

A teologia que era ensinada nas universidades estava distante da teologia que era praticada nas comunidades de fé. A teologia praticada nas comunidades atendia aos interesses

---

<sup>657</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 21.

<sup>658</sup> ZABATIERO, 2005, p. 23.

<sup>659</sup> HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph et al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ASTE, 1998. p. 25.

e prioridades relacionadas à organização da igreja e da prática ministerial.<sup>660</sup> Desta forma, a Teologia Prática busca estreita relação com essa práxis comunitária.

A necessidade de restabelecer a conexão perdida entre a academia e a vivência comunitária fez com que a Teologia Prática fosse criada como uma disciplina curricular da Teologia.<sup>661</sup> Segundo Christoph Schneider Harpprecht:

A partir da teologia da palavra de Deus de Karl Barth predominou nos anos trinta e quarenta desse século de novo um modelo dogmático com forte ênfase homilética. Nos anos cinquenta sob a influência de Rudolf Bultmann, aumentou na Teologia Prática o interesse pela atualização e interpretação do passado. A homilética e a educação cristã enfatizaram o lado histórico e hermenêutico do seu trabalho, negligenciando a análise empírica. Isto levou, nos anos setenta, à uma volta da Teologia Prática à experiência. Realizou-se uma abertura para disciplinas como a psicologia social, a psicanálise e a sociologia. Procuraram-se novos métodos de analisar e experimentar a prática e ligou-se a teologia com o interesse numa transformação política da sociedade. Queria-se integrar a Teologia Prática no contexto das ciências sociais. Um resultado deste movimento empírico é a especialização e profissionalização dentro das áreas da Teologia Prática: existem pedagogos na área de ensino religioso, especialistas em psicologia pastoral, em homilética e retórica.<sup>662</sup>

As origens da atual compreensão sobre a Teologia Prática como disciplina teológica estão na discussão realizada por Friedrich Schleiermacher.<sup>663</sup> Em sua concepção, a Teologia Prática é uma disciplina relacionada à prática da Igreja.<sup>664</sup> Para Schleiermacher, segundo Lothar Hoch, a Teologia Prática estabelece a conexão entre a prática que acontece nas comunidades e a academia. “Estas precisam da análise e da reflexão teológica a fim de que possam melhor resistir a críticas intermitentes de que são alvo, tais como o espontaneísmo e a falta de rigor metodológico, frutos de um déficit de reflexão teológica”.<sup>665</sup> Ainda segundo esse autor, “O mérito desta concepção de Teologia Prática de Schleiermacher reside no fato de se ter restabelecido a relação entre teologia e Igreja e, por extensão, entre teoria e prática”.<sup>666</sup> Segundo

<sup>660</sup> ZABATIERO, 2005, p. 23.

<sup>661</sup> HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. *Estudos Teológicos*, v. 32, n. 2, p. 100-112, 1992. p. 102.

<sup>662</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph et al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ASTE, 1998. p. 41

<sup>663</sup> Schleiermacher faz importantes contribuições para a compreensão do aconselhamento pastoral na relação com a teologia prática. “Com Schleiermacher, resgatamos fortemente a tarefa da hermenêutica em sua dimensão dialogal. Interpretar é dialogar. Pelo diálogo, temos acesso à compreensão. Como o diálogo não tem propriamente um ponto de chegada, ele não pode cessar. Isso é sobremaneira importante para a fé cristã e, em particular, para o aconselhamento pastoral. A Bíblia não pode ser utilizada, em particular no aconselhamento, como um livro informativo”. WACHHOLZ, Wilhelm. Contribuições da Hermenêutica Filosófica para a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral. *Estudos Teológicos*, v. 50, n. 2, p. 202-218, jul/dez. 2010. p. 214. Mais sobre a compreensão de Schleiermacher sobre a teologia prática. MEYER-BLANK, Michel; WEYEL, Birgit. *Studien- und Arbeitsbuch Praktische Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008. p. 9-18.

<sup>664</sup> HOCH, 1992, p. 103.

<sup>665</sup> HOCH, 1992, p. 101.

<sup>666</sup> HOCH, 1992, p. 103.

ele, a Teologia Prática poder ser considerada a “coroa da teologia”. Ela está situada no fim do estudo de teologia, é uma ciência aplicada.<sup>667</sup> Schleiermacher era influenciado pela filosofia e insistia que a teologia e sua teoria também fazem parte do universo científico. Segundo ele “a teologia refere-se à consciência religiosa como dimensão fundamental do ser humano que toma formas históricas e se concretiza nas crenças e práticas religiosas de determinadas igrejas”.<sup>668</sup>

Christoph Schneider-Harpprecht, citando o teólogo prático alemão Gert Otto, faz uma crítica à estreita relação da Teologia Prática com a prática e pastoral da igreja. Ele propõe que a Teologia Prática seja desenvolvida como “teoria da prática religiosamente mediada na sociedade. O ponto de partida da Teologia Prática não é mais a orientação dogmática e eclesiológica. A Teologia Prática se refere à relação complexa da religião e da sociedade da qual a igreja faz parte”.<sup>669</sup>

A Teologia Prática deve buscar atuar junto com as demais disciplinas teológicas. “A Teologia Prática não pode assumir uma postura de auto-suficiência, a ponto de dispensar a contribuição das demais disciplinas. Mas ela tampouco deve se subestimar, a ponto de achar que não tem nada com que contribuir”.<sup>670</sup> A Teologia Prática como disciplina teológica encontra sua identidade na medida em que se entende “como ponto de intersecção entre a teologia e as ciências empíricas que lhe são afins”.<sup>671</sup>

Conforme Lothar Hoch, pouco foi escrito ou refletido sobre o que é próprio da Teologia Prática na América Latina até o início da década de 90. Essa falta de clareza se reflete também quando analisada a teologia que se pratica nas comunidades. “Segundo a sadia tradição protestante, o próprio povo da Igreja deve ser co-sujeito da teologia que põe em prática”.<sup>672</sup> O papel da Teologia Prática na academia é o de refletir teoricamente aquilo que acontece fora dela, na vivência diária das comunidades. A pluralidade do contexto teológico desafia a teologia e prática religiosa das igrejas a pensar a partir e para cada contexto.

A dificuldade que muitas vezes se tem em se definir em que consiste a Teologia Prática propriamente dita vem da ampla abrangência de temas que ela engloba. Segundo Lothar Hoch: “A nossa situação de teólogos práticos é, sem dúvida, peculiar. Somos solicitados a nos posicionar sobre questões que dizem respeito a muitos temas que se situam no limite entre a teologia e outras áreas do conhecimento humano”.<sup>673</sup> O papel da Teologia Prática, então, ao

---

<sup>667</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 39.

<sup>668</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 37.

<sup>669</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 48.

<sup>670</sup> HOCH, 1992, p. 104.

<sup>671</sup> HOCH, 1998, p. 66.

<sup>672</sup> HOCH, 1998, p. 22.

<sup>673</sup> HOCH, 1992, p. 101.

mesmo tempo em que contribui para a teologia, busca dar respostas aos desafios que a sociedade apresenta. A Teologia Prática é, assim, uma ponte entre a academia e a sociedade e para desempenhar essa função de ser interlocutora, utiliza-se das demais disciplinas teológicas e das ciências sociais.<sup>674</sup>

Nos anos 1960 emergiram novos jeitos de fazer teologia, com a elaboração de teologias contextuais.<sup>675</sup> A elaboração de teologias negra, feminista, nos Estados Unidos, a Teologia da Libertação e a teologia evangelical na América Latina, desafiaram os modelos de teologia existentes, especialmente no que diz respeito a reflexões sobre a “prática ou a práxis cristã na sociedade”.<sup>676</sup> Os novos jeitos de fazer teologia tinham como pano de fundo de sua reflexão teológica o contexto social, econômico cultural e religioso questionando as desigualdades e situações injustas, afetando a dignidade humana.

Uma das formas de Teologia que se destacou no contexto latino-americano e que influenciou outras formas de fazer teologia em outros contextos é a Teologia da Libertação, sobre a qual tratou-se anteriormente. As teologias que se desenvolveram no contexto latino-americano surgem a partir de uma reflexão própria, buscando responder às questões que não eram abordadas pela teologia europeia. A realidade política e o contexto sócio econômico eram muito diferentes. Em meio a esta realidade, o fazer teológico da América Latina busca fazer uma reflexão atenta para a relação entre teoria e prática e, assim, se constitui como uma teologia da práxis, “que reflete sobre a prática das comunidades cristãs - como uma teologia na prática e para a prática – oferecendo recursos para quem está comprometido com as lutas de libertação”.<sup>677</sup> Na Teologia da Libertação não há um enfoque na Teologia Prática, embora o fazer teológico da Teologia da Libertação tenha como ponto de partida o contexto local e a práxis da comunidade.<sup>678</sup>

A Teologia da Libertação rompeu com a hegemonia europeia no fazer teológico e reconheceu o contexto latino-americano como um lugar hermenêutico.<sup>679</sup> A Teologia da Libertação buscou apoio nas ciências humanas, especialmente na sociologia, para a compreensão do contexto. A proposta da Teologia da Libertação era de libertação do povo oprimido e da igreja através do Evangelho. A Bíblia era a ferramenta utilizada no processo de

---

<sup>674</sup> HOCH, 1998, p. 31.

<sup>675</sup> SANCHES, Sidney de Moraes. A contextualização da teologia: conceitos, história, tensões, métodos e possibilidades. *Revista Tecer*, v. 2, n. 3, nov. 2009.

<sup>676</sup> ZABATIERO, 2005, p. 24 e 25.

<sup>677</sup> LÓPEZ RUBIO, 2011, p. 95.

<sup>678</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 44.

<sup>679</sup> HOCH, 1998, p. 29.

formação e conscientização do povo.<sup>680</sup> Nesse sentido, embora a Teologia da Libertação não tenha necessariamente desenvolvido uma compreensão sobre a Teologia Prática como disciplina teológica, ela sempre se entendeu como uma teologia eminentemente vinculada com a prática.<sup>681</sup>

Segundo Lothar Hoch, Libânio, afirma que a Teologia da Libertação é uma teologia *da práxis*, na medida em que utiliza a prática das comunidades cristãs como fundamento de sua reflexão. É uma teologia *na* práxis, na medida em que o/a teólogo/a encontra-se envolvido/a e comprometido/a com as lutas e desafios da comunidade. A partir de seu envolvimento com o contexto a Teologia reflete sobre ele e busca oferecer subsídios *para* a práxis e suas lutas por libertação. Esta concepção da teologia como uma teologia *da, na e para* a prática defendida pela Teologia da Libertação, fez com a Teologia Prática como disciplina teológica não fosse vista como necessária em sua forma tradicional, uma vez que toda teologia deveria ser “Teologia Prática”.<sup>682</sup>

Segundo Christoph Schneider-Harpprecht o primeiro manual de Teologia Prática voltado para o contexto Latino-americano foi escrito por um teólogo espanhol chamado Casiano Floristan. Para Floristan, a Teologia Prática deve refletir toda a prática da igreja. Na compreensão de Floristan, a ação pastoral da Igreja deve estar comprometida com os pobres e marginalizados. Segundo Christoph Schneider-Harpprecht, Floristan “desenvolve a teoria da prática de maneira indutiva a partir da prática como ela é para chegar à prática como ela deveria ser. É interdisciplinar, cooperando com as ciências humanas (psicologia e sociologia) e com a teoria teológica como um todo”.<sup>683</sup>

Floristan divide a Teologia Prática em Teologia Prática Geral e Teologia Prática Especial. Como Teologia Prática Geral ele compreende a Bíblia, a história, a teoria da Teologia Prática e a reflexão sobre a prática pastoral. Como Teologia Prática Especial ele entende a missão, a catequese, liturgia, homilética, comunidade e serviço. Na compreensão do autor, a Teologia Prática é toda teologia que serve para transformar a prática e toda aquela feita a partir da prática. A prática de Jesus serve de fundamento da prática comunitária. Ele se utiliza dos princípios da Teologia da Libertação e enfatiza a libertação do povo oprimido como missão da

---

<sup>680</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 46.

<sup>681</sup> Segundo fala sobre a Teologia como teologia prática no contexto latino-americano. Veja mais em: SEGUNDO, 1978. E mais em: LIBÂNIO, 1987, p. 162ss.

<sup>682</sup> HOCH, 1998, p. 29s.

<sup>683</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 54.

Igreja. Para ele a Teologia Prática assim como na Teologia da Libertação faz uma análise do contexto de opressão e busca chaves para a libertação na leitura da Bíblia.<sup>684</sup>

Segundo Schneider-Harpprecht, a Teologia Prática como teoria da prática é realizada através da atuação conjunta de pessoas engajadas, membros das comunidades de fé em parceria com pessoas formadas. A hermenêutica é o instrumento que ajuda no processo de interpretação das falas do que os/a outros/as dizem e que contribui para a libertação das pessoas. A partir da experiência de fé das pessoas é um elemento fundamental da Teologia Prática, de onde o evangelho é interpretado.<sup>685</sup>

O lugar da Teologia Prática é entre a pastoral, referente às práticas pastorais comunitárias, e a teologia, como disciplina acadêmica. A função da Teologia Prática é fazer intermediação entre esses dois campos.<sup>686</sup> A Teologia Prática ocupa-se com as práticas pastorais eclesiológicas, tais como o ministério pastoral, liturgia e culto, missão e educação cristã e também do cuidado às pessoas através da poimênica e do aconselhamento pastoral. No próximo ponto serão aprofundados os conceitos de poimênica e aconselhamento pastoral e sua relação com o trabalho com mulheres com HIV e AIDS.

Como abordado no segundo capítulo, o conceito de pobre precisou ser ampliado, para dar conta dos novos contextos que se apresentavam. Além disso, as situações de opressão, que deram origem aos movimentos de libertação na América Latina, já não eram mais tão profundas e abrangentes. Outros movimentos de libertação ganharam força, tais como os movimentos de libertação das mulheres, como foi abordado no Capítulo 2.

Denise Ackermann defende que o âmbito da teologia, inclusive a Teologia Prática, é dominado por homens e, por isso, acaba excluindo o ponto de vista das mulheres do fazer teológico. “Tradicionalmente e quase esmagadoramente, teologia prática tem sido o domínio de acadêmicos brancos, de homens de classe média, e, por isso, inevitavelmente reflete visões masculinas e em considerável grau de imperialismo cultural”.<sup>687</sup> Uma pesquisa recente demonstrou que o número de trabalhos de conclusão de curso produzidos é maior entre os

---

<sup>684</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 56.

<sup>685</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 57 e 59.

<sup>686</sup> HOCH, 1998, p. 66.

<sup>687</sup> ACKERMANN, Denise. By a feminist practical theologian. In: COCHRANE, J.R et al. *Word and Deed. Towards A Practical Theology for Social Transformation*. Pietermaritzburg: Cluster Publication, 1991. p. 106. Texto no idioma original: “Traditionally and almost overwhelmingly, practical theology has been the domain of white, middle class, male academics and therefore inevitably reflects male views and considerable degree of cultural imperialism”

homens do que entre as mulheres. A área de concentração em quem mais são produzidos trabalhos acadêmicos por mulheres é na Teologia Prática.<sup>688</sup>

Conforme Hoch, a Teologia Prática necessita considerar as questões de gênero, pois elas interferem na forma como os indivíduos interagem entre si e, por isso, deve ser um elemento considerado na análise do contexto.<sup>689</sup> Segundo Denise Ackermann a Teologia Prática que se desenvolve a partir da teologia feminista, “está alerta para os desafios enfrentados por mulheres e todas as pessoas marginalizadas em suas tradições e instituições religiosas”.<sup>690</sup>

As teologias contextuais que surgiram no âmbito da Teologia Prática conectam a vulnerabilidade humana com a mensagem de libertação anunciada por Jesus. Os novos jeitos de fazer teologia ampliaram o campo da Teologia Prática para além da reflexão da prática pastoral das comunidades. “As teologias da libertação, feminista, *queer*, negra, womanista, pós-colonial, mujerista, dalit e minjung (entre outras) afirmam que há uma conexão entre o movimento libertário de Jesus e os movimentos sociais e políticos atuais”.<sup>691</sup> As teologias contextuais contribuem para a reflexão teológica sobre as questões atuais, segundo Wanda Deifelt elas:

Nos fornecem instrumentos importantes para contextualizar a mensagem de Jesus diante da pandemia do HIV e da AIDS porque identificam um poder transformador, através do Evangelho, em que seres humanos afirmam e lutam pela sua dignidade a partir de sua experiência de vida e fé.<sup>692</sup>

Nesse sentido, a compreensão do desenvolvimento da Teologia Prática como disciplina teológica permite perceber de que forma questões como a epidemia de HIV e AIDS e a situação específica de mulheres desafiam a reflexão teológica. É nesse contexto que se busca pensar sobre as contribuições das metodologias de leitura da Bíblia descritas no capítulo 2, particularmente no cuidado pastoral com mulheres com HIV e AIDS.

### 3.4 Cuidado pastoral, Bíblia e mulheres com HIV e AIDS

Na primeira parte deste capítulo apresentou-se elementos que ajudam a compreender o papel que igrejas e comunidades de fé ocuparam no contexto da epidemia de HIV e AIDS. Embora as respostas tenham demorado um pouco para acontecer, e alguns momentos tenham

<sup>688</sup> MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014. p. 73.

<sup>689</sup> HOCH, 1998, p. 73.

<sup>690</sup> ACKERMANN, 2013, p. 352.

<sup>691</sup> DEIFELT, 2013, p. xxv.

<sup>692</sup> DEIFELT, 2013, p.xxvi.

contribuído para uma visão deturpada e negativa sobre o HIV e a AIDS, bem como das pessoas que vivem com a doença através de discursos culpabilizadores, por outro lado, houve importantes contribuições no que diz respeito ao cuidado das pessoas infectadas e afetadas. Segundo Gary Collins a ajuda às pessoas não é apresentada na Bíblia como uma opção, “mas como uma exigência para todo crente”.<sup>693</sup>

O HIV e a AIDS afetam a vida das mulheres de diferentes maneiras. Não é apenas o corpo físico que sofre com os efeitos da doença no organismo, mas também os aspectos “emocional, relacional, sentimental e espiritual” são afetados porque as mulheres sofrem com o estigma, a discriminação e a violência que afeta outras esferas da sua vida”.<sup>694</sup> As mulheres não são vulneráveis ao HIV e à AIDS apenas por fatores biológicos e econômicos, mas também pelas construções sociais de gênero, “a submissão das mulheres, o silêncio, a resignação, a idealização religiosa do sofrimento, a passividade diante da dor é explicada por condicionamentos culturais”.<sup>695</sup> Todas essas questões demandam atenção na busca por respostas efetivas para o combate e a prevenção da AIDS.

Receber um diagnóstico positivo para o HIV muda a vida da mulher infectada e também daqueles/as que convivem com ela. “Esse momento também é acompanhado de incertezas, ansiedade, insegurança, medo de situação desconhecida e assustadora. Portanto, no confronto com a nova realidade, a pessoa vivencia momentos de sofrimento”.<sup>696</sup> É comum que a mulher que recebe o diagnóstico positivo passe por um período de negação. Buscando entender o que aconteceu, ela culpa a si mesma por não ter se protegido, culpa o/a outro/a por tê-la infectado e culpa a Deus por permitir que isso acontecesse. “A culpa pode ser consequência de uma família ou sociedade opressora no lugar de ser apoio”.<sup>697</sup>

Ao sentir-se discriminada pela sociedade e pela própria família é comum que as mulheres infectadas sofram com “a perda da autoestima, sentimento de culpa e vergonha. Frequentemente as pessoas com HIV e AIDS afastam-se de si mesmas e da assistência que necessitam devido ao temor de reações negativas dos outros. O isolamento aumenta o sentimento de ser é o único com AIDS”.<sup>698</sup> As mulheres infectadas sentem se sozinhas e

---

<sup>693</sup> COLLINS, 1984, p. 12

<sup>694</sup> PÉREZ, 2013, p. 109.

<sup>695</sup> DEIFELT, 2004, p. 42.

<sup>696</sup> SILVA, 2013, p. 337.

<sup>697</sup> ORLOV, Lisandro. *Para que puedan vivir: la comunión luterana escucha y responde en el vih y sida*. Buenos Aires: O Autor, 2006. p. 28. “La culpa puede ser la consecuencia de una familia o sociedad opresora en lugar de ser de apoyo”. KRÜGER, René;

<sup>698</sup> KRÜGER, ORLOV, 2006, p. 27. “la perdida de auto-estima, a sentimientos de culpa y vergunza. A menudo las personas con SIDA se apartan por si mismas de la asistencia que necesitan debido al temor a reacciones negativa de los otros. El aislamiento aumenta el sentimiento de ser el único com SIDA.

desemparedadas. Evitar falar sobre o assunto e esconder o diagnóstico são atitudes bastante comuns, e isso faz aumentar a sensação de que ninguém pode compreendê-la, pois não conhecem a sua experiência.

No primeiro capítulo, foram abordadas questões relacionadas ao aumento de casos de HIV e AIDS entre as mulheres. A “feminização da epidemia” está relacionada às relações de gênero e às construções sociais que determinam o papel de homens e mulheres. Culturalmente, é aceito que os homens tenham uma maior multiplicidade de parceiras. No caso das mulheres, a sexualidade está associada ao casamento e à maternidade. Situações como essas expõem as mulheres casadas ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis como o HIV e AIDS.

A incorporação desses valores como reflexo dos padrões culturais impostos à mulher a impede de encontrar condições emocionais para questionar seu companheiro sobre as questões de segurança e saúde. Esta dificuldade ocorre mesmo quando ela detém informações sobre as vias de transmissão do vírus HIV e é sabedora de que o parceiro se expôs à situações de risco.<sup>699</sup>

O contexto social, econômico, cultural influencia a experiência das pessoas, afetando especialmente as mulheres com HIV e AIDS. “Essas e outras diferenças e peculiaridades das pessoas com HIV e AIDS (gênero, raça, cultura, etnia, situação familiar) dificilmente são consideradas seriamente no trabalho e na avaliação da evolução da epidemia”.<sup>700</sup> O objetivo do aconselhamento pastoral no contexto da epidemia busca transformar a realidade de mulheres com HIV e AIDS, que são oprimidas e devido a diferenças biológicas, que sofrem devido a relações de poder desiguais entre homens e mulheres.

As mulheres casadas que descobrem que foram infectadas por seus parceiros, por exemplo, além de lidar com a doença, precisam lidar com o sentimento de terem sido enganadas. Por isso, muitas vezes ficam decepcionadas e com a autoestima baixa. Em muitos casos, as mulheres que passam por situações como essa acabam de se conformando e evitam falar sobre isso.<sup>701</sup> Conforme Trasferetti:

apesar de a infidelidade do parceiro lhes causar dor e sofrimento, não lhes é legítimo interferir sobre esta atitude tida quase como natural entre os homens. Abordar a infidelidade do marido significa tornar explícito o sentimento de desinteresse sexual dele e, por isso, ela prefere silenciar-se.<sup>702</sup>

<sup>699</sup> LEITE, Elisameli Paiva de Vilhena. AIDS E Mulheres: Alguns desafios. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e AIDS*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/AIDS, 2002. p. 69.

<sup>700</sup> BERNARDI, 2004, p. 20.

<sup>701</sup> LEITE, 2002, p. 69.

<sup>702</sup> TRASFERETTI; LIMA, 2009, p. 88 e 89.

Nem sempre as mulheres que passam por essas situações de violência e opressão possuem um lugar onde podem encontrar apoio emocional e psicológico. Embora haja espaços de acolhimento para pessoas com HIV e AIDS, nem sempre esses espaços são acessíveis a todas as pessoas que dele necessitam. Além disso, há resistência de procurar esses lugares porque significa identificar-se portadora e sofrer com o preconceito.

Não apenas a pessoa que vive com o vírus é afetada, mas também a família e as relações mais próximas sofrem com o impacto do diagnóstico. Por isso, “a urgência em tratar a questão da AIDS, diante do cenário da epidemia, requer também das comunidades de fé uma resposta mais eficaz e pastoral”.<sup>703</sup> As comunidades de fé são espaços que alcançam um grande número de pessoas, além de exercerem forte influência em muitos contextos.

A contribuição das igrejas não é apenas cuidar das pessoas infectadas, mas também atuar em parceria com os governos e participar na divulgação de informações, reduzindo o estigma e incentivando as pessoas sobre a importância da realização do teste anti-HIV, de forma que possam iniciar o tratamento precocemente. As igrejas e comunidades de fé tem um grande alcance junto às famílias.<sup>704</sup>

Quando se trata de pessoas com HIV e AIDS faz-se necessário ampliar conceito que entende saúde como a ausência de doença. As pessoas com HIV e AIDS convivem com um vírus que não afeta apenas o bem-estar físico, mas também afeta as emoções. Conforme Santos e Hoch o cuidado às pessoas deve contribuir para resgatar o bem-estar integral das pessoas:

A saúde integral deve contribuir decididamente para restaurar ou restituir a identidade, a dignidade e o sentido da vida das pessoas que, diante dos processos e experiências que nos desgastam, desvitalizam e desorientam desnecessariamente, conseguem nos desumanizar, ou seja, fazem desaparecer em nós a imagem de Deus.<sup>705</sup>

O cuidado oferecido pelas comunidades precisa ajudar as pessoas a conviver da melhor maneira possível com o vírus e todas as implicações decorrentes de um resultado positivo para o HIV. Além do estigma e do preconceito que afeta as pessoas de maneira negativa, as pessoas infectadas também precisam lidar com os efeitos colaterais dos medicamentos, com a falta de recursos para acessar os serviços de saúde, e até mesmo a carência alimentar que prejudica o tratamento.

---

<sup>703</sup> DEIFELT, 2004, p. 34.

<sup>704</sup> LOUW, 2012, p. 308.

<sup>705</sup> SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar Carlos. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo/São Leopoldo: ASTE/CETELA, 2008. p. 22

Há estudos que provam que todas as pessoas possuem capacidades internas de lidar com situações traumáticas que acontecem ao longo da vida. Essa capacidade humana chama-se resiliência. Este termo é usado especialmente no campo da psicologia e significa:

Resiliar [résilier] é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [redondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re)constitua.<sup>706</sup>

Uma pessoa resiliente tem a capacidade de lidar bem e superar situações adversas, transformando essas situações em oportunidade de crescimento, criando novas perspectivas. Todas as pessoas possuem essa capacidade em maior ou menor medida e pode variar ao longo da vida, sendo influenciada por fatores externos. A capacidade de resiliência da pessoa aumenta na medida em que ela tem apoio da família e também da comunidade de fé que lhe fornece força espiritual.<sup>707</sup>

Nesta direção, o cuidado com pessoas com HIV e AIDS busca resgatar a dignidade das pessoas, de forma que elas possam sentir-se aceitas e amadas pela família, pela sociedade e, da mesma forma, restabelecer a conexão com Deus. “As pessoas que sofrem com o HIV deverão ser empoderadas a começar a viver a vida apesar da realidade do vírus. Portanto a pergunta pastoral é: como viver sua situação positiva em termos de uma esperança realista?”<sup>708</sup>

Conforme Lothar Hoch, a dimensão terapêutica da comunidade esteve presente desde o início do cristianismo e amplamente destaca no ministério e atuação de Jesus. “O exercício prático do ministério da cura e da consolação recebeu o nome de poimênica, isto é, o ato de pastorear o rebanho, buscar a ovelha desgarrada e curar o doente”.<sup>709</sup>

O cuidado às pessoas em situações de fragilidade é uma tarefa importante das comunidades cristãs e demais instituições religiosas. Conforme Schneider-Harpprecht, diferentes termos e conceitos podem ser usados para descrever a tarefa de cuidado às pessoas. Aconselhamento pastoral, que é uma tradução do inglês *pastoral counseling*<sup>710</sup>, poimênica,

<sup>706</sup> ROCCA LARROSA, Susana. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos et al. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL, 5, 2006. *Anais do V Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral: Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007. p. 10.

<sup>707</sup> ROCCA, 2007, p. 12.

<sup>708</sup> LOUW, 2012, p. 312.

<sup>709</sup> HOCH, 1998. p. 21.

<sup>710</sup> O termo *Counseling*, aconselhamento, indica uma prática que tem por objetivo ajudar as pessoas que enfrentam problemas, conflitos e crises a ajudar a si mesmas. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph e HOCH, Lothar Carlos. *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 82.

clínica pastoral (que é utilizado para descrever o atendimento pastoral em serviços de saúde) e psicologia pastoral (utilizado com elementos da psicologia) são alguns deles.<sup>711</sup>

A poimênica pode ser definida como um “ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja”.<sup>712</sup> Conforme Clinebell a poimênica é um cuidado mais amplo e que pode durar por uma vida inteira.<sup>713</sup> Já o aconselhamento pastoral é uma dimensão da poimênica e quer “ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas”.<sup>714</sup> O Aconselhamento pastoral atende às necessidades pontuais das pessoas em determinados momentos da vida. É um acompanhamento de curta duração.<sup>715</sup> O aconselhamento é uma conversa que tem por objetivo resolver um problema específico e pontual, por isso dura apenas um curto espaço de tempo.<sup>716</sup>

Clinebell utiliza uma definição de poimênica que parte do grego *poimen*-pastor, e é utilizado como tradução do termo inglês *pastoral care*. Na compreensão dele, tanto a poimênica quanto o aconselhamento pastoral são instrumentos importantes com os quais as igrejas e comunidades religiosas podem contribuir no cuidado às pessoas em momentos de fragilidade, através do resgate de relacionamentos profundos, seja com os/as outros/as ou consigo mesmo/a, proporcionando crescimento.<sup>717</sup>

Josuttis define poimênica:

Tal práxis do Evangelho realiza-se em formas múltiplas: na assistência a doentes e sua cura, na defesa do direito, na amenização e superação de problemas sociais, na luta política por liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens. Poimênica é aquela forma da *práxis* de evangelho no qual se busca, no diálogo entre dois parceiros ou na dimensão de grupo, ajuda curativa e aconselhadora para a vida.<sup>718</sup>

Conforme Clinebell, tanto a poimênica como o aconselhamento pastoral não possuem um modelo pronto para ser colocado em prática, mas consistem na aplicação de diferentes métodos e recursos que possibilitem fomentar o crescimento do indivíduo de forma que possa

<sup>711</sup> Schneider- Harpprecht faz um apanhado histórico da poimênica e aconselhamento pastoral, no entanto não iremos aprofundar estes pontos, pois pretendemos apenas dar um panorama geral sobre os conceitos e definições destes termos. SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 291- 319.

<sup>712</sup> SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 291 e 292.

<sup>713</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007. p. 25.

<sup>714</sup> SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 291 e 292.

<sup>715</sup> CLINEBELL, 2007, p. 25.

<sup>716</sup> COLLINS, 2000, p. 30.

<sup>717</sup> CLINEBELL, 2007, p. 14 e 15.

<sup>718</sup> JOSUTTIS, Manfred. *Prática do evangelho entre política e religião: problemas básicos da teologia prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 115. Retirado de JANTSCH, Rolf Karl. *O uso da Bíblia na Poimênica: perspectivas a partir da leitura popular*. São Leopoldo, 1987. p. 19.

superar o momento de crise. A poimênica e o aconselhamento pastoral, na compreensão holística defendida por Clinebell, buscam elementos tanto na psicologia quanto na teologia para promover cura e crescimento em todas as dimensões do ser humano, considerando a sua integralidade, não apenas individual, mas também no âmbito familiar e social.<sup>719</sup> O autor desenvolve um modelo holístico de poimênica e aconselhamento que vê os seres humanos “como possuidores de forças, potencialidades e recursos não descobertos e não desenvolvidos”.<sup>720</sup> Um modelo de poimênica e aconselhamento pastoral centrados no modelo holístico têm como objetivos desenvolver as habilidades e capacidades do indivíduo de forma que ele possa retomar o crescimento em todos os aspectos de sua vida.<sup>721</sup>

Na compreensão de Clinebell:

Um dos objetivos da poimênica e do aconselhamento é capacitar as pessoas a reagir às suas crises encarando-as como oportunidade de crescimento. Esse objetivo é atingido empregando-se métodos de curto prazo em casos de crise, por meio de grupos de apoio e crescimento, bem como através de pessoas e de grupos leigos de poimênica.<sup>722</sup>

Poimênica e aconselhamento pastoral, embora não signifiquem exatamente a mesma coisa, se complementam. As duas dimensões fazem parte de uma compreensão mais ampla de cuidado terapêutico. Conforme Anete Roese: “Não é possível excluir o aconselhamento pastoral e a poimênica do campo do cuidado porque suas proposições metodológicas sempre fazem parte do leque metodológico que é preciso considerar quando do cuidado em uma comunidade ou de um grupo”.<sup>723</sup>

Através de um conceito amplo de poimênica e aconselhamento pastoral, Schneider-Harpprecht define essa tarefa como uma função de toda comunidade de fé e não apenas de ministros/as ordenados/as. Segundo ele o aconselhamento acontece no convívio das pessoas, quando estas conversam sobre suas dificuldades e problemas, tanto no âmbito familiar, quanto comunitário e social. Para ele, o aconselhamento pastoral inclui elementos litúrgicos, elementos do ensino, da missão e da dimensão da diaconal da comunidade.<sup>724</sup>

Na compreensão de Lothar Hoch, a comunidade eclesial tem uma função terapêutica. A comunidade é um espaço que promove as relações, além de ser possível construir um

<sup>719</sup> CLINEBELL, 2007, p. 18 e 25.

<sup>720</sup> CLINEBELL, 2007, p. 28.

<sup>721</sup> CLINEBELL, 2007, p. 30.

<sup>722</sup> CLINEBELL, 2007, p. 33.

<sup>723</sup> ROESE, Anete. *Espaços de cuidado, movimentos de ressurreição: teoria e método para o processo de acompanhamento pastoral terapêutico de grupos*. Tese (doutorado em Teologia). São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, 2004. p. 64

<sup>724</sup> SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 292.

sentimento de pertença a um grupo. A associação do termo ‘terapêutico’ com ‘comunidade’, lembra que seres humanos são relacionais e por isso necessitam de atenção e afeto.<sup>725</sup>

A compreensão da poimênica como algo que acontece ao longo da vida possibilita compreender os grupos (de mulheres, jovens, homens, crianças) como espaços de cuidado mútuo que promovem crescimento e cura. Neste sentido, pode-se dizer os grupos de leitura da Bíblia, são espaços em que a poimênica é colocada em prática. O grupo torna-se um espaço de crescimento e libertação de forma coletiva com outras mulheres que vivem situações semelhantes. Da mesma forma, esse processo de libertação está conectado com a comunidade e a sociedade, num diálogo constante de busca pela superação e transformação de situações que promovem opressão. Rosemary Ruether afirma que “a conversão para uma nova humanidade não pode acontecer no isolamento”.<sup>726</sup>

O ser humano não vive de forma isolada e necessita de cuidado e de relações sadias com outros indivíduos. Segundo Oliveira, “o cuidado como categoria teológica cristã remonta aos primórdios da Igreja, já nos escritos paulinos”.<sup>727</sup> O cuidado com ser humano, especialmente quando este se encontra em situações de conflitos ou crises, está interligado com as outras dimensões da vida eclesial, tais como culto, liturgia, visitação. “O cuidado humano é um processo de empoderamento, de crescimento e de realização da humanidade”.<sup>728</sup>

Leonardo Boff fala que o “cuidar da alma implica em cuidar dos sentimentos, dos sonhos, dos desejos, das paixões contraditórias, do imaginário, das visões e utopias que guardamos escondidas dentro do coração”.<sup>729</sup> O cuidado pressupõe o envolvimento afetivo com a outra pessoa, escuta atenta e empática. No aconselhamento se estabelece uma relação de confiança entre pessoas.

A poimênica e o cuidado pastoral no contexto latino-americano receberam influência de diferentes contextos, especialmente norte-americano.<sup>730</sup> Da mesma forma que recebe influência de fora, também é influenciado por outras áreas do conhecimento, especialmente da

---

<sup>725</sup> HOCH, 1998, p. 28.

<sup>726</sup> RUETHER, 1993, p. 15.

<sup>727</sup> OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 33.

<sup>728</sup> PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa et al. O cuidado humano: reflexão ética acerca dos portadores do HIV/AIDS. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 13, n. 4, p. 569-575, ago. 2005. p. 572. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692005000400016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000400016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

<sup>729</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 149.

<sup>730</sup> Veja mais sobre cuidado pastoral em: THURNEYSSEN, Eduard. *A Theology of Pastoral Care*. Virginia: John Knox Press – Richmond, 1962.

psicologia. Diferentes modelos de poimênica e aconselhamento pastoral foram desenvolvidos, alguns com maior ou menor influência até os dias de hoje.<sup>731</sup>

Na compreensão de Schneider-Harpprecht, os cuidados espiritual e social andam juntos. Neste sentido, ele aborda uma dimensão do cuidado pastoral que leva em conta o contexto no qual as pessoas estão inseridas. No contexto latino-americano, por exemplo, essa dimensão considera as situações de pobreza no qual vivem grande parte da população.<sup>732</sup> Esta dimensão é importante, pois vai de encontro ao tema desta tese, que aborda três diferentes metodologias de leitura da Bíblia, que tem como base de sua reflexão o contexto e a experiência das pessoas envolvidas no processo. Através dessa compreensão de aconselhamento/cuidado pastoral é possível fazer uma relação com a necessidade de olhar para a realidade daqueles/as a quem dedicamos as ações de cuidado, e no caso desta tese, as mulheres com HIV e AIDS.

As pessoas empobrecidas, mulheres, doentes, pessoas com deficiência, homens e mulheres com HIV e AIDS fazem parte do mesmo sistema que as exclui e marginaliza. Por isso, é importante considerar o contexto no qual as pessoas que buscam por auxílio estão inseridas. Fazendo uma conexão neste sentido com a Teologia da Libertação é importante ‘Ver’ a realidade, e analisá-la de forma crítica, de maneira que se tenha elementos suficientes para a ‘Julgar’ a situação que se apresenta e juntas pensar em como ‘agir’ na busca pela transformação individual ou do contexto do qual a pessoa faz parte.

Conforme Lothar Hoch, a Teologia da Libertação não dedicou atenção especial a dimensão do cuidado pastoral do povo. Seu enfoque era muito mais a dimensão social e econômica das pessoas envolvidas.<sup>733</sup> O teólogo prático Lothar Hoch propõe um modelo de aconselhamento pastoral que tem uma dimensão libertadora da situação de opressão à que estão submetidos/as os/as pobres no contexto latino-americano e brasileiro. Segundo Hoch:

Sob Aconselhamento Pastoral Libertador entendo uma ação pastoral que, a partir da fé cristã, se propõe a solidarizar-se com pessoas em situação de crise e sofrimento através do diálogo, do estabelecimento duma relação de ajuda e da mobilização dos recursos terapêuticos da comunidade, ajudando-a inclusive a descobrir as causas estruturais que geram o sofrimento.<sup>734</sup>

---

<sup>731</sup> SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 302 – 308. O autor descreve quatro modelos diferentes de aconselhamento pastoral que se desenvolveram na América Latina, são eles: O modelo fundamentalista; O modelo evangélico de psicologia pastoral; o modelo holístico de libertação e crescimento; o modelo contextual de uma poimênica da libertação;

<sup>732</sup> SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 292.

<sup>733</sup> HOCH, 1998, p. 23.

<sup>734</sup> HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. *Estudos Teológicos*, v. 29, p. 17-40, 1989. p. 17.

Conforme Hoch, a Teologia da Libertação despertou novos olhares para o cuidado das pessoas, especialmente do povo pobre e oprimido. Todas essas questões não influenciam apenas o modo de se fazer Teologia Prática, mas também desafia o aconselhamento pastoral.<sup>735</sup> A opção pelos/as pobres feita por teólogos e teólogas a partir de 1970, se deu como um grito de resistência contra forças políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas, que oprimiam e marginalizavam homens, mulheres, jovens, idosos e crianças afetando a dignidade de vida das pessoas. Considerando que o contexto em que vivemos afeta a vida das pessoas em todos os sentidos, o aconselhamento não pode permanecer neutro diante de situações que promovem opressão.<sup>736</sup> Schneider Harpprecht afirma que os modelos de aconselhamento pastoral existentes não condiziam com a realidade dos/as pobres. Segundo ele: “as pessoas pobres sofrem de um acúmulo de problemas e esperam soluções imediatas, enquanto que boa parte das teorias de aconselhamento tem alvos de médio e longo prazo”.<sup>737</sup>

Faz-se necessário, portanto, considerar que a vida está interligada com os problemas sociais, tais como a pobreza, o desemprego, a falta de moradia, de condições adequadas de saúde e aliado a isso a proliferação de doenças, incluindo a AIDS, que têm apresentado crescimento entre as populações mais empobrecidas. Neste sentido, Sara Baltodano destaca a importância da dimensão política do cuidado pastoral, que ajuda a entender, por exemplo, quais os fatores que contribuem para o empobrecimento da população. Ainda segundo a autora, a Bíblia se apresenta como uma ferramenta importante, pois nela estão contidos ensinamentos sociopolíticos.<sup>738</sup>

Hoch destaca a importância que a Bíblia exerceu no processo de libertação do povo no contexto latino-americano, influenciada pela Teologia da Libertação nos processos de conscientização do povo pobre e oprimido. “A práxis latino-americana de libertação em geral, pelo menos a que se dá no seio das igrejas, é uma práxis bíblica de libertação”.<sup>739</sup> O aconselhamento pastoral libertador necessita considerar o contexto social, econômico, cultural e religioso que promove a opressão de homens e de mulheres nos diferentes contextos. “A poimênica precisa capacitar as pessoas para descobrir o pecado estrutural da sociedade injusta

---

<sup>735</sup> HOCH, 1989, p. 25.

<sup>736</sup> BALDODANO, Sara. Rostos Empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. e HOCH, Lothar Carlos. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo/São Leopoldo: ASTE/CETELA, 2008. p. 199.

<sup>737</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2013, p. 79.

<sup>738</sup> BALDODANO, 2008, p. 196 e 197.

<sup>739</sup> HOCH, 1989, p. 29.

na sua vida individual, familiar e social, e ajuda-las a questionar a sua situação e tornar-se ativas na luta pela libertação”.<sup>740</sup>

O aconselhamento pastoral comprometido com as pessoas em situações de pobreza, utilizando o conceito amplo de pobre, que inclui as mulheres, deve ajudar as pessoas a dar-se conta das situações que promovem a opressão e encontrar maneiras de lutar contra essas situações, pois na medida em que as pessoas vão se dando conta de todos os fatores que colaboram para a opressão vão se comprometendo com a transformação de maneira coletiva. É importante considerar o contexto e as questões que causam opressão e afetam o coletivo, mas não se pode esquecer de cuidar do indivíduo e dos sofrimentos pessoais do ser, dentro deste contexto. Afinal, “as pessoas empobrecidas têm dificuldades de expressar seus sentimentos; elas fazem parte da cultura do silêncio. Elas têm sido pessoas sem voz que ninguém escuta”.<sup>741</sup>

Se as pessoas pobres acreditam que não tem algo para contribuir, o mesmo acontece com as pessoas com HIV e AIDS. O estigma que afasta as pessoas com HIV e AIDS do convívio social, quando sentem não mais fazer parte desta sociedade e família, as faz crer que pouco têm a contribuir. As mulheres, especialmente aquelas que não trabalham fora de casa, entendem que nada há de interessante nas tarefas domésticas. Assim, é importante conscientizar as pessoas oprimidas e marginalizadas, as mulheres e, de forma especial, as mulheres com HIV e AIDS, de que elas têm algo para contribuir.

Para ajudar as pessoas a dizer o que pensam e sentem e romper com a cultura do silêncio, faz-se necessário encontrar métodos e ferramentas que ajudam as pessoas a dizer o que pensam. Neste sentido, a Bíblia é uma ferramenta útil que pode ajudar as pessoas no processo de crescimento e cura. Para alguns/as autores/as a Bíblia é elemento fundamental e deve ser usado sempre, mas para outros/as autores/as é preciso ter mais cautela quanto ao uso da Bíblia no aconselhamento e na poimênica.<sup>742</sup>

O uso da Bíblia está condicionado ao nosso conceito de poimênica. Portanto, é muito importante considerar este aspecto, pois as nossas colocações posteriores partirão de um determinado conceito de poimênica. A maioria dos peritos está de acordo que poimênica é práxis do evangelho. Mas não é suficiente dizer isto.<sup>743</sup>

<sup>740</sup> SCHNEIDER HARPPRECHT, 1998, p. 291.

<sup>741</sup> BALODANO, 2008, p. 200 e 201.

<sup>742</sup> Clinebell fala sobre o uso da Bíblia na poimênica, especialmente ao ressaltar que amplamente o testemunho bíblico narra a “integralidade” do ser humano e sua necessidade de ajuda constante. Mais especialmente a necessidade de ter vida em abundância (Jo 10.10) e de encontrar continuamente formas de exercitar os dons em favor do próximo, como na parábola dos talentos (Mt 25.14-30). (CLINEBELL, 2007, 48ss.)

<sup>743</sup> WANGEN, Richard Harvey. O uso e abuso da Bíblia na poimênica. *Estudos Teológicos*, v. 19, n.2, p. 95-106, 1979. p. 97.

O cuidado/aconselhamento pastoral que visa a transformação da realidade de marginalização e exclusão social à que são submetidas mulheres com HIV e AIDS carece de refletir sobre os fatores que contribuem para que essa situação aconteça. A Bíblia foi elemento importante na transformação da sociedade durante as lutas de libertação do povo da América Latina, no contexto sul africano e também no inacabado processo libertação das mulheres. Por isso, acredita-se que a Bíblia pode contribuir na transformação da realidade de mulheres com HIV e AIDS.

A leitura da Bíblia é um elemento que pode ser integrado no cuidado/aconselhamento pastoral que visa promover cura e crescimento para pessoas em dificuldade. “Os acompanhamentos pastorais de escuta, de leitura da Bíblia em comunidade ajudam no processo de integração e revalorização da vida dessas mulheres”.<sup>744</sup>

O aconselhamento/cuidado pastoral deve levar em conta o sofrimento humano. Por isso, também precisa reconhecer o sofrimento das mulheres, fruto de situações que oprimem e mantêm as mulheres numa relação de subordinação. Neste sentido, a teologia feminista tem um importante papel na luta pela dignidade das mulheres e ao longo do tempo foi desenvolvendo novas metodologias para responder às necessidades que se colocam, especialmente no contexto das mulheres. As metodologias feministas baseadas no conceito de gênero, consideram as questões sociais, culturais e religiosas que contribuem para silenciar as mulheres diante de situações de opressão. Isto se reflete também quando se pensa a dimensão do aconselhamento/cuidado para as mulheres nas comunidades de fé. Segundo Carla Grossmann: “O aconselhamento pastoral feminista desmitifica esse determinismo biológico ao afirmar que mulheres e homens são culturalmente, e não biologicamente determinadas/os, e que são dispostas/os a enfermidades e patologias por influência do ambiente, e não por causas internas”.<sup>745</sup>

Conforme Clinebell, a Teologia da Libertação, e nisto ele inclui a teologia latino-americana, a africana, a negra e também a teologia feminista, resgatam o Deus comprometido com a libertação do povo, descritas no Antigo e Novo Testamento. A libertação não diz respeito apenas a uma esfera pessoal, mas também social. Requer a libertação de situações sociais, políticas e econômicas que promovem a opressão do povo. O amor de Deus não pode ser compreendido de forma plena, enquanto pessoas têm sua dignidade negada.<sup>746</sup>

---

<sup>744</sup> MENA LÓPEZ; RAMÍREZ, 2012, p. 370.

<sup>745</sup> GROSSMANN, Carla Andrea. *O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 15.

<sup>746</sup> CLINEBELL, 2007, p. 51.

A teologia feminista se fundamenta nesta perspectiva libertária, como assegua Rosemary Reuther:

juntamente com outras teologias da libertação, arranca as mistificações ideológicas que se desenvolveram nas tradições da interpretação bíblica e que ocultaram o conteúdo libertador. A defesa profética dos pobres e oprimidos e a denúncia de hierarquias sociais e religiosas adquirem um foco claro quando se assume uma postura de justiça social e não de colaboração com poderes injustos.<sup>747</sup>

A feminização da epidemia de HIV e AIDS foi, inicialmente, relacionada à maior liberdade sexual das mulheres, isso pode evidenciar que a liberdade sexual não veio acompanhada de uma educação sexual capaz de alcançar a todas as mulheres, nas diferentes faixas etárias e condições sociais. “Não basta livre expressão sexual, se não há espaço de liberdade social, construção da cidadania e garantia de direitos humanos”.<sup>748</sup> A teologia feminista contribui para denunciar as situações injustas e opressoras que afetam as mulheres, apontando as causas dessas situações e atuando na luta por libertação e transformação dos sistemas que promovem opressão.<sup>749</sup>

Segundo Carla Grossmann, a teologia feminista reconhece que a situação de opressão à que as mulheres estão submetidas depende de diversos fatores sociais, culturais e econômicos e todos esses fatores devem ser considerados no processo de identificação das causas da opressão. O aconselhamento/cuidado pastoral que leva em conta a experiência das mulheres, precisa também considerar o contexto no qual as mulheres estão inseridas. “Primeiramente, o aconselhamento pastoral deve levar em consideração a realidade social e cultural que nos cerca. Esta realidade é, até o momento, marcada pelo patriarcalismo e pelo sexismo”.<sup>750</sup> A violência doméstica, o estupro, a exploração do trabalho e econômica das mulheres são resultados da sociedade patriarcal e sexista e que marcam profundamente a experiência das mulheres de maneira negativa.

O eixo principal da teologia feminista é a libertação das mulheres da opressão através da transformação social. Conforme Ackermann, a teologia feminista é Teologia Prática na medida em que está comprometida com as “implicações das nossas ações de fé para as mulheres”.<sup>751</sup> Por isso,

<sup>747</sup> RUETHER, 1993, p. 33.

<sup>748</sup> BERNARDI, 2004, p. 28.

<sup>749</sup> GROSSMANN, 1995, p. 11.

<sup>750</sup> GROSSMANN, 1995, p. 32.

<sup>751</sup> ACKERMANN, 1991, p. 107. Texto no idioma original: “With the implications of our faith actions for women”.

O cuidado terapêutico pastoral de cunho feminista introduz a categoria gênero como um referencial teórico chave para a análise de conflitos, situações e estruturas que provocam sofrimento. A partir deste referencial, o sofrimento é interpretado dentro de uma perspectiva sócio-histórica e cultural, onde é gerado também por estruturas relacionais estereotipadas, desumanas e injustas. Dentro desta perspectiva se reconhece que há uma organização social em termos de gênero, etnia, classe, geração, etc. que determina privilégios maiores e menores para grupos diferentes, que levam a sofrimentos e inclusive à morte, como acontece nos casos de violência doméstica, eliminação de homossexuais, matança de homens entre si nas guerras e outros confrontos armados. A área do cuidado terapêutico feminista compreende que muitos dos conflitos e sofrimentos individuais, familiares e sociais estão calcados sob condicionamentos rígidos de papéis, estruturas e modelos de gênero. Analisa as expectativas sócio-culturais em relação aos papéis de gênero que a pessoa deve cumprir e como prerrogativa afeta e desorienta a pessoa em relação à sua integridade pessoal e singular.<sup>752</sup>

O cuidado pastoral realizado em muitas comunidades por ministros/as, muitas vezes tratar apenas dos problemas emocionais, psicológicos e de fé de maneira isolada, sem considerar que fatores externos exercem influência sobre o comportamento dos indivíduos e determinam como reagem a determinadas situações. Neste sentido,

O conselheiro pastoral precisa ser informado sobre, sensível para e resistente às realidades esmagadoras do patriarcado e como eles afetam as mulheres (e homens) em todos os níveis de suas vidas. Muito de nossa teologia pastoral e do nosso aconselhamento pastoral funciona como se esta realidade não fosse assim.<sup>753</sup>

O aconselhamento ou cuidado pastoral que acontece em muitas comunidades de fé, não possui pessoas preparadas para lidar com situações que ferem a dignidade das mulheres. Falta de sensibilidade por parte de ministros/as para lidar com questões como violência, estupro, assédio sexual, aborto, gravidez na adolescência, HIV e AIDS e outros tantos temas dessa ordem geram um processo de acompanhamento insatisfatório. Precisariam, ao contrário, ser realizados por pessoas sensíveis e preparadas de forma que não emitam algum tipo de julgamento sobre a mulher que busca apoio espiritual ou psicológico.<sup>754</sup> “A experiência das mulheres tem sido largamente deixada de fora das histórias da cultura e que as experiências e as interpretações dos homens, a cultura dominante, têm sido utilizadas como normativa na criação de teorias (e teologias)”.<sup>755</sup>

<sup>752</sup> ROESE, 2004, p. 185.

<sup>753</sup> NEUGER, Christie Cozad. *Counseling Women – A Narrative, Pastoral Approach*. Minneapolis: Fortress Press, 2001. p. 15. Texto no idioma original: “The pastoral counselor needs to be informed about, sensitive to, and resistant to the overwhelming realities of patriarchy and how they affect women (and men) at every level of their lives. Too much of our pastoral theology and our pastoral counseling operates as if this reality were not so”.

<sup>754</sup> ACKERMANN, 1991, p. 110.

<sup>755</sup> NEUGER, 2001, p. 35. Texto no idioma original: “Women’s experience has largely been left out of the culture’s stories and that men’s experiences and interpretations, the dominant culture, have been used as normative in creating theories (and theologies)”.

Nesta direção, a teologia feminista trouxe contribuições importantes que ajudam a romper o silêncio que existe em torno da história das mulheres. Faz-se necessário desconstruir com os sistemas excludentes e opressores e resgatar a experiência das mulheres. Utilizando-se da teologia feminista surge o aconselhamento pastoral feminista que “faz uma denúncia e uma crítica inicial às teorias masculinas de aconselhamento pastoral, as quais têm como base o determinismo biológico de homens e mulheres e não reconhecimento da relação de dominação/submissão entre os sexos”.<sup>756</sup> As construções sociais e de gênero carecem ser consideradas e desconstruídas. Segundo Musa Dube:

A luta contra o HIV e AIDS, portanto, precisa levar a sério a compreensão feminista de cura, que é falado em termos de libertação das expectativas patriarcais e regras, relacionamentos abusivos, estereótipos forçados e situações que sufocam o crescimento como, relações rompidas e não só em nível pessoal, mas também interpessoal e global. A cura é a libertação. É a criação e manutenção da relação de libertação interdependente.<sup>757</sup>

As estatísticas mostram que a violência contra as mulheres é bastante elevada e tem se tornado algo cada vez mais comum. Em certo sentido, ela é tolerada pela sociedade e pelas instituições religiosas. Conforme abordado no primeiro capítulo, a violência contra as mulheres é dos fatores que contribui para o aumento da epidemia de HIV e AIDS entre as mulheres, especialmente entre as mulheres casadas. Mulheres em situação de violência têm pouca ou nenhuma chance de negociar relações seguras.

A violência contra as mulheres é, muitas vezes, entendida como algo que faz parte dos relacionamentos, e por isso é algo sobre o qual não se fala. Textos bíblicos são usados pelos homens para justificar a subordinação das mulheres e assim mantêm o silêncio das mulheres diante de diferentes situações de violência e opressão. Conforme Clinebell:

A Bíblia e a teologia tradicional, bem como as confissões de fé de todos os séculos, foram derivadas quase que inteiramente das experiências espirituais de homens. A rica contribuição das mulheres foi, em grande parte suprimida e ignorada na herança judaico-cristã (...) O uso sexista da Bíblia e da teologia criada por indivíduos do sexo masculino é uma trágica ilustração da tese central da teologia da libertação: imagens e interpretações teológicas tendem a manter o poder e os privilégios da elite da sociedade que criou esta teologia.<sup>758</sup>

<sup>756</sup> GROSSMANN, 1995, p. 16.

<sup>757</sup> DUBE, 2004, p. 12. Texto no idioma original: “The HIV/aids struggle, therefore, needs to take seriously the feminist understanding of healing, which is spoken of in terms of liberation from patriarchal expectations and roles, abuse relationships, constricting stereotypes, and growth-stifling situations as, 'broken bonds' and 'not only personal but also interpersonal and global". Healing is liberation. Is the creation and maintenance of relationship of liberation interdependence”.

<sup>758</sup> CLINEBELL, 2007, p. 59-60.

O silêncio das mulheres diante de situações de violência e opressão deve-se ao fato de as mulheres compreenderem que merecem viver aquilo que estão passando. Elas foram ensinadas a não questionar. Por isso, pessoas que atuam como cuidadoras precisam estar preparadas para auxiliar mulheres que sofreram violência e estar atentas aos riscos que essas situações representam no contexto da epidemia. “Muitas mulheres virão para o aconselhamento, e passarão por todo processo de aconselhamento, sem ter ao menos mencionado que são sobreviventes ou vítimas da violência”.<sup>759</sup> O problema disto está na sensibilidade do/a aconselhador/a, que não consegue perceber ou não está preparado/a para lidar com as questões relacionadas aos corpos das mulheres. O cuidado pastoral com enfoque feminista “está atento para as conversas, os silêncios e as queixas. Não apenas ouve queixas vagas, mas problematiza, suspeita e busca conhecer o que está por trás de certas expressões, como as das mulheres do grupo da igreja”.<sup>760</sup> A hermenêutica da suspeita contribuiu com elementos que podem ser adaptados para a atuação no trabalho pastoral com as mulheres, seja no acompanhamento individual ou em grupo. Importa para a Teologia Feminista regatar a dignidade das mulheres, através da denúncia de situações que produzem opressão. Reconhecer as situações nas quais a violência e opressão são fundamentadas é parte importante do processo de cura e crescimento das mulheres. Neste sentido, momentos de conversa em grupo podem ser um elemento útil no reconhecimento de situações de opressão, bem como torna o processo de identificação das causas da opressão mais fácil.

A poimênica ou aconselhamento pastoral individual é fundamental. Há questões que precisam ser tratadas com atenção especial e não podem ser expostas diante de outras pessoas. No entanto, uma outra forma de desenvolver este ministério de cuidado e que pode ser utilizada é através de grupos, especialmente quando se considera a dimensão libertadora do cuidado pastoral. Conforme Hoch:

Os encontros grupais servem para discutir problemas coletivos e para encontrar estratégias grupais de superação de problemas que atingem a toda a comunidade. Essa perspectiva grupal preserva as pessoas e a própria poimênica de um estreitamento individualista na medida em que ali se enfocam os problemas dentro de uma perspectiva macroestrutural. É importante que ocorra, simultaneamente, um processo de personalização e de socialização da dor.<sup>761</sup>

---

<sup>759</sup> NEUGER, 2001, p. 29. Texto no idioma original: “Many women will come to counseling, and even go through the whole counseling process, without ever having mentioned that they are survivors or current victims of violence”.

<sup>760</sup> ROESE, 2004, p. 184.

<sup>761</sup> HOCH, 1989, p. 35.

O aconselhamento em grupo possibilita que as mulheres desenvolvam com maior facilidade a consciência sobre o contexto e as causas da opressão e subordinação. O processo de conscientização que acontece em grupo contribui para que as mulheres percebam que elas não estão sozinhas e que outras mulheres compartilham da mesma situação que elas. A experiência de mulheres com HIV e AIDS é, muitas vezes, de isolamento e solidão. Neste sentido, o grupo torna-se um espaço importante de apoio. Ao partilhar seus sentimentos ocorre um processo de crescimento em grupo.<sup>762</sup> Os processos de leitura popular, contextual e feminista da Bíblia trazem elementos que ajudam as mulheres a partilhar suas histórias de vida em conexão com a Bíblia.

Em muitas comunidades de fé são desenvolvidos trabalhos com diferentes grupos, tanto para homens, mulheres, jovens e crianças. O grupo pode ser um espaço de partilhar experiências, onde as pessoas se identificam com as histórias de vida umas das outras. Entretanto, para que esse grupo seja um espaço terapêutico é importante que sejam trazidas questões com as quais as pessoas se identifiquem. Para as pessoas com HIV e AIDS é importante poder falar sobre a doença, mas também é importante que o grupo seja um espaço em que outras dimensões da vida possam ser trazidas para discussão. Para muitas mulheres este pode ser o espaço que elas necessitam e onde se sintam confiantes para falar sobre questões que não podem ser ditas em outros espaços.

Se o grupo da comunidade reúne mulheres durante anos a fio, mas apenas tematiza como fundamentais textos bíblicos que não têm exatamente uma relação com o cotidiano das mulheres que ali estão, elas continuarão a buscar e sentir apenas um “alívio” no encontro do grupo. O grupo se torna um momento de “esquecimento” da vida cotidiana, mas não um lugar onde o evangelho transforma e faz sentido. Trata-se de levar a sério as queixas de mulheres e de homens, e procurar compreender como a construção de gênero contribuiu para estes sofrimentos.<sup>763</sup>

Através do uso de textos bíblicos que falam da experiência de mulheres na Bíblia é possível resgatar o sentimento de que as histórias das mulheres também são importantes. Isso poderá contribuir para que se sintam motivadas a contar a sua história pessoal, suas lutas, angústias e sofrimentos. Resgatar o protagonismo das mulheres na Bíblia pode contribuir para resgatar o protagonismo das mulheres que sofrem com a violência dos seus companheiros, das que foram infectadas pelo HIV e AIDS, das que são inferiorizadas nos espaços públicos pelo

---

<sup>762</sup> GROSSMANN, 1995, p. 35.

<sup>763</sup> ROESE, 2004, p. 185.

simples fato de ser mulher. No grupo, “as mulheres aprendem que juntas elas têm mais força para mudar aquilo que não conseguem mudar individualmente”.<sup>764</sup>

As questões que afetam a vida das mulheres com HIV e AIDS são diversas e, por isso, é importante que haja espaços onde elas possam sentir-se acolhidas e amparadas. O cuidado com as mulheres com HIV e AIDS precisa ser um espaço que as ajude a encontrar vida e esperança.<sup>765</sup> Segundo Christina Landman:

Pessoas que vivem com HIV/AIDS vivem mais tempo e uma vida melhor quando recebem cuidado espiritual. Também elas são consoladas e fortalecidas por suas crenças e práticas religiosas e espirituais a tal ponto que faz uma grande diferença para a qualidade de suas vidas.<sup>766</sup>

Gerald West e Bongzi Zengele defendem que para ler a Bíblia com pessoas com HIV e AIDS é preciso que eles/as sejam os produtores e as produtoras de conhecimento. É necessário dar voz à experiência de homens e mulheres com HIV e AIDS. Conforme o autor e a autora,

A questão sobre o que lemos da Bíblia e como lemos a Bíblia no contexto HIV/AIDS deve ser constituída substancialmente pela colaboração concreta com pessoas que vivem com o vírus. Todos nós somos afetados, e todos estamos sendo em parte constituídos pelas realidades diárias do HIV/AIDS, mas nem todos estamos infectados.<sup>767</sup>

Os textos bíblicos do Novo Testamento mostram como Jesus agia com as pessoas excluídas e marginalizadas de seu tempo. As ações de Jesus não representavam apenas a cura das pessoas, mas também o resgate da dignidade e o respeito a vida das pessoas marginalizadas e estigmatizadas, como é o caso das pessoas com HIV e AIDS nos dias de hoje.

A Bíblia e a tradição cristã contêm numerosos relatos sobre pessoas curadas de sua enfermidade por intervenção divina, mas também de narrações acerca de pessoas afetadas por enfermidades graves, acidentes e perdas que, apesar de tudo encontraram uma maneira de seguir adiante. Também isto temos que ver como uma obra de Deus. São estas histórias que nos falam de como as pessoas encontram não

---

<sup>764</sup> GROSSMANN, 1995, p. 34.

<sup>765</sup> CMI. *Manual Ouvindo com amor*. Genebra: Programa Executivo de Saúde Mental e Cura do Conselho Mundial de Igrejas. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/en/folder/documents-pdf/listeningwithlove-e.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

<sup>766</sup> LANDMAN, Christina. Spiritual care giving to women Affected by HIV/AIDS. In: PHIRI, Isabel Apawo et al. *African Women, HIV/AIDS, and Faith Communities*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003. p. 189. Texto no idioma original: “People living with HIV/AIDS live longer and better lives when they receive spiritual care. Also they are comforted and strengthened by their religious and spiritual beliefs and practices to such an extent that it makes a marked difference to the quality of their lives”.

<sup>767</sup> WEST e ZENGELE, 2004, p. 126. Por isto também, segundo os mesmos autores, são as mulheres com HIV e AIDS que devem dizer que textos bíblicos gostariam de ler, quais textos fazem sentido para eles/as.

apenas uma maneira de viver, mas também de uma vida cheia de sentido e significado.<sup>768</sup>

O aumento da expectativa de vida das pessoas infectadas pelo HIV possibilita que essas pessoas encontrem novos rumos para sua vida. O HIV e a AIDS não representam o fim da vida, mas o recomeço de uma nova história, marcada por superações e otimismo e fé. “As histórias de pessoas vivendo com HIV e AIDS não são apenas histórias de sofrimento. Elas são também histórias de triunfo, resistência e esperança”.<sup>769</sup>

Christina Landman propõe um modelo de aconselhamento pastoral para mulheres com HIV e AIDS que consiste em trabalhar com as narrativas das histórias de vida dessas mulheres. Ao narrar sua história, que será cheia de dor e sofrimento, é preciso que quem escuta esteja atento/a a detalhes que possam ajudar essas mulheres a reconstruir sua história, identificando pontos fortes e positivos e dando novo sentido a elas dentro da realidade de ser mulher com HIV e AIDS. Segundo esta mesma autora, ao externalizar os sentimentos, as mulheres infectadas passam a ver o HIV e a AIDS e os problemas relacionados a ele e modo diferente. O problema ganha a real dimensão que ele possui.<sup>770</sup>

No cuidado as mulheres com HIV e AIDS é importante levar em conta que se está falando de um ser humano e não de um vírus ou uma doença. É o ser humano que está fragilizado e em busca de apoio emocional e psicológico.

O ser que vive com HIV e AIDS precisa ser percebido como cidadão em pleno exercício digno de respeito, amor e compreensão e ser vislumbrado, essencialmente, como ser humano que necessita de afeto, carinho, atenção, respeito e cuidado. Acredita-se que o preconceito e a discriminação, ainda muito associados à epidemia, promovem diferenciação no cuidado ao ser com HIV e AIDS, dificultando, muitas vezes, sua autonomia, sua dignidade e seu bem viver, contrapondo-se dessa forma, à essência do cuidado humano solidário.<sup>771</sup>

<sup>768</sup> CONSEJO EPISCOPAL DE SUECIA. *Carta de los obispos de Suecia sobre el VIH en una perspectiva global*. Uppsala: Consejo Episcopal, 2007. p. 32. Texto no idioma original: “La Biblia e la tradición cristiana contienen numerosos relatos sobre la personas sanadas de su enfermedad por intervencion divina, pero también narraciones acerca de personas golpeadas por enfermedades graves, accidentes y perdidas que, pese a todo, han encontrado la manera de seguir adelante. También esto hemos de verlo como una obra de Dios. Son historias que nos hablan de como las personas encuentran no sólo una manera de vivir sino también una vida percibida como llena de sentido y significado”.

<sup>769</sup> ACKERMANN, Denise. *Tamar’s Cry: Re-reading an Ancient Text in the Midst of na HIV and AIDS pandemic*. In: DUBE, Musa W.; KANYORO, Musimbi. *Grant me Justice! HIV/AIDS e Gender Readings of the Bible*. Nova York: Cluster Publications e Orbis Books, 2004. p. 42. Texto no idioma original: “The stories of people living with HIV and AIDS are not only stories of suffering. They are also stories of triumph, of resistance and hope”.

<sup>770</sup> LANDMAN, 2003, p. 198-201.

<sup>771</sup> PAULA, Cristiane Cardoso; SCHAURICH, Diego. O cuidado em tempos de AIDS. In: PADOIN, Stela Maris de Mello. *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006. p. 105.

Receber um diagnóstico positivo para o HIV causa reações diversas. Negação, raiva, sentimento de que irá morrer em breve, são alguns deles:

No que diz respeito à pessoa que possui o vírus da AIDS, a sintomatologia psicológica atesta sua condição de vida: sente-se desesperada, perde a motivação pela vida, deprime-se, isola-se, tem medo, sente-se rejeitada e ao mesmo tempo descaracterizada como pessoa; sente vergonha, desconfia das pessoas em suas expressões de afeto (para ela, qualquer gesto de atenção ou carinho pode ser interpretado como “pena”), pode tornar-se agressiva e violenta, falta-lhe energia para enfrentar os desafios e as tarefas cotidianas, etc. Todos estes sentimentos parecem reduzir aos extremo as possibilidades da pessoa. Ela se percebe sem alternativas.<sup>772</sup>

O acompanhamento ou cuidado em grupo pode contribuir para que as mulheres com HIV e AIDS possam desconstruir a imagem negativa que têm de si mesmas através do diálogo e do compartilhar de suas experiências com outras pessoas.<sup>773</sup> Ao reconstruir sua autoestima, sentem-se mais confiantes e preparadas para enfrentar os desafios diários que se colocam, assim como, melhora também a adesão ao tratamento. No grupo, as mulheres têm a possibilidade de reconhecer que possuem problemas comuns, que outras mulheres têm as mesmas experiências e assim encontram apoio e conseqüentemente sentem-se consoladas e fortalecidas.

Além da possibilidade de haver grupos mistos, é importante que exista um grupo onde se reúnem apenas mulheres, para que estas não se sintam envergonhadas ou intimidadas a falar dos assuntos que sejam pertinentes a elas, especialmente porque o HIV e a AIDS estão diretamente relacionadas à vivência da sexualidade e questões íntimas. Nesta perspectiva, a comunidade, e os grupos de mulheres, jovens, homens, podem ser espaços educativos e sensibilizadores para questões importantes relacionadas à temática do HIV e AIDS. “As comunidades religiosas, quando bem preparadas, se transformam em espaços acolhedores e solidários às pessoas que vivem e convivem com AIDS, além de desempenharem papel importante de educação e prevenção”.<sup>774</sup> A abertura para discutir abertamente questões relacionadas à sexualidade e ao HIV e à AIDS contribui para a diminuição do estigma e preconceito que afetam a vida das pessoas com HIV e AIDS de maneira negativa.

Uma teologia que tem AIDS como ponto de partida do fazer teológico tem alguns temas como centrais, entre eles, a retornar a mensagem de libertadora de Jesus, a desconstrução de textos bíblicos patriarcais e a ênfase em uma hermenêutica

<sup>772</sup> LOBATO, Cesar. A relação de ajuda: a ajuda que pode preencher o mar entre a passividade e o entusiasmo. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Pastoral de DST/Aids. *Igreja e Aids*: presença e resposta. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004. p. 84.

<sup>773</sup> CONSEJO EPISCOPAL DE SUECIA, 2007, p. 47.

<sup>774</sup> ALMEIDA, Ester. Relações gênero e direitos sexuais e reprodutivos em contextos religiosos. In: SCHOEREDER, Airton et al (ogs.). *Igreja solidária e transformadora – Roteiro de oficinas para igrejas*. Recife: Diaconia/Koinonia, 2008. p. 12.

afirmadora de justiça e paridade, a preocupação pelo bem-estar da pessoa como um todo, o chamado à comunidade de fé (igreja) para ser um corpo acolhedor, o desenvolvimento de uma linguagem teológica criativa que toma a experiência soropositiva como fundante, a pergunta pelo papel de cristãos e cristãs na transformação da sociedade, inclusive na criação de políticas públicas que garantem acesso à saúde, o papel profético na denúncia de discriminações e estigmatização que a AIDS ainda causa e o anúncio de uma realidade de vida abundante para toda criação.<sup>775</sup>

Marginalização, preconceito e estigma são problemas que afetam as pessoas até os dias de hoje, especialmente as mais pobres. Essa é também a maior dificuldade encontrada pelas mulheres que vivem com HIV e AIDS. Os textos bíblicos ajudam a compreender que preconceito e discriminação não acontecem apenas nos dias de hoje, mas desde há muito pessoas são discriminadas pela “cor de sua pele, sua classe social, seu sexo ou identidade sexual, sua capacidade de mobilidade física ou por serem portadoras do vírus HIV”.<sup>776</sup>

A epidemia de HIV e AIDS oferece a possibilidade de um engajamento maior por parte das instituições religiosas no que diz respeito a lutas por justiça social e dignidade humana através de ações de cuidado por parte de religiosos/as nas comunidades cristãs. “Responder a crise do HIV e AIDS não é tanto uma questão de denúncia, mas de anúncio. Deus é apresentado por toda Bíblia, sem exceção, como um Deus que vive, age e se move em favor da humanidade, para o bem e alegria da humanidade”.<sup>777</sup> Conforme Maricel Lopez e Maurício Ramires:

Desse modo, somos chamados ao acompanhamento das pessoas que vivem com HIV e AIDS, sua integração à comunidade é uma questão urgente e necessária. Nós como pessoas da igreja somos chamadas ao cuidado, atenção, proteção e integração das pessoas doentes à vida em comunhão.<sup>778</sup>

As igrejas oferecem espaços capazes de atingir pessoas de diferentes faixas etárias. Nesse sentido, “a agenda para as igrejas está clara. Para impedir que a AIDS continue contaminando milhares de jovens, é necessário que as igrejas sejam mais honestas e abertas em seu trabalho com jovens. Não basta apenas apregoar o diga não às drogas e ao sexo antes do casamento”. As igrejas precisam estar abertas para dialogar, aceitar e apostar na juventude. “Não é possível esperar que haja uma mudança de comportamento entre jovens sem esperar que haja um esforço coletivo que inclua mais ênfase na educação, no preparo de educadores e

<sup>775</sup> DEIFELT, 2013, p. xxvi. Segundo Wanda Deifelt, no contexto latino-americano surge uma proposta teológica a partir e para pessoas com HIV e AIDS. Esta teologia parte da experiência da dor e sofrimento causados desde o recebimento do diagnóstico, até a exclusão social relacionada ao estigma, e questões relacionadas à fé, valores e comunidade.

<sup>776</sup> DEIFELT, 2013, p. xxv.

<sup>777</sup> LUNARDI; BERNARDI, 2008, p. 37.

<sup>778</sup> MENA LÓPEZ; RAMÍREZ, 2012, p. 371.

educadoras, no reconhecimento da educação como um bem público e na inclusão de pais e mães na educação de suas crianças”.<sup>779</sup>

A interconexão (como pontos de uma rede) entre gênero, raça, classe social e idade mostra o desafio atual do trabalho com AIDS. A identificação de estereótipos de gênero ajuda-nos a entender porque as mulheres, por submissão ou dependência, deixam de usar métodos de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis. Os condicionamentos culturais machistas levam muitas mulheres a uma baixa autoestima, uma identificação de si mesmas como dependentes do homem e o uso de seu corpo e sua sexualidade em função do prazer masculino, mesmo que isso ponha em risco sua saúde e a própria vida.<sup>780</sup>

A AIDS desafia as instituições religiosas a lidar com questões delicadas, que tem a ver com vida e morte. A solidariedade que as instituições religiosas prestaram ao longo dos anos às pessoas infectadas e afetadas foi e continua sendo importante para minimizar o sofrimento que a doença causa nas pessoas e famílias afetadas. Não se pode negar também que, algumas tradições religiosas têm contribuído a promover campanhas de prevenção, mas ainda há muitos espaços em que se encontra resistência. O diálogo entre programas de prevenção e as instituições religiosas é dificultado por “...algumas Igrejas que insistem em manter uma educação sexual ultrapassada ou inadequada em seus métodos e de não aceitar um debate franco e aberto sobre os meios de prevenção mais eficientes”.<sup>781</sup>

Na medida em que a epidemia de HIV e AIDS avançou no Brasil e atingiu pessoas de diferentes classes sociais, idade e sexo, a compreensão das pessoas sobre a epidemia foi mudando, o que motivou também mudanças no discurso das tradições religiosas.

As igrejas foram forçadas a tratar de um assunto que era mais fácil ignorar ou acusar como pecaminoso ao se darem conta que nem todas as pessoas soropositivas haviam sido contaminadas por atitudes supostamente devassas e que a doença atingia proporções pandêmicas, especialmente no solo africano.<sup>782</sup>

Conforme Deifelt, o HIV e a AIDS romperam com os muros da Igreja e forçaram-na a se posicionar:

Dadas as proporções globais da doença, já não havia mais como ignorar seus efeitos devastadores. A AIDS ofereceu uma oportunidade teológica de discutir abertamente temas que, de outra maneira, não viriam à tona: sexualidade, políticas públicas de prevenção e saúde, interconectividade entre gênero, raça/etnia e pobreza, educação sexual e, em geral, a revisão de preconceitos. A AIDS invadiu o espaço teológico e

<sup>779</sup> DEIFELT, 2012, p. 303.

<sup>780</sup> DEIFELT, 2012, p. 303.

<sup>781</sup> BARROS, Marcelo. Somos Todos Doentes em Processo de Cura: A AIDS e o Caminho Ecumênico das Igrejas. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002. p. 72.

<sup>782</sup> DEIFELT, 2012, p. 293.

eclesial e exigiu que o discurso religioso e sua prática se atualizassem. Apesar de seus efeitos nefastos, o vírus da AIDS também rompeu barreiras e acabou quebrando os muros das igrejas, fazendo com que elas tivessem maior inserção na sociedade e incorporando debates atuais em seu labor teológico.<sup>783</sup>

Um dos temas centrais para uma discussão honesta sobre a epidemia de HIV e AIDS é a sexualidade. Também nesse assunto a epidemia fez com que padrões tradicionais fossem questionados e se tornasse necessário repensar as concepções teológicas segundo Trasfereti e Lima:

A epidemia da AIDS mostrou, tirou debaixo do tapete, seja da Igreja, seja da sociedade como um todo uma realidade que você não tem como questionar, a realidade se apresenta, ela é assim. E ela não se comporta de acordo com aquilo que a gente imagina, com aquela visão idealizada que as pessoas não fazem sexo antes do casamento, ou que só fazem sexo dentro do casamento, ou que só faz sexo homem com mulher. A AIDS escancarou as nossas maneiras de exercício da sexualidade. O grande problema ou grande contribuição da AIDS é que ela desvelou aquilo que a gente sempre, como humanidade, teimou em velar, em guardar, em esconder, que é o fato de nós sermos sexuados, termos relações sexuais das mais diversas formas, com os mais diversos parceiros. [...] Não é que as pessoas aumentaram o sexo e, por isso, têm AIDS. Na verdade, a AIDS se propagou porque as pessoas têm essas relações. (Frei José Bernardi, em entrevista).<sup>784</sup>

Frei Bernardi defende uma visão mais positiva da sexualidade e vê na epidemia uma possibilidade discutir esse tema. Com isso, questiona que, em muitos momentos, o discurso da Igreja tem contribuído para aumentar a culpa das pessoas infectadas, através dos julgamentos da conduta das pessoas e da relação da doença com castigo divino. Ainda assim, desde o início da epidemia as instituições religiosas contribuíram no acolhimento e cuidado das pessoas infectadas e afetadas pelo HIV e AIDS, seja através de casas de apoio, pastorais ou assistência aos mais necessitados.<sup>785</sup>

A Igreja, por outro lado, tem dado significativo apoio e estímulo aos doentes de AIDS, oferecendo-lhes um sentido à dor e à doença, coisas difíceis de aceitar e integrar a partir de um ponto de vista meramente humano. Muitas pessoas têm encontrado sentido para as suas vidas exatamente depois de contraírem o HIV e descobrirem-se portadoras de uma doença sem cura.<sup>786</sup>

<sup>783</sup> DEIFELT, 2012, p. 293.

<sup>784</sup> Trecho da entrevista retirada de: TRASFERETTI e LIMA, 2009, p. 21 e 22.

<sup>785</sup> BERNARDI, José. Os desafios Pastorais da AIDS. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002. p. 42.

<sup>786</sup> BERNARDI, 2002, p. 42.

As mudanças na história da epidemia de HIV e AIDS a partir da introdução dos medicamentos antirretrovirais no tratamento da doença, fez com que a AIDS se tornasse uma doença crônica, já que a pessoa infectada pode viver muitos anos.

Diante de uma doença crônica, outros fatores passam a ser proeminentes, como a adesão ao tratamento, seus efeitos colaterais, a convivência com a doença, a qualidade de vida, as incertezas e inseguranças desencadeadas pela patologia e os sentimentos de esperança decorrentes do aumento da sobrevivência dos infectados pelo HIV.<sup>787</sup>

Todos esses fatores passam a fazer parte da realidade das pessoas infectadas, especialmente quando se trata das mulheres, que são, na maioria das vezes, responsáveis pelo cuidado com os doentes. Rejeição da família, medo de morrer, baixa autoestima aliados aos efeitos colaterais do medicamento causam impactos negativos na vida das mulheres infectadas.

Para quem já está infectado também nem sempre há informações suficientes sobre os estágios da doença e tratamento e, assim, elas ficam impossibilitadas de buscar recursos para melhor a qualidade de vida.<sup>788</sup>

As comunidades cristãs são espaços que permitem ajudar na educação das pessoas sobre o HIV e AIDS. Esse tipo de atitudes por parte das comunidades de fé colabora com a redução do estigma e discriminação que afetam a vidas das mulheres com HIV e AIDS. O desafio para a teologia é ajudar a pensar novas formas de pensar o cuidado/aconselhamento pastoral dentro do contexto da epidemia de HIV e AIDS com atenção especial voltada para as mulheres. A Bíblia é lida a partir de outros pressupostos é uma importante aliada nesse processo. Conforme Lisandro Orlov:

Teologia, portanto, deve nos ajudar a construir uma mensagem que seja fiel a uma renovação hermenêutica da Escritura, e que traga também uma visão alternativa de nossas identidades confessionais. Pois a teologia é uma estrutura de pensamento relacionada com a nossa ideia de Deus e da ação de Deus no mundo. Uma hermenêutica com base neste entendimento significa que nunca podemos ter uma abordagem neutra para qualquer uma das questões críticas provocadas pela epidemia de HIV e AIDS.<sup>789</sup>

---

<sup>787</sup> GALVAO, Marli Teresinha Gimeniz et al. Esperança em mulheres portadoras da infecção pelo HIV. *Revista escola enfermagem USP*, v. 46, n. 1, p. 38-44, Fev. 2012. p. 39. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S008062342012000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342012000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

<sup>788</sup> BERNARDI, 2005. p. 111.

<sup>789</sup> ORLOV, 2009, p. 122. Texto no idioma original: “Theology, therefore, has to help us to build a message which is faithful to a renewed hermeneutics of the Scriptures, and which also brings an alternative view of our confessional identities. For theology is a structure of thought related to our idea of God and God’s action in the world. A hermeneutic based on this understanding means we can never have a neutral approach to any of the critical issues provoked by the HIV and AIDS epidemic”.

A igreja, como corpo de Cristo, é espaço de acolhimento para todas as pessoas. A promessa de Deus é de vida abundante para todos/as, por isso a tarefa da Igreja é ser inclusiva e não discriminar ninguém, acolhendo, especialmente, os/as mais frágeis e marginalizados/as. Se todos/as fazem parte deste mesmo corpo, então, se uma pessoa tem HIV e AIDS toda a igreja tem HIV e AIDS.<sup>790</sup>

Pensar sobre HIV e AIDS e sobre religião não é simples e as vezes é um risco. As pessoas não re-imaginam interpretações bíblicas e teológicas a menos que sejam forçadas a pensar sobre vida e morte e buscar por significados de vida que podem transcender nossa finitude e realidade limitada e visões usais.<sup>791</sup>

As mulheres com HIV e AIDS são desafiadas a fazer isso: re-interpretar os textos bíblicos a partir da experiência delas, fazendo teologia e falando do agir de Deus nas suas vidas. Conforme Wanda Deifelt,

A crise da AIDS levou a uma revisão dos ensinamentos que a teologia cristã perpetuou acerca do corpo humano e, em particular, do corpo das mulheres e dos homossexuais. A AIDS rompeu barreiras e quebrou os muros da igreja, propagando a dignidade do ser humano – a de pessoas sãs e enfermas, de soropositivas ou aidéticas, de jovens e crianças, de homens e mulheres, de pobres e ricos, de todas as cores e raças. Com a AIDS aprendemos que, quando estabelecemos uma linha divisória entre nós, como amados e escolhidos por Deus, e os “outros” (excluídos da graça divina Deus), podemos ter certeza de que Deus está junto de quem é excluído. Jesus integra o grupo dos que são deixados de fora, aqueles para quem a sociedade aponta o dedo em recriminação.<sup>792</sup>

Embora os dados estatísticos apontem para uma estabilização da epidemia, conforme apresentado no primeiro capítulo, ela ainda está longe de estar controlada. Os avanços da medicina têm contribuído para ampliar a expectativa de vida das pessoas infectadas e, por isso, a AIDS vem sendo entendida como uma doença crônica. Essa nova compreensão da epidemia tem gerado novas situações que precisam de novas respostas. Conforme Richard Parker:

Estamos numa nova era de enfrentamento a epidemia, mas não é uma era em que as abordagens sociais e políticas perdem a sua importância. Mais do que nunca, a avaliação constante por parte da sociedade civil, das políticas públicas e das abordagens biomédicas, é essencial para garantir as condições da sua implementação.

<sup>790</sup> CMI, 1997, p.51.

<sup>791</sup> RUSSEL, Letty M. Re-imagining the Bible in a Pandemic of HIV/AIDS. In: DUBE, Musa; KANYORO, Musimbi. *Grant me Justice! HIV/AIDS & Gender Readings of the Bible*. New York: Cluster Publications e Orbis Books, 2004. p. 205. Texto no idioma original: “Thinking about HIV/AIDS and thinking about religion is not easy and sometimes is risky. People do not re-imagine biblical and theological interpretation unless forced to think about life and death and to search for the meaning of life that can transcend our finite and limited reality and customary views”.

<sup>792</sup> DEIFELT, 2012, p. 304.

Para que isso aconteça, são as respostas sociais e políticas, incluindo a perspectiva comunitária, que devem orientar as respostas biomédicas.<sup>793</sup>

O alcance das igrejas é maior do que de instituições governamentais, elas conseguem alcançar pessoas desde as periferias das cidades até os locais mais distantes nas áreas rurais de diferentes países. A atuação das igrejas nesses locais é capaz de promover transformações individuais e comunitárias através da promoção da dignidade humana, no combate ao preconceito e estigmatização às pessoas vivendo com HIV e AIDS.<sup>794</sup>

Até aqui foi abordado a forma como as comunidades de fé tem lidado com questões relacionadas à epidemia de HIV e AIDS, a perspectiva do papel da Teologia Prática e os desafios no âmbito do cuidado e aconselhamento pastoral com mulheres com HIV e AIDS, atentando para o uso de metodologias de leitura da Bíblia. No que segue, finalizando esse capítulo, são apresentados relatos de experiências que retratam o uso de metodologias de leituras da Bíblia no trabalho com mulheres com HIV e AIDS. Através deles pretende-se evidenciar as contribuições desse tipo de abordagem.

### 3.5 Relatos de experiências

No primeiro capítulo desta Tese foram apresentadas questões consideradas relevantes para compreender o desenvolvimento e a evolução da epidemia de HIV e AIDS entre as mulheres no Brasil e em diferentes partes do mundo, destacando também questões relacionadas a África do Sul. As questões aqui apresentadas visaram dar um panorama geral sobre a epidemia e a forma como ele afeta a vida das pessoas, especialmente as mulheres soropositivas.

Nas páginas que seguem serão apresentados relatos de experiência que envolvem as temáticas anteriormente trabalhadas. Trata-se de experiências vividas no Brasil (na Casa Fonte Colombo) e na África (África do Sul e Moçambique). Nessas experiências foi possível aproximar-se da realidade de mulheres com HIV e AIDS nesses diferentes contextos e perceber de que forma a leitura da Bíblia, através de metodologias específicas, pode contribuir para o cuidado pastoral.

Parte significativa dessas experiências foi vivenciada durante o desenvolvimento dessa Tese e, de certa forma inspiraram a discussão realizada até aqui. Elas são apresentadas na primeira pessoa do singular, pois querem retratar de que forma impactaram a discussão proposta

---

<sup>793</sup> PARKER, Richard. *O fim da AIDS?* Rio de Janeiro: ABIA, 2015. p. 9. Disponível em: <[http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/FIM\\_da\\_AIDS\\_capaverm\\_jan2016.pdf](http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/FIM_da_AIDS_capaverm_jan2016.pdf)>. Acesso em: 06 jul. 2016.

<sup>794</sup> CONSEJO EPISCOPAL DE SUECIA, 2007, p. 53.

e evidenciar questões que muitas vezes escapam à reflexão mais geral. Através delas revela-se tanto a motivação desse trabalho quanto possibilidades reais de aplicação das questões aqui propostas.

### 3.5.1 A Casa Fonte Colombo e a Oficina Contextualizando

Ao longo dos últimos anos tenho estado envolvida com a temática de HIV e AIDS de várias maneiras e em vários espaços. Num primeiro momento esse interesse se deu no âmbito dos meus estudos e da minha formação, mas logo fui entrando cada vez mais nesse universo e tendo diversas experiências que marcaram também a minha trajetória de pesquisa. Embora essas experiências não sejam o objeto central dessa Tese, elas sem dúvida informam muito do que produzi durante esses anos.

Iniciei meus estudos sobre HIV e AIDS no final da graduação em Teologia e segui nesta temática de pesquisa durante o mestrado acadêmico.<sup>795</sup> No mestrado, a pesquisa que realizei tinha como enfoque o crescimento da epidemia entre as mulheres idosas. Percebi com a pesquisa então realizada que a epidemia se difundiu entre elas de maneira silenciosa, por não serem percebidas pela família e até mesmo pelos centros de saúde, como mulheres sexualmente ativas. Conforme afirmei então: “A possibilidade de uma mulher idosa estar contaminada com o vírus HIV parece não existir aos olhos da sociedade e das próprias idosas”.<sup>796</sup>

Ao mesmo em que desenvolvia a pesquisa de mestrado acontecia o projeto Teologia e HIV/AIDS. Participaram deste projeto quatro instituições teológicas de diferentes países: Brasil, Argentina, Colômbia e Costa Rica. Durante a realização do Projeto aconteceram encontros e seminários os artigos produzidos pelos/as estudantes foram publicados.<sup>797</sup> Embora eu não estivesse diretamente relacionada ao Projeto, tive a oportunidade de participar de alguns dos componentes curriculares do projeto que coincidiram com meu período de aulas na Faculdades EST, além de participar do II Seminário AIDS e religião, que aconteceu na mesma instituição.<sup>798</sup>

---

<sup>795</sup> SCHRÖDER, Elisa Fenner. *Mulheres idosas e o HIV/AIDS: abordagens a partir do cuidado pastoral*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2012. Menciona-se também o trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2010 teve como título: Os desafios para a Igreja em ser acolhimento e amor como sinal da presença de Deus para as pessoas com HIV/AIDS e foi orientado por Valburga Schmiedt Streck. (Não Publicado).

<sup>796</sup> SCHRÖDER, 2012, p. 12.

<sup>797</sup> STRECK, 2013, xlii..

<sup>798</sup> FACULDADES EST. *II Seminário AIDS e religião*. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/eventos/ii-seminario-aids-e-religiao/programacao>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

Nesse percurso senti que tratar sobre um tema como HIV e AIDS em uma pesquisa sobre o cuidado pastoral apenas baseada em bibliografias era insuficiente. Por isso, decidi buscar um espaço onde poderia ter um contato mais próximo com pessoas com HIV e AIDS e, juntamente com um colega, nos aproximamos de uma instituição que trabalha com pessoas com HIV e AIDS. Queríamos conhecer as histórias de vida dessas pessoas, saber delas como é viver com o vírus e/ou a doença. Meu colega me acompanhou nessa aventura por um período e depois continuei sozinha.

Na busca por espaços de acolhimento a pessoas com HIV e AIDS encontramos a Casa Fonte Colombo - Centro de Promoção da Pessoa Soropositiva – HIV, localizada em Porto Alegre.<sup>799</sup> A instituição foi fundada em 30 de novembro de 1999 e é mantida pela Associação Literária São Boaventura que pertence à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos do RS com sede em Caxias do Sul/RS. Além de prestar assistência a quem vive com o HIV a instituição também desenvolve ações de prevenção à AIDS através de campanhas de conscientização. Segundo a apresentação da própria instituição:

A razão da existência da Casa é contribuir no resgate da dignidade da pessoa, lutando contra a discriminação e o preconceito. A solidariedade de Deus com a humanidade e de São Francisco com os doentes sustenta o compromisso da Casa com os portadores do HIV e com a luta contra a AIDS.<sup>800</sup>

O serviço prestado pela Casa Fonte Colombo às pessoas com HIV e AIDS é amplamente reconhecido.<sup>801</sup> Ele está fundamentado em quatro pilares, que são: prevenção, assistência, reestruturação dos laços familiares e reinserção social.<sup>802</sup> Através da atuação, considerando esses quatro fundamentos básicos, a Casa Fonte Colombo contribui para a promoção da dignidade de homens e mulheres com HIV e AIDS.

Embora a Casa Fonte Colombo seja coordenada por Freis Capuchinhos, não há restrições quanto ao pertencimento a uma determinada instituição religiosa. Isso vale tanto para usuárias e usuários quanto para voluntárias e voluntários. Todos e todas são acolhidas e acolhidos na instituição, até mesmo aqueles e aquelas que não estão vinculadas a nenhuma instituição religiosa.

---

<sup>799</sup> CASA FONTE COLOMBO, 2009.

<sup>800</sup> CASA FONTE COLOMBO, 2016.

<sup>801</sup> Veja mais sobre o atendimento realizado na Casa Fonte Colombo em: SEFFNER, Fernando; STEIL, Carlos Alberto. Dinâmicas entre catolicismo e AIDS: processos de reprodução, transformação e (in)formação. *Revista Eletrônica de Comunicação*, v. 5, n. 1, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/receis/article/view/502>>. Acesso em: 15 ma. 2016.

<sup>802</sup> CASA FONTE COLOMBO, 2016.

A Casa Fonte Colombo desenvolve este trabalho de acolhimento há quase 17 anos. Ao longo destes anos foi adaptando os serviços oferecidos às necessidades dos/as usuários/as. Os serviços que a Casa oferece contam com a solidariedade de voluntárias e voluntários que dedicam um dia da semana para auxiliar no atendimento e acolhimento das usuárias e usuários. Cada pessoa que se coloca a serviço ajuda com a aquilo que pode e sabe fazer, seja na organização das doações recebidas, no acolhimento ou na realização de atividades diversas. O número de voluntários/as é grande. No ano de 2014 eram 50 pessoas que doavam parte de seu tempo no cuidado com pessoas vivendo com HIV e AIDS. Os motivos que levam as pessoas a atuar como voluntários/as são variados, seja por motivação religiosa ou pelo desejo de se sentir útil. Enfim, o que ouvi diversas vezes é que ser voluntário/a gera uma sensação de bem-estar muito grande, pelo carinho recebido de volta.

Por esse motivo, os serviços oferecidos também variam com a disponibilidade de pessoas voluntárias para desenvolver cada tarefa. É possível encontrar serviços como: enfermagem; atendimentos médico; reike; massagem relaxante; corte de cabelo; banho; doação de roupas e cestas básicas; atendimento pastoral e psicológico. A partir das habilidades e talentos disponíveis no grupo de voluntários/as que atuam na Casa são oferecidas oficinas que visam promover o bem-estar das pessoas. Nessas oficinas participam apenas aquelas pessoas que têm interesse no tema trabalhado naquela oficina específica. Já foram realizadas oficinas de música; maquiagem e autoestima; leitura da Bíblia; alfabetização, entre outras.

A Casa Fonte Colombo mantém contato com os hospitais e postos de saúde nos quais os/as usuários/as fazem tratamento e auxiliam na marcação de consultas e exames, quando estes/as encontram alguma dificuldade.<sup>803</sup> Quando algum/a dos/as usuários/as está internado/a os freis ou voluntários/as também realizam visitas hospitalares ou em domicílio, conforme a necessidade.

Além de todas as outras atividades oferecidas pela instituição, ela também promove encontros mensais chamados de ‘Grupo de Adesão’. Para estes encontros são convidadas pessoas para abordar uma temática específica que pode ser referente aos direitos de pessoas com HIV e AIDS, cuidados com saúde, importância do tratamento e muitos outros. Segundo a própria instituição:

A Casa Fonte Colombo vem procurando implementar ações junto às classes empobrecidas, para quem, é tão fundamental o trabalho de assistência quanto o da

---

<sup>803</sup> É imprescindível que as usuárias e usuários frequentem as consultas e mantenham os exames de CD4 e carga viral em dia. Esta foi a maneira encontrada pela instituição para garantir que as pessoas mantenham o tratamento e assim melhorem a qualidade de vida.

prevenção ao HIV. Assistência aqui deve ser entendida não como simples disponibilização de medicamentos e consultas. Trata-se de algo mais amplo que envolve as condições necessárias à adesão ao tratamento, à vida com qualidade, quais sejam: trabalho, moradia, alimentação, vestuário, educação...<sup>804</sup>

As usuárias e os usuários da Casa Fonte Colombo vêm de diferentes lugares de Porto Alegre, em sua grande maioria das periferias da cidade e até mesmo de municípios vizinhos, como Guaíba, Viamão e Canoas. Elas chegam até a Casa Fonte Colombo através da indicação de pessoas conhecidas ou pelos serviços de saúde. A Casa Fonte Colombo se engaja na realização de campanhas de conscientização da importância do diagnóstico precoce e, por isso, realiza campanhas nos bairros da cidade de Porto Alegre. Nas ‘Ações Comunitárias’ busca-se atingir pessoas que ainda não fizeram o teste, conscientizando-as da importância do diagnóstico precoce e caso o exame resulte positivo indica-se que busquem a Casa Fonte Colombo como espaço de apoio. Essas atividades nas comunidades também tornam a Casa conhecida e fazem com que pessoas a busquem para apoio para superar o choque inicial de receber o diagnóstico, através do convívio com pessoas que enfrentam situações semelhantes.

Além de ser um centro de acolhimento de pessoas com HIV e AIDS, a Casa Fonte Colombo também é a sede nacional da Pastoral da AIDS.<sup>805</sup> A Pastoral da AIDS surgiu no Brasil através do reconhecimento das ações desenvolvidas pela Igreja Católica no trabalho de prevenção e assistência às pessoas com HIV e AIDS. A parceria entre Ministério da Saúde e Igreja foi sendo fortalecida ao longo dos anos de atuação na prevenção ao HIV e à AIDS e no cuidado com as pessoas infectadas, e em 2001 decidiu-se desvincular essa atuação da Pastoral da Saúde e criar uma pastoral própria.<sup>806</sup> A Pastoral da AIDS atua na formação de agentes de pastoral nas diferentes regiões do Brasil.<sup>807</sup> Esses/as agentes de Pastoral atuam junto às comunidades eclesiais. Os/as agentes de Pastoral são os próprios membros da comunidade, que passam por um processo de formação oferecido pela Pastoral da AIDS. Além disso, também contribui através da elaboração teológica e pastoral das questões relacionadas à temática, através da produção de materiais e subsídios que podem ser utilizados pelos/as agentes nas comunidades. Segundo Frei Carlos Lunardi: “Trabalhar no contexto da AIDS e assumir a tarefa

<sup>804</sup> CASA FONTE COLOMBO. *Boletim Fonte Colombo*, ANO III, n. 7, jun. 2002.

<sup>805</sup> PASTORAL AIDS. Disponível em: <<http://www.pastoralids.org.br/index1.php>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

<sup>806</sup> TRASFERETTI, 2009, p. 16.

<sup>807</sup> Assim como os demais voluntários e voluntárias da Casa teve a oportunidade de participar do Seminário de formação e posteriormente de capacitação de agentes da Pastoral da AIDS, além de outros seminários promovidos pela organização.

de prevenir e assistir é um desafio que não pode ser enfrentado isoladamente”.<sup>808</sup> Por isso, a Pastoral da AIDS atua em parceria com os serviços de saúde e organizações da sociedade civil.

Meu contato com a Casa Fonte Colombo iniciou em março de 2011 e mantive contato com a instituição até julho de 2015, quando viajei para África do Sul para um período de estudos. No início não havia um plano definido de atuação. A intenção era conhecer pessoas com HIV e AIDS, conversar com elas, saber o que fazem, como vivem, onde vivem. Assim, no primeiro ano acompanhei o grupo de mulheres que se reunia nas tardes de quinta-feira.<sup>809</sup> O espaço de convivência é a área comum da instituição, onde todas se encontram e passam a maior parte da tarde. Como fica na parte externa, em dias de chuva, as pessoas se reuniam em uma das salas. Este era o local de encontro. Pessoas que não se conheciam anteriormente tinham ali um espaço para compartilhar a vida.

Foi no espaço de convivência da Casa Fonte Colombo que ouvi as primeiras histórias de mulheres com HIV e AIDS. As usuárias que frequentavam a instituição há mais tempo contavam que no início elas não sabiam muito bem se podiam confiar nas outras pessoas que ali estavam. O preconceito e a discriminação que sofriam era tão grande que preferiam manter sigilo sobre o motivo que as havia trazido até ali. Apenas com o passar do tempo ficava claro que todas as pessoas que estavam neste local tinham algo em comum: todas tinham HIV ou AIDS.

Um dos elementos importantes do trabalho desenvolvido e sempre destacado pelas mulheres com relação à Casa Fonte Colombo diz respeito à questão do acolhimento.<sup>810</sup> Lembro, por exemplo, de uma usuária dizer que a maneira como ela foi acolhida pelas funcionárias na primeira vez em que foi conhecer a Casa fez toda diferença. Segundo esta usuária o medo de ser infectada fazia com que as pessoas da família se afastassem dela e na Casa Fonte Colombo ela foi acolhida com um abraço e um sorriso no rosto. Nesse sentido, uma das questões importantes no trabalho da Casa Fonte Colombo é ser um espaço onde a dignidade das pessoas é respeitada.

Receber o diagnóstico positivo pode ser um choque. Em geral, as pessoas não estão preparadas para receber o resultado positivo. Não pensam que isso pode acontecer com elas. O

---

<sup>808</sup> LUNARDI, Luis Carlos. Estrutura e Organização da Pastoral: práticas existentes, orientações para os agentes, possibilidade de atuação pastoral. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Pastoral de DST/Aids. *Igreja e Aids: presença e resposta*. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004. p. 96.

<sup>809</sup> Os/as usuários/as da Casa Fonte Colombo frequentam a instituição uma vez por semana, com dia fixo. Nas quintas-feiras é o dia das mulheres e crianças. O dia da semana é fixo de forma que elas possam formar um grupo de confiança e estabelecer relações de amizade.

<sup>810</sup> Em sua dissertação Rogério Aguiar apresenta a Casa Fonte Colombo e as suas atividades sob a perspectiva da diaconia. AGUIAR, 2013. A pesquisa do autor fez parte do projeto Teologia e HIV/AIDS.

HIV e a AIDS ainda são vistos como algo que acontece com as outras pessoas. Essa é também a realidade de mulheres da Casa Fonte Colombo, principalmente quando estas são infectadas por seus maridos/companheiros.

Receber o diagnóstico nos serviços de saúde nem sempre é uma boa experiência. Uma das usuárias disse que a enfermeira apenas falou para ela: “você tem HIV”. Não explicou o que deveria fazer, não falou sobre os medicamentos. Experiências como essa eram ainda mais comuns no início da epidemia. O diagnóstico era dado no leito do hospital, sem o menor preparo ou explicação sobre o que devia ser feito. Os próprios serviços de saúde estigmatizavam as pessoas com diagnóstico positivo. Algumas usuárias que frequentam a Casa Fonte Colombo há mais de 10 anos afirmam que o acesso ao tratamento ainda não era tão amplo e não havia tantas informações sobre doença e tratamento disponível.

No ano de 2015, 323 pessoas frequentaram a Casa Fonte Colombo. Destas 199 eram mulheres, o que representa um número maior de mulheres do que homens entre os/as usuários/as na instituição. A maior parte das mulheres frequentam a instituição nas tardes de quinta-feira, especialmente as mulheres com filhos/as pequenos/as, pois neste dia há a presença de uma médica pediatra.<sup>811</sup>

O meu acompanhamento às mulheres na Casa Fonte Colombo se deu nas tardes de quinta-feira, inicialmente porque este era o dia que eu tinha disponibilidade de ir e depois que conheci o grupo, optei por continuar com elas e trabalhar sobre as questões relacionadas à feminização da epidemia de HIV e AIDS. É sobre a experiência que tive junto a essas mulheres que me deterei na parte que se segue.

O grupo que se encontrava nas tardes de quinta-feira reunindo várias crianças e adolescentes, além das mulheres. Mais de trinta mulheres se encontravam uma vez por semana neste espaço de acolhimento. A faixa etária da maioria das mulheres é de 30 a 60 anos de idade.<sup>812</sup> Algumas meninas jovens (adolescentes) que frequentam a instituição não são soropositivas, elas vêm acompanhar a mãe. Não é indicado que os/as frequentadores/as tragam acompanhantes, apenas as crianças que não estão em horário de escola ou são ainda muito pequenas.<sup>813</sup>

---

<sup>811</sup> Em um dia determinado da semana apenas os homens frequentam a instituição. Essa política da instituição é para que homens e mulheres tenham um espaço seguro e não se sintam intimidados a falar sobre questões delicadas, especialmente quando relacionadas à sexualidade.

<sup>812</sup> Perfil por idade: 0 -12 anos: 2; 13 – 19 anos: 4; 20 – 29 anos: 15; 30 – 39 anos: 55; 40 - 49 anos: 51; 50 – 59 anos: 54; 60+: 18. Informações fornecidas pela instituição através de correspondência eletrônica.

<sup>813</sup> Essa prática é adotada para evitar que o espaço fique superlotado e, por outro lado, para que a atenção seja dedicada apenas às pessoas soropositivas.

O crescente aumento de casos de HIV e AIDS entre as mulheres fez com que a Casa Fonte Colombo dedicasse uma atenção especial para as mulheres, de forma especial às gestantes. Uma das grandes preocupações é reduzir ao máximo o índice de transmissão vertical, de mão para filho/a. Além disso, a participação de mulheres foi se tornando significativamente maior que a de homens na medida em que a epidemia aumentava entre as mulheres. Segundo dados da instituição:

Neste ano de 2001, a Casa Fonte Colombo decidiu centrar seu trabalho de prevenção em torno das mulheres gestantes e crianças. Por que este grupo? Primeiramente, devido ao fato de que o público mais significativo da Casa Fonte Colombo ser feminino. Em torno de setenta por cento das pessoas que procuram os serviços da casa Fonte Colombo são mulheres. Isto indica o segundo motivo desta opção: nos últimos anos vem crescendo significativamente a proporção de mulheres infectadas.<sup>814</sup>

A atenção especial dedicada às mulheres ao longo dos anos de atividades é motivo de alegria e comemoração, pois permitiu reduzir significativamente os índices de transmissão vertical. A presença de uma médica nas tardes de quinta-feira, dia em que as mulheres frequentam a instituição, é um dos fatores que contribuiu para que isso acontecesse, bem como o intenso trabalho de conscientização da importância de seguir o tratamento de forma correta para evitar a transmissão vertical.

Embora estejam cientes do risco de que os/as filhos/as possam nascer com o vírus, algumas mulheres não abrem mão da maternidade. Segundo elas, os/as filhos/as são uma motivação para continuar vivendo. É comum ouvir elas dizerem que nas vezes em que pensam em desistir do tratamento é no/a filho/a que elas se apegam para continuar.<sup>815</sup>

A escolaridade das mulheres que frequentam a instituição, em geral, é baixa, com dificuldade para ler e escrever, pois têm apenas o ensino fundamental completo. Uma ou outra dizia que não podia ler porque tinha esquecido os óculos, mas em alguns casos era porque, na verdade, tinha dificuldade para ler. Observei que, nos grupos de adesão, por exemplo, quando era pedido que escrevessem alguma coisa, algumas mulheres do grupo pediam ajuda para quem estava próximo/a ou para algum/a voluntário/a.<sup>816</sup>

A situação econômica de boa parte das usuárias é precária. Desemprego é comum, algumas vivem de benefício assistencial (aposentadoria) que recebem, benefícios de programas

<sup>814</sup> CASA FONTE COLOMBO. *Boletim Fonte Colombo*, ANO II, n. 5, set. 2001.

<sup>815</sup> Há um trabalho intenso de conscientização sobre a necessidade do tratamento, e da importância dos medicamentos na diminuição dos riscos de transmissão vertical. Além disso, também há a conscientização sobre a importância de não amamentar o bebê, já que esta é também uma das formas de transmissão do vírus.

<sup>816</sup> Os dados informados pela instituição dão conta que: Sem informação: 6; Analfabetas: 12; 1º grau incompleto: 137; 1º grau completo: 16; 2º grau incompleto: 12; 2º grau completo: 12; Superior incompleto: 3; Superior completo: 1.

do Governo Federal como o Bolsa Família, por exemplo, outras trabalham como diaristas ou vivem de ‘bicos’, fazendo pequenos trabalhos como distribuir panfletos. As doações que recebem da Casa Fonte Colombo são importantes, pois ajudam a complementar o sustento da família. Quando há disponibilidade, além da cesta básica mensal e das roupas (que elas podem escolher), recebem doação de cobertores, fraldas e material escolar.

Algumas das usuárias relataram ter sido demitidas depois que contaram que viviam com HIV e AIDS. Algumas empresas obrigam os/as funcionários/as a fazer o teste anti-HIV e, embora deem outros motivos, não contratam as pessoas com HIV. Algumas, que trabalham como diaristas, não contam para seus/suas patrões/as que vivem com o vírus por medo de serem demitidas. Ainda outras relatam que já precisaram mudar de casa, ou por sido despejadas após a revelação ou por sofrer com a discriminação dos/as vizinhos/as.

Uma das grandes dificuldades que as pessoas que vivem com HIV e AIDS enfrentam está relacionado aos efeitos colaterais do medicamento. Não são poucos os casos de usuárias que desistem do tratamento ou não tomam o medicamento no horário indicado. A falta de uma alimentação adequada também é um fator que dificulta o uso do medicamento, já que alguns deles devem ser tomados junto com as refeições. A Casa Fonte Colombo faz um intenso trabalho de conscientização da importância do uso de medicação. Sem os medicamentos as pessoas adoecem, já que o vírus enfraquece a resistência do organismo. Além disso, a interrupção do uso do medicamento torna o vírus resistente àquele medicamento, e quanto mais vezes isso acontece, mais difícil será de encontrar um medicamento com o qual a pessoa se adapte.

Uma das usuárias, com quem conversei algumas vezes, disse que no início não queria tomar o medicamento, por causa dos efeitos colaterais. Ela tinha muitos pesadelos à noite, além de sentir enjoos ao longo do dia. Ela apenas tomou consciência da importância dos medicamentos para sua vida quando ficou muito doente, perdeu muito peso e precisou ficar internada por mais de um mês no hospital. A partir disso ela reencontrou motivos para viver.

A ingestão de bebidas alcólicas e o uso de drogas também prejudica o tratamento. Uma usuária relatou que para que possa ingerir bebidas alcoólicas no fim de semana, ela deixa de tomar o medicamento por até 2 a 3 dias. Além disso, a pessoa sob o efeito de drogas ou álcool acaba esquecendo de tomar o medicamento e quando toma, tem o efeito dele reduzido. Embora os efeitos do medicamento diminuam, a orientação que as mulheres recebem da Casa Fonte Colombo e dos/as profissionais que ali atuam é de que sempre devem tomar o medicamento e evitar o consumo excessivo de drogas.

Os problemas com drogas e álcool estão presentes na vida de muitas usuárias. É comum que elas tenham alguém da família que seja dependente químico, seja o companheiro/a, filhos/as, netos/as ou alguém muito próximo. Uma das usuárias contava que tinha sérios problemas com uma de suas filhas, que ficava desaparecida por dois ou três dias. Ela já havia tentado internar a filha diversas vezes, mas sempre que buscava ajuda recebia uma resposta negativa, já que a internação deve partir da vontade da usuária de drogas. Enquanto a filha ficava desaparecida, cabia a ela como avó cuidar dos/as netos/as. Ela dizia que não queria ver a filha nessa situação, mas se sentia impotente e cansada. Me disse algumas que ela já tinha problemas de saúde o suficiente e que não podia tomar conta dos/as netos/as. Culpava a filha pelo abandono do próprio tratamento, dizia que não conseguia ir às consultas porque tinha que levar ou buscar os netos/as da escola. Os problemas de saúde decorrentes da falta da medicação começavam a aparecer e os exames de carga viral apresentavam alteração.

Muitas das mulheres que frequentam a Casa Fonte Colombo relatam ter sido infectadas pelos seus companheiros ou parceiros. O sentimento de culpa está sempre presente. Culpa por não ter se prevenido ou por ter confiado na fidelidade do parceiro. Recordo da conversa com uma das mulheres que disse ter sido infectada pelo marido, seu único parceiro sexual durante a vida toda. Embora ela desconfiasse que ele estivesse tendo relações fora do casamento, ela não o questionava e nem mesmo tinha condições de negociar o uso de preservativo, pois não conhecia o que era e nem como se fazia uso dele. Uma outra disse que se sentia responsável por estar infectada com o vírus. Segundo ela, ela deveria ter se negado a ter relações sexuais sem preservativo, pois ela sabia que o namorado tinha outras parceiras sexuais. Na compreensão desta mulher a ‘culpa’ por estar infectada é dela mesma e não se pode culpar outras pessoas por um descuido próprio.

É comum que após descobrir que estão doentes ou que têm o vírus elas optem por abrir mão de ter uma vida sexual ativa. Uma delas disse que não precisa mais de homem, para ser feliz. Por trás disso pode estar a dificuldade de entrar em novos relacionamentos, medo de ser rejeitada após contar que vive com HIV. A confiança no/a outro/a fica estremecida. Além disso, existe o medo de que o/a outro/a venha a ser infectado em um momento de descuido na relação sexual. Uma delas disse que sempre existe o risco de que no calor do momento pode esquecer de usar o preservativo e não gostaria de se sentir culpada por ter infectado outra pessoa. Há uma certa insegurança quanto à eficácia do uso do preservativo para evitar a transmissão do vírus. Uma delas disse que não se sente segura com o preservativo, mesmo que tenha recebido as informações de que ele é seguro. Além de tudo isso, é muito mais difícil para elas exigir que o preservativo seja usado, pois não se espera que as mulheres carregam consigo o preservativo.

Certa vez uma das usuárias me procurou para conversar, pois a pessoa com quem ela estava tendo um relacionamento rompeu quando soube que ela estava vivendo com HIV. O relacionamento entre pessoas sorodiscordantes é cada vez mais comum e, ao mesmo tempo é comum que haja muitas dúvidas sobre os riscos de transmissão. O medo de ser infectado/a através do contato físico também aumenta o estigma e preconceito. Eu percebi que era importante que as pessoas com HIV e AIDS sejam capazes de esclarecer dúvidas sobre as formas de transmissão ou que possam buscar ajuda para sanar as dúvidas. Com o tempo o namorado desta usuária concordou em acompanhá-la em uma consulta médica e pode tirar todas as dúvidas sobre os cuidados necessários para evitar transmissão do vírus.

Há também o caso daquelas que foram infectadas pelo parceiro, mas este nega ter o vírus e culpa a mulher de ter trazido ‘esta doença’ para dentro de casa. Além de ter de lidar com a traição dos companheiros e descobrir que estão doentes, elas ainda precisam lidar com o culpabilização de que elas foram as responsáveis pelo que está acontecendo. Lembro de uma situação em que a usuária, com quase 50 anos de idade, tinha tido um único parceiro sexual na vida, que era seu marido com quem vivia há quase 30 anos. Ela ficou bastante doente e os exames anti-HIV foram solicitados. Os resultados foram positivos para ela. O marido negou-se a fazer o exame e culpou a mulher de traição e de ser responsável pela situação. Apesar de todas as evidências da infidelidade do marido o casal continuava vivendo sob o mesmo teto, mas segunda ela, não mais como marido e mulher. Ela se sentia responsável por cuidar dele, como prometeu no dia do casamento.

A espiritualidade é um fator importante para as mulheres que frequentam a instituição. Antes de receber a refeição, para encerrar as atividades, há um momento de oração juntamente com os/as voluntários/as. É um momento de partilhar as alegrias, de compartilhar as conquistas e também de dividir as cargas e dificuldades. Nesse espaço as mulheres colocam em oração os motivos de agradecimento, de celebrar a vida, através de nascimentos e aniversários, mas é também um espaço onde fazem seus pedidos por cuidado e proteção para si mesmas e para pessoas da família ou próximas que estão enfermas e de lembrar daqueles/as que partiram em decorrência da AIDS. Este momento é muito significativo, pois as mulheres participam ativamente, trazendo suas preces. É, sem dúvida, um espaço de cuidado espiritual que a instituição oportuniza.

Embora o posicionamento oficial da Igreja Católica seja contra o uso de preservativos, a instituição disponibiliza preservativos e incentiva as/os usuárias/os a usa-los nas relações sexuais, ainda que o/a parceiro/a também viva com HIV. O preservativo é uma maneira de proteção, não apenas para evitar a transmissão, mas também para evitar a reinfecção e possíveis

mutações no vírus, que o tornam resistente e dificultam o tratamento. Segundo os freis a vida e a saúde da pessoa é o bem maior e deve ser preservado. Diversas vezes vi as mulheres pedindo preservativos para a secretária. Existe, no entanto, a suspeita de elas retiram o preservativo e passam para outras pessoas, mas que o uso do mesmo entre elas não seja tão elevado. Esta é apenas uma suposição, mas, levando em conta os comentários ou perguntas nas reuniões dos grupos de adesão quando é tratado sobre este tema, a percepção é de que elas não têm clareza sobre a importância do uso dos preservativos.

Neste contexto, é possível perceber que o HIV e AIDS é apenas uma das dificuldades enfrentadas pelas mulheres frequentam a Casa Fonte Colombo. Todas estas questões afetam a vida das mulheres, causando sofrimento e dor e, por isso, espaços de acolhimento como esse proporcionado pela Casa Fonte Colombo são tão importantes.

As informações até aqui apresentadas são referentes a observações e conversas com as mulheres que aconteceram no espaço de convivência da instituição, nas reuniões dos grupos de adesão e em conversas particulares com algumas usuárias. No segundo ano de inserção prática na instituição, após ler um artigo escrito na África do Sul, o qual relatava uma experiência de leitura da Bíblia com pessoas vivendo com HIV e AIDS, pensei que seria interessante fazer algo semelhante com as mulheres atendidas na Casa Fonte Colombo. Juntamente com meu colega elaboramos uma proposta para realizar oficinas com as mulheres com HIV e AIDS tematizando questões bíblicas. A proposta foi apresentada para os freis que concordaram e apoiaram a ideia. A partir de então começamos a conversar com as mulheres para ver se havia interesse em participar de uma oficina de leitura da Bíblia que levasse em conta a realidade e a experiência de vida delas.

*Contextualizando* foi o nome dado à oficina. Rogério, meu colega do mestrado em teologia, e eu escolhemos esse nome para evidenciar que o nosso objetivo era ler a Bíblia considerando o contexto do grupo e a experiência de mulheres com HIV e AIDS. Nossa proposta era ler a Bíblia com as mulheres com HIV e AIDS que frequentavam a Casa Fonte Colombo. Assim sendo, elaboramos um plano básico, pois nossa intenção era construir a oficina junto com as mulheres que se estariam dispostas a participar.

Fizemos o convite para todas as mulheres, mas a participação era livre. Participavam da oficina apenas as mulheres que tinham interesse.<sup>817</sup> Também deixamos claro que se

---

<sup>817</sup> Ao mesmo tempo aconteciam outras oficinas paralelas. A participação nas oficinas não era obrigatória. Muitas mulheres não participavam de nenhuma oficina oferecida. Ao final de cada semestre quem participava das oficinas recebia um certificado de participação, que tinha por objetivo não apenas reconhecer o empenho de quem participava, mas também para motivar as demais a participar.

quisessem poderiam participar no primeiro encontro e caso o assunto não interessasse podiam deixar o grupo. Começamos com dez mulheres inscritas, mas a média de participação era de seis a oito mulheres por encontro.

Não tínhamos como objetivo aplicar simplesmente um método ou aplicar a leitura da Bíblia de maneira prescritiva. Buscamos referências metodológicas que poderiam indicar uma direção e dar uma base para a proposta a ser construída com as participantes. O método que mais se aproximava do que pretendíamos fazer era a Leitura Popular da Bíblia. Não queríamos fazer um estudo bíblico como normalmente acontece nas comunidades, onde o/a ministro/a vem com a interpretação do texto pronta e apenas despeja o conteúdo. Queríamos ouvir o que as mulheres tinham a dizer. Queríamos saber como elas lêem a Bíblia. Quais os textos que despertam seu interesse... Assim, optamos pelo método de Leitura Popular da Bíblia e fomos desenvolvendo um jeito muito próprio de ler a Bíblia com esse pequeno grupo de mulheres, observando as possibilidades e limitações do grupo. Nós nos reuníamos inicialmente 2 vezes ao mês e depois apenas uma vez ao mês durante 50 minutos. Os encontros aconteciam em uma das salas de reuniões da instituição.

Iniciamos com conhecimentos básicos sobre Bíblia, antes de começar com a leitura e discussão de textos. No primeiro encontro pensamos que seria importante explicar como a Bíblia é organizada, como encontramos os textos bíblicos, a divisão em Antigo e Novo Testamentos. Logo no primeiro encontro percebemos que elas tinham bastante dificuldade e nenhuma ou quase nenhuma intimidade com a Bíblia. Elas não sabiam como encontrar os textos bíblicos. Por isso, este foi um exercício contínuo ao longo das oficinas.

Houve certa resistência por parte das usuárias em participar de uma oficina que tinha como proposta ler a Bíblia. Após o convite inicial, o interesse não foi muito grande. Havia uma certa curiosidade em saber o que pretendíamos fazer com a Bíblia. Algumas poucas usuárias, mais antigas na instituição, já haviam participado de uma oficina de leitura da Bíblia e queriam ver se seria da mesma forma. Outras diziam que não tinham tido boas experiências com a Bíblia e a Igreja, mas estavam dispostas a participar. Nos semestres seguintes imaginávamos que outras mulheres iriam participar da oficina e o grupo aumentaria, mas o não foi o que aconteceu. O grupo manteve-se praticamente o mesmo, com uma ou outra nova integrante.

Levando em consideração a adesão nas outras oficinas oferecidas por outras/os voluntárias/os, percebi que o maior interesse das mulheres não era necessariamente a participação nas oficinas, mas sim permanecer no espaço de convivência, enquanto aguardavam ser chamadas para outros serviços, sendo o principal deles a escolha de roupas que recebem como doação.

O fato de permanecer o mesmo grupo ao longo do tempo, no entanto, possibilitou que houvesse uma continuidade nos temas trabalhados e contribuiu para que pudéssemos perceber algumas transformações no comportamento das usuárias. A afinidade do grupo e a confiança estabelecida contribuíram para que as mulheres se sentissem mais à vontade no grupo e também mais dispostas a compartilhar suas opiniões.

Durante a oficina nós nos sentávamos em círculo, mas uma das participantes tinha certa resistência em sentar-se no círculo. Ela sempre pegava uma cadeira e sentava fora do círculo, mesmo com nossa insistência de que ela, como parte do grupo, era convidada a sentar-se na roda conosco. Ela também não falava muito. Dificilmente se ouvia a voz dela, mesmo quando perguntada se queria dizer alguma coisa. Com o passar do tempo percebi que não era mais necessário convidá-la para sentar na roda, ela chegava e sentava-se sempre no mesmo lugar. Também aos poucos ela começou a se sentir confortável e manifestar suas opiniões, dar sua contribuição.

Em uma conversa individual soube que ela havia passado por momentos difíceis e estava em tratamento para depressão. A partir disso também pude compreender porque em algumas tardes, mesmo que estivesse na instituição, ela não vinha para a oficina. Ela dizia que neste dia sua irmã gêmea tinha vindo e não ela mesma. Com isso, ela deixava claro que não estava em um dia bom e preferia ficar no espaço de convivência.

Num grupo sempre há pessoas que falam mais e outras que falam muito pouco. Há aquelas que sabem tudo e aquelas que se sentem intimidadas a falar diante do grupo. Precisei de um tempo para compreender que havia uma mulher que dominava o encontro e que, por isso, as demais não participavam. Quando fazíamos uma pergunta todas esperavam que ela desse a resposta. Além disso, a personalidade forte dela causava desconforto no grupo. Quando ela e outra pessoa discordavam sobre algum assunto, ela não admitia que alguém pensasse diferente dela. Foi preciso trabalhar o respeito às opiniões diferentes, bem como a necessidade de aprender a ouvir o que as pessoas têm a dizer. Ouvir de forma empática e, em caso de discordância, encontrar maneiras de discordar sem ser agressiva. Com o passar do tempo foi possível perceber as mudanças no comportamento, não apenas de uma participante, mas do grupo todo.

Nem sempre era fácil prender a atenção do grupo. Pelo menos uma das participantes tinha grandes dificuldades de manter-se concentrada e, às vezes, no meio da conversa sobre o texto, ela falava sobre outro assunto que não era relacionado. Isso desconcentrava o grupo todo.

No início da oficina elas ainda estavam bastante tímidas e esperavam que as respostas viessem de nós. Na experiência delas sempre havia alguém que interpretava o texto bíblico por

elas, já que esta é a prática da maior parte das igrejas e comunidades de fé. Muitas das experiências destas mulheres eram de leituras fundamentalistas da Bíblia, que tinham por objetivo ensinar o certo e o errado de maneira simples. Nem todas as mulheres tinham boas experiências com a Igreja ou com a Bíblia. Elas esperavam que nós disséssemos por qual caminho deveriam seguir na interpretação do texto. Após a leitura do texto bíblico eu dava tempo para que elas dissessem o que tinha chamado a atenção, que relação elas faziam do texto lido com a própria vida. A intenção com esta oficina era dar voz às mulheres com HIV e AIDS usuárias da Casa Fonte Colombo.

Lembro de uma das participantes dizer que tinha resistência em vir para a oficina, pois tinha sofrido preconceito ao procurar sua igreja. Quando descobriu que vivia com HIV, ela não foi acolhida, mas sofreu com o preconceito e a estigmatização devido à relação estabelecida entre a doença e a sexualidade na sua caracterização como pecado.

Embora a escolaridade fosse baixa e elas tivessem dificuldade para ler, incentivávamos que elas fizessem a leitura do texto bíblico, do jeito que podiam, devagar, fazendo pausas. Aconteceu uma vez que em que uma das participantes leu alguma palavra do texto errado e as demais começaram a rir. Nesse momento percebi que a mulher que estava lendo o texto bíblico ficou constrangida. Aproveitei o momento para falar sobre o respeito que precisamos ter pelas outras pessoas. Que todas temos nossas dificuldades e sabemos fazer algumas coisas melhores do que outras.

Algumas integrantes participavam assiduamente dos encontros, enquanto outras vinham eventualmente. A participação nas oficinas era livre, não impedíamos nenhuma usuária de participar assim como não obrigávamos nenhuma a participar, mesmo que estivessem inscritas. Algumas vezes elas não vinham na oficina porque ainda aguardavam algum outro serviço, como massagem, por exemplo.

Uma usuária que participava das oficinas dizia não ter fé. Ela já estava desligada de qualquer instituição religiosa há bastante tempo. Embora ela dissesse que não tinha fé, contou que possuía uma imagem de Jesus em casa e todos os dias agradecia pela proteção recebida e pedia para que continuasse a protegê-la. Esta questão sobre ter fé surgiu quando conversávamos sobre o texto bíblico da mulher hemorrágica, em que Jesus termina dizendo: Tua fé te curou! Nos perguntávamos se é possível medir a fé das pessoas, se o fato de ir na igreja faz com que as pessoas tenham mais fé do que outras que não vão. Concluímos que a fé pode ser experimentada de diversas formas e as pessoas a associam a situações vividas.

Trabalhamos o texto do Bom Samaritano e neste encontro elas deram ênfase para a questão de receber ajuda de quem menos se espera. A experiência de muitas pessoas com HIV

e AIDS é semelhante. Sofrem com o preconceito e a discriminação da sociedade e também da família. Uma das usuárias nos contou sua mãe separava os utensílios que ela usava, tais como pratos e talheres, lavava as roupas separada e não deixava que nenhum dos/as sobrinhos/as se aproximasse dela. Na experiência de grande parte do grupo elas tiveram maior apoio de pessoas que não eram da família. Uma das participantes contou que ajudou uma de suas vizinhas, que não tinha o que comer. Ela ofereceu o pouco que tinha a essa vizinha. Por ser vizinha ela pensou que podia confiar, mas sofreu uma grande decepção, pois esta vizinha contou para outras pessoas que ela tinha AIDS e por conta do estigma ela precisou mudar de bairro.

Por ocasião do Dia Internacional da Mulher lemos a mensagem “Recebi Flores Hoje”<sup>818</sup>, que reflete uma situação de violência contra as mulheres. Neste dia não foi trabalhado um texto bíblico em específico, mas a mensagem mexeu com as emoções das participantes. Todas elas tinham alguma amiga ou conhecida que tinha passado por situações de violência doméstica. Por ser uma situação delicada é mais fácil falar da experiência de outras pessoas do que de si mesmas.

Uma das usuárias mais antigas da instituição era também uma das mais falantes do grupo. Ela tinha sido infectada por um ex-namorado e se sente culpada por não ter se protegido, já que desconfiava da infidelidade dele. Dedicou alguns anos para cuidar do pai doente. Nunca deixou claro o motivo, mas sempre que falava do pai deixava transparecer uma mágoa muito grande. Dizia que cuidava dele não porque era seu pai, mas porque cuidaria de qualquer ser humano que precisasse de ajuda. Tinha grande dificuldade de perdoar o pai por algo de ruim que havia feito a ela. Motivadas pela história dela trabalhamos o tema “perdão” em um de nossos encontros. Lemos o texto de Mateus no qual Jesus é perguntado sobre quantas vezes se deve perdoar. Foi feita a relação com o texto em que Jesus fala do amor ao próximo. Essa leitura permitiu ver a importância do cuidado da participante com o pai, mas também como o cuidado geralmente é assumido pelas mulheres, mesmo quando há situações de conflito.

As mulheres nos pediram para trabalhar alguns personagens Bíblicos conhecidos. Elas queriam relembrar as histórias que ouviam na infância. Lemos textos de Moisés, Salomão, Davi. Em algum momento então sugeri que talvez seria interessante ler alguns textos de mulheres na Bíblia. Perguntei a elas de quais textos lembravam e gostariam de ler. Lemos sobre Eva, Rute, Sara, Marta e Maria, Maria e Maria Madalena.

---

<sup>818</sup> Veja conteúdo da mensagem Hoje recebi flores. Disponível em: <<http://www.assistenciasocial.al.gov.br/acervo/hoje-recebi-flores-mensagem-sobre-agressao-fisica>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

Quando trabalhamos o texto de Eva por exemplo, fiquei surpresa quando uma das mulheres trouxe uma folha impressa que tinha conseguido na internet com a história de Lilith. Ela estava convicta de que Eva não tinha sido a primeira mulher de Adão. As participantes gostaram da ideia de que a primeira mulher não tinha aceito as regras e tinha se negado a casar. Falamos da história de quando as mulheres eram obrigadas a casar com homens que não tinham escolhido. Com relação a ideia de Eva ser culpada de ter trazido o pecado o mundo, elas entendem que está errada. Para elas, Eva é portadora da vida, pois é graças a Eva que nós estamos aqui hoje. A macieira representa o livre arbítrio e cabe a cada pessoa escolher que caminho quer seguir.

Quando iniciamos esse trabalho não sabíamos onde ia chegar, nem mesmo se seria aceito ou se daria certo. A cada encontro as mulheres se envolviam mais e mais. Quando fazíamos uma rodada de avaliação as respostas eram sempre positivas e elas diziam querer continuar com as oficinas. Conforme o grupo ia adquirindo afinidade iam sentindo-se mais confortáveis. Faziam perguntas, traziam sugestão de temas e textos.

Nestes relatos é possível perceber que a relação com o HIV e AIDS nem sempre apareceu nas conversas. Entendi que não é porque elas têm HIV e/ou AIDS que elas querem falar disso o tempo todo. A vida delas é mais que uma doença ou um vírus. Para elas o importante era ler a Bíblia. Elas queriam aprender sobre e com a Bíblia e junto com isso falar sobre questões da vida. A Bíblia é um elemento importante que alimenta fé. Ainda que elas não tivessem Bíblia em casa, elas tinham memórias sobre textos bíblicos. Essas memórias iam sendo resgatadas na medida em que liamos a Bíblia em conjunto.

O grupo, a oficina, transformou-se num espaço de apoio coletivo, em que a vida era partilhada junto com Bíblia numa relação de confiança. Lemos a Bíblia juntas, nos emocionamos em muitos momentos, partilhamos lágrimas e alegrias. A oficina de leitura da Bíblia transformou-se num espaço seguro, de confiança. Neste espaço laços foram estreitados e vínculos fortalecidos.

Quando encerrei a oficina no último semestre antes de ir para a África do Sul uma das usuárias pediu para que eu não esquecesse delas. Ela disse que eu deveria ir, sim, para África do Sul, pois eu ainda tinha muito para aprender. Disse que eu estava lá para ensinar elas a ler a Bíblia, mas na verdade quem estava aprendendo era eu. Nesse tempo que estive na Casa Fonte Colombo aprendi a olhar as pessoas com HIV e AIDS de maneira diferente. Precisei romper com meus próprios preconceitos em relação a essas pessoas. Respeitar o tempo delas e deixar que elas contassem suas histórias quando se sentissem confortáveis e me deixar afetar por elas.

A inserção prática com as mulheres na Casa Fonte Colombo fez com que eu buscasse aprofundamentos sobre o método de Leitura da Bíblia. O envolvimento com as mulheres me fez despertar para questões de gênero que afetam a vida das mulheres de maneira geral e contribuem para o crescimento da epidemia, e, por isso, busquei aprofundar essa temática a partir da Leitura Feminista da Bíblia.

### 3.5.2 O Centro Ujamaa e oficinas de Leitura Contextual da Bíblia

A experiência na África do Sul surgiu a partir da participação em um evento naquele país, onde apresentei um artigo contando um pouco da minha experiência de ler a Bíblia de maneira positiva na Casa Fonte Colombo.<sup>819</sup> Neste evento conheci o professor Gerald West, então coordenador do Centro Ujamaa e também Bongzi Zengele, assistente social e teóloga, que atuava há vários anos fazendo leituras da Bíblia com grupos de pessoas com HIV e AIDS em Pietermaritzburg. De volta ao Brasil, comecei a pensar sobre passar um tempo de meus estudos conhecendo o Centro Ujamaa.<sup>820</sup>

O HIV e AIDS é um problema que afeta a vida de milhares de pessoas na África do Sul, sendo a região de Kwa-Zulu Natal uma das mais afetadas. O alto número de pessoas infectadas aliado ao estigma que afetava essas pessoas fez com o Ujamaa Centre voltasse os olhares também para esta situação desde muito cedo, procurando respostas teológicas que pudessem ajudar as pessoas afetadas pela doença a resgatar a dignidade. Os muitos anos de experiência com a temática do HIV e da AIDS foram a principal motivação para essa aproximação com o Centro Ujamaa.

A experiência de realização da oficina sobre Leitura Popular da Bíblia com mulheres com HIV e AIDS na Casa Fonte Colombo motivou outras buscas. Por um lado, senti a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre Leitura Popular da Bíblia para poder refletir sobre suas contribuições para esse contexto específico. Da mesma forma, a Leitura Feminista da Bíblia emergiu como um outro elemento teórico e metodológico que ajudasse a pensar especificamente sobre a realidade das mulheres e sobre as questões de gênero. O que constatei nesse processo é que há poucas fontes que fazem essas conexões: leitura da Bíblia e mulheres com HIV e AIDS. Uma terceira ferramenta, todas elas abordadas de modo detalhado no capítulo

---

<sup>819</sup> SCHRÖDER, Elisa Fenner. Lendo a Bíblia positivamente: leitura popular da Bíblia com pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil. In: BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. *Teologia Pública No Brasil e Na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*, São Leopoldo: Sinodal, 2014. v. 4, p. 343-360.

<sup>820</sup> No capítulo 2 foi apresentado o método de Leitura Contextual da Bíblia desenvolvido e aplicado pelo Centro Ujamaa na atuação junto a grupos organizados de pessoas pobres e marginalizadas em Pietermaritzburg e arredores.

anterior, a Leitura Contextual da Bíblia, desenvolvida particularmente na África do Sul despertou a curiosidade de conhecer essa metodologia e sua aplicação no contexto da África do Sul através de um intercâmbio.

Entre setembro de 2014 e julho de 2015 tive a oportunidade de fazer um estágio-sanduíche em Pietermaritzburg, África do Sul. Diferentemente da experiência de quatro anos que tive com as mulheres na Casa Fonte Colombo, minha experiência na África do Sul foi breve. Enquanto na Casa Fonte Colombo criei vínculos de amizade com as usuárias, especialmente com aquelas que frequentavam a oficina, na África do Sul estive apenas uma única vez com cada grupo.

Meu papel na Casa Fonte Colombo foi muito mais ativo, desde propor a criação da oficina, pensar numa maneira de desenvolvê-la e até mesmo de convidar as mulheres para participar. Na África do Sul eu fui como ‘expectadora’ de um trabalho que já acontece há quase 20 anos em algumas comunidades. Esse foi, justamente, o motivo que me levou para a África do Sul. Ou seja, conhecer um trabalho desenvolvido pela academia, através do Centro Ujamaa, em parceria com grupos organizados nas comunidades de pessoas pobres e marginalizadas e com enfoque especial em HIV e AIDS.

Fiquei na África do Sul pelo período de dez meses. Neste tempo fiquei sob a supervisão do professor Gerald West, ex-coordenador do Centro Ujamaa e um dos grandes colaboradores no desenvolvimento da metodologia utilizada pelo Centro no trabalho com as comunidades, ou seja, a metodologia de Leitura Contextual da Bíblia.

O Ujamaa, agora sob supervisão de Simanga Kumalo, foi o meu ponto de referência. Foi ali que encontrei suporte e também onde compartilhei com colegas minha experiência no Brasil e soube da experiência deles/as no trabalho com as comunidades. Soube das dificuldades e desafios que é manter uma organização como essa funcionando e da importância que é a captação de recursos para desenvolver o trabalho. Como é possível medir o impacto que produzido na transformação das pessoas e comunidades? Quanto tempo é necessário dedicar para o cuidado com pessoas com HIV e AIDS de forma que esse tempo contribua para seu empoderamento? Essas são algumas das questões que emergiram desse contato mais próximo com a realidade do próprio centro.

Além do envolvimento com o Centro Ujamaa tive a oportunidade de frequentar as aulas na universidade. Busquei componentes curriculares que estivessem relacionados ao meu tema de pesquisa, como Bíblia, gênero, aconselhamento pastoral, teologia e desenvolvimento. Participar das aulas foi bastante interessante, pois foi possível perceber como alguns temas são bastante difíceis de serem trabalhados no contexto africano. Os/as alunos/as vinham de

diferentes regiões da África, e por ser uma universidade pública ela não é confessional. Havia estudantes das mais diferentes tradições e denominações religiosas. Quando o assunto era relacionado a sexualidade e homossexualidade, por exemplo, era bastante difícil para alguns/as estudantes entrar em um diálogo sobre essas questões. Entravam em conflito com suas crenças religiosas, segundo às quais a homossexualidade é considerada pecado.

A Universidade era um espaço que me proporcionava ter contato com estudantes de culturas diferentes. Ao longo do semestre pude ouvir um pouco sobre algumas questões culturais que eram trazidas para as discussões e a importância que a cultura ocupa na vida do povo africano. Por ser um continente tão diverso cultural e etnicamente é preciso ter cuidado para não generalizar quando se fala de cultura africana ou mesmo sul africana. Embora tenha vivido dez meses na África do Sul, em alguns momentos é bastante difícil distinguir entre uma cultura e outra.

Em frente à Universidade fica o Instituto Teológico Luterano (LTI- Lutheran Theological Institut). É um seminário que forma ministros e ministras que irão atuar nas comunidades luteranas da África do Sul. O seminário possibilita que os/as estudantes possam residir no local e aqueles/as que têm interesse em ter uma graduação na universidade podem cursar disciplinas paralelas aos estudos de teologia para o ministério. Além das moradias o LTI também dispõe de uma boa biblioteca e acesso a computadores. Foi no LTI que residi durante maior parte do período de minha estadia no país.

Nas conversas com os/as estudantes, tanto na universidade quanto no LTI, percebi como as mulheres ocupam uma posição de inferioridade na sociedade sul africana. Um de meus colegas, pertencente a uma família tradicional Zulu, costumava contar um pouco sobre a sua cultura. Segundo ele, na cultura Zulu, por exemplo, as famílias das mulheres recebem lobola, que é uma espécie de dote que é pago pela família do homem durante a negociação do casamento. Os casamentos, geralmente, são arranjados pelas famílias dos/as jovens. Segundo meu colega, as negociações eram feitas pelos tios do noivo com os tios da noiva. O dote não tinha um valor definido, ele podia variar conforme as condições econômicas da família e também conforme as qualidades da menina.

Nas conversas com esse colega e também na sala de aula entendi que, de certa forma, a pureza das meninas é valorizada, pois o valor do dote é menor caso ela já tenha filhos/as. Por ocasião do casamento os/as filhos/as que ela tiver tido anteriormente ficam com a família da mulher. Através do casamento a mulher passa a pertencer à família do marido. Os mais velhos é que tomam as decisões. Os/as filhos/as são criados/as por toda família, não são apenas os/as pais/mães os/as responsáveis. Essa prática é mais comum nas comunidades do interior. Embora

possa parecer bastante estranho, essa prática faz parte de seu cotidiano. Caso o casal já esteja junto há algum tempo e ainda não tenha filhos/as, a família, ou seja, as pessoas mais velhas da família, é que decidem com qual dos irmãos do homem a mulher terá relações sexuais para engravidar. Os/as filhos/as, no entanto, são considerados como sendo do marido.<sup>821</sup>

Estar em um país com uma cultura tão diferente da minha foi importante, pois contribuiu para que pudesse perceber como somos moldados/as pela cultura. A cultura define como nos colocamos na sociedade e ficou bastante evidente que as mulheres estão em posição de inferioridade.

O trabalho do Centro Ujamaa é bastante amplo e a temática do HIV e da AIDS é apenas umas das linhas de trabalho que ele desenvolve.<sup>822</sup> Nos meses em que lá estive pude visitar alguns grupos de mulheres vivendo com HIV nos arredores de Pietermaritzburg. São grupos organizados em comunidades do interior ou da periferia de Pietermaritzburg ou cidades próximas. As comunidades eram bastante afastadas da cidade, com poucos recursos de acesso. O transporte público é precário e caro, o que muitas vezes dificulta o acesso das mulheres até o centro comunitário, a casa ou a igreja onde os encontros acontecem.

Fui aos encontros acompanhada de uma das colaboradoras do Ujamaa, chamada Bongzi Zengele,<sup>823</sup> que já atua há muitos anos junto aos grupos de mulheres e homens com HIV e AIDS através de oficinas de Leitura Contextual da Bíblia. Os encontros com os/as colaboradores/as do Ujamaa Centre acontecem periodicamente, mas o próprio grupo realiza encontros sem a presença de um/a colaborador/a. Os encontros do grupo (sem a presença do Ujamaa) acontecem mensalmente e, além de ler a Bíblia, o grupo discute questões pertinentes a eles/elas como acesso aos serviços de saúde e tratamento.

Meu interesse era conhecer como eram realizadas as oficinas de Leitura Contextual da Bíblia, como e onde vivem as mulheres com HIV e AIDS no contexto sul africano. Participei dos encontros como convidada e procurei não interferir no andamento do encontro. Todas as falas precisavam ser traduzidas para mim. Senti que em alguns momentos a tradução era mais

---

<sup>821</sup> Este artigo sobre o Congo apresenta algumas das informações mencionadas. MALEKE-KONDEMO, Marthe. Gender Reading of Ruth 3:1-18 in the Contexto of Poverty and HIV and AIDS: Challenging the Idolisation of Hetero-sexual Marriage among the Anamongo People in the Democratic Republic of Congo. *JOURNAL OF GENDER and Religion in Africa*. v. 19, n. 1, jul. 2013.

<sup>822</sup> A temática do HIV e AIDS faz parte do programa Teologia do corpo (body theologie), que além deste tema compõe também questões relacionadas a violência doméstica contra a mulher, violência contra crianças e violência contra população LGBTI. UJAMAA. *Programmes*. Disponível em: <<http://ujamaa.ukzn.ac.za/WhatUJAMAAdoes/Programmes.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

<sup>823</sup> Junto com o professor Gerald West, Bongzi escreveu alguns artigos sobre sua experiência nas comunidades. WEST, Gerald e ZENGELE, Bongzi. The Medicine of God's Word: What People Living with HIV and AIDS Want (and Get) from the Bible. *Journal of Theology for Southern Africa*, n. 125, p. 51-63, jul. 2006. E WEST e ZENGELE, 2004.

uma interpretação do que havia sido dito do que uma tradução literam. A língua inglesa era compreendida por poucas mulheres e minha comunicação com elas era bastante restrita. A língua falada no encontro era o *isiZulu*,<sup>824</sup> língua local e predominante na região de KwaZulu-Natal. Durante o *apartheid* as línguas indígenas não eram permitidas, inclusive nas escolas foram proibidas.<sup>825</sup> Por isso, fazer os encontros de Leitura Contextual da Bíblia na língua que o povo fala é considerado parte fundamental.

Os encontros aconteciam na parte da manhã e terminavam com um lanche em conjunto (que era trazido pelo Ujamaa). Bongí e eu íamos de carro e, geralmente, encontrávamos o grupo já reunido nos esperando. A média de participação nos grupos variava entre 10 e 15 mulheres. Apenas um dos grupos do qual tive a oportunidade de participar reuniu mais de 40 pessoas, em um grupo misto. Bongí me disse que alguns grupos são bem maiores, mas a data do encontro coincidiu com algum outro evento simultâneo. Em um dos encontros estavam presentes poucas pessoas, pois havia um sepultamento. Os enterros são bem importantes para a cultura africana, reúnem a comunidade toda. A média de idade dos/das participantes variava entre 25 e 50 anos de idade.

A escolaridade em geral era baixa, com dificuldade de ler, o que podia ser percebido durante o encontro na leitura do texto bíblico. A situação econômica é bastante precária. O índice de desemprego é bastante elevado. A distância dos centros urbanos dificulta o acesso aos empregos. Na região em que estivemos havia grandes plantações de cana de açúcar e o trabalho nas fazendas é uma opção de emprego, ao menos para os homens.

Os índices de pessoas com HIV e AIDS nesses locais é bastante elevado. Me lembro que perguntei para a pessoa que estava me acompanhando quantas pessoas vivendo com vírus havia na comunidade e a resposta foi bastante impactante: ela me disse que o índice é tão elevado que é preciso perguntar quantas pessoas não vivem com o vírus. A verdade é que é bastante difícil dizer ao certo o número de pessoas infectadas. Algumas morrem sem nunca ter recebido o diagnóstico. O acesso ao tratamento é bem difícil e não há tratamento garantido para toda população. Nesse sentido, as igrejas desempenham um papel importante atuando no cuidado com as pessoas com HIV e AIDS e mobilizando campanhas para garantir acesso ao tratamento para o maior número de pessoas possível.

Em um desses encontros uma das mulheres disse que receber o resultado positivo para o HIV era como uma sentença de morte. Além de ser discriminada dentro da comunidade o sistema de saúde não dava conta de atender a demanda e a morte em pouco tempo era certa. Os

---

<sup>824</sup> A África do Sul possui onze idiomas oficiais.

<sup>825</sup> Ver mais sobre isso no ponto em que fala do *apartheid*. BUTTELLI, 2013, e capítulo 2 desta tese.

medicamentos antirretrovirais são distribuídos apenas em determinados locais/hospitais, e isso faz aumentar o estigma, pois fica visível que quem está retirando medicamentos nestes locais é HIV positivo/a.

Em um dos grupos de mulheres do qual participei, acompanhada de Rose (colaboradora do UJamaa que atua com mulheres refugiadas em Durban) foram tratadas questões referentes à sexualidade. O local do encontro foi uma pequena sala dentro de uma igreja pentecostal, em Durban, da qual algumas mulheres do grupo fazem parte. Neste dia havia a presença de uma enfermeira que, por conta de sua profissão, podia abordar o assunto com maior liberdade e as mulheres podiam sentir-se à vontade para tirar dúvidas. Esse encontro era a continuidade de um tema que havia sido tratado no encontro anterior, do qual eu não participei, em que a questão da sexualidade foi levantada a partir do texto bíblico que tinha sido trabalhado. Embora o encontro tivesse por objetivo tratar o tema da sexualidade de maneira a empoderar as mulheres, senti que no final do encontro o peso da responsabilidade em fazer com que a relação (inclusive a sexual) seja boa está sobre a mulher. A mulher precisa ser uma boa esposa e agradar o marido.

Embora nem todas as falas estivessem sendo traduzidas para mim, era possível perceber que algumas mulheres do grupo se sentiam envergonhadas em falar sobre o assunto. Risos sem graça, olhares desconfiados, momentos de silêncio.... a enfermeira usou o quadro que tinha na sala e fez o desenho de uma vagina, explicando cada parte e onde fica o clitóris. Acredito que esse tenha sido o momento de maior desconforto do grupo, pois ela perguntou se elas sabiam como a vagina era. Algumas risadas se ouviram nesse momento.

Quando a enfermeira deixou o local, a colaboradora do Centro Ujamaa propôs a leitura do texto bíblico que fala sobre a mulher que sangrava por doze anos. A partir deste texto ela fez uma relação com o que havia sido exposto pela enfermeira. Conforme Rose, o sangramento representava os sofrimentos das mulheres, que podem ser muitos. Ela falou que existe a compreensão de que as mulheres ficam impuras quando estão menstruadas.

Embora este grupo em específico não seja de mulheres com HIV e AIDS, mas sim de um grupo de mulheres refugiadas, é possível perceber através destas falas como é tratada a questão da sexualidade das mulheres e como essas questões influenciam na sua vulnerabilidade no contexto da epidemia de HIV e AIDS.

Aos poucos o trabalho de Leitura Contextual da Bíblia que vem sendo desenvolvido pelo Centro Ujamaa está sendo expandido para outros lugares do continente africano. Como dito anteriormente, na Universidade há estudantes de diferentes regiões da África, especialmente dos países mais próximos da fronteira com a África do Sul.

Um dos colaboradores do Centro Ujamaa é de Moçambique e atua na realização de oficinas de Leitura Contextual da Bíblia em comunidades de Moçambique. Ele foi aluno do professor Gerald West e estudou o método de Leitura Contextual da Bíblia. Participamos do mesmo encontro de formação e capacitação de colaboradores/as promovido pelo Centro Ujamaa. Nesta oportunidade fizemos o primeiro contato sobre a possibilidade de realizar uma oficina de Leitura Contextual da Bíblia em solo moçambicano.

Entendemos a realização da oficina em Moçambique como uma oportunidade de colocar em prática aquilo que vinha sendo estudado nas aulas e através das leituras dos materiais publicados sobre a metodologia. Pensamos em Moçambique pois o país tem como língua oficial o português e isso facilitaria meu envolvimento com o grupo.

Durante três dias estive em uma pequena comunidade no interior de Xai-Xai acompanhando grupos de mulheres numa oficina de Leitura Contextual da Bíblia. Nos dois primeiros dias acompanhei dois de meus colegas na realização da oficina com as mulheres líderes da comunidade e no terceiro dia fui com um de meus colegas para um outro grupo de pessoas com HIV e AIDS.

Esse encontro em Moçambique se deu através de uma parceria entre o Ujamaa Centre e a Visão Mundial.<sup>826</sup> O objetivo do encontro era refletir sobre o tema da vulnerabilidade feminina. A Visão Mundial propôs a temática que considerou ser importante para o contexto e o Ujamaa preparou e coordenou a oficina de Leitura Contextual da Bíblia.

Neste encontro, na medida em que a reflexão a partir do texto bíblico ia acontecendo, as mulheres iam trazendo suas histórias de vida e suas experiências de vida. A partir das perguntas feitas a partir do texto as mulheres partilhavam em pequenos grupos as questões relevantes para o contexto da comunidade.

Nos três dias de encontro participaram cerca de 60 mulheres e meninas, reunidas no centro comunitário que fica ao lado da sede da Visão Mundial. O encontro começava às 9h da manhã, com intervalo para almoço fornecido pela Visão Mundial e encerrava às 16h para que as mulheres pudessem voltar para casa cedo e ter tempo de realizar as tarefas da casa e fazer o jantar para os maridos/companheiros.

---

<sup>826</sup> “World Vision Mozambique serves children in communities across the country through child sponsorship, with programmes providing including health care, education, and water and sanitation. World Vision started operations in the country in 1983, providing assistance to people displaced by war. Eventually transitioning to development programming, World Vision created its first Area Development Programme (ADP) with child sponsorship in 1997. Currently, there are 110,000 children registered in 31 sponsorship programmes. World Vision programmes serve a total of 3.5 million people in Gaza, Tete, Zambezia, and Nampula provinces”. WORLD VISION MOZAMBIQUE. Disponível em: <<http://www.wvi.org/mozambique>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

Por ser um grupo grande, achamos melhor dividir as participantes em pequenos grupos. Foram criados cinco grupos de acordo com a idade das participantes. As mulheres que participaram do encontro tinham idade entre 14 e 60 anos de idade, sendo que a maioria estava entre os 25 e 40 anos. A maior parte delas exercia algum cargo de liderança na comunidade ou nos grupos de poupança.<sup>827</sup> O grau de escolaridade, de maneira geral, era bem baixo e poucas eram as mulheres que tinham concluído o ensino fundamental. Muitas delas tinham dificuldade em ler e escrever. As mais jovens ainda frequentavam a escola.

A leitura do texto bíblico era realizada pelas participantes em voz alta para todo grupo. Para realizar o encontro seguimos o Manual do Ujamaa e a proposta de encontro sobre a temática proposta por eles. O encontro foi bilíngue, partes em português e partes em Changoene, pois embora a língua oficial de Moçambique seja o português, nas comunidades ainda é a língua indígena local que predomina. Algumas participantes tinham dificuldade de falar em português. Em alguns momentos também foi preciso fazer a tradução do português para o inglês, para que o outro colega, vindo da África do Sul, pudesse compreender (ele também sabia falar changoene).

Iniciamos o encontro com um momento de reflexão, música e oração. Na sequência fizemos uma pergunta geral sobre a tema proposto. “Quais as causas da vulnerabilidade das mulheres e meninas na comunidade local?” Nosso objetivo com essa pergunta era conhecer um pouco melhor o contexto local e, ao mesmo tempo, identificar como as mulheres percebem a sua experiência dentro deste contexto.

Através das falas de mulheres ficou evidente que a baixa escolaridade das mulheres está relacionada à subordinação delas em relação aos homens. Os casamentos geralmente acontecem através de arranjos familiares e quando as meninas ainda são bastante jovens. Caso estejam na escola ficou claro que os noivos ou maridos obrigam as meninas a abandonar os estudos. A baixa escolaridade foi um dos fatores apontados em todos os grupos como uma das causas da vulnerabilidade, aliada à falta de recursos financeiros e pouca oferta de possibilidades de trabalho, tornando assim as mulheres dependentes economicamente dos maridos/companheiros.

As famílias vivem dos produtos que plantam na terra e daquilo que conseguem vender na vila ou na beira de estrada. São as mulheres que cuidam da lavoura. Os homens trabalham fora, pois são os responsáveis por trazer dinheiro para dentro de casa. Às mulheres cabe a tarefa de cuidar da casa, dos/as filhos/as e da lavoura.

---

<sup>827</sup> São grupos organizados de mulheres que tem como objetivo guardar algum dinheiro para uma situação de emergência.

As meninas e mulheres vêem a questão da baixa escolaridade como uma das causas da vulnerabilidade feminina. Sem estudos as mulheres também não conhecem os seus direitos e fica mais fácil dominá-las. Elas mesmas admitem que se uma mulher é violentada ou sofre violência doméstica ela não saberá onde buscar ajuda e nem saberá que possui direitos.

A religião foi um outro fator apontado e que influencia na vulnerabilidade das mulheres. Segundo elas, os líderes religiosos é que fazem as leis existentes na comunidade. Os líderes geralmente são homens que impõe uma leitura machista e patriarcal da Bíblia. A Bíblia é usada como instrumento de opressão para as mulheres, pois é utilizada para colocar e manter as mulheres em situação de subordinação e inferioridade. Um dos textos citados por elas que é usado pelos homens é o relato da criação, já que a mulher foi criada depois do homem, então ela seria menos importante. Embora as mulheres desempenhem papéis importantes dentro da igreja e da comunidade na realização dos serviços, não é comum encontrar mulheres em cargos de liderança.

Após esse momento de introdução ao tema propomos a leitura do texto de João 4. 1-12, que fala sobre o encontro de Jesus com uma mulher samaritana junto ao poço. O enfoque das primeiras perguntas foi feito para que os/as participantes olhassem para o texto bíblico em si, buscassem os detalhes do texto. Trabalhamos na parte da manhã com o primeiro bloco de perguntas e na parte da tarde com um bloco de perguntas que tinham por objetivo relacionar o texto bíblico com o contexto. Na interpretação das mulheres do Changoene a mulher samaritana vivia uma vida desregrada, pois tinha tido muitos maridos. Uma mulher nessa condição não é bem vista pela sociedade e sofre com estigma e preconceito. Segundo elas há mulheres nessa situação na comunidade, mas elas não deram detalhes sobre quem seriam essas mulheres. Para elas o papel da Igreja é o de aconselhar essas mulheres a mudar de vida e acolhê-las.

No segundo dia de oficinas trabalhamos o texto de Rute 1-4 para discutir a temática da vulnerabilidade econômica. Seguimos mais uma vez o roteiro proposto no manual do Ujamaa, adaptando algumas das perguntas para o contexto local. Para as mulheres de Changoene chamou a atenção a relação de amor e afeto entre nora e sogra, algo que para o contexto delas nem sempre é a realidade. Além disso elas destacaram a dedicação desta nora em buscar sustento para a ambas e o incentivo que Noemi deu para Rute em encontrar outro marido. Pela cultura local, as mulheres, depois de casadas passam a fazer parte da família do marido e, por isso, não é bem aceito que a mulher case novamente. Após a conversa sobre o texto elas chegaram à conclusão de que isso é injusto com a nora, pois a vida de viúva é muito mais difícil do que ter outro marido.

Quanto ao comportamento dos personagens elas destacaram que para aquela época o conselho de Naomi para Rute de ir se deitar com Boaz poder ter sido bom, mas que nos dias de hoje isso pode ser perigoso, pois existe muita violência e também há o risco de adquirir alguma doença. O comportamento de Boaz foi interpretado de maneiras diferentes: enquanto para algumas ele era um bom homem e ajudou uma mulher que passava por necessidade, para outras ele se aproveitou da sua fragilidade e não deu a ela opção de escolha de trabalhar em outro local.

Ao final de cada dia de atividades realizávamos um momento de avaliação do que havia acontecido. Na avaliação das participantes estes momentos de reflexão sobre a própria realidade foram importantes e significativos.

Percebemos que a dependência financeira faz com que as mulheres sejam subordinadas aos maridos. Elas não podem sair de casa, pois precisam do suporte do homem para sustentar os/as filhos/as. Muitas vezes, a família não oferece suporte e as mulheres não têm para onde ir. Se a menina não pode estudar, isto significa que vai ser bem difícil para ela conseguir um bom trabalho. As opções que elas têm são o trabalho doméstico, trabalho nas lavouras e venda dos produtos, fazer parte de grupos de poupança ou a prostituição, como lembrado por uma das participantes. Não há muitas opções de trabalho para as mulheres terem um salário e poderem sustentar a família.

Desde cedo as meninas aprendem como cozinhar, cuidar da casa e dos/as filhos/as, cuidar da lavoura e ser uma boa esposa. Entretanto, elas não aprendem a defender a si próprias de maus tratos dos maridos. Pelo contrário, aprendem que devem aceitar as decisões do marido ou da família dele e, até mesmo, aceitar que o marido tenha uma segunda esposa (caso ela não possa ter filhos/as). A educação é feita por mulheres, ensinamentos passam de mãe para filha, de geração em geração e nada muda. É o círculo que segue.

No terceiro dia de trabalho em Changone, deixei o grupo com que havíamos trabalhado por dois dias e, junto com Helder fui para um outro local próximo encontrar com um grupo de mulheres com HIV e AIDS. Esta seria a primeira oportunidade em que eu estaria facilitando um encontro de Leitura Contextual da Bíblia sozinha. Embora Helder estive comigo, tínhamos combinado que ele iria intervir apenas quando fosse necessário.

Eu não tinha informações prévias sobre o grupo e tampouco era possível estipular quantas pessoas iriam participar. Ao chegar, para minha surpresa, as mulheres desse grupo não falavam português. Todo o nosso encontro precisou ser traduzido do português para o changoene e vice-versa. Por sorte Helder estava comigo e pode fazer a tradução. Eu acredito que isso dificultou um pouco o processo, pois a interação com as mulheres era muito limitada.

Além disso, não havia entrosamento entre o grupo, os/as participantes não se conheciam anteriormente e estavam todos/as bastante tímidos/as.

Iniciamos o encontro com uma dinâmica de apresentação dos nomes, de forma que elas/eles ficassem mais confortáveis. Eram nove mulheres e um homem vindas/o de comunidades distantes, com difícil acesso e sem saneamento básico. A escolaridade deste grupo era ainda mais baixa, apenas uma jovem sabia ler. Vieram para o encontro sem saber exatamente o que ia acontecer. Estavam porque tinham esperança de que iríamos trazer algo de bom. Vieram buscando um pouco de esperança em meio a situações difíceis. Segundo as participantes é comum que quando há algum encontro as pessoas ganham alguma coisa pela participação, pode ser roupas ou comida. Nós levamos apenas o almoço, igualmente oferecido pela Visão Mundial.

O local onde nos encontramos pertencia à alguma instituição, alguma espécie de sindicato. A sala era ampla, mas pouco iluminada. Colocamos as cadeiras em um pequeno círculo. O banheiro era feito de palha, e o vaso sanitário era apenas um buraco feito no chão. Saneamento básico é bastante precário e nos locais mais distantes até mesmo encontrar água é muito difícil.

Nossa intenção era trabalhar com o grupo da mesma forma como vínhamos fazendo com o outro grupo, mas isso não foi possível. Como boa parte do grupo não sabia ler e nem escrever, não fazia nenhum sentido escrever as perguntas e pedir para que elas/e escrevessem suas respostas. Dividimos o grupo em dois e deixamos um tempo de discussão para casa pergunta, em seguida elas/e voltavam para o círculo e alguém contava o que tinham conversado sobre aquela pergunta. Logo ele e elas acharam melhor mudar a estratégia e permanecer no grande grupo. Disse que minha preocupação era possibilitar que todas as pessoas pudessem participar de forma ativa. Ele/as garantiram que ninguém deixaria de dizer o que pensam e que se estavam em silêncio é porque concordavam com o que havia sido dito.

O texto que propomos era de Marcos 5. 25-34, da mulher que sangrou por doze anos. Para o/as participantes este texto foi importante, pois falava da cura de um mal, uma cura que não pode ser alcançada através de medicamento, mas através da Palavra de Deus que dá a vida. Ele/as relacionaram a vida desta mulher do texto bíblico com a sua vida, que gastam tudo o que têm, vão em muitos médicos para descobrir o que têm, até descobrir que têm AIDS.

Para eles/elas assim como a mulher que tocou levemente o manto de Jesus para não se identificar, assim também acontece com eles/as que preferem ficar escondidos/as, não contar para outras pessoas que estão doentes. As pessoas zombam de quem tem AIDS, por isso é melhor manter segredo. Por outro lado, segundo eles/as não há como esconder por muito tempo,

pois você fica magro/a e o corpo dá sinais de que você está doente. Muitas pessoas sentem vergonha de ir ao hospital buscar medicamentos para o HIV, pois os/as outros/as vão apontar o dedo. “Mas isso está errado! O medicamento tráz vida”, disse uma das participantes.

Para eles/elas a igreja é um espaço importante que além de oferecer acolhimento e apoio para quem está doente também pode ser um espaço que ajude na conscientização das pessoas sobre a importância de fazer o teste anti-HIV. A igreja deve realizar visitas às pessoas doentes e ajudar nas necessidades. Na opinião deles/as seria importante ter alguém ou algum grupo que faça visita às pessoas doentes e ajude na realização das tarefas domésticas, como buscar água, lavar a roupa e até cozinhar, pois quem está muito doente não tem forças para realizar estas atividades.

No que se pode perceber muitas são as dificuldades encontradas pelas pessoas com HIV e AIDS nesta comunidade. Os recursos são precários e toda forma de ajuda representa uma esperança, como um leve toque no manto de Jesus que tráz a cura. O estigma e o preconceito afetam as pessoas de maneira negativa, dificultando o acesso ao tratamento e reduzindo a qualidade de vida.

Ao final do encontro juntamos os dois grupos com os quais trabalhamos nesses dois dias e entregamos os certificados de participação. Foi feito um momento de música, oração final, agradecimentos e bênção. Da convivência com estas mulheres da comunidade de Changoene aprendi um pouco mais sobre a cultura local e o poder que ela exerce na vida das mulheres. Ficou claro que as mulheres ocupam um lugar inferior na casa, na igreja e na sociedade, pois são os homens que determinam as regras e assim conseguem manter as mulheres em situações opressoras. Relações opressoras aumentam a vulnerabilidade das mulheres no contexto da epidemia e HIV e AIDS.

O processo de Leitura Contextual da Bíblia pertence ao grupo. É ele quem determina o ritmo e a direção que o estudo do texto irá seguir. Embora haja um roteiro, com perguntas sobre o texto e o contexto, não há como prever que tipo de respostas o grupo vai dar e, da mesma forma, não há respostas certas ou erradas, pois, a experiência das pessoas é que indica com que lentes eles/elas lêem o texto bíblico.

Aprendi com a experiência destas mulheres, assim como das mulheres da Casa Fonte Colombo que espaços de cuidado são importantes, pois as pessoas/mulheres se sentem valorizadas e, assim, conseguem restituir a esperança de que dias melhores estão por vir. Sentir-se amadas e respeitadas contribui na qualidade de vida das pessoas, melhora a auto-estima e conseqüentemente ficam menos doentes e assim vivem mais, sendo possível recomeçar a vida e fazer planos para o futuro.

A Bíblia e a metodologia de leitura são fundamentais para que esse processo tenha resultados efetivos na vida das pessoas. Diferentes abordagens inspiradas nas Leituras Popular, Contextual e Feminista, têm o potencial de favorecer a criação de espaços de cuidado como esses relatados.

## CONCLUSÃO

A Leitura Popular, a Leitura Contextual e a Leitura Feminista da Bíblia têm como ponto de partida da reflexão teológica as pessoas oprimidas e marginalizadas da sociedade. As mulheres, sem dúvida, fazem parte desse grupo por diversos motivos, incluindo as desigualdades de gênero que geram e acentuam diversas formas de vulnerabilidade.

Ao longo dos capítulos buscou-se apresentar um panorama geral do desenvolvimento da epidemia de HIV e AIDS ao redor do mundo, dando enfoque especial para o Brasil e a África do Sul, países onde ao longo do desenvolvimento da pesquisa foi possível ter experiências relacionadas ao tema dessa Tese. A apresentação de alguns dados estatísticos também ajuda a compreender como a nova doença tornou-se uma epidemia.

Num primeiro momento abordou-se sobre a epidemia de uma maneira mais geral, enfatizando questões consideradas importantes para compreender os efeitos que determinadas compreensões sobre o vírus e a doença causaram na a vida das pessoas infectadas, especialmente, no que diz respeito ao estigma e discriminação que foram e ainda são associados à doença e que trazem sofrimento para as pessoas com HIV e AIDS.

Os primeiros casos de AIDS foram registrados entre determinados grupos da população, que passaram a ser identificados como “grupos de risco”. Isso alimentou a crença de que as pessoas que não faziam parte destes grupos estariam protegidas contra o vírus, como é o caso da maioria das mulheres. Com o aumento do número de casos de HIV e AIDS entre mulheres e crianças tornou necessário rever os conceitos usados e passou-se a trabalhar com a ideia de vulnerabilidade, que compreende os fatores que contribuem para aumentar os riscos de uma pessoa vir a ser infectada pelo HIV.

Embora o conceito de grupos de risco tenha sido substituído pelo conceito de vulnerabilidade, as compreensões que a epidemia ganhou nesta fase continuaram influenciando o comportamento das pessoas, bem como a compreensão de que o HIV e AIDS são algo distante. A identificação da doença como castigo de Deus por comportamentos desregrados também foi formulado nesse contexto e circunda o imaginário social desde então.

Ao longo dos anos o HIV e a AIDS começaram a atingir cada vez mais mulheres. A feminização da epidemia deu-se de maneira silenciosa, enquanto existia a crença de que as mulheres estavam imunes ao vírus. Mulheres casadas estão entre o grupo em que a epidemia se desenvolveu mais rapidamente, evidenciando, por exemplo, questões relacionadas à sexualidade humana e, particularmente, à sexualidade das mulheres.

Relações desiguais de poder entre homens e mulheres, dependência financeira, aliados a pobreza, dificuldade de negociação quanto ao uso de preservativos, o controle sobre os corpos e prazer das mulheres, menor acesso a educação e oportunidades de trabalho são alguns dos fatores que aumentam a vulnerabilidade das mulheres no contexto da epidemia. Todas essas questões precisam ser consideradas na busca por ações efetivas que visam a redução da infecção entre as mulheres e práticas de cuidado no contexto pastoral.

O estigma e preconceito são as maiores barreiras enfrentadas pelas mulheres com HIV e AIDS, pois eles afetam as pessoas de maneira negativa, causando sofrimento, exclusão social, reduzindo a autoestima e acabam também interferindo na adesão ao tratamento. Nesse contexto, as mulheres precisam aprender a reconstruir suas vidas, muitas vezes sem o apoio da família e amigos/as. Diversos sentimentos afloram, faz-se necessário repensar sua vida inteira. Por isso, espaços de cuidado para pessoas com HIV e AIDS são locais importantes, pois ajudam as pessoas a repensar suas vidas e conviver com uma nova realidade.

A Bíblia é um elemento importante na experiência de fé das pessoas e, não raro, as pessoas buscam apoio na religião e em Deus quando passam por momentos difíceis. Conforme apresentado, a Bíblia foi e ainda é usada para justificar situações opressoras, especialmente contra as mulheres. Por isso, faz-se necessário que as pessoas oprimidas e marginalizadas possam dizer o que sentem e pensam. No Brasil e na África do Sul foram elaborados métodos de leitura da Bíblia que levam em conta a experiência de fé das pessoas oprimidas, marginalizadas e silenciadas ao longo dos anos. Esses métodos de leitura foram desenvolvidos em contextos de opressão e ajudam a pensar a realidade de mulheres com HIV e AIDS e seu acolhimento. Esses métodos de leitura permitem dar voz às pessoas com HIV e AIDS para que elas possam dizer o que pensam e sentem e, através disso, elas próprias se tornem conscientes dos fatores que contribuem para sua realidade e buscar maneiras de transformar o contexto em que vivem.

A Teologia da Libertação trouxe importantes contribuições para que se desenvolvesse um novo jeito de fazer teologia no contexto local. As igrejas, através da organização popular e das comunidades eclesiais de base fomentaram esse processo de lutas por libertação. Nessas comunidades o povo se reunia para celebrar, orar e ler a Bíblia. A Bíblia passou a ser lida e interpretada a partir da realidade concreta do povo e assim, tornou-se um elemento importante no processo de conscientização e nas lutas de libertação da opressão.

Dessa experiência de leitura da Bíblia que se ocorreu nas Comunidades Eclesiais de Base se desenvolveu o método de Leitura Popular da Bíblia, que hoje é utilizado para o trabalho de base em muitos outros contextos, como é o caso do Centro de Estudos Bíblicos. A

importância do CEBI se dá na elaboração de subsídios, na reflexão sobre método e na divulgação do mesmo para outros contextos.

A metodologia de Leitura Popular da Bíblia, a partir das mediações ver-julgar-agir, parte da experiência de fé e da vivência diária das pessoas marginalizadas e oprimidas, num processo de reflexão crítica da realidade local, e conexão com o texto bíblico com o objetivo da transformação social e libertação. O método de Leitura Popular da Bíblia não é algo estático, assim como o contexto social. O método pode ser adaptado e utilizado em diferentes contextos e situações. Nesse sentido a proposta que aqui se apresenta é que o método de Leitura Popular da Bíblia pode ser uma ferramenta útil no cuidado pastoral com mulheres com HIV e AIDS, especialmente quando vinculada à Leitura Feminista da Bíblia.

Semelhante ao método de Leitura Popular da Bíblia que se desenvolveu na América Latina, o método de Leitura Contextual da Bíblia foi desenvolvido na África do Sul. Embora distantes geograficamente, ambos os contextos foram marcados por lutas de libertação de situações opressoras. No contexto sul-africano a população, especialmente as pessoas negras, passaram por muitos anos de exploração e segregação racial através do regime do *apartheid*.

Grupos populares se organizaram e movimentos sociais ganharam força na luta pelo fim da segregação racial no país. A situação de opressão e marginalização a que eram submetidas a maior parte da população exigia também uma resposta das igrejas. As igrejas, que inicialmente apoiavam o *apartheid* começaram a lutar contra ele. A mensagem pregada nas igrejas não fazia sentido para a população que não tinha seus direitos básicos respeitados.

Nesse contexto de lutas nasceu a Leitura Contextual da Bíblia, como uma resposta teológica ao sofrimento do povo. A Bíblia passou a ser lida junto às comunidades organizadas de pessoas pobres e marginalizadas. Trata-se de uma leitura da Bíblia comprometida com a transformação social ou individual e, por isso, traz para discussão todos os aspectos que envolvem a vida humana: sociais, culturais, políticos, econômicos e religiosos.

Na Leitura Contextual da Bíblia a Bíblia é lida de maneira crítica, estabelecendo uma relação entre o contexto do texto bíblico e o contexto local. A Leitura Contextual da Bíblia se dá numa relação colaborativa entre as pessoas comuns da comunidade e acadêmicos/as estudiosos/as bíblicos/as ou teólogos/as. Nesse processo se estabelece um diálogo entre a vida e a Bíblia e a Bíblia e a vida.

O Centro Ujamaa nasceu nesse contexto como uma interface entre a academia e a prática de leitura da Bíblia que vinha acontecendo nas comunidades. A prática que acontece nas comunidades é refletida academicamente através do Ujamaa e retorna para a comunidade através da elaboração de subsídios e recursos para bíblicos que podem ser utilizados pelas

próprias comunidades na ausência do Centro Ujamaa. Assim, o Centro Ujamaa atua como facilitador do processo de Leitura Contextual da Bíblia em grupos organizados de pessoas pobres e marginalizadas. Além de questões econômicas e sociais, temáticas como HIV e AIDS, homossexualidade, violência contra as mulheres estão na agenda de temas.

A Teologia Feminista, que nasceu como uma resposta teológica às lutas das mulheres que se deram através do movimento e das teorias feministas, ao adotar a categoria de gênero como ferramenta de análise das construções sociais aprofundou a percepção de que homens e mulheres são educados a desempenhar determinados papéis na sociedade, que nada tem a ver com as diferenças biológicas, mas estão relacionadas a fatores sociais, culturais e religiosos. No contexto das instituições e práticas religiosas a teologia feminista evidenciou o uso da Bíblia para justificar a subordinação das mulheres.

A Teologia Feminista se originou a partir da experiência de opressão e subordinação das mulheres e suas lutas pela transformação das relações injustas. No processo de lutas das mulheres buscou-se resgatar o protagonismo das mulheres ao longo da história, da tradição cristã e nas narrativas bíblicas. Assim, se desenvolveu uma hermenêutica feminista e uma hermenêutica bíblica feminista como ferramentas para a releitura dos textos bíblicos opressores. Questiona-se o papel das mulheres nas narrativas, as ausências, os silêncios, bem como as interpretações desenvolvidas na história da interpretação.

A hermenêutica bíblica feminista segue os passos metodológicos de des-re-construção dos textos. A desconstrução pergunta pelo papel das mulheres, a inclusão ou exclusão das mulheres nas interpretações bíblicas e na tradição cristã, buscando uma leitura mais inclusiva e próxima da realidade do texto bíblico. A reconstrução busca dar visibilidade à presença das mulheres nos textos bíblicos, resgatando as lutas das mulheres, para que possam servir de impulso para a libertação das mulheres hoje. A construção propõe mudanças no discurso teológico propondo novas formas para a interpretação da tradição, da Bíblia, da teologia e da história.

Esse processo des-re-construção ajuda a repensar a história das mulheres e as situações de opressão vivenciadas por elas. Esse processo possibilita que mulheres leiam a Bíblia de forma libertadora, considerando a experiência de vida das mulheres nos seus diferentes contextos. As mulheres possuem um espaço em que podem ler a Bíblia a partir da sua visão de mundo.

Os métodos de leitura da Bíblia - Leitura Popular, Leitura Contextual e Leitura Feminista da Bíblia - descritos no segundo capítulo desta Tese partem da análise do contexto no qual as mulheres estão inseridas. Além disso, esses métodos têm por objetivo dar voz as

pessoas oprimidas, marginalizadas. Sendo assim, no contexto da epidemia de HIV e AIDS, elas permitem ouvir o que as mulheres com HIV e AIDS têm a dizer sobre como elas vivem e encaram a experiência de ser soropositiva e construir novos significados.

Os métodos de leitura popular, contextual e feminista da Bíblia são ferramentas que podem ser utilizadas em diversos espaços e contribuir no cuidado pastoral vivenciados nas comunidades de fé. Desta maneira, evidencia-se a necessidade de considerações teológicas que promovam a compreensão de vida em abundância, que é a forma pela qual a Bíblia expressa saúde de forma holística e integral. Esta compreensão se dirige também às pessoas com HIV e AIDS.

O estigma e o preconceito marcam a experiência das mulheres com HIV e AIDS, tendo sido reforçados por discursos religiosos que associavam a doença a um castigo divino. Embora os discursos religiosos tenham sido negativos em muitos momentos, as instituições religiosas desde o início desempenharam um papel importante no cuidado com as pessoas infectadas pelo HIV e doentes AIDS. Esse cuidado se deu fundamentalmente através do atendimento de necessidades básicas, mas também no apoio espiritual. A epidemia de HIV e AIDS desafiou as igrejas a repensar as construções teológicas no que tange a assuntos relacionados à sexualidade, especialmente quando se trata da sexualidade das mulheres que experimentam controle sobre seus corpos através de compreensões sociais e religiosas que colocam as mulheres em posição de submissão.

A Teologia Prática como disciplina acadêmica reflete as práticas pastorais que acontecem nas comunidades eclesiais. Nesse sentido, as práticas de cuidado e aconselhamento pastoral que acontecem nas comunidades são objeto da reflexão teórica da Teologia Prática. A poimênica e o aconselhamento pastoral são dimensões do cuidado e oferecem elementos importantes que podem ser utilizados na atuação junto às mulheres com HIV e AIDS.

O cuidado oferecido pelas comunidades de fé deve ajudar as mulheres com HIV e AIDS a viver de forma mais positiva, resgatando a dignidade corrompida pelo estigma e preconceito que afeta a vida delas de maneira negativa. O ser humano não vive de forma isolada, mas precisa do convívio com outras pessoas, especialmente quando se está passando por momentos de crise ou dificuldade.

A experiência de mulheres que descobrem ter HIV e AIDS causa dor e sofrimento. O medo do desconhecido, inseguranças sobre o futuro, o afastamento da família e amigos/as, perda da saúde, do trabalho, medo de se relacionar novamente são apenas algumas das situações que as mulheres enfrentam. Nas comunidades cristãs nem sempre há pessoas preparadas para lidar com esse tipo de situações. No contexto da epidemia entre as mulheres precisam ser

consideradas questões econômicas, sociais, culturais e religiosas sobre as quais é difícil falar. Os grupos podem ser espaços em que as mulheres podem sentir-se encorajadas a falar sobre os sentimentos mais profundos. Ao partilhar suas experiências de vida com outras mulheres, elas podem sentir-se amparadas e cuidadas, além de encorajar outras mulheres.

Nos grupos de mulheres, a leitura da Bíblia pode ser uma ferramenta útil que as ajuda a sentirem-se encorajadas a falar de suas experiências ao mesmo tempo em que se resgata o protagonismo das mulheres na Bíblia. Assim, o texto bíblico e a vida entram num diálogo que possibilita a transformação e libertação. As mulheres com HIV e AIDS encontram, assim, a oportunidade de interpretar os textos bíblicos a partir da sua experiência de vida. Esse é o desafio que se coloca: proporcionar espaços em que seja possível ouvir o que as mulheres com HIV e AIDS têm a dizer e construir leituras bíblicas que as fortaleçam no processo de viver essa realidade.

O acompanhamento e cuidado pastoral em grupo pode ajudar as mulheres a desfazer a imagem negativa que tem de si mesmas, resgatando a autonomia de suas vidas, e assim, sentir-se encorajadas a enfrentar os desafios que se colocam. As metodologias de leitura da Bíblia sobre as quais se discorreu nesta Tese se apresentam como propostas que podem ser utilizadas no acompanhamento e cuidado realizado com mulheres com e HIV e AIDS, pois consideram a sua experiência como elemento central da sua reflexão.

Os relatos de experiência de oficinas de leitura da Bíblia realizadas em Porto Alegre, na Casa Fonte Colombo, e na África do Sul através do Centro Ujamaa evidenciam questões que essas práticas colocam para o cuidado pastoral. As metodologias de leitura da Bíblia apresentadas nesta Tese destacam para a experiência de vida das mulheres. O contexto de opressão e subordinação a que as mulheres são submetidas e que as colocam em condições de vulnerabilidade no contexto da epidemia de HIV e AIDS são considerados e interpretados de maneira crítica no processo de libertação e transformação social que se dá através do diálogo entre a Bíblia e a vida.

É importante que as comunidades de fé estejam aptas para acolher as mulheres com HIV e AIDS. Espera-se que as comunidades sejam capazes de promover o diálogo sobre um tema tão pertinente como o HIV e AIDS que, embora considerado estável ainda afeta milhões de pessoas. A compreensão do HIV e AIDS como uma doença que afeta os/as outros/as ainda permanece no imaginário de muitas pessoas, que não consideram o risco de ser infectadas, embora tenham conhecimento sobre os riscos de transmissão e formas de prevenção do HIV.

As instituições religiosas alcançam pessoas nos locais mais remotos e, por isso, desempenham um papel importante na divulgação de informações corretas sobre a transmissão

do vírus e os cuidados que se deve ter quando a pessoa já está infectada. A divulgação de informações corretas contribuiu para a redução do estigma e preconceito que causa tantos sofrimentos na vida das pessoas soropositivas.

Diante das experiências, indagações e pesquisa relatadas ao longo desta Tese, entende-se que uma reflexão teológica que se debruça, que se entrega e se dedica a discutir a realidade das pessoas com HIV e AIDS, especialmente as mulheres, necessita partir, como é comum às teologias da libertação e feminista, da interpelação ética do amor ao próximo e às pessoas que sofrem como centro do pensar teológico. Ou seja, é a fé em um Deus capaz de morrer na cruz por amor à humanidade que cria as condições de se colocar ao lado das pessoas com HIV e AIDS. Aproxima-ser amorosamente da realidade das mulheres convivendo com HIV, suas experiências e saberes, serve para descortinar os mecanismos sociais, religiosos e culturais que definem um papel subalterno das mulheres nas relações sociais, agravado, nesse caso, por uma doença sexualmente transmissível. Essas relações desiguais e injustas impõem às mulheres com HIV e AIDS dificuldades maiores, pois precisam lidar com a doença e a percepção, muitas vezes preconceituosas, que as outras pessoas têm de uma doença com o histórico de sentido carregado de estigmas. Além disso, ainda que caiba às mulheres o papel social de cuidadora, como ficou demonstrado a partir das reflexões de gênero, diante da AIDS, este mesmo cuidado não lhe é dispensado devidamente. Elas precisam se superar e cuidar de si, libertar-se das amarras dos estigmas sociais.

Portanto, uma teologia do cuidado e da libertação que se dedica especialmente às pessoas com HIV e AIDS se torna essencial para apontar caminhos para a comunidade de fé acolher e cuidar destas pessoas. Sendo assim, procurou-se formular uma teologia do cuidado e libertadora com um viés de caráter prático, que além de acolher e cuidar das mulheres com HIV e AIDS proporciona espaços de reflexão a respeito das desigualdades de gênero que as dificulta de expressarem sua fé e os seus saberes, ressignificando para dentro de seu cotidiano formas de lidar com a doença.

A experiência obtida no convívio com as mulheres com HIV e AIDS mostrou que o que elas mais sentem falta e precisam é de alguém que esteja disposto a ouvir seus medos, suas angústias, sua história de vida, que é marcada por dor e sofrimento, mas também por muita superação, fé e esperança de uma vida mais digna.

Defende-se que a partir do que foi exposto até aqui, gere impulsos que venham a contribuir na reflexão teológica sobre a temática, assim como apresentar elementos que podem ser utilizados na elaboração de subsídios que venham a ser utilizados no trabalho com mulheres e homens com HIV e AIDS nas comunidades cristãs e em outros âmbitos.



## REFERÊNCIAS

A12 Notícias. *Vigília pelos mortos de Aids 2016*: “Envolver, informar e empoderar”. 28 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.a12.com/noticias/detalhes/vigilia-pelos-mortos-de-aids-2016-envolver-informar-e-empoderar>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. *Casais sorodiscordantes Dicas para uma vida saudável, segura e feliz*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. Disponível em: <[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/cartilha%20sorodiscordantes.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/cartilha%20sorodiscordantes.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

ACKERMANN, Denise. By a feminist practical theologian. In: COCHRANE, J.R et al. *Word and Deed. Towards A Practical Theology for Social Transformation*. Pietermaritzburg: Cluster Publication, 1991.

ACKERMANN, Denise. O estigma relacionado ao HIV e a AIDS que desafia comunidades de fé: uma resposta teológica feminista. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 350-362 jul/dez. 2013.

ACKERMANN, Denise. Tamar’s Cry: Re-reading an Ancient Text in the Midst of na HIV and AIDS pandemic. In: DUBE, Musa W.; KANYORO, Musimbi. *Grant me Justice! HIV/AIDS e Gender Readings of the Bible*. Nova York: Cluster Publications e Orbis Books, 2004.

ACT. To amend the laws relating to natives in urban areas, to the regulation of the recruiting and employment of native labourers and to the acquisition of land by natives. UNION-GAZETT-EXTRAORDINARY, 1 MAY, 1937. Disponível em: <<http://www.gov.za/sites/www.gov.za/files/Act46of1937.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

AGGLETON, Peter; PARKER, Richard. *Estigma, discriminação e Aids*. Rio de Janeiro: ABIA, 2001. Disponível em: <[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2016.

AGUIAR, Rogério Oliveira. Sexismo e Violência Doméstica como entraves ao trabalho de prevenção ao HIV/AIDS. In: MENEZES, Marilu Nörnberg (org.). *Nem tão doce lar: uma vida sem violência: direito de mulheres e de homens*. Porto Alegre: FLD, 2012.

AJUWON, Ademola J. Race and HIV/AIDS in Public Health Discourse in Africa. In: IGE, Segun; QUINLAN, Tim. *African responses to HIV/AIDS. Between Speech and action*. Durban: University of KwaZulu-Natal, 2012.

ALISON, James. AIDS como lugar de revelação: Girard e uma teologia pastoral. In: HASMANN, Hugo (ed). *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo entre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes, 1991.

ALMEIDA, Ester. Relações gênero e direitos sexuais e reprodutivos em contextos religiosos. In: SCHOEREDER, Airton et al (ogs.). *Igreja solidária e transformadora – Roteiro de oficinas para igrejas*. Recife: Diaconia/Koinonia, 2008.

ALTMANN, Walter. Recurso à violência e transformação social: Perspectivas da Teologia da Libertação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 30, n. 2, p. 126-142, 2013.

ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Ática, 1994.

ALVES, Laci Maria Araújo. Igreja Católica: imaginário, ditadura e movimentos sociais. *Caderno Espaço Feminino*, v. 26, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/24680/13737>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. Opção pelos pobres no Magistério: Pensamento Social Católico do Vaticano II à Conferência de Aparecida. *Concilium*, Petrópolis, n. 361, p. 27-37, 2015.

AQUINO, Maria Pilar. Teologia feminista latino-americana. *Cristianismo y sociedade*, Quito, v. 135-136, p. 9-28, 1998.

AQUINO, Maria Pilar; TAMEZ, Elsa. *Teologia feminista Latinoamericana*. Quito: Plurimonor, 1998. Disponível em: <[http://ecomunidad.org/biblioteca/catalogo/\\_data/publicacion/20150414171318\\_Teologia%20feminista%20latinoamericana.pdf](http://ecomunidad.org/biblioteca/catalogo/_data/publicacion/20150414171318_Teologia%20feminista%20latinoamericana.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ARAÚJO, Luiz Carlos. *Metodologia de aprendizagem bíblica: avaliando as instâncias de formação do CEBI*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

AVERT. *HIV and AIDS in South Africa*. 01 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.avert.org/professionals/hiv-around-world/sub-saharan-africa/south-africa>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

AYANGA, Hazel. Religio-cultural challenges in Women's Fight against HIV/AIDS in Africa. In: HINGA, Teresia M. et al. *Women, Religion and HIV/AIDS in Africa*. Responding to Ethical and Theological Challenges. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2008. p. 34-48.

BALTODANO, Sara. Rostos Empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. e HOCH, Lothar Carlos. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo/São Leopoldo: ASTE/CETELA, 2008.

BARBOSA, Maria Tereza. Estimativas do número de casos de aids no Brasil, corrigidas pelo atraso de notificação. *Revista Brasileira Epidemiologia*. v 1, n 3, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rbepid/v1n3/03.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

BARBOSA, Regina Maria. Feminismo e Aids. In: PARKER, Richard G.; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996.

BARREIRO, Álvaro. *Os pobres e o reino: do evangelho a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983.

BARROS, Marcelo. Somos Todos Doentes em Processo de Cura: A AIDS e o Caminho Ecumênico das Igrejas. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL -

Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002.

BARTRA, Eli. Acerca de la investigación y la metodología feminista. In.: GRAF, Norma B. et al (orgs.). *Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales*. México: UNAM, 2012. p. 67-78.

BASTOS, Francisco Inácio. *A Feminização da Epidemia De AIDS no Brasil: Determinantes Estruturais E Alternativas DE Enfrentamento*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2001. Disponível em: <[http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/608/2/bastos\\_feminizacao%20da%20epidemia%20de%20aids\\_2001.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/608/2/bastos_feminizacao%20da%20epidemia%20de%20aids_2001.pdf)>. Acesso em: 27 mai. 2016.

BASTOS, Francisco Inácio. *Aids na terceira década*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

BASTOS, Francisco Inácio; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e pauperização: principais conceitos e evidências empíricas. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 65-76, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2000000700006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2000000700006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

BBC Brasil. *Cientistas anunciam descoberta da origem do HIV*. Notícia de 26 de maio, 2006. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/ciencia/story/2006/05/060525\\_hivorigemmb.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/ciencia/story/2006/05/060525_hivorigemmb.shtml)>. Acesso em: 03 de abril de 2016.

BERER, Marge; RAY, Sunanda. *Mulheres e HIV/AIDS: informação, atividades e materiais relativos às mulheres e HIV/AIDS, saúde reprodutiva e relações sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BERNARDI, José. Desafios Cotidianos da Aids. In: DEIFELT, Wanda. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Pastoral de DST/Aids. *Igreja e Aids: presença e resposta*. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004.

BERNARDI, José. Desafios cotidianos da AIDS. In: PASTORAL DE DST/AIDS - CNBB (Org.). *Igreja e AIDS: presença e resposta*. Porto Alegre: São Miguel, 2004.

BERNARDI, José. Os desafios Pastorais da AIDS. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002.

BETIATO, Mário Antônio. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOTER (Org.) *Teologia e gênero*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003.

BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003.

- BLASI, Márcia. Aconselhamento pastoral em perspectiva feminista: princípios básicos. In: MUSSKOPF, André S. et al (org.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo, RS: CEBI, 2014.
- BOCK, Carlos Gilberto. Deslocamentos epistemológicos na teologia da libertação nos anos 1990. GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida. *Teologia pública: deslocamentos da teologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2015. v. 5. p. 13-56.
- BOCK, Carlos Gilberto. *Teologia em mosaico: o novo cenário teológico Latino-americano nos anos 90, rumo a um paradigma ecumênico crítico*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BOESAK, Allan A. *Farewell to Innocence: A Social-Ethical Study of Black Theology and Black Power*. New York/Johannesburg: Orbis/Ravan, 1977.
- BOFF, Clodovis. *As comunidades de base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- BOFF, Clodovis. *Comunidades eclesiais de base e práticas de libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOFF, Clodovis. Espistemología y metodología de la teologia de la liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (orgs.). *Mysterium liberationis*. Madrid: Trotta, 1990. p. 79-114.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo: Ecclesio gênese*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRASIL. *Lei nº 11.340*, de 7 de agosto de 2006. Artigo 5º. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 13 mai. 2016.
- BREEN, Marit. "Transformational journeys towards liberation": contextual Bible study in South Africa: a contribution to liberation and transformation? an investigation of the study of the Bible among poor and marginalized women in the communities of Pietermaritzburg, South Africa, with particular focus on its implications for individual and social change. Stavanger: Spring, 2009. Disponível em: <[http://brage.bibsys.no/xmlui/bitstream/handle/11250/162113/1/2009\\_Breen\\_MGS.pdf](http://brage.bibsys.no/xmlui/bitstream/handle/11250/162113/1/2009_Breen_MGS.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade*

*Brasileira de Medicina Tropical*, v. 34, n. 2, p. 207-217, mar-abr 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v34n2/a10v34n2>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

BRUNELLI, Delir. Teologia e gênero. In: SUSIN, Luiz Carlos (org). *Sarça Ardente*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 209-214.

BUTLER, Anthony. *Contemporary South Africa*. 2. ed. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. *E a luta continua: propostas para uma teologia pública libertadora para o desenvolvimento construída em diálogo com a reflexão teológica sul-africana*. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2013.

BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. Rumo a uma teologia decolonial: uma análise comparativa sobre teologia e espaço público entre Brasil e África do Sul. In: BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch; LE BRUYNS, Clint; SINNER, Rudolf von. *Teologia Pública No Brasil e Na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. v. 4, p. 151-177.

BUTTELLI, Felipe Koch. Equidade de Gênero. In: ULRICH, Claudete Beise; STANGE, Rosângela. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2013. p. 13-15.

CAIADO, Mateus Drumond et al. *Construindo juntos o nosso futuro comum*. Guia de Estudos. Tópico: A inter-relação entre desenvolvimento e a epidemia do HIV/AIDS. SINUS: Organização Mundial da Saúde (OMS), 2009. Disponível em: <<http://www.sinus.org.br/preparacao/GuiaOMSInternet.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

CALDWELL, Kia Lilly; BOWLEG, Lisa. Paralelos opostos: raça e status socioeconômico em pesquisas e políticas sobre HIV/Aids no Brasil e nos Estados Unidos. In: BATISTA, Luís Eduardo, Jurema Werneck e LOPES, Fernanda, (orgs.). *Saúde da população negra*. Brasília: ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_populacao\\_negra.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_negra.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2016.

CAMARO, Cristina; OLIVEIRA, Rosa. Implicações éticas de Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV. *Série Legislativa*, n. 2. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10\\_07.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10_07.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2016.

CARVALHAES, Flávia Fernandes de; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Histórias de vida de mulheres HIV + ativistas: mudanças e permanências. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 377-398, ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200003>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

CASA FONTE COLOMBO. *Boletim Fonte Colombo*, ANO II, n. 5, set. 2001.

CASA FONTE COLOMBO. *Boletim Fonte Colombo*, ANO III, n. 7, jun. 2002.

CASA FONTE COLOMBO. Disponível em: <<http://capuchinhos.org.br/fontecolombo>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

CASTILHO, Euclides Ayres; CHEQUER, Pedro. Epidemiologia do HIV/AIDS no Brasil. In: PARKER, Richard. *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997. p. 17-42.

CASTRO, Amanda Motta e OLIVEIRA, Kathlen Luana de (org.). *Desigualdade de gênero e as trajetórias latino-americanas: reconhecimento, dignidade e esperança*. São Leopoldo: EST, 2014.

CASTRO, Edson Olivari e MARIGUELA, Marcio Aparecido. A palha das palavras e o grão das coisas. *Impulso*, Piracicaba, n. 31, p. 9-20, set/dez. 2002.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A Leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. *Atualidade Teológica*, ano XI, n. 25, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.pucrio.br/18583/18583.PDFXXvmi=pTITSA7sezrcsJevmvEXmtcP7f7SL61b1m6TXdmcMOpfzEMWaqUwV8n4nuW9CXIDlrjGVwsLWJIBwiMZekUmIZLeWVQUhuhK4Bq09UM7F8IcrvbGQ74A6PO3LGZ4bgPgSgg3c3aRcT5EphkhooRvfHA2nz7AQWQKe7NqbXjnSo3iGoB6OsC4ac7xMe9Eb0pp8eRkdbJ6AMohb0n0t15Fece1qnGDo64wlVRz7BFIo50A6oBApGfESuGkSnXhu2P>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

CEBI. Centro de Estudos Bíblicos. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticias.php?tipo=institucional&secaoId=50>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

CECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth. HIV/AIDS: enfrentando o sofrimento psíquico. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 1813-1814, set. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2012000900023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2012000900023&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

CHOR, Dóra; LIMA, Claudia Risso. Aspectos epidemiológicos das desigualdades raciais em saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1586-1594, set/out. 2005.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

CLOVIS, Benedito; BERNARDINO, Orides. Caminhando... e fazendo leitura popular da Bíblia. In: DIETRICH, José Luiz; BUSCEMI, Maria Soave (org). *Caminhos de leitura popular da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 61.

CMI - Conselho Mundial de Igrejas. *Enfrentando el Sida – El desafío y la respuesta de las iglesias*. Genebra: CMI, 1997.

CMI. *El Sida y La Iglesia como comunidad de sanación*. Genebra: CMI, 1986. Disponível em: <[http://www.pastoralsida.com.ar/paginas\\_internas/documentos/comunidad.html](http://www.pastoralsida.com.ar/paginas_internas/documentos/comunidad.html)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CMI. *Manual Ouvindo com amor*. Genebra: Programa Executivo de Saúde Mental e Cura do Conselho Mundial de Igrejas. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/en/folder/documents-pdf/listeningwithlove-e.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CONSEJO EPISCOPAL DE SUECIA. *Carta de los obispos de Suecia sobre el VIH en una perspectiva global*. Uppsala: Consejo Episcopal, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Drogas e Cidadania: em debate*. Brasília: CFP, 2012. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Drogas-e-cidadania.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

CONTRERA, Widney Feres. AIDS: História de uma epidemia. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - Pastoral DST/Aids. *Viu e teve compaixão...Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002.

COSTA, Maria Brendali. Mulheres na pastoral popular urbana. In: MUSSKOPF, André S. et al. *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014. p. 72s.

CROATTO, José Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

DALE, Romeu. *A Ação Católica Brasileira*. São Paulo: Loyola, CEPEHIB, 1985.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: Interpretações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte, Paulinas/Loyola, 2003. p. 171-186.

DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. *Coisas do Gênero*, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2015.

DEIFELT, Wanda. A pandemia da Aids e vulnerabilidade de Deus. In: STRECK, Valburga Schmiedt. *Teología y VIH y Sida en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. xxv-xxii.

DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine et al (ogs.). *Epistemologia–Violência–Sexualidade*. Editora Sinodal, 2008.

DEIFELT, Wanda. Gênero e AIDS: o desafio das mulheres diante da pandemia do HIV. In: PASTORAL DE DST/AIDS - CNBB (Org.). *Igreja e AIDS: presença e resposta*. Porto Alegre: São Miguel, 2004. p. 32-45.

DEIFELT, Wanda. Gênero e AIDS: o desafio das mulheres diante da pandemia do HIV. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Pastoral de DST/Aids. *Igreja e Aids: presença e resposta*. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004.

DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres editada por Elisabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992.

DEIFELT, Wanda. Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003.

DEIFELT, Wanda. O vírus que rompeu barreiras e quebrou os muros da igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 291-305, jul. 2012.

DENIS, Philippe. HIV, AIDS and religion in sub-Saharan Africa: an historical survey. In: HADDAD, Bev (Ed.). *Religion and HIV and AIDS: Charting the Terrain*. Durban: University of Kwazulu-Natal Press, 2011.

DEPARTAMENTO DE DIACONIA DA IECLB. *Caderno do Seminário Nacional sobre HIV/Aids: Quebrar o silêncio. Restaurar a dignidade*. Porto Alegre: IECLB, 2005.

DIETRICH, Luiz José. Raízes da leitura popular da Bíblia. In: DIETRICH, José Luiz; BUSCEMI, Maria Soave (orgs). *Caminhos de leitura popular da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

DREHER, Carlos A. *A caminho de Emaús: leitura bíblica e educação popular*. Belo Horizonte: CEBI, 1993.

DUBE, Musa W. Grant Me Justice: Towards Gender-Sensitive Multi-sectoral HIV/AIDS Readings of the Bible. In: DUBE, Musa W.; KANYORO Musimbi. *Grant Me Justice! HIV/AIDS & Gender Readings of the Bible*. New York: Cluster Publications e Orbis Books, 2004.

DURÃES, Jaqueline Sena. Cuidado e superação do estigma do HIV/AIDS: Estágio de observação no grupo de adesão do hospital de clínicas da UFPR em parceria com a Pastoral da AIDS de Curitiba. In: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos do X Congresso de Teologia da PUCPR*. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 543-558. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

DUSSEL, Enrique D. *Teologia da libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1999.

EGGERT, Edla. Apresentação – Os processos dessa escritura inusitada. In: EGGERT, Edla. (org) *(Re)leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

EGGERT, Edla. *Narrar Processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

ERIKSSON, Elisabet et al. Young people, sexuality, and HIV prevention within Christian faith communities in South Africa: A cross-sectional survey. *Journal of Religion and Health*, v. 53, n. 6, p. 1662-1675, 2014.

ESTRELLA, Fernanda Adriane de Castro. *O HIV na visão de um grupo de líderes religiosos de São Leopoldo-RS*. Dissertação (Mestrado Profissional). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2012.

FACULDADES EST. *II Seminário AIDS e religião*. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/eventos/ii-seminario-aids-e-religiao/programacao>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Política da Justiça de Gênero. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2014.

FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL. *Declaración de Buenos Aires*. Consulta Luterana Latinoamericana sobre el Trabajo Pastoral con Relación al SIDA. Buenos Aires: FLM, 1998.

FELIX, Isabel Aparecida. *Anseio por dançar diferente: leitura popular da bíblia na ótica da hermenêutica feminista crítica de libertação*. Tese (Doutorado em teologia). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, 2010.

FONSECA, Elize Massard da et al. Descentralização, AIDS e redução de danos: a implementação de políticas públicas no Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2134-2144, set. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2007000900021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000900021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FONSECA, Maria Goretti et al. AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996. *Cadernos Saúde Pública*, v. 16, n. 1, p. 77-87, 2000. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v16s1/2214.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. AIDS e sua origem. *Revista de Saúde Pública*, v. 27, n. 3, p. 153-156, jun. 1993. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489101993000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101993000300001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

FRAGGIOLI, Massimo: Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 401, Ano XII, - 03/09/2012, p. 16. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2016.

FREITAS, Maria Carmelita de. Gênero/Teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – Relevância do tema. SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003.

FRIGÉRIO, Tea. *Hermenêutica feminista e gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000.

GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil – Agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

GALVÃO, Jane. As repostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS. In: PARKER, Richard G. *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997.

GALVÃO, Jane. As respostas religiosas frente à epidemia de HIV/AIDS no Brasil. In: PARKER, Richard (Org.). *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a epidemia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 1997. p. 109-134.

GALVAO, Marli Teresinha Gimenez et al. Esperança em mulheres portadoras da infecção pelo HIV. *Revista escola enfermagem USP*, v. 46, n. 1, p. 38-44, Fev. 2012. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S008062342012000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342012000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

GARCÍA, Fabian Wilches. Empoderamiento de la mujer y acción eclesial: aproximación a una respuesta al VIH y sida el contexto colombiano. In: STRECK, Valburga Schmiedt. *Teología y VIH y Sida en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

GARCIA, Sandra; KOYAMA, Mitti Ayako Hara. Estigma, discriminação e HIV/Aids no contexto brasileiro, 1998 e 2005. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 72-83, jun. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102008000800010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102008000800010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GARDENAL, Isabel. AIDS 20 anos depois. *Jornal da Unicamp*, ANO XVII, 28 de outubro a 3 de novembro de 2002. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/outubro2002/unihoje\\_ju196pag05.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2002/unihoje_ju196pag05.html)>. Acesso em 05 de abril de 2016.

GASTELLÚ CAMP, Adriana. *Como espiral de vida: aportes de la teología feminista de liberación para otros modelos de liderazgo en las iglesias de América Latina y el Caribe*. São Leopoldo: Faculdades EST, Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2015.

GAUTHIER, Paul. *O Concílio e 'A Igreja dos Pobres': Consolai meu povo*. Petrópolis: Vozes, 1967.

GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e da teologia. In DEIFELT, Wanda. SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003.

GEBARA, Ivone. O feminismo desafiando as teologias cristãs. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 40-52, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

GEBARA, Ivone. *O que é Teologia Feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio – uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. *Teologia del siglo XXI: teologia a ritmo de mujer*. Madrid: San Pablo, 1995.

GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GÓIS, João Bôsko Hora. A mudança no discurso educacional das ONGs/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998). *Interface*, Botucatu, v. 7, n. 13, p. 27-44, ago. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 mai. 2016.

GORGULHO, Gilberto; QUEIROZ, José J. *A educação popular nas comunidades eclesiais de base*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GRECO, Dirceu B. A epidemia da Aids: impacto social, científico, econômico e perspectivas. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 73-94, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142008000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142008000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jul. 2016.

GROSSMANN, Carla Andrea. *O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Situación y tareas de la teología de la liberación. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 50, p. 102-116, 2000.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALLONSTEN, Gunilla. Um novo Kairós: a epidemia do HIV como o momento de oportunidade? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 250-261, jul. 2012.

HENRICH, Giovana; GRAEFF, Betina; PEREIRA, Larissa R.; KERN, Francisco Arseli. A Questão de gênero na relação com a AIDS: a sexualidade e a maternidade em foco. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE POLITICAS PUBLICAS, INTERSETORIALIDADE E FAMILIA, Porto Alegre, 2013. *Anais do Seminário internacional sobre políticas públicas, intersectorialidade e família: Desafios éticos no ensino, na pesquisa e na formação profissional*. Porto Alegre: PUC-RS, 2013. p. 1-11. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/1.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

HINGA, Teresia Mbari. AIDS, Religion and Women in Africa: Theo-Ethical Challenges and Imperatives. In: HINGA, Teresia M. et al. *Women, Religion and HIV/AIDS in Africa*. Responding to Ethical and Theological Challenges. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2008. p. 76 -104.

HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph et al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ASTE, 1998.

HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. *Estudos Teológicos*, v. 29, p. 17-40, 1989.

HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. *Estudos Teológicos*, v. 32, n. 2, p. 100-112, 1992.

HOCH, Lothar. Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Fundamentos Teológicos do aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

JAMES, Ruth Muthei. Factors that render the girl-child vulnerable to HIV/AIDS in Kenya. In: HINGA, Teresia M. et al (orgs). *Women, Religion and HIV/AIDS in Africa*. Responding to Ethical and Theological Challenges. Pietermaritzburg: Cluster Publications 2008.

JANTSCH, Rolf Karl. *O uso da Bíblia na Poimênica: perspectivas a partir da leitura popular*. São Leopoldo, 1987.

JOSUTTIS, Manfred. *Prática do evangelho entre política e religião: problemas básicos da teologia prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

JUNGES, José Roque. A questão ética da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida: do preconceito à solidariedade. In: JUNGES, José Roque. *Bioética*. Perspectivas e desafios. São Leopoldo: Unisinos, 1999. p. 187-204.

KAMAU, Nyokabi. African cultures and gender in the context of HIV and AIDS: probing these practices. In: HADDAD, Beverley (Ed.). *Religion and HIV and AIDS: Charting the Terrain*. Durban: University of Kwazulu-Natal Press, 2011. p. 257-272.

KÖNIG, Claudio Roberto. *Redução de danos e teologia: protagonizando novas compreensões de vida e cuidado a partir da epidemia de HIV/AIDS*. Dissertação (Mestrado Profissional). São Leopoldo: Programa de Pós-graduação da Escola Superior de Teologia, 2012. p. 19 – 21.

KRÜGER, René; ORLOV, Lisandro. *Para que puedan vivir: la comunión luterana escucha y responde en el VIH y sida*. Buenos Aires: O Autor, 2006.

LANDMAN, Christina. Spiritual care giving to women Affected by HIV/AIDS. In: PHIRI, Isabel Apawo et al. *African Women, HIV/AIDS, and Faith Communities*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003.

LEITE, Elisameli Paiva de Vilhena. AIDS E Mulheres: Alguns desafios. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral DST/Aids*. Viu e teve compaixão...Igreja e Aids. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/AIDS, 2002.

LEMOS, Larissa de Araújo; FIUZA Maria Luciana Teles; GALVÃO Marli Teresinha Gimenez. Cotidiano feminino da vivência com o HIV em grupo de autoajuda. *Revista Rene*, Fortaleza, v. 12, n. 3, p. 613-20, jul/set 2011. Disponível em: <[http://www.revistarene.ufc.br/vol12n3\\_pdf/a23v12n3.pdf](http://www.revistarene.ufc.br/vol12n3_pdf/a23v12n3.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LENGYFELD, Carolynne (ed.) *Understanding Apartheid Learner's Book*. Johannesburg: Oxford University Press, Museum Apartheid, 2006. Disponível em: <<http://www.apartheidmuseum.org/sites/default/files/files/downloads/Learners%20book%20Chapter2.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

LENHARO, Mariana. *Soropositivos contam como é viver com HIV hoje no Brasil*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/08/soropositivos-contam-como-e-viver-com-hiv-hoje-no-brasil-veja-relatos.html>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

LEONARD, G.S.D. (ed.). *The Kairos document: Challenge to the church: A theological comment on the political crisis in South Africa*. Pietermaritzburg: Ujamaa Centre, 2011. Disponível em: <[http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/The\\_Kairos\\_Documents.sflb.ashx](http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/The_Kairos_Documents.sflb.ashx)>. Acesso em: 16 mai. 2016.

LIBÂNIO, João Batista. Projeto Pastoral “construir a esperança”. *Perspectiva Teológica*, v. 24, n. 62, p. 77-94, 2012. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1508/1865>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*. Edições Loyola, 1987.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.

LOBATO, Cesar. A relação de ajuda: a ajuda que pode preencher o mar entre a passividade e o entusiasmo. In: DEIFELT, Wanda. *Igreja e Aids: presença e resposta*. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004.

LÓPEZ RUBIO, Amós. La pastoral: algunas consideraciones históricas y contextuales. *Estudios Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 1, p. 90-99, jan. 2011.

LOUW, Daniel. A transformação da teoria teológica dentro da pandemia de HIV e AIDS: o desafio às instituições teológicas e eclesiologias denominacionalmente embasadas. *Estudios Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 306-321, jul. 2012.

LOWY, Michael. *A Guerra dos deuses – Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUNARDI, Luis Carlos. Estrutura e Organização da Pastoral: práticas existentes, orientações para os agentes, possibilidade de atuação pastoral. In: DEIFELT, Wanda. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Pastoral de DST/Aids. *Igreja e Aids: presença e resposta*. Porto Alegre: CNBB - Pastoral de DST/Aids, 2004.

LUNARDI, Luiz Carlos; BERNARDI, José. *Igreja e aids: muito além do amor*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids - CNBB, 2008.

MACKERT, Ciane. *Deu positivo. E agora doutor?: HIV-AIDS: as perguntas que ainda permanecem depois de anos*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

MAIA, Christiane; GUILHEM, Dirce; FREITAS, Daniel. Vulnerabilidade ao HIV/Aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 242-248, ab. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102008000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102008000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 mai. 2016.

MAKSUD, Ivia. Em torno da heterossexualidade: notas sobre mídia e relacionamentos sorodiscordantes. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard G. *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempo de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

MALEKE-KONDEMO, Marthe. *Gender Reading of Ruth 3:1-18 in the Contexto of Poverty and HIV and AIDS: Challenging the Idolisation of Hetero-sexual Marriage among the Anamongo People in the Democratic Republic of Congo*. JOURNAL OF GENDER and Religion in Africa. v. 19, n. 1, jul. 2013.

MARINS, José; TREVISAN, Teolide; CHANONA, Carolee. *Comunidade eclesial de base: foco de evangelização e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980.

MEDWISER. *HIV/AIDS in South Africa*. Disponível em: <<http://www.medwiser.org/hiv-aids/around-the-world/hivaids-in-south-africa/>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

MELO, Jacira. *Dossiê Mulheres com HIV/AIDS: elementos para construção de direitos e qualidade de vida*. São Paulo: Unifem, 2003. Disponível em:

<<http://www.giv.org.br/Publica%C3%A7%C3%B5es/Dossie-Mulheres-com-HIV-AIDS.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

MENA LÓPEZ, Maricel; RAMÍREZ, Fidel Mauricio. Por uma espiritualidade libertadora de corpos doentes com AIDS e HIV: uma abordagem a partir das experiências de vida de Yulixa e Miriã em Nm 12. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 357-373, jul. 2012.

MENEGHIN, Paolo. Entre o medo da contaminação pelo HIV e as representações simbólicas da Aids: o espectro do desespero contemporâneo. *Revista de Enfermagem USP*, v. 30, n. 3, p. 399-415, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v30n3/v30n3a05>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. O caminho que temos pela frente. *Concilium*, Petrópolis, n. 361, p. 38-48, 2015.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco Rodrigues. *Sobre a Leitura Popular da Bíblia no Brasil*. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=12&noticiaId=132>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

MEYER-BLANK, Michel; WEYEL, Birgit. *Studien- und Arbeitsbuch Praktische Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Teologia prática e pedagogia: incorporando o know-how teológico. *Estudos Teológicos*, v. 50, n. 1, p. 144-163, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Quais são os antirretrovirais. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/quais-sao-os-antirretrovirais>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Aids no Brasil*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim epidemiológico DST/AIDS 2015*. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim\\_aids\\_11\\_2015\\_web\\_pdf\\_19105.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim_aids_11_2015_web_pdf_19105.pdf)>. Acesso em: 04 mar. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Documentários Histórias Posithivas – Lições que ultrapassam as barreiras do preconceito. Brasília: Ministério da Saúde, 2009 (DVD).

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *História da Aids*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 04 mai. 16.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Implicações Éticas do Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/imp\\_eticas\\_0.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/imp_eticas_0.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Ministério da Saúde estende tratamento para todos com HIV*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2013/12/ministerio-da-saude-estende-tratamento-para-todos-com-hiv>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *O que é HIV*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Plano Integrado de Enfrentamento da feminização da Epidemia e AIDS e outra DST*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2007/40376/vers\\_o\\_revisada\\_2011\\_20894.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2007/40376/vers_o_revisada_2011_20894.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *PLANO Nacional de Enfrentamento da epidemia de AIDS e DST entre gays, HSH e travestis*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano\\_enfrentamento\\_epidemia\\_aids\\_hsh.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao\\_agravo\\_violencia\\_sexual\\_mulheres\\_3ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan)*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/sinan>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Transmissão Vertical do HIV e Sífilis: Estratégias para Redução e Eliminação*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 5. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56610/folder\\_transmissao\\_vertical\\_hiv\\_sifilis\\_web\\_pd\\_60085.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56610/folder_transmissao_vertical_hiv_sifilis_web_pd_60085.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2016. <<http://www.sida.hn/index.php/sobre-onusida/sobre-onusida>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

MO SUNG, Jung. O pobre depois da Teologia da Libertação. *Concilium*, Petrópolis, n. 361, p. 70 -80, 2015.

MODISE, Leepo; MTSHISELWA, Ndikho. The Natives Land Act of 1913 engineered the poverty of black South Africans: A historico-ecclesiastical perspective. *Studia Historiae Ecclesiasticae*, v. 39, n. 2, p. 359-378, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.za/pdf/she/v39n2/20.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

MOTTIAR, Shauna. Socio-Economic Rights and Development. In: IGE, Segun; QUINLAN, Tim. *African Responses to HIV/Aids: between speech and Action*. Durban: University of KwaZulu-Natal, 2012.

MOYO, Fulata. *A Biblical Journey for justice*. Contextual Bible Studies. Geneva: World Concilium of churches Publications. 2013. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/en/what-we-do/women-and-men/publications/WomenPreassemblyBibleStudiesExcerpts.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

MUSSKOPF, André S. Para sair dos armários: HIV e Aids e teologia no Brasil. In: BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch; LE BRUYNS, Clint; SINNER, Rudolf von. *Teologia Pública No Brasil e Na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 317-342.

MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga Janete. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA; CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO 1., 2004, São

Leopoldo. *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2005.

MUSSKOPF, Andre. Teologia e AIDS na América Latina: perspectivas e desafios. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo v. 52, n. 2 p. 276-290, jul/dez. 2012.

NADAR, Sarojini. Beyond the “ordinary reader” and the “invisible intellectual”: Shifting Contextual Bible Study from Liberation Discourse to Liberation Pedagogy. *OTE*, v. 22, n. 2, p. 384-403, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.za/pdf/ote/v22n2/09.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

NASCIMENTO, Ana Maria Guedes do; BARBOSA, Constanca Simoes; MEDRADO, Benedito. Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempos de AIDS. *Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 5, n. 1, p. 77-86, jan./mar. 2005.

NEUENFELDT, Elaine (org.) *Política da Justiça de Gênero*. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2014.

NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2, p. 117-128, 2013. Disponível em: <[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4502\\_2005/et2005-2i\\_eneuenfeldt.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2016.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e Hermenêutica Feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: FRIGÉRIO, Tea. *Hermenêutica feminista e gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Itinerários e errâncias erótico-sexuais na Bíblia Hebraica*. Texto apresentado na aula inaugural do Curso de Teologia da Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS, no dia 7 de março de 2006. (Texto não publicado).

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Marcos metodológicos e epistemológicos nos caminhos da teologia feminista e da justiça de gênero. In: JACOBSEN, Eneida e SINNER, Rudolf von (orgs.). *Teologia Pública: deslocamentos da teologia contemporânea*, São Leopoldo, 2013. v. 5, p. 333-344, 2015.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: ensaios de leitura bíblica popular, feminista e de gênero: 1 Samuel 1*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na formação teológica - conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos (Orgs.). *ESTações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2008.

NEUGER, Christie Cozad. *Counseling Women – A Narrative, Pastoral Approach*. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

NEWS 24. *One in 10 South Africans living with HIV - Stats SA*. 23 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.news24.com/SouthAfrica/News/One-in-10-South-Africans-living-with-HIV-Stats-SA-20150723>>. Acesso em: 04 mai. 16.

NKWI, Paul Nchoji; BERNARD, H. Russel. Culture, Behaviour and Aids in Africa. In: IGE, Segun; QUINLAN, Tim. (org). *African Responses to HIV/Aids: Between Speech and Action*. Durban: University of KwaZulu- Natal, 2012.

NUNES, Maria José F. Rosado; COUCH, Beatriz Melano; BUENDIA GÓMEZ, Josefa. *Palavras de mulheres: juntando fios da teologia feminista*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2000.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

OLIVEIRA, Tatyane Guimarães. Aids e discriminação: violação dos direitos humanos. *Jus Navigandi*, v. 9, n. 762, 2005. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/15775-15776-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde. *Dia Mundial de luta contra da AIDS*. Disponível em: <[http://www.paho.org/bireme/index.php?option=com\\_content&view=article&id=186%3Adia-mundial-de-luta-contra-aids&Itemid=73&lang=pt](http://www.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=186%3Adia-mundial-de-luta-contra-aids&Itemid=73&lang=pt)>. Acesso em: 27 mai. 2016.

ORLOV, Lisandro. Social change and the role of the Church: the people's resources for understanding and reducing vulnerability. In: PATERSON, Gillian. HIV prevention: a global theological conversation. Ecumenical Advocacy Alliance, 2009. p. 121s. Disponível em: <[http://www.e-alliance.ch/typo3conf/ext/naw\\_securedl/securebcc5.pdf?u=0&file=fileadmin/user\\_upload/docs/Temp/HIVPrevEssays/EAA\\_HIVPreventionGlobalTheologicalConversation\\_Essay7\\_EN.pdf.pdf&t=1433875995&hash=eaf47e71067dd973ff05f25d86f14464](http://www.e-alliance.ch/typo3conf/ext/naw_securedl/securebcc5.pdf?u=0&file=fileadmin/user_upload/docs/Temp/HIVPrevEssays/EAA_HIVPreventionGlobalTheologicalConversation_Essay7_EN.pdf.pdf&t=1433875995&hash=eaf47e71067dd973ff05f25d86f14464)>. Acesso em: 17 jun. 2016.

PADILHA, Anivaldo; ALMEIDA, Ester L. *AIDS e Igrejas: um convite à ação*. Rio de Janeiro: KOINONIA, 2008.

PADOIN, Stela Maris de Mello. *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006.

PAIVA, Vera et al. Sexualidade de mulheres vivendo com HIV/AIDS em São Paulo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1609-1619, dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2002000600015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2002000600015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

PAIVA, Vera. Sem mágicas soluções: a prevenção eo cuidado em HIV/AIDS eo processo de emancipação psicossocial. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 6, n. 11, p. 25-38, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832002000200003&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832002000200003&script=sci_abstract&tlng=es)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

PAIVA, Vera; PUPO, Ligia Rivero; BARBOZA, Renato. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. supl., p. 109-119, apr. 2006. ISSN 1518-8787. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/32018/34051>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PARKER, Richard et al. *A AIDS no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA, Relume-Dumará, 1993.

PARKER, Richard G. *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997.

PARKER, Richard G. *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/ABIA, 2000.

PARKER, Richard G.; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996.

PARKER, Richard. *A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Abia, IMS-UERJ, Relume-Dumará, 1994.

PARKER, Richard. *O fim da AIDS?* Rio de Janeiro: ABIA, 2015. Disponível em: <[http://abi aids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/FIM\\_da\\_AIDS\\_capaverm\\_jan2016.pdf](http://abi aids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/FIM_da_AIDS_capaverm_jan2016.pdf)>. Acesso em: 06 jul. 2016.

PARKER, Richard; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. S89-S102, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X20000007000008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X20000007000008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

PASTORAL AIDS. Disponível em: <<http://www.pastoral aids.org.br/index1.php>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

PAULA, Cristiane Cardoso; SCHAURICH, Diego. O cuidado em tempos de AIDS. In: PADOIN, Stela Maris de Mello. *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

PELA VIDDA. *Direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS*. Disponível em: <<http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/direitos-das-pessoas-vivendo-com-hiv aids/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *Igrejas e AIDS (2): perspectivas bíblicas e pastorais*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Religião, 1990.

PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. *A Leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. Belo Horizonte: CEBI, 1994.

PÉREZ, Rosa María López. El toque teológico de Jesus y la mujer com fluio de sangre. In: STRECK, Valburga Schmiedt. *Teología y VIH y Sida en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

PERIN, Sandra Mello. A pesquisa de uma vacina anti-HIV eficaz e distribuída universalmente. In: PADOIN, Stela Maris de Mello. *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006.

- PICCOLO, Fernanda Delvalhas; KNAUTH, Daniela Riva. Uso de drogas e sexualidade em tempos de AIDS e redução de danos. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre. v. 8, n. 17, p. 127-145, jun. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832002000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832002000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 mai. 2016.
- PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa et al. O cuidado humano: reflexão ética acerca dos portadores do HIV/AIDS. *Revista Latino-Americana. Enfermagem*. 13, n. 4, p. 569-575, ago. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692005000400016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000400016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Revista Sociologia e Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- POSEL, D. A controvérsia sobre a AIDS na África do Sul: marcas da política de vida e morte no pós-apartheid. *Afro-Ásia*, n. 34, p. 39-66, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77003402>>, Acesso em: 28 mai. 2016.
- PUELLO OROZCO, Yury. *Mulheres, aids e religião*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2002.
- RAKOCZY, Susan IHM. *In her Name: Women Doing Theology*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2004.
- REIMER, Ivoni Richter. Da memória à novidade de vida. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 33, n.3, p. 201-212, 1993.
- REIS, Ana Lúcia; XAVIER, Iara de Moraes. Mulher e AIDS: rompendo o silêncio de adesão. *Revista brasileira enfermagem*, Brasília, v. 56, n. 1, p. 28-34, fev. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672003000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672003000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 jun. 2016.
- REIS, Neilane Bertoni dos. *Conhecimento sobre HIV e AIDS entre usuários de drogas*. Dissertação (mestrado em Ciências, na área de Epidemiologia em Saúde Pública). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010. Disponível em: <[http://bvssp.ict.fiocruz.br/pdf/25570\\_reisnrm.pdf](http://bvssp.ict.fiocruz.br/pdf/25570_reisnrm.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2016.
- REIS, Renata Karina; GIR, Elucir. Dificuldades enfrentadas pelos parceiros sorodiscordantes ao HIV na manutenção do sexo seguro. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 32-37, fev. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-1692005000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1692005000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2016.
- RICHARD, Pablo. 19 anos de trabalho e 50 números publicados – Síntese de nossos ganhos mais significativos. *RIBLA*, n. 50, p. 11-19, 2005.
- RICHARD, Pablo. A Teologia da Libertação na nova conjuntura: temas e novos desafios para a década de noventa. *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 3, p. 206-220, 1991.
- RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.

RIETH, Carmen Esther. Ele dá pra todos na medida-: saúde, doença e religião a partir de uma abordagem psicossomática. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, p. 60-69, 2003.

ROCCA LARROSA, Susana. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos et al. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL, 5, 2006. *Anais do V Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral: Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007.

ROCHA, Solange; VIEIRA, Ana Cristina de Souza; SOARES, Raquel Cavalcante. *Desafios à vida: desigualdades e HIV/AIDS no Brasil e na África do Sul*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

ROCHA, Solange; VIEIRA, Ana; LYRA, Jorge. Silenciosa conveniência: mulheres e AIDS. *Revista Brasileira Ciência e Política*, Brasília, n. 11, p. 119-141, ago. 2013.  
Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010333522013000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010333522013000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mai. 2016.

ROESE, Anete. A Abordagem Feminista Do Cuidado Espiritual E Psicoterapêutico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 288-305, jul./dez. 2010.

ROESE, Anete. Corporeidade no espaço relacional. Interpretações a partir do Acompanhamento Pastoral Terapêutico Feminista. In: STRÖHER, Marga Janete et al (orgs). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. 2. ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, CEBI, Sinodal, 2006.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 79-96, 2001.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma Teologia Feminista*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1993.

RUSSEL, Letty M. Re-imagining the Bible in a Pandemic of HIV/AIDS. In: DUBE, Musa; KANYORO, Musimbi. *Grant me Justice! HIV/AIDS & Gender Readings of the Bible*. New York: Cluster Publications e Orbis Books, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SALLES, Walter. A hermenêutica textual de Paul Ricoeur: Aportes à compreensão da identidade cristã. *Atualidade Teológica*, ano XVI, n. 41, p. 242-269, mai.-ago. 2012.  
Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21665/21665.PDF>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. “Consideraciones de una hermenéutica de género”. *RIBLA*, n. 37, p. 7-14, 2000.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Aids e religião: aproximações ao tema. *Impulso*, Piracicaba, v. 13, p. 21-39, set./dez. 2002.

SAMPAIO, Tania Mara Vieira. Saúde e Religião: binômio desafiado pela epidemia do HIV/AIDS. RELIGIÃO E SAÚDE. *Tempo e Presença digital*, ano 4, n. 16, jun. 2009. <[http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=316&cod\\_boletim=17&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=316&cod_boletim=17&tipo=Artigo)>.

SAMPAIO, Tania Mara Viera. AIDS e Religião: aproximações ao tema. *Impulso*, n. 32, 2002. Disponível em: <<http://renafrosauade.com.br/wp-content/uploads/2012/11/aids-e-religioes-tania-mara-sampaio.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

SANCHES, Sidney de Moraes. A contextualização da teologia: conceitos, história, tensões, métodos e possibilidades. *Revista Tecer*, v. 2, n. 3, nov. 2009.

SANTOS, Hugo N. e HOCH, Lothar Carlos. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo/São Leopoldo: ASTE/CETELA, 2008.

SANTOS, Naila J. S. et al. Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 321-333, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2009001400014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2009001400014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 jun. 2016.

SANTOS, Naila Janilde Seabra; MUNHOZ, Rosemeire. A AIDS entre as mulheres: reflexões sobre seus depoimentos. In: PARKER, Richard G.; GALVÃO, Jane. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996.

SANTOS, Odja Barros; KILPP, Nelson. *Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência*. Dissertação (Mestrado Profissional). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2010. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=270](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=270)>. Acesso em: 13 abr. 2016.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. Uma aproximação crítica de concepções e práticas atuais de aconselhamento pastoral. In: SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar Carlos. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Leopoldo/São Paulo: ASTE/CETELA, 2008.

SCHINELO, Edmilson; PEREIRA, Nancy Cardoso. *Teologia da libertação e educação popular: partilhando e avaliando práticas de educação libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

SCHNEIDER HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph et al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ASTE, 1998.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph e HOCH, Lothar Carlos. *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 82.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph et al. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ASTE, 1998.

SCHOEREDER, Airton et al (ogs.). *Igreja solidária e transformadora – Roteiro de oficinas para igrejas*. Recife: Diaconia/Koinonia, 2008.

SCHRÖDER, Elisa Fenner. Lendo a Bíblia positivamente: leitura popular da Bíblia com pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil. In: BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch et.al. *Teologia Pública No Brasil e Na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*, São Leopoldo: Sinodal, 2014. v. 4, p. 343-360.

SCHRÖDER, Elisa Fenner. *Mulheres idosas e o HIV/AIDS: abordagens a partir do cuidado pastoral*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, 2012

SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil entre 1960-1975*. São Leopoldo: Sinodal, EST/IEPG, 1992.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Para uma Hermenêutica Crítica Feminista. As Origens Cristãs: A partir da Mulher: Uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Rumo ao discipulado de iguais: a Ekklesia de mulheres. *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 3, p. 281-296, 1996.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. A Useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-75, dez. 1986.

SEFFNER, Fernando. Com vírus, Sem vírus: Afeto, Amor, Amizade, Vida Sexual e Aids. In: PAULA, Cristiane Cardoso de; PADOIN, Stela Maris de Mello; SCHAURICH, Diego. *Aids: o que ainda há para ser dito?* Santa Maria, RS: UFSM, 2007.

SEFFNER, Fernando; STEIL, Carlos Alberto. Dinâmicas entre catolicismo e AIDS: processos de reprodução, transformação e (in)formação. *Revista Eletrônica de Comunicação*, v. 5, n. 1, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/502>>. Acesso em: 15 ma. p. 53-71. 2016

SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.

SEIBERT, Ute. *Espacios abiertos: caminos de la teología feminista*. Santiago de Chile: Editorial Forja, 2010.

SHAULL, Richard. *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação: perspectivas para os desafios da atualidade*. São Paulo: Livraria e Editora Pendão Real Ltda., 1993.

SILVA, C. G et al. As Religiões afro-brasileiras e o enfrentamento do HIV/AIDS no Brasil em Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, e São Paulo: notas preliminares de pesquisa. In: MANDARINO, A. C.; GOMBERG, E. (Ed.). *São Leituras Afro-Brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes*. Cristóvão: Editora UFS, 2009. p. 291-300.

SILVA, Lucilane Maria Sales da et al. Cotidiano de mulheres após contágio pelo HIV/AIDS: subsídios norteadores da assistência de enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 335-342, jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010407072013000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072013000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

SOARES, Raquel Cavalcante. Desigualdade social e acesso às políticas sociais: a situação das pessoas que vivem com HIV/Aids no Brasil. In: ROCHA, Solange; VIEIRA, Ana Cristina de Souza; SOARES, Raquel Cavalcante. *Desafios à vida: desigualdades e HIV/Aids no Brasil e na África do Sul*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SOUZA, Sandra Duarte de. AIDS e religião: apontamentos sobre representações católicas da sexualidade em tempos de AIDS. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 333-344, jul. 2012.

STEFFEN, Luciana. Gênero e deficiência: Uma análise de gênero no cuidado de meninos e meninas com deficiência. In: MUSSKOPF, André S. et al (orgs.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

STRECK, Valburga Schmiedt. A Feminização do HIV/AIDS: narrativas que interpelam as estruturas de poder na sociedade e Igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 345-356, jul. 2012.

STRÖHER, Marga J. A história de uma história – o protagonismo de mulheres na Teologia Feminista. *Revista História*, v. 9, n. 2, p. 119, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6417>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

STRÖHER, Marga Janete. *Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista*. Tese (doutorado em teologia). São Leopoldo: EST/IEPG, 2002.

STRÖHER, Marga Janete. *Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista*. São Leopoldo, 2002.

STRÖHER, Marga. Caminhos hermenêuticos. In: NEUENFELDT, Elaine Gleci; STRÖHER, Marga Janete. *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: ensaios de Leitura Bíblica Popular, Feminista e de Gênero*, Lucas 11,27-28. São Leopoldo: CEBI, 2008.

STUART, Elizabeth. *Gay and lesbian theologies: Repetitions with critical difference*. Aldershot: Ashgate, 2003.

SUAIDEN, Silvana. Questões contemporâneas para a teologia – Provocações sob a ótica de gênero. SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, 2003.

SUDBRACK, Mirtha Sendic. Problematizando a vulnerabilidade social. In: BERNARDI, José (org.). *Vulnerabilidade social e AIDS: o desafio da prevenção em tempos de pauperização da epidemia*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids – CNBB, 2005.

SUL 21. *Quatro pessoas que vivem com Aids contam suas histórias*. 02 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/quatro-pessoas-que-vivem-com-aids-contam-suas-historias/>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

SZWARCWALD, Celia Landmann et al. A disseminação da epidemia da AIDS no Brasil, no período de 1987-1996: uma análise espacial. *Cadernos Saúde Pública*, v. 16, n. 1, p. 7-19, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v16s1/2209.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

TAKAHASHI, R.F.; SHIMA, H.; SOUZA, M. Mulher e AIDS: perfil de uma população infectada e reflexões sobre suas implicações sociais. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 59-65, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n5/13861>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

TAMEZ, Elsa. El Salto Hermenéutico de Hoy. *Semeia*, v. 75, p. 199-201, 1996.

TAMEZ, Elsa; RICA, Costa. Pautas hermenéuticas para comprender Ga. 3, 28 y 1 Co. 14, 34. *RIBLA*, v. 15, p. 9-18, 1993.

TAQUETTE, Stella R. Interseccionalidade de gênero, classe e raça e vulnerabilidade de adolescentes negras às DST/aids. *Saúde e Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 51-62, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29690/31564>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

TEIXEIRA, Paulo Roberto. Políticas Públicas em AIDS. In: PARKER, Richard G. (Org). *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ABIA, 1997.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Feminismo no Brasil: Trajetória e perspectivas. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/Paulinas, p. 51- 66. 2003.

TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da Aids no Brasil: as respostas governamentais à epidemia de AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002355/235557POR.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

TERREBLANCHE, Sampie. *A History of Inequality in South Africa 1652-2002*. Scottsville: University of Natal Press/KMM Review Publishing, 2002.

TERTO JR., Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 147-158, jun. 2002.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832002000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832002000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 jun. 2016.

THURNEYSSEN, Eduard. *A Theology of Pastoral Care*. Virginia: John Knox Press – Richmond, 1962.

TRASFERETTI, José Antônio; LIMA, Livia Ribeiro. *Teologia, sexualidade e Aids*. Aparecida: Santuário, 2009.

UJAMAA CENTRE CONTEXTUAL BIBLE STUDIES. “Economy matters”. A series of Ujamaa Centre Contextual Bible Studies. Disponível em: <[http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Economic\\_matters\\_series\\_1\\_1.sflb.ashx](http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Economic_matters_series_1_1.sflb.ashx)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

UJAMAA Centre. *History*. Disponível em: <<http://ujamaa.ukzn.ac.za/history.aspx>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

UJAMAA Centre. *Ujamaa Evaluation Report - August 2015*. Durban: University of KwaZulu-Natal, 2015. Disponível em: <[http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Ujamaa\\_Evaluation\\_Report\\_Final\\_August\\_2015\\_1.sflb.ashx](http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/Ujamaa_Evaluation_Report_Final_August_2015_1.sflb.ashx)>. Acesso em: 01 mai. 2016.

UJAMAA. *Our Commitments*. Disponível em: <<http://ujamaa.ukzn.ac.za/WHATisUJAMAA/Commitments.aspx>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

UJAMAA. *Programmes*. Disponível em: <<http://ujamaa.ukzn.ac.za/WhatUJAMAAdoes/Programmes.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

UNAIDS BRASIL. *Foco em populações e localidades levará serviços de HIV às pessoas na África Ocidental e Central, diz MSF*. Disponível em: <<http://unaids.org.br/2016/04/foco-na-populacao-e-nas-localidades-a-abordagem-necessaria-para-que-servicos-de-hiv-cheguem-as-pessoas-na-africa-ocidental-e-central/>>. Acesso em: 02 mai. 16.

UNAIDS. *Do no Harm: Health, Human Rights and People who Use Drugs*. Geneva: UNAIDS, 2015. Disponível em: <[http://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/donoharm\\_en.pdf](http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/donoharm_en.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

UNAIDS. *El sida en cifras 2015*. Disponível em: <[http://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/AIDS\\_by\\_the\\_numbers\\_2015\\_es.pdf](http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/AIDS_by_the_numbers_2015_es.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2016.

UNAIDS. *Estatísticas*. Disponível em: <<http://unaids.org.br/estatisticas/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

UNAIDS. *Guidelines terminology*. Disponível em: <[http://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/2015\\_terminology\\_guidelines\\_en.pdf](http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/2015_terminology_guidelines_en.pdf)>. Acesso: 12 jun. 2016.

UNAIDS. *Relatório de uma Oficina Teológica Sobre Estigmas Relacionados ao HIV e à Aids*. Windhoek: UNAIDS, 2005.

UNAIDS. *South Africa*. Disponível em: <<http://www.unaids.org/en/regionscountries/countries/southafrica>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

USO DE ÁLCOOL e outras drogas e o tratamento de AIDS. Produzido pelo Ministério da Saúde. Documentário (DVD) Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

VALENTINI, Demétrio. 50 anos de recepção do Concílio na Igreja da América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 72, n. 288, p. 926-935, out. 2012.

VÉLEZ, Neftalí. A Leitura bíblica nas Comunidades Eclesiais de Base. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 1, p. 26-43, 1988.

VILLARINHO, Mariana Vieira et al. Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença. *Revista brasileira enfermagem*, Brasília, v. 66, n. 2, p. 271-277, abr. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672013000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 mai. 2016.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes et al (org.). *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília: FUNAG/CESUL, 2010. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/709-africa\\_do\\_Sul\\_-\\_Historia\\_Estado\\_e\\_Sociedade.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/709-africa_do_Sul_-_Historia_Estado_e_Sociedade.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

WACHHOLZ, Wilhelm. Contribuições da Hermenêutica Filosófica para a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral. *Estudos Teológicos*, v. 50, n. 2, p. 202-218, jul/dez. 2010.

WANGEN, Richard Harvey. O uso e abuso da Bíblia na poimênica. *Estudos Teológicos*, v. 19, n.2, p. 95-106, 1979.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998.

WEINGÄRTNER, Lindolfo (ed). *Pequeno Dicionário de Termos Teológicos Alemães Latinos e Outros*. São Leopoldo: Sinodal, 1967.

WERNECK, Jurema. AIDS: a vulnerabilidade das mulheres negras. *Jornal da Rede Saúde*, n. 23, p. 53-58, 2001.

WEST, G.O., 'Locating "Contextual Bible Study" within biblical liberation hermeneutics and intercultural biblical hermeneutics', *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, v. 70, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4102/hts.v70i1.2641>>. Acesso em: 12 jun. 2016, 10 paginas, 2014.

WEST, Gerald e ZENGELE, Bongile. The Medicine of God's Word: What People Living with HIV and AIDS Want (and Get) from the Bible. *Journal of Theology for Southern Africa*, n. 125, p. 51-63, jul. 2006.

WEST, Gerald. *Contextual Bible Study*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 1993.

WEST, Gerald. Do Two Walk Together? Walking with the Other through Contextual Bible Study. (*Anglican Theological Review*) v. 93, n. 3, p. 431, 2011. Disponível em: <<http://www.anglicantheologicalreview.org/static/pdf/articles/west.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016

- WEST, Gerald. Locating Contextual Bible Study within praxis. *Diaconia*, v. 4, p. 43–48, 2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7263151/Locating\\_Contextual\\_Bible\\_Study\\_within\\_Praxis](https://www.academia.edu/7263151/Locating_Contextual_Bible_Study_within_Praxis)>, p.2
- WEST, Gerald. Newsprint Theology: Bible in the Context of HIV and AIDS. In: HAVEA, J. e PEARSON, C. (eds). *Out of Place: Doing Theology on the Crosscultural Brink*. London: Equinox Publishing, 2016. 161-186.
- WEST, Gerald. Reading the Bible in the Light of HIV/AIDS in South Africa. *The Ecumenical Review*, v. 55, v. 4, p. 335–344, out. 2003.
- WEST, Gerald. Reading the Bible with the marginalized: The value/s of contextual Bible reading. Stellenbosch Theological Journal (*STJ*), v. 1, n. 2, 235-261, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17570/stj.2015.v1n2.a11>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- WEST, Gerald. *The Academy of the Poor*. Towards a dialogical Reading of the Bible. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003.
- WEST, Gerald; ZENGELE, Bongsi. The Medicine of God's Word, What People Living with HIV and AIDS Want (and Get) from the Bible. *Journal of Theology for Southern Africa*, n. 125, jul.. p. 51-63, 2006.
- WEST, Gerald; ZENGELE, Bongsi. Lendo Jó 'positivamente' no contexto de HIV/AIDS na África do Sul. *Concilium*, n. 307, p. 126-141, 2004.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Number of adults, women and children living with HIV - Estimates by country*. Disponível em: <<http://apps.who.int/gho/data/node.main.621?lang=en>>. Acesso em: 10 mai. 2016.
- WORLD VISION MOZAMBIQUE. Disponível em: <<http://www.wvi.org/mozambique>>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- WORLD AIDS DAY. *About world AIDS day*. Disponível em: <<https://www.worldaidsday.org/about>>. Acesso em: 27 mai. 2016.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.